

Zecharia Sitchin

AS GUERRAS DE DEUSES E HOMENS

TRADUÇÃO:

Evelyn Kay Massaro

2002

EDITORIA BEST SELLER

SUMÁRIO

Prefácio	7
1. As Guerras do Homem	9
2. A Contenda entre Hórus e Set	35
3. Os Mísseis de Zeus e Indra	61
4. As Crônicas da Terra	83
5. As Guerras dos Deuses Antigos	105
6. Surge a Espécie Humana	125
7. A Divisão da Terra	147
8. As Guerras da Pirâmide	173
9. Paz na Terra	195
10. O Prisioneiro da Pirâmide	225
11. "Sou uma Rainha"!	253
12. Prelúdio para o Desastre	277

13. Abraão: Os Anos Fatídicos	309
14. O Holocausto Nuclear	339
Epílogo	373
As Crônicas da Terra: Cronologia	377

PREFÁCIO

Muito antes de os homens guerrearem com os homens, os deuses lutaram entre si. De fato, as guerras entre os homens começaram com as guerras dos deuses.

E as guerras dos deuses pelo domínio desta nossa Terra tiveram início em seu próprio planeta.

Foi por causa delas que a primeira civilização da humanidade sucumbiu num holocausto nuclear.

Isso é um fato, não ficção, e tudo o que se relaciona com ele foi registrado há muito tempo - nas Crônicas da Terra.

1

AS GUERRAS DO HOMEM

Na primavera de 1947, um jovem pastor que procurava uma ovelha perdida nas colinas áridas que dão para o mar Morto descobriu uma caverna e, em seu interior, centenas de rolos de papiro em jarros de barro. Esses e outros manuscritos encontrados na área nos anos subseqüentes - chamados coletivamente de Manuscritos do Mar Morto - permaneceram ali, cuidadosamente embalados e intocados, durante quase 2 mil anos, depois de terem sido escondidos durante a época turbulenta em que a Judéia desafiou o poderio do Império Romano.

Seriam eles parte da biblioteca oficial de Jerusalém, levada para um local seguro antes de a cidade e seu templo caírem diante dos invasores no ano 70 ou, como afirma a maioria dos estudiosos, livros dos essênios, uma seita de eremitas com preocupações messiânicas? As opiniões estão divididas, pois o acervo continha tanto os tradicionais textos bíblicos como escritos que tratavam da organização, costumes e crenças da seita.

Um dos mais longos e completos rolos, e talvez o mais impressionante de todos, trata de uma guerra futura, um tipo de Guerra Final. Intitulado pelos pesquisadores de *A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas*, o

texto prevê a disseminação de operações de guerra - combates locais em que de início estariam envolvidos os vizinhos mais próximos da Judéia - que iriam aumentando em ferocidade e escala até todo o mundo conhecido na Antiguidade ser abrangido. "O primeiro ataque dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas, ou seja, contra o exército de Belial, se dará sobre as tropas de Edom, Moabe, a região dos amonitas e filisteus; depois sobre os quítios da Assíria e aqueles que violaram a Aliança e os ajudaram"... Após essas batalhas, "eles avançarão sobre os quítios do Egito" e, "na hora azada... contra os reis do norte".

Nessa guerra de homens, profetiza o papiro, o Deus de Israel terá um papel ativo:

No dia em que os quítios caírem, haverá um tremendo combate, uma verdadeira carnificina, na presença do Deus de Israel;
Pois esse é o dia que Ele marcou há muito, muito tempo para a batalha final contra os Filhos das Trevas.

Muito antes de esse papiro ter sido escrito, o profeta Ezequiel já havia vaticinado a Batalha Final, "no fim dos tempos", entre Gog e Magog, em que o Senhor em pessoa "arrancará o arco de tua mão esquerda e fará as flechas caírem de tua mão direita". No entanto, o manuscrito do mar Morto vai além, prevendo a participação física de muitos deuses nessa guerra, combatendo ombro a ombro com os mortais.

Nesse dia, a Companhia do Divino e a Congregação dos Mortais estarão lado a lado na carnificina.

Os Filhos da Luz lutarão contra os Filhos das Trevas com uma exibição de poderio divino, entre estrondoso tumulto, entre os gritos de guerra de homens e deuses.

Apesar de os cruzados, os sarracenos e inúmeros outros combatentes em guerras históricas terem ido à luta "em nome de Deus", parece-nos fantástica a crença numa guerra futura onde o Senhor em pessoa estaria fisicamente presente às batalhas e deuses e homens combateriam ombro a ombro, uma idéia que deveria ser considerada, no máximo, uma alegoria. Todavia, não se trata de algo tão extraordinário assim, pois na Antiguidade acreditava-se que

as guerras dos homens não somente eram decretadas pelos deuses, mas também contavam com sua participação ativa.

Uma das guerras mais romanceadas da história da humanidade, em que "o amor lançou mil navios ao mar", foi a guerra de Tróia, que envolveu os gregos aqueus e os troianos. Segundo sempre nos contaram os gregos a iniciaram com o objetivo de forçar os troianos a devolver a bela Helena a seu marido legítimo. No entanto, uma lenda épica grega, a Kypna, conta que o conflito foi tramado pelo grande Zeus:

Houve uma época em que milhares de homens sobrecarregavam o amplo seio da Terra. Compadecendo-se deles, Zeus, em sua grande sabedoria, resolveu aliviar o fardo da Terra.

Para isso, causou uma desavença em Ílion (Tróia) com o propósito de, por meio da morte, criar um vazio na raça dos homens.

Homero, o escritor grego que relatou os eventos dessa guerra na Ilíada, atribuiu-a aos caprichos dos deuses, que instigaram os conflitos, levando-os a assumir enormes proporções. Agindo direta ou indiretamente, às vezes visíveis, em outras não, os vários deuses ataçaram os principais atores desse drama humano. E por trás de tudo estava Jove (Júpiter/Zeus): "Enquanto os outros deuses e os guerreiros armados dormiam profundamente na planície, Jove mantinha-se acordado, pois pensava em como poderia honrar Aquiles e destruir muitas pessoas nos navios dos aqueus".

Já antes da batalha o deus Apolo incentivara as hostilidades: "Ele sentou-se longe dos navios, com o rosto sombrio como a noite, e seu arco de prata sibilou morte enquanto lançava a seta dos aqueus... Por nove dias inteiros ele disparou flechas contra o povo... E durante o dia todo queimavam as piras dos mortos". Quando os contendores aceitaram cessar as hostilidades, para que seus líderes decidissem a questão num combate corpo a corpo, os deuses, descontentes com essa idéia, instruíram a deusa Minerva: "Vá imediatamente ao campo de batalha e faça com que os troianos sejam os primeiros a romper a trégua e a atacar os aqueus". Ansiosa por levar a cabo sua missão, Minerva "lançou-se pelo firmamento como um brilhante meteoro... deixando atrás de si um rastro flamejante". Mais tarde, não desejando que a batalha encarniçada cessasse com a chegada da noite, a deusa iluminou o campo: "Ela levantou o véu de seus olhos e muita luz caiu sobre eles, tanto no lado onde estavam os

navios como no campo de batalha. Os aqueus puderam ver Heitor e todos os seus homens".

Enquanto os combates prosseguiram, levando às vezes a uma luta corporal entre dois heróis, os deuses vigiavam, descendo de tanto em tanto para salvar um soldado acuado ou parar um carro desgovernado. Mas quando eles se deram conta de que estavam apoiando lados opostos, começaram a ferir-se mutuamente. Zeus então ordenou-lhes que parassem e se mantivessem fora da luta dos mortais.

Esse afastamento não durou muito, porque vários dos principais combatentes eram filhos de deuses com parceiros humanos. Marte ficou especialmente irritado quando seu filho Ascalafo caiu morto pela flecha de um aqueu. "Não me culpem, deuses que habitam o céu, se eu for aos navios dos aqueus para vingar a morte de meu filho", ele anunciou a seus pares, "mesmo se no final eu seja atingido pelo raio de Jove, para cair coberto de sangue e poeira entre os outros cadáveres."

"Enquanto os deuses se mantiveram afastados dos guerreiros mortais", escreveu Homero, "os aqueus triunfaram, pois Aquiles, que havia muito recusava-se a lutar, agora estava com eles". Porém, em vista do crescente rancor entre os deuses e da ajuda que agora os gregos recebiam do semi-deus, o herói Aquiles, Jove mudou de idéia:

"Quanto a mim, ficarei aqui no Olimpo, sentado, e observarei tranqüilamente. Mas vocês outros dirijam-se para os troianos ou aqueus e ajudem o lado que quiserem, segundo seu gosto". Assim falou Jove, dando permissão para a guerra. Ouvindo isso, os deuses escolheram seu lado e entraram na batalha.

Por muito tempo a Guerra de Tróia, bem como a própria Tróia, foi considerada apenas parte de um fascinante, mas improvável conjunto de lendas gregas que os eruditos, com um sorriso de tolerância, denominaram "mitologia". A cidade e os eventos ligados a ela ainda eram vistos como pura fantasia quando Charles McLaren sugeriu, em 1822, que um certo morro da Turquia, chamado Hissarlik, devia marcar a antiga localização da Tróia homérica. Todavia, só em 1870, quando um homem de negócios, Heinrich Schliemann, começou a escavar o sítio, arriscando nisso a própria fortuna, e apresentou espetaculares descobertas, foi que os eruditos passaram a acreditar na existência de Tróia. Hoje, em geral, aceita-se que a guerra ocorreu no século 13 a.C. Então, segundo fontes gregas, foi nessa época que homens e

deuses lutaram lado a lado. Uma crença estranha, mas os gregos não eram os únicos a acreditar nela.

Naquele tempo, embora a ponta da Ásia Menor que dá para a Europa estivesse salpicada de povoados essencialmente gregos, a maior parte da região era dominada pelos hititas. Inicialmente conhecidos dos eruditos apenas por serem citados na Bíblia, e mais tarde nos textos egípcios, esse povo e seu reino - Hatti - também ganharam vida quando os arqueólogos começaram a descobrir as ruínas de suas cidades.

A decifração da escrita dos hititas e o estudo de sua língua indo-européia tornaram possível situar a origem desse povo no segundo milênio antes de Cristo, quando as tribos arianas começaram a migrar da área do Cáucaso, algumas dirigindo-se para a Índia, outras para a Ásia Menor. O reino hitita floresceu por volta de 1750 a.C. e entrou em declínio cerca de quinhentos anos depois, época em que passou a ser atormentado por incursões dos habitantes da área do mar Egeu. Os hititas referiam-se a esses invasores como o povo de Aquiyava, e muitos estudiosos acreditam que se trata do mesmo povo que Homero chamava aquiói - cujo ataque à ponta ocidental da Ásia Menor ele imortalizou na Ilíada.

Por muitos séculos antes da Guerra de Tróia, os hititas expandiram seu reino, que chegou a atingir proporções imperiais, afirmando estar cumprindo ordens de seu deus supremo, Teshub ("O Trovejante"), cujo epíteto mais antigo era "Deus da Tempestade cuja Força Causa Morte". Os reis hititas às vezes garantiam que ele participava pessoalmente das batalhas. Segundo escreveu o rei Murshilis, o poderoso deus da Tempestade mostrou seu divino poder e lançou um raio sobre o inimigo, ajudando-o a derrotá-lo. Quem também auxiliou os hititas foi a deusa Ishtar, cujo epíteto era "A Senhora do Campo de Batalha". Muitas vitórias lhe foram atribuídas pelo fato de ela "ter descido do céu para esmagar os países hostis".

A influência hitita como indicam muitas referências encontradas no Antigo Testamento, estendia-se até Canaã, ao sul. Todavia, os hititas viviam nessa região como colonizadores, e não como conquistadores, encarando a área como uma zona neutra, opinião não compartilhada pelos egípcios. Os faraós estavam sempre pretendendo ampliar seus domínios penetrando em Canaã e no País dos Cedros (Líbano), e terminaram sendo bem-sucedidos por volta de 1470 a.C. quando derrotaram uma coalizão de reis hititas em Megido.

O Antigo Testamento e as várias inscrições deixadas pelos inimigos dos hititas os mostram como guerreiros cruéis que aperfeiçoaram o uso do carro

de combate no Oriente Médio da Antiguidade. Todavia, segundo sugerem os textos desse povo, eles só entravam em guerra quando seus deuses lhes ordenavam e depois que o inimigo tivesse a chance de se render pacificamente antes do início das hostilidades. Como vencedores, segundo esses mesmos textos, satisfaziam-se em receber tributos e cativos; não saqueavam as cidades nem massacravam a população.

Mas Tutmés III, o faraó que venceu a batalha de Megido, vangloriou-se em suas inscrições: "Esta majestade foi para o norte saqueando cidades e arrasando acampamentos". Ao falar de um rei vencido, escreveu: "Destruí suas cidades, incendiei seus acampamentos, transformando-os em montes de terra; jamais conseguirão repovoar a região. O povo inteiro capturei, fiz dele prisioneiro. Apoderei-me de suas inúmeras cabeças de gado, bem como de todas as suas mercadorias. Tomei tudo o que podia servir à vida: cortei seus grãos, derrubei os pomares e as árvores de sombra. Destruí-os totalmente". E, segundo o faraó, tudo isso foi feito sob as ordens de seu deus, Amon-Ra.

A natureza cruel dos guerreiros egípcios e a destruição impiedosa que infligiam aos inimigos vencidos eram objeto de orgulhosas inscrições. O faraó Pepi I, por exemplo, comemorou sua vitória sobre os "habitantes da areia" asiáticos num poema saudando seu exército, que "arrasou o país dos habitantes da areia... cortou sua figueiras e vinhedos... incendiou suas casas e matou dezenas de milhares de sua gente". Os textos eram acompanhados de vívidas representações de cenas de batalhas.

Seguindo essa tradição de crueldade, o faraó Pi-Ankhi, que enviou tropas do Alto Egito para esmagar uma rebelião no Baixo Egito, enfureceu-se diante da sugestão de seus generais para que poupasse os adversários derrotados. Jurando "destruição perene", o faraó prometeu entrar na cidade capturada "para arrasar o que tinha restado". E acrescentou: "Por isso meu pai, Amon, me elogia".

O deus Amon, a cujas ordens os egípcios atribuíam a própria crueldade nas batalhas, tinha um seu igual no Deus de Israel. Vejamos a citação do profeta Jeremias: "Assim disse o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: 'Punirei Amon, deus de Tebas, e os que nele confiam, e levarei a retribuição contra o Egito, seus deuses, faraós e reis...'"'. Essa disputa, como nos conta a Bíblia, não tinha fim. Já mil anos antes, na época do êxodo, Iahweh, o Deus de Israel, fez cair sobre o Egito uma série de pragas, com o objetivo não apenas de amolecer o coração do faraó, mas também para funcionar como um "julgamento contra todos os deuses do Egito".

A milagrosa partida dos israelitas na direção da Terra Prometida, escapando da servidão, é atribuída a uma intervenção direta de Iahweh:

E, tendo saído de Sucot, acamparam em Etam, à entrada do deserto.

E Iahweh ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para lhes mostrar o caminho, e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar.

Houve em seguida uma batalha, que o faraó evitou deixar registrada em inscrições, mas que é contada no Livro do Êxodo:

E o coração do Faraó e seus servos mudaram a respeito do povo...

E os egípcios seguiram depois deles, e os alcançaram acampados junto ao mar...

E Iahweh, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar; e as águas foram divididas.

Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco...

Ao alvorecer, quando os egípcios deram-se conta do que tinha acontecido, o faraó mandou seus carros perseguirem os israelitas. Mas...

Na vigília da manhã, Iahweh, da coluna de fogo e da nuvem, viu o acampamento dos egípcios e nele lançou confusão. Ele emperrou as rodas de seus carros e fê-los andar com dificuldade.

Então, os egípcios disseram:

"Fujamos da presença dos israelitas, porque Iahweh combate a favor deles contra o Egito".

Mas o governante egípcio que perseguia os israelitas ordenou que seus carros continuassem o ataque. O resultado lhe foi calamitoso.

E as águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército do Faraó, que os haviam seguido no mar; e não escapou um só deles...

E Israel viu o grande poder que Iahweh havia mostrado contra os egípcios.

A linguagem bíblica é quase idêntica à que um faraó posterior, Ramsés II, usou para descrever o milagroso aparecimento de Amon-Ra durante a decisiva batalha contra os hititas, em 1286 a.C.

O combate, travado na fortaleza de Cades, no Líbano, mobilizou quatro divisões de Ramsés II contra as forças reunidas pelo rei Muwatallis, dentre todas as partes de seu império. Terminou com a retirada egípcia, abortando o avanço do faraó em direção à Síria e à Mesopotâmia. No entanto, a batalha esgotou os recursos hititas e deixou-os fracos e vulneráveis.

A vitória hitita poderia ter sido mais decisiva, uma vez que estes quase conseguiram capturar o faraó. Até agora, só foram encontrados fragmentos de inscrições hititas sobre a guerra. Mas Ramsés, ao voltar para o Egito, achou conveniente descrever em detalhes o milagre de sua fuga.

Suas inscrições nas paredes dos templos, acompanhadas de ilustrações detalhadas, contam como as hostes egípcias chegaram a Cades e acamparam ao sul da cidade, preparando-se para a batalha. Surpreendentemente, os hititas não avançaram contra eles. Ramsés, então, ordenou que duas divisões atacassem a fortaleza. Foi quando os carros hititas surgiram, como se viessem do nada, pegando pela retaguarda as divisões que avançavam e causando grandes estragos no acampamento das outras duas.

Quando as tropas egípcias começaram a fugir em pânico, Ramsés subitamente percebeu que "estava sozinho com seu guarda-costas" e, "quando o rei olhou para trás, viu que estava bloqueado por 2500 carros" do inimigo. Abandonado por seus oficiais, pelos condutores e pela infantaria, o faraó voltou-se para seu deus, lembrando-o de que só se encontrava naquela situação aflitiva porque atendera as ordens dele:

E sua Majestade disse:

"E agora, meu Pai Amon"?

Um pai esqueceu-se de seu filho?

“Seja o que for que eu tenha feito ou não, não foi seguindo tuas ordens”?

Lembrando ao deus egípcio que o inimigo adorava outros deuses, Ramsés perguntou: "O que são esses asiáticos para ti, ó Amon? Esses miseráveis que de ti nada conhecem, ó Deus?".

O faraó continuou implorando a Amon para salvá-lo, lembrando-lhe que os poderes da divindade eram maiores do que "milhões de soldados, centenas de

condutores de carros", e então aconteceu o milagre: o próprio deus surgiu no campo de batalha!

**Amon ouviu quando chamei.
Ele estendeu a mão para mim e me rejubilei.
Colocou-se atrás de mim e gritou:
"Para a frente"! Para a frente!
"Ramsés, filho amado de Amon, estou contigo"!**

Seguindo as ordens de seu deus, Ramsés avançou para o meio das tropas hititas. Sob a influência de Amon, os inimigos mostraram-se inexplicavelmente debilitados. "Suas mãos caíram para os lados, eles não conseguiam segurar e atirar as lanças". E os hititas diziam uns aos outros: "Não é mortal este que está entre nós. Ele é um deus poderoso; seus feitos não são de homem; há um deus em seus membros". Sem encontrar oposição, matando inimigos à esquerda e à direita, Ramsés conseguiu escapar.

Depois da morte de Muwatallis, os reinos egípcio e hitita firmaram um tratado de paz, e o faraó tomou como sua principal esposa uma princesa hitita. A paz, era necessária porque não apenas os hititas, mas também os egípcios estavam sendo ameaçados pelos "povos do mar", invasores vindos de Creta e de outras ilhas gregas. Estes acabaram conquistando territórios na costa mediterrânea de Canaã e tornaram-se os filisteus da Bíblia. No entanto, os ataques que lançaram contra os egípcios foram rechaçados pelo faraó Ramsés III, que comemorou a vitória mandando pintar as cenas da batalha nas paredes dos templos. Nas inscrições, ele atribuiu seu êxito "ao Todo-Poderoso, meu augusto divino pai, o Senhor dos Deuses". O crédito do triunfo deveria caber a Amon-Ra, pois, como afirmou o faraó, ele "estava na retaguarda do inimigo, destruindo-o".

A trilha sangrenta das guerras dos homens contra seus semelhantes em favor dos deuses agora nos leva à Mesopotâmia - a Terra entre os Rios (Tigre e Eufrates) -, o país bíblico de Senaar. Foi lá, segundo é relatado no Gênesis, 11, que surgiram as primeiras cidades com prédios feitos de tijolos e torres que pareciam arranhar o céu. Foi lá também que se iniciou o registro da História, e mais, onde começou a Pré-História, com o estabelecimento das primeiras povoações dos antigos deuses.

Mil anos antes dos tempos dramáticos de Ramsés II, na distante Mesopotâmia, um jovem ambicioso subiu ao trono. Seus súditos o chamavam de Sharru-Kin - "O Governante Justo"; nossos livros de história referem-se a ele como Sargão I. Esse rei construiu uma nova capital, Acad, e fundou o reino de Acad. A língua acadiana, escrita com caracteres cuneiformes, foi a língua-mãe de todos os idiomas semíticos, dos quais continuam em uso o hebraico e o árabe.

Tendo governado durante a maior parte do século 24 a.C., Sargão atribuía a longa duração do seu reinado (54 anos) à condição especial que lhe fora dada pelos Grandes Deuses, fazendo dele "Supervisor de Ishtar, Sacerdote Ungido de Anu, o Grande e Virtuoso Pastor de Enlil". Segundo escreveu o rei, foi Enlil "que não deixou ninguém se opor a Sargão" e lhe concedeu "a região do Mar Superior até o Mar Inferior" (do Mediterrâneo até o golfo Pérsico). Era por isso que Sargão levava os reis capturados em batalhas, puxando-os por cordas presas a coleiras, ao "portão da Casa de Enlil".

Numa de suas campanhas nas montanhas Zagros, Sargão teve a oportunidade de presenciar um milagre dos deuses igual ao testemunhado pelos combatentes de Tróia. Enquanto ele "avançava pelo país Warahshi... penetrando na escuridão... Ishtar fez uma luz brilhar". Dessa forma, o rei pôde liderar suas tropas no avanço através da montanha do atual Luristão.

A dinastia acadiana iniciada por Sargão chegou ao auge sob seu neto Naram-Sin ("O Amado do Deus Sin"). Segundo está gravado nos monumentos que ele construiu, suas conquistas foram possíveis porque seus deuses o armaram com um artefato singular, "A Arma do Deus", e outros deuses consentiram em sua entrada - ou até o convidaram a fazê-lo - nas regiões sob sua proteção.

Naram-Sin concentrou a maior parte de seu avanço na região a noroeste de seu reino, e uma de suas conquistas foi a cidade-Estado de Ebla, cujo arquivo de tabuinhas de argila, recém-descoberto, continua despertando grande interesse científico. "Embora desde a época da separação da humanidade nenhum rei jamais tenha destruído Arman e Ebla, o deus Nergal abriu caminho para o poderoso Naram-Sin e deu-lhe as duas cidades. O deus também o presenteou com Amanus, a Montanha dos Cedros, até o Mar Superior".

Naram-Sin atribuiu aos deuses tanto suas campanhas bem-sucedidas como sua queda, ocorrida por ele ter ido à guerra contra suas ordens expressas. Os eruditos reconstituíram, a partir de fragmentos de várias versões, um texto que intitularam de A Lenda de Naram-Sin. Falando na primeira pessoa, o rei

explica nessa lamentação que seus problemas começaram quando a deusa Ishtar "mudou de planos" e os deuses deram sua bênção a "sete reis, sete irmãos, gloriosos e nobres, com tropas de 360 mil homens". Vindos da região onde atualmente se encontra o Irã, esses guerreiros invadiram os países montanhosos de Gutium e Elam, a leste da Mesopotâmia, e começaram a avançar sobre Acad. Naram-Sin pediu orientação aos deuses e foi aconselhado a guardar as armas e ir dormir com sua esposa (mas, por algum motivo qualquer, não devia fazer sexo com ela).

**Os deuses lhe responderam:
"Ó Naram-Sin, esta é nossa palavra":
Esse exército que contra ti avança...
Amarra tuas armas, num canto as encoste!
Contenha tua ousadia, fica em casa!
Junto com tua esposa, vá dormir, Mas com ela não podes...
"Sair de teu país, ir ao encontro do inimigo, não debes".**

Mas Naram-Sin, contrariando o desejo dos deuses, declarou que confiava no próprio poderio e decidiu atacar o inimigo. "Quando chegou o primeiro ano, mandei 120 mil soldados, mas nenhum voltou vivo", confessou o rei na lamentação. Mais tropas foram aniquiladas no segundo e terceiro ano, e Acad aos poucos ia sucumbindo diante da fome e da morte. No quarto aniversário da guerra não autorizada, Naram-Sin suplicou ao deus Ea que passasse por cima da autoridade de Ishtar para colocar seu caso diante dos outros deuses. Estes o aconselharam a desistir da luta, prometendo: "Nos dias que virão, Enlil fará cair a perdição sobre os filhos do mal", e então Acad teria sua vingança.

A prometida Era de paz durou três séculos, durante os quais a parte mais antiga da Mesopotâmia, a Suméria, ressurgiu como a sede da monarquia, e os primeiros centros urbanos da Antiguidade - Ur, Nippur, Lagash, Isin e Larsa - voltaram a florescer. A Suméria, sob o governo dos reis de Ur, era o cerne de um império que abrangia todo o Oriente Médio. Todavia, no final do terceiro milênio anterior a Cristo, a região tornou-se uma arena onde se conflitavam lealdades e exércitos. Foi então que essa grande civilização a primeira de que se tem notícia no mundo - sucumbiu, numa catástrofe de proporções sem precedentes.

Esse foi um evento fatídico que, acreditamos, teve eco nos relatos bíblicos, um desastre cuja lembrança durou muito, muito tempo, e foi tema de inúmeros poemas de lamentação. Esses textos nos dão uma descrição bem clara do estrago e da desolação que se abateram sobre o âmago dessa antiga civilização. E, segundo os textos mesopotâmicos, tal catástrofe que destruiu a Suméria ocorreu por decisão do conselho dos grandes deuses.

A parte sul da Mesopotâmia levou um século para ser repovoada e mais outro para se recuperar totalmente da aniquilação divina. A essa altura, a sede do poder se transferira para o norte, para a Babilônia, onde se levantaria um novo império, proclamando como sua deidade suprema um deus ambicioso - Marduk.

Por volta de 1800 a.C., Hamurabi, o rei que ficou famoso pela criação de um código de leis que levou seu nome, subiu ao trono da Babilônia e começou a alargar suas fronteiras. Segundo suas inscrições, os deuses não apenas lhe diziam *se* e *quando* devia desencadear suas campanhas militares, mas também lideravam seus exércitos.

**Com o poder dos grandes deuses, o rei, filho amado de
Marduk, restabeleceu as fundações da Suméria e de Acad.
Sob o comando de Anu e com Enlil à frente de seu exército, e mais os
extraordinários poderes que os deuses lhe deram, ele não podia ser
vencido pelo exército de Emutbal e seu rei, Rim-Sin...**

Para Hamurabi derrotar os inimigos, o deus Marduk presenteou-o com uma "arma poderosa", chamada "O Grande Poder de Marduk".

**Com a Arma Poderosa com a qual Marduk proclamava seus triunfos, o
herói (Hamurabi) derrotou em batalha os exércitos de Eshnunna,
Subartu e Gutium...**

**Com o Grande Poder de Marduk ele venceu os exércitos de Sutium,
Turukku, Kamu...**

**Com o Grande Poder que Anu e Enlil lhe deram, derrotou todos os seus
inimigos até o país de Subartu.**

No entanto, o poderio da Babilônia não durou muito, pois logo surgiu um rival a sua altura, situado mais ao norte - a Assíria, onde o deus supremo era Assur (O que Tudo Vê). Enquanto os babilônios engalfinhavam-se com

inimigos ao sul e a leste, os assírios foram estendendo seu domínio nas direções norte e oeste, indo até "o país do Líbano, nas margens do Grande Mar". Essas regiões pertenciam aos deuses Ninurta e Adad, e os reis da Assíria tomaram o cuidado de registrar que suas campanhas foram iniciadas sob ordens explícitas dos dois. Tiglat-Pileser I comemorou suas guerras, no século 12 a.C., com as seguintes palavras:

Tiglat-Pileser, o rei legítimo, rei do mundo, rei da Assíria, rei das quatro regiões da terra;

O corajoso herói, guiado pelas ordens de Assur e Ninurta, os grandes deuses, seus amos, derrotou os inimigos...

Sob o comando de meu senhor Assur, minha mão conquistou desde a parte inferior do rio Zab até o Mar Superior, que fica a oeste. Três vezes marchei contra os países dos Nairi...

Fiz ajoelharem-se aos meus pés trinta reis dos países dos Nairi.

Desses países eu trouxe reféns e recebi cavalos domados como tributo...

Sob o comando de Anu e Adad, meus amos, fui até as montanhas do Líbano, onde cortei vigas de cedro para os templos desses grandes deuses.

Ao assumirem o título de "rei do mundo, rei das quatro regiões da terra", os governantes assírios estavam desafiando a Babilônia, pois uma dessas quatro regiões, onde séculos antes tinham florescido a Suméria e Acad, ficava dentro do Império Babilônico. O único modo de eles tornarem verdadeira essa afirmação era estendendo seu domínio sobre as cidades onde os grandes deuses tinham morado no passado. No entanto, até mesmo o caminho para esses locais estava bloqueado pelos babilônios, e assim permaneceu por muito tempo. A glória de conquistar essa região sagrada coube a Shalmaneser III, no século 9 a.C. Ele disse em suas inscrições:

Marchei contra Acad para vingar... Infligi derrota... Entrei em Kutha, na Babilônia e em Borsippa.

Ofereci sacrifícios aos deuses nas cidades sagradas de Acad.

Desci o rio até a Caldéia e recebi tributo de todos os seus reis...

Na época, Assur, o Grande Senhor... Deu-me cetro, cajado... Tudo o que seria necessário para governar o povo.

Eu agia somente sob as ordens expressas de Assur, o Grande Senhor, meu amo.

Descrevendo suas campanhas militares, Shalmaneser afirmou que conseguira suas vitórias graças às armas fornecidas pelos dois deuses: "Lutei com a Força Poderosa que Assur, meu senhor, me deu; e com as armas com que Nergal, meu líder, me presenteou". A arma de Assur foi descrita como tendo um "Brilho aterrador". Numa guerra contra os Adini, o inimigo fugiu só ao ver o "Brilho de Assur".

A Babilônia, depois de vários atos de desafio, foi derrotada e saqueada pelo rei assírio Senaqueribe (689 a.C.), e esse infortúnio só aconteceu porque o deus Marduk, encolerizado com o rei babilônio e seu povo, decretou: "Setenta anos serão a medida de sua desolação" - exatamente a mesma sentença que mais tarde o Deus de Israel imporia sobre Jerusalém. Com a subjugação de toda a Mesopotâmia, Senaqueribe pôde ostentar legitimamente o ambicionado título de "rei da Suméria e de Acad".

Senaqueribe, como tantos outros, mandou gravar inscrições descrevendo suas campanhas militares ao longo da costa do Mediterrâneo, inclusive batalhas com os egípcios na entrada da península do Sinai. A lista de cidades conquistadas por ele parece um capítulo do Antigo Testamento - Sídô, Tiro, Biblos, Akko, Ashdod, Ascalon. Eram "idades fortes", que o rei assírio "oprimiu" com o auxílio do "Brilho aterrador, a arma de Assur, meu senhor". Os baixos-relevos que ilustram o relato das campanhas, como o que mostra o cerco de Lachish, mostram os atacantes usando contra o inimigo objetos em forma de míssil.

Nas cidades conquistadas, conta Senaqueribe, "matei seus oficiais e seus aristocratas, pendurei seus corpos em postes em torno da cidade; os cidadãos comuns foram por mim considerados prisioneiros de guerra".

Um artefato conhecido como o Prisma de Senaqueribe preservou uma inscrição de grande valor histórico em que o rei menciona a subjugação da Judéia e seu ataque contra Jerusalém. O pomo da discórdia entre o assírio e o soberano judeu, Ezequias, foi o fato de este manter em cativeiro o rei da cidade filistéia de Ekron, Padi, "que era leal a seu solene juramento ao deus Assur".

"Quanto a Ezequias, o judeu", escreveu Senaqueribe, "que não se submeteu ao meu jugo, sitiei quarenta e seis de suas cidades fortificadas, fortes e incontáveis vilarejos em suas vizinhanças... Mantive Ezequias cativo em Jerusalém, sua residência real; cerquei-o de aterros, deixando-o como um pássaro na gaiola... As cidades que saqueei, separei de seu reino e dei-as a

Mitinti, rei de Ashdod, a Padi, rei de Ekrom, e a Sillibel, rei de Gaza. Dessa forma, reduzi o tamanho de seu país.”

O cerco de Jerusalém pelos assírios nos oferece uma série de aspectos interessantes. Para começar, a causa do ataque foi indireta: Ezequias não desafiou Senaqueribe, mas mantinha em cativeiro o rei de Ekrom. O "Brilho aterrador, a arma de Assur", empregado para "oprimir as cidades fortes" da Fenícia e da Filistéia, não foi usado contra Jerusalém. E mais: o costumeiro final dessas inscrições comemorativas - "Lutei com eles e lhes impus a derrota" - não existe no relato sobre o cerco de Jerusalém. Senaqueribe termina dizendo apenas que diminuiu o tamanho da Judéia, dando as áreas periféricas aos reis vizinhos.

Outro aspecto incomum na inscrição sobre Jerusalém é a ausência da afirmação habitual de que o soberano atacou a cidade em cumprimento às "ordens expressas" do deus Assur. Podemos imaginar se isso não é um indício de que o ataque a Jerusalém foi um ato não autorizado, um capricho de Senaqueribe, algo que não espelhava o desejo dos deuses.

Essa intrigante possibilidade torna-se uma probabilidade convincente quando lemos o outro lado da história - um outro lado que está descrito no Antigo Testamento.

Enquanto o rei assírio fala por alto de seu fracasso na tomada de Jerusalém, o relato encontrado em II Reis, 18 e 19, conta tudo. Ficamos sabendo que: "No décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaqueribe, rei da Assíria, veio para atacar todas as cidades fortificadas de Judá e apoderou-se delas". Senaqueribe enviou dois de seus generais para Jerusalém, à frente de um grande exército. No entanto, em vez de atacar a capital, o general Rab-Shakeh começou a conversar com os líderes da cidade, insistindo em usar a língua hebraica para que toda a população pudesse entendê-lo.

O que ele precisava dizer de tão importante para o povo comum? Como deixa claro o texto bíblico, o general assírio buscava convencer os cidadãos de Jerusalém de que aquela invasão tinha sido autorizada pelo Senhor Iahweh!

"E Rab-Shakeh lhes disse: 'Dizei a Ezequias: Assim fala o grande rei, o rei da Assíria: Que confiança é essa em que tu te estribas'”?

Dir-me-eis, talvez:

"É em Iahweh, nosso Deus, que pomos nossa confiança".

E então, foi porventura sem o consentimento de Iahweh que ataquei esta cidade para destruí-la?

**Foi Iahweh que me disse:
"Ataca este país e devasta-o"!**

Quanto mais os representantes do rei Ezequias, postados no alto das muralhas imploravam a Rab-Shakeh para parar de dizer tais inverdades e falasse em aramaico, a língua diplomática da época, mais o general aproximava-se gritando em hebraico para que todos entendessem. Logo ele começou a insultar seus interlocutores, em seguida passou a ofender o rei. Empolgado com a própria eloquência, Rab-Shakeh esqueceu-se da alegação de que possuía a permissão de Iahweh para atacar Jerusalém e pôs-se a menosprezar o Deus também.

Quando o rei Ezequias foi informado dessas blasfêmias, "rasgou suas roupas, cobriu-se com um pano de saco e foi ao Templo de Iahweh... E enviou mensagem ao profeta Isaías, dizendo: 'Hoje é um dia de aborrecimento, de opróbrio, de blasfêmia... Oxalá Iahweh, teu Senhor, tenha ouvido todas as palavras de Rab-Shakeh, que o rei da Assíria, seu mestre, mandou para insultar o Deus vivo!'. E a palavra de Iahweh veio por intermédio de Isaías: 'Ouvi a súplica que me dirigiste a respeito de Senaqueribe, rei da Assíria... Por onde veio, ele voltará; não entrará nesta cidade... Pois a defenderei e a salvarei'" .

**Naquela mesma noite veio o anjo de Iahweh e exterminou no
acampamento assírio cento e oitenta mil homens.**

Ao alvorecer só havia cadáveres.

Senaqueribe, rei da Assíria, levantou acampamento e partiu.

Voltou para Nínive e lá permaneceu.

Ainda segundo o Antigo Testamento, depois que o rei voltou a Nínive, "certo dia ele estava no templo de Nesroc, adorando seu deus, quando seus filhos Adramelec e Sarasar mataram-no a espada e fugiram para a terra de Ararat. Asaradão, seu filho, reinou em seu lugar". Os anais assírios confirmam a declaração bíblica. Senaqueribe foi mesmo assassinado dessa forma, e seu filho mais novo, Asaradão, ascendeu ao trono.

Uma inscrição de Asaradão, conhecida como Prisma B, descreve as circunstâncias com mais detalhes, contando que Senaqueribe, seguindo as ordens dos grandes deuses, proclamou o filho mais novo como seu sucessor. "Ele convocou o povo da Assíria, velhos e jovens, e fez meus irmãos, os

descendentes masculinos de meu pai, prestarem um juramento solene na presença do deus da Assíria... Para garantir minha sucessão”. No entanto, os irmãos quebraram o juramento, mataram Senaqueribe e tentaram eliminar Asaradão. Este foi salvo pelos deuses, que o levaram para longe. "Colocaram-me num esconderijo... Preservando-me para a monarquia.”

Depois de um período turbulento, Asaradão recebeu uma ordem dos deuses: "Vai, não demora! Marcharemos contigo”!

Ishtar foi a deidade encarregada de acompanhar o legítimo herdeiro. Quando as forças dos dois irmãos de Asaradão saíram de Nínive com a intenção de repelir o ataque contra a capital, "Ishtar, a Senhora da Batalha, que me desejava como seu sumo sacerdote, ficou ao meu lado. Ela quebrou os arcos das tropas e desordenou suas fileiras". Ao ver as tropas de Nínive se dispersando, Ishtar dirigiu-se aos guerreiros falando por Asaradão. "Diante de seu altíssimo comando, eles se aproximaram de mim em massa, juntaram-se às minhas costas e me reconheceram como seu rei", escreveu Asaradão.

Tanto Asaradão como seu filho e sucessor, Assurbanipal, tentaram conquistar o Egito e empregaram Armas de Brilho nas batalhas. "O Brilho aterrador de Assur cegou o faraó, e ele enlouqueceu", escreveu Assurbanipal.

Outras inscrições desse rei sugerem que a arma, que emitia um fulgor intenso e cegante, era usada pelos deuses como parte de seu toucado. Num relato, um inimigo "foi cegado pelo brilho da cabeça divina"; em outro, "Ishtar, que mora em Arbela, vestida de Fogo Divino e ostentando o Toucado Radiante, fez chover chamas sobre a Arábia".

O Antigo Testamento também faz referência a uma Arma de Brilho que podia cegar. Quando os Anjos (literalmente, emissários) do Senhor chegaram a Sodoma pouco antes da destruição da cidade, o populacho tentou arrombar a porta da casa em que eles repousavam. O Anjos reagiram: "Quanto aos homens que estavam na entrada da casa, eles cegaram do menor até o maior, de modo que não conseguiam encontrar a entrada".

À medida que a Assíria ia conquistando a supremacia, ampliando seu domínio sobre o Egito, seus reis, segundo as palavras do Senhor transmitidas pelo profeta Isaías, foram se esquecendo de que eram apenas instrumentos dos deuses: "Ai da Assíria, açoite da minha ira! Minha fúria é o bastão posto nas mãos deles. Contra nações ímpias eu os enviei; contra povos que me enfureciam os lancei". Mas os reis da Assíria tinham chegado a um ponto em que uma mera punição não seria suficiente: "O que estava em seu propósito

era exterminar e destruir um grande número de nações", algo totalmente fora das intenções do Deus; portanto, anunciou Iahweh, "eu darei o castigo ao rei da Assíria devido aos frutos da arrogância crescente de seu coração".

As profecias bíblicas que previam a queda da Assíria provaram ser verdadeiras. Quando os invasores vindos do norte e do leste juntaram-se aos rebeldes babilônios do sul do império, Assur, a capital religiosa, foi atacada e caiu em 614 a.C. A cidade real, Nínive, foi invadida e saqueada dois anos depois, e assim a grande Assíria deixou de existir.

Reis vassalos do Egito e da Babilônia aproveitaram-se da desintegração do Império Assírio para tentar a restauração de suas próprias hegemonias. As terras situadas entre os dois reinos tornaram-se de novo um prêmio cobiçado. Os egípcios, conduzidos pelo faraó Necho, foram mais rápidos e invadiram esses territórios.

Na Babilônia, Nabucodonosor II - segundo suas inscrições recebeu ordens do deus Marduk para pôr seu exército em marcha para o oeste. A expedição só foi possível porque um "outro deus", aquele que originalmente tinha a soberania sobre a região, "não desejava mais a terra dos cedros" e agora "um inimigo estrangeiro estava dominando-a e saqueando-a".

Em Jerusalém, a ordem de Iahweh, dada por intermédio de seu profeta Jeremias, foi apoiar a Babilônia, pois Ele, chamando Nabucodonosor de "meu servo", decidira fazer dele o instrumento de sua ira contra os reis egípcios:

Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel:

Eis que mandarei buscar Nabucodonosor, meu servo...

Ele virá e ferirá a terra do Egito.

Quem é para a morte, a morte!

Quem é para o cativeiro, o cativeiro!

Quem é para a espada, a espada!

Ele ateará fogo nos templos dos deuses do Egito, os queimarão e os deportará...

Ele quebrará os obeliscos de Heliópolis, aquele que está na terra do Egito, e incendiará os templos dos deuses do Egito.

O Senhor Iahweh acrescentou que, no curso dessa campanha de Nabucodonosor, Jerusalém também seria castigada por causa dos pecados do povo, que havia adotado o culto de adoração à "Rainha do Céu" e aos deuses do Egito. "Minha cólera e minha fúria se derramarão sobre este lugar... Que

queimará e não se apagará... Na cidade onde chamavam meu nome, darei início à destruição". E foi o que aconteceu em 586 a.C.: "Nabuzardã, capitão da guarda do rei da Babilônia, veio a Jerusalém. Ele incendiou a Casa de Iahweh, a casa do rei e todas as casas de Jerusalém. Todo o exército de caldeus que estava com o capitão da guarda derrubou as muralhas em torno de Jerusalém". O Deus de Israel, contudo, prometeu que a desolação da cidade duraria apenas setenta anos.

O rei que se encarregaria de cumprir essa promessa e possibilitaria a reconstrução do Templo de Jerusalém seria Ciro. Acredita-se que os ancestrais de Ciro, que falavam uma língua indo-européia, migraram para o sul vindos da região do Mar Cáspio e instalaram-se na província de Anzan, na margem leste do golfo Pérsico. Nesse local o chefe dos migrantes, Hakham-Anish ("O Sábio") iniciou a dinastia dos Aquemênidas. Seus descendentes - Ciro, Dario, Xerxes - fizeram história como soberanos do Império Persa.

Quando Ciro ascendeu ao trono de Anzan, em 549 a.C., sua terra era uma distante província de Elam e da Média. Na Babilônia, o centro do poder, o governante era Nabunaid, que se tornara rei em circunstâncias incomuns. Não houve a costumeira escolha feita pelo deus Marduk, mas sim um pacto singular entre a grande sacerdotisa, a mãe de Nabunaid, e o deus Sin. Uma tabuinha de argila parcialmente danificada contém o relato sobre a indicação do rei: "Ele montou uma estátua herética num pedestal... Chamou-a de 'o deus Sin'... Na época apropriada do Festival de Ano-Novo, avisou de que não haveria celebrações... Ele confundiu os ritos e prejudicou as cerimônias".

Enquanto Ciro guerreava com os gregos na Ásia Menor, Marduk - tentando recuperar sua posição de deidade nacional da Babilônia - "perscrutava todos os países à procura de um governante virtuoso, disposto a ser conduzido por ele. Então gritou o nome de Ciro, rei de Anzan, e proclamou-o governante de todos os países".

Depois que os primeiros feitos de Ciro mostraram que ele agia de acordo com os desejos de Marduk, este "deu-lhe ordem de marchar contra sua própria cidade, a Babilônia. Fez com que ele tomasse a estrada para a Babilônia caminhando a seu lado como um verdadeiro amigo". Assim, acompanhado pelo deus supremo da Babilônia em pessoa, Ciro conseguiu conquistar a cidade sem derramamento de sangue. No dia correspondente a 20 de março de 538 a.C., Ciro "segurou as mãos de Bel (O Senhor) Marduk" no recinto sagrado da Babilônia. No ano novo, seu filho, Cambises, oficiou os ritos divinos na restauração do festival em honra de Marduk.

Ciro legou à seus sucessores um império que abrangia todos os reinos antigos, com exceção de um. Eram eles: Suméria, Acad, Babilônia e Assíria, na Mesopotâmia; Elam e Média ao leste; os territórios do norte; as terras hititas e gregas na Ásia Menor; Fenícia, Canaã e Filistéia, que agora tinham um único soberano e um só deus supremo - Ahura Mazda, Deus da Luz e da Verdade. Na Pérsia antiga esse soberano era retratado como uma deidade barbuda percorrendo o Firmamento dentro de um Disco Alado, uma figura bem parecida com o deus supremo dos assírios, Assur.

Em 529 a.C., ano em que Ciro morreu, o único país independente do Império Persa no Oriente Médio e que tinha os próprios deuses era o Egito. Alguns anos depois, Cambises, filho e sucessor de Ciro, avançou com suas tropas pela costa mediterrânea da península do Sinai e derrotou os egípcios em Pelúcio; mais tarde entrou em Mênfis, a capital real, e proclamou-se faraó.

Apesar da vitória, Cambises evitou empregar em suas inscrições egípcias a habitual frase de abertura: "O grande deus, Ahura Mazda, me escolheu", reconhecendo assim que o Egito não estava sob o domínio dessa deidade. E mais: em deferência aos deuses egípcios, ele se prostrou diante de suas estátuas, aceitando sua supremacia. Os sacerdotes legitimaram sua soberania sobre o Egito, concedendo-lhe o título de "Rebento de Ra".

O Oriente Médio da Antiguidade agora estava unido sob um único rei, escolhido pelo "Grande Deus da Luz e da Verdade" e aceito pelos deuses do Egito. Nem homens nem deuses tinham mais motivos para guerrear uns contra os outros. Paz na Terra!

Essa paz, porém, não durou muito. No outro lado do Mediterrâneo os gregos estavam crescendo em poder, riqueza e ambição. A Ásia Menor, o mar Egeu e a região oriental do Mediterrâneo passaram a ser arenas de combates nacionais e internacionais. Em 490 a.C., Dario I tentou invadir a Grécia e foi derrotado em Maratona. Nove anos depois, os gregos venceram Xerxes I em Salamina. Então, um século e meio depois, Alexandre da Macedônia deixou a Europa para se lançar numa campanha de conquista que fez o sangue correr em todos os países do Oriente Médio da Antiguidade, até a Índia.

Ele também estaria cumprindo uma "ordem expressa" dos deuses? Não, bem ao contrário. Acreditando numa lenda que afirmava ser ele filho de um deus egípcio, Alexandre fez questão de iniciar seu avanço abrindo caminho até o Egito, pois desejava ouvir do oráculo desse deus a possível confirmação de sua origem semi-divina. No entanto, além de afirmar sua condição de semi-deus, o oráculo também previu sua morte prematura; daí em diante as viagens

e conquistas de Alexandre tiveram um principal propósito: a busca das Águas da Vida, que ele beberia para escapar de sua sina.

Embora tenha tido tempo de espalhar uma grande carnificina, Alexandre morreu jovem, como previra o oráculo. Depois dele, as guerras dos homens têm envolvido apenas homens.

2

A CONTENDA ENTRE HÓRUS E SET

Os essênios previram que na Guerra Final entre os homens, a Companhia do Divino se aliaria à Congregação dos Mortais e nos campos de batalha se mesclariam "gritos de guerra de homens e deuses". Seria isso apenas um triste comentário sobre a história sangrenta das guerras da humanidade?

Nada disso. O que o texto A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas nos informa é apenas que as contendidas entre os homens terminarão exatamente como iniciaram: com deuses e mortais lutando lado a lado.

Por mais incrível que pareça, existe um documento que descreve a primeira guerra em que os deuses envolveram os mortais. Trata-se de uma inscrição nas paredes do grande templo de Edfu, uma antiga cidade sagrada do Egito, dedicada ao deus Hórus. Foi lá, segundo as tradições do Antigo Egito, que Hórus instalou uma fundição de "ferro divino" e onde guardava, num recinto especial, o Disco Alado em que percorria os céus. Um dos textos diz: "Quando as portas da fundição se abrem, o Disco se eleva".

A inscrição no templo de Edfu, notável por sua exatidão geográfica, começa com uma data - não relacionada com a contagem de tempo da humanidade - e fala de eventos ocorridos muito antes da época dos faraós, quando o Egito era governado pelos deuses.

No ano 363, Sua Majestade, Ra, o Santo, o Falcão do Horizonte, O Imortal Eterno, foi à terra de Khenn. Com ele estavam seus guerreiros, pois os inimigos tinham conspirado contra seu senhor no distrito que ainda hoje tem o nome de Ua-Ua.

Ra foi até lá em seu barco, junto com seus companheiros, e desceu no distrito da Sede do Trono de Hórus, na parte ocidental desse distrito, ao leste da Casa de Khennu, que desde então passou a ser chamada de Khennu Real.

Hórus, o Medidor Alado, aproximou-se do barco de Ra e disse a seu ancestral: "Ó, Falcão do Horizonte, tenho visto os inimigos conspirarem contra vós, Senhor, para se apoderarem da Coroa Luminosa".

Em poucas palavras, o escriba conseguiu nos dar um panorama geral da situação e criar a cena para a guerra que iria estourar. Entendemos que a causa do conflito era uma conspiração de certos "inimigos" dos deuses Ra e Hórus, que pretendiam conquistar a Coroa Luminosa, ou seja, a soberania. É óbvio que essa pretensão só podia partir de um outro deus dos deuses. Para sufocar a conspiração, Ra reuniu seus guerreiros e tornou seu barco para ir ao local onde Hórus estabelecera seu quartel-general.

O "barco" de Ra, como sabemos a partir de muitos outros textos, era uma embarcação celestial, com o qual o deus podia viajar aos céus mais distantes. Nesse caso, Ra usou-o para descer num lugar distante de qualquer tipo de extensão de água, "na parte ocidental" do distrito de Da-Da, ao leste da "Sede do Trono" de Hórus. Este, então, contou-lhe que o inimigo estava reunindo suas forças:

Então Ra, o Santo, o Falcão do Horizonte, disse a Hórus, o Medidor Alado: "Altíssimo rebento de Ra, meu escolhido, vá rápido, extermine o inimigo que você avistou".

Obedecendo a ordem, Hórus partiu no Disco Alado para enfrentar o inimigo.

E assim Hórus, o Medidor Alado, voou para o horizonte no Disco Alado de Ra e, por isso, desde esse dia é chamado de "Grande Deus, Senhor dos Céus".

Voando no Disco Alado, Hórus avistou as forças inimigas e atacou-as com uma arma poderosa:

Dos céus, do Disco Alado, ele viu os inimigos e atacou-os pela retaguarda.

De sua parte dianteira lançou sobre eles uma Tempestade que não podiam ver com os olhos nem escutar com os ouvidos. Isso trouxe morte a todos num único instante; ninguém se salvou.

Cumprida a missão. Hórus voltou para junto de Ra ainda viajando no Disco Alado, "que brilhava com muitas cores" e ouviu sua vitória ser oficializada por Thot, o deus das artes mágicas:

Então Hórus, o Medidor Alado, reapareceu no Disco Alado que brilhava com muitas cores; ele voltou para o barco de Ra, o Falcão do Horizonte.

E Thot disse: "Ó, Senhor dos Deuses! O Medidor Alado voltou no grande Disco Alado, brilhando em muitas cores...".

Por isso, desde esse dia ele também é conhecido como "O Medidor Alado", e em sua honra a cidade de Hut passou a ser chamada de Behutet.

Essa primeira batalha entre Hórus e os "inimigos" teve lugar no Alto Egito. Heinrich Brugsch, o primeiro a publicar o texto dessa inscrição, o que aconteceu por volta de 1870 (Die Sage von dergeflüten Sonnenscheibe), sugeria que a "Terra de Khenn" seria a Núbia e que Hórus avistou o inimigo em Siena, a atual Assuã. Estudos mais recentes, como Egypt in Nubia, de Walter B. Emery, concordam que Ta-Khenn era mesmo a Núbia e que Da-Da era o nome de sua parte norte, a área entre a primeira e a segunda catarata do Nilo. (A parte sul da Núbia era chamada de Kuch.) Essa identificação é válida, já que Behutet, a cidade concedida a Hórus como prêmio por sua vitória, era a mesma Edfu, que através dos tempos sempre foi dedicada a esse deus. As tradições afirmam que Hórus estabeleceu em Edfu uma fundição onde eram forjadas armas especiais feitas de "ferro divino". E foi lá também que ele treinou um exército de mesniu - "povo de metal". Nas paredes do templo dessa cidade, esses guerreiros foram retratados como homens de cabeça raspada, usando túnicas curtas de colarinhos largos e carregando armas nas duas mãos. O desenho de uma arma não identificada, parecida com um arpão, foi incluído nas palavras hieroglíficas para "ferro divino" e "povo de metal" .

Ainda segundo as tradições egípcias, os primeiros homens a receber armas de metal dos deuses foram os mesniu. E veremos, com os prosseguimentos do texto, que eles foram também os primeiros mortais convocados para lutar nas guerras entre os deuses.

Como a área Assuã e Edfu agora estava garantida, e Hórus tinha seus guerreiros armados e treinados, os deuses sentiram-se prontos para avançar em direção ao norte, penetrando no interior do Egito. As vitórias iniciais parecem ter servido para fortalecer a aliança entre esses aliados, pois ficamos sabendo que a deusa asiática Ishtar (o texto egípcio a chama pelo seu nome cananeu, Astarot) juntara-se ao grupo. Pairando no céu, Hórus gritou para Ra se encarregar do reconhecimento do terreno abaixo dele:

E Hórus disse: "Avance, ó, Ra! Procure os inimigos que jazem sobre a terra"!

Então Ra, o Santo, avançou; Astarot estava com ele. Ambos procuraram o inimigo no terreno, mas todos eles estavam escondidos.

Como não podia ver o adversário, Ra teve uma idéia:

E Ra disse aos deuses que o acompanhavam: "Guiemos nossa embarcação até a água, pois o inimigo está em terra...". Então deram às águas o nome de "Águas Viajadas", e assim elas são conhecidas até hoje.

Mas enquanto Ra possuía um veículo anfíbio, Hórus não tinha como entrar no rio.

Então os deuses lhe deram um barco, ao qual deram o nome de Mak-A ("O Grande Protetor"), e assim ele é conhecido até hoje.

Seguiu-se a primeira batalha entre os mortais:

Mas os inimigos também entraram na água, fingindo-se de crocodilos e hipopótamos, e atacaram o barco de Ra, o Falcão do Horizonte...

Hórus, o Medidor Alado, chegou com seus criados, que lhe serviam de guerreiros, cada um com seu próprio nome, carregando o Ferro Divino e uma corrente nas mãos, e eles afugentaram os crocodilos e os hipopótamos.

Arrastaram 651 inimigos até aquele lugar; eles foram mortos perto da cidade.

E Ra, o Falcão do Horizonte, disse a Hórus, o Medidor Alado: "Que este local seja conhecido como o lugar onde ficou estabelecida sua vitória sobre as terras do sul"!

Tendo vencido o inimigo no céu, na terra e na água, o triunfo de Hórus parecia completo. Thot achou que era o momento de comemorar:

Então Thot disse aos outros deuses: "Ó, deuses do céu, rejubilem-se! Ó, deuses da terra, rejubilem-se! O jovem Hórus trouxe a paz por ter conseguido realizar feitos extraordinários nesta campanha"!

Nessa ocasião, o Disco Alado foi adotado como o emblema de Hórus vitorioso:

Desde esse dia existem os símbolos de metal de Hórus. Foi ele que confeccionou como seu emblema o Disco Alado, que colocou na parte dianteira do barco de Ra. A deusa do norte e a deusa do sul, representadas por duas serpentes, foram colocadas uma em cada lado.

E Hórus posicionou-se no barco de Ra, atrás do emblema, tendo nas mãos o Ferro Divino e a corrente.

Apesar de Thot ter proclamado Hórus como aquele que trouxera a paz, ela ainda não fora alcançada. Prosseguindo em seu avanço para o norte, a companhia dos deuses "avistou dois brilhos numa planície ao leste de Tebas. Ra então disse a Thot: 'Esse é o inimigo; que Hórus o elimine...'. E Hórus fez um grande massacre".

Novamente, com o auxílio do exército de homens que armara e treinara, Hórus conseguiu conquistar a vitória. E Thot continuou dando nomes aos locais onde as batalhas bem-sucedidas haviam se desenrolado.

O primeiro combate aéreo de Hórus tinha rompido as defesas que separavam o Egito da Núbia em Siena (Assuã). As batalhas seguintes, tanto em terra como na água, garantiram ao deus a curva do Nilo que vai de Tebas até Dendera, local onde, no futuro, proliferariam templos e cidades reais. Agora estava aberto o caminho para o interior do Egito.

Por vários dias os deuses continuaram avançando rumo ao norte - Hórus vigiando do alto, no Disco Alado, e Ra e seus companheiros navegando pelo rio, enquanto o povo de metal guardava os flancos em terra. Houve então uma série de combates, breves, mas ferozes. Os nomes dos locais - bem estabelecidos na geografia do Antigo Egito - indicam que os deuses atacantes atingiriam a área dos lagos que, na Antiguidade, iam desde o Mediterrâneo até o mar Vermelho (atualmente ainda restam alguns deles).

Então os inimigos se distanciaram deles, dirigindo-se para o norte. Eles acamparam no distrito das águas, diante do mar Mediterrâneo. Seus corações estavam cheios de medo.

Mas Hórus, o Medidor Alado, perseguiu-os no barco de Ra, levando na mão o Ferro Divino.

E seus ajudantes, carregando armas de ferro forjado, estavam por todos os lados.

No entanto, a tentativa de cercar e capturar os inimigos não foi bem-sucedida.

Por quatro dias e quatro noites Hórus percorreu as águas em perseguição aos inimigos, mas não conseguiu avistar nenhum deles.

Ra então aconselhou-o a subir novamente no Disco Alado, e dessa vez Hórus avistou os inimigos em fuga.

Hórus atirou sua Lança Divina contra eles e causou grande confusão em suas fileiras, matando muitos deles. Também trouxe 142 prisioneiros, que

colocou na parte dianteira do barco de Ra, onde foram rapidamente executados.

Nesse ponto a inscrição no templo de Edfu termina e recomeça num novo painel. De fato, inicia-se um novo capítulo da Guerra dos Deuses.

Os inimigos que conseguiram escapar "foram para o Lago do Norte, dirigindo-se para o Mediterrâneo, que tentavam atingir navegando pelo distrito das águas. Mas o deus encheu seus corações de medo e, quando atingiram o meio das águas, eles fugiram para as águas que se ligam com os lagos do distrito de Mer, com o propósito de se juntarem aos inimigos que estavam nas terras de Set".

Esses versos nos oferecem mais que informações geográficas, pois, pela primeira vez, encontramos uma identificação dos "inimigos". A arena do conflito agora era o conjunto de lagos que, na Antiguidade, separava o Egito propriamente dito na península do Sinai. Para o leste, além dessa barreira de água, ficavam os domínios de Set adversário e assassino de Osíris, pai de Hórus. Portanto, Set era o inimigo sobre cujas forças Hórus vinha avançando, vindo do sul.

Com a fuga dos inimigos houve uma calmaria no conflito, e durante esse período Ra chegou à região que separava o Egito do país de Set, e Hórus levou seu povo de metal à linha de frente. Mas o adversário também teve tempo para reagrupar suas forças e voltou a atravessar a barreira de água, entrando no Egito. Seguiu-se então uma grande batalha, na qual 381 inimigos foram capturados e executados.

(Os textos não fazem referência ao número de baixas no lado de Hórus).

Hórus, no calor da perseguição, atravessou as águas, e entrou nos domínios de Set. Este, furioso com a invasão, desafiou-o para um combate pessoal.

As lutas entre os dois deuses, que transcorreram tanto em terra como no ar, foram tema de inúmeras lendas, e falarei delas mais adiante. Nesta altura, porém, é interessante analisarmos o aspecto salientado por E. A. Wallis Budge

em *The Gods of the Egyptians*: no primeiro envolvimento dos homens nas guerras dos deuses, o que trouxe a vitória a Hórus foi o fato de ele ter armado os mortais com o Ferro Divino. "Está bem claro que ele deveu seu êxito, sobretudo à superioridade das armas que seus homens portavam e ao material de que eram feitas".

Portanto, segundo os textos egípcios, foi nessa guerra dos deuses que o homem aprendeu a levantar a espada contra seu semelhante.

Quando os combates terminaram, Ra expressou sua satisfação pelos feitos do "povo de metal de Hórus" e decretou que dali em diante aqueles homens morariam em santuários e seriam servidos com libações e oferendas, porque haviam matado os inimigos do deus Hórus. Assim, esses *mesniu* estabeleceram-se nas duas capitais de Hórus: Edfu, no Alto Egito, e Tis (Tânis, em grego; Zoan, na Bíblia), no Baixo Egito. Com o passar do tempo, eles abandonaram seu papel puramente militar e ganharam o título de Shamsu-Hor ("Atendentes de Hórus"), passando a servir como assessores e emissários dos deuses.

Segundo os estudiosos, a inscrição nas paredes do templo de Edfu é uma cópia de um texto bem mais antigo e muito conhecido dos escribas. No entanto, ninguém ainda foi capaz de determinar quando o relato original foi escrito. Os peritos concluíram que a exatidão dos dados geográficos e outros indicam (nas palavras de E. A. Wallis Budge) "que não estamos lidando com eventos puramente mitológicos; é quase certo que o triunfante avanço atribuído a Hor-Behutet (Hórus de Edfu) é baseado nos feitos de algum invasor aventureiro que se estabeleceu em Edfu em tempos muito primitivos". Como acontece em todas as inscrições egípcias, essa também começa com uma data: "No ano de 363...". Essas datas sempre indicam o ano do período de reinado do faraó envolvido no evento descrito. Assim, cada governante tinha seu primeiro ano de reinado, o segundo, e assim por diante. No entanto, o texto em questão trata de assuntos divinos, e não de atividades de reis, portanto relata acontecimentos que tiveram lugar no "ano 363" do reinado de um certo deus, ou deuses, levando-nos de volta a tempos primitivos em que o Egito era governado por deuses e não por homens.

As tradições do Antigo Egito nunca deixaram dúvida de que houve realmente uma época como essa. Durante sua longa viagem pelo Egito, o historiador grego Heródoto (século 5 a.C.) recebeu informações detalhadas sobre reinos e dinastias faraônicas. "Os sacerdotes me contaram que Mên foi o primeiro rei do Egito; ele construiu o dique que protege Mênfis das inundações do Nilo".

Depois de fazer o desvio do rio, o faraó começou a construir a cidade nas terras tomadas das águas. Heródoto prossegue: "Além dessas obras, segundo os sacerdotes, ele construiu o templo de Vulcano, que fica dentro da cidade, um imenso edifício, digno de ser mencionado".

O historiador acrescenta: "Em seguida, os sacerdotes foram buscar um papiro e leram para mim os nomes de 330 monarcas que ocuparam o trono depois de Mên. Entre eles, dezoito eram reis etíopes, e havia uma rainha, que era nativa; todos os outros eram homens e egípcios".

Os informantes de Heródoto também lhes mostraram fileiras de estátuas representando faraós e lhes contaram vários pormenores sobre esses governantes, afirmando que possuíam ancestrais divinos. "Os seres representados por essas imagens estavam muito longe de ser divinos", duvidou Heródoto, mas escreveu:

Em épocas anteriores a situação era bem diferente. O Egito era governado por deuses que habitavam a Terra junto com os homens, e um deles sempre exercia a supremacia sobre os restantes.

O último desses deuses foi Hórus, filho de Osíris, a quem os gregos chamavam Apolo. Hórus depôs Tífon e então reinou sobre o Egito.

Em seu livro *Contra Apião*, o historiador judeu Flávio Josefo, do século I, citou os escritos de um sacerdote egípcio chamado Manetho como uma de suas fontes sobre a História do Egito. Esses textos jamais foram encontrados, mas qualquer dúvida que pudesse haver sobre a existência de tal sacerdote desfez-se quando os estudiosos descobriram que sua obra serviu de base para vários autores gregos. Atualmente acredita-se que Manetho (o nome, em hieróglifos, significa "Presente de Thot") tenha sido realmente o alto sacerdote e grande erudito que, por volta de 270 a.C., compilou a história do Egito em diversos volumes, por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo. O manuscrito original encontrava-se na Biblioteca de Alexandria quando, junto com numerosos outros documentos de valor incalculável, foi consumido pelo fogo por ocasião do incêndio provocado por conquistadores muçulmanos no ano de 642.

Manetho foi o primeiro historiador a dividir os governantes egípcios em dinastias, prática que continua até hoje. Sua Lista de Reis - nomes, duração dos reinados, ordem de sucessão e outras informações pertinentes - foi preservada principalmente por meio das obras de Julio Africano (século 3) e Eusébio de Cesaréia (século 4). Essas e outras versões baseadas no historiador

egípcio trazem como ponto comum que o primeiro governante da primeira dinastia foi o rei Mên (Menés, em grego) - o mesmo que Heródoto citou, com base nas próprias investigações no Egito.

Esse fato foi confirmado por descobertas mais modernas, como a Tábua de Abidos, em que o faraó Seti I, acompanhado de seu filho, Ramsés II, listou o nome de 75 de seus antecessores. O primeiro deles é Mena.

Se Heródoto estava correto ao citar as dinastias dos faraós egípcios, teria ele acertado também quanto à existência de uma "época precedente", quando o Egito era governado por deuses?

Manetho corrobora as afirmações de Heródoto quanto a essa questão. Segundo ele, as dinastias dos faraós foram precedidas por outras quatro: duas de deuses, uma de semi-deuses e uma outra de transição. Primeiro, sete grandes deuses reinaram sobre o Egito, perfazendo um total de 12 300 anos.

Ptah	reinou	9000 anos
Ra	reinou	1000 anos
Shu	reinou	700 anos
Geb	reinou	500 anos
Osíris	reinou	450 anos
Set	reinou	350 anos
Hórus	reinou	300 anos
Sete deuses	reinaram	12 300 anos

A segunda dinastia de deuses, escreveu Manetho, compreendeu doze governantes, dos quais o primeiro foi Thot. Eles reinaram por 1570 anos. Portanto, no conjunto, dezenove deuses governaram por 13 870 anos. Seguiu-se uma dinastia de trinta semi-deuses, que reinaram por 3650 anos; ao todo, houve 49 governantes divinos e semi-divinos no Egito, que reinaram por 17250 anos no total. Depois, durante um período de 350 anos não existiu um governante único reinando sobre o Egito como um todo. Foi uma época caótica em que dez reis humanos deram prosseguimento à monarquia na cidade de This. Então veio Mên, que estabeleceu a primeira dinastia dos faraós e construiu uma nova capital que dedicou ao deus Ptah - o "Vulcano" de Heródoto.

Um século e meio de descobertas arqueológicas e a decifração da escrita hieroglífica convenceram os estudiosos de que as dinastias faraônicas começaram por volta de 3100 a.C. com um governante cujo hieróglifo lê-se

como Mên. Ele unificou o Alto e o Baixo Egito e estabeleceu sua capital numa nova cidade chamada Men-Nefer ("A Beleza de Mên") - Mênfis, em grego. Como indicara Manetho, esse faraó subiu ao trono de um Egito reunificado depois de um período caótico de total desunião. Uma inscrição no artefato conhecido como a Pedra de Palermo preservou para os arqueólogos pelo menos nove nomes arcaicos de reis que usavam apenas a coroa vermelha do Baixo Egito e reinaram antes de Menés. Também foram encontradas algumas tumbas e objetos pertencentes a esses governantes arcaicos - "Escorpião", Ka, Zeser, Narmer e Sma. Sir Flinders Petrie, o famoso egiptólogo, afirmou em *The Royal Tombs of The First Dynasty* e em outras obras que esses nomes são os mesmos que Manetho relacionou como os dez humanos que reinaram em Tânis durante os séculos de caos e sugeriu que esse grupo, por ter precedido a primeira dinastia, fosse chamado de Dinastia Zero. Um importante documento arqueológico que trata da monarquia egípcia, conhecido como o Papiro de Turim, começa com uma dinastia de deuses que inclui Ra, Geb, Osíris, Set e Hórus, depois assinala outra, com Thot, Maat e outros, atribuindo a Hórus um reinado de trezentos anos - exatamente como registrou Manetho. Depois dos governantes divinos, esse papiro, que data da época de Ramsés II, relaciona 38 reis semi-divinos: "Dezenove chefes da Muralha Branca e dezenove Veneráveis do Norte". E, entre eles e Mên, situa reis humanos que governaram sob a tutela de Hórus e cujo epíteto era Shamsu-Hor!

Em 1843, dirigindo-se à Royal Society of Literature em Londres, o curador de Antiguidades Egípcias no Museu Britânico, Dr. Samuel Birch, anunciou que contara no Papiro de Turim um total de 330 nomes - número que "coincidia com os 330 reis mencionados por Heródoto".

Embora com algumas discordâncias entre si em relação a detalhes, os egiptólogos da atualidade aceitam que as descobertas sustentam as informações fornecidas pelos historiadores antigos a respeito das dinastias que tiveram início com Menés depois de um período de caos, quando cerca de dez reis governaram um Egito desunido. E mais: que *antes* disso houve um período em que o reino estava unido sob governantes cujos nomes só podiam ser Hórus, Osíris etc. No entanto, os estudiosos que acham difícil acreditar na natureza divina desses reis sugerem que deviam ser apenas seres humanos "deificados".

Com o intuito de lançar uma luz sobre o assunto, começemos pelo mesmo lugar que Menés escolheu para construir a capital do Egito reunificado. A

localização de Mênfis não foi obra do acaso, mas uma escolha apoiada em certos eventos ligados aos deuses. Menés erigiu-a sobre um aterro, resultado do desvio do rio Nilo e de uma série de obras de represamento e recuperação de terras. Ao fazê-lo, imitava o modo como o próprio Egito havia sido criado. Os egípcios acreditavam que "um grande deus que surgira nos tempos mais primitivos" havia chegado àquela terra e a encontrara sob a água e a lama. Ele fez grandes obras de represamento e recuperação de terras, literalmente erguendo o Egito das águas - o que explica o outro antigo nome do Egito: "Terra Elevada". Esse deus arcaico chamava-se Ptah, um "Deus do Céu e da Terra", e era considerado um grande engenheiro e mestre artífice.

A veracidade da lenda da Terra Elevada é favorecida pelos aspectos tecnológicos. O Nilo é um rio tranqüilo e navegável até Siena (Assuã), mas depois seu curso torna-se traiçoeiro e é obstruído por várias cataratas. Atualmente o nível do rio é regulado pela represa de Assuã, e tudo indica que em tempos pré-históricos havia um sistema de comportas similar. As lendas contam que Ptah estabeleceu sua base de operações na ilha de Abu, que desde a época dos gregos é chamada de Elefantina, devido ao seu formato. Ela fica localizada logo acima da primeira catarata do Nilo, na atual Assuã. Nos textos e desenhos, Ptah, cujo símbolo era uma serpente, aparece controlando as águas do Nilo a partir de cavernas subterrâneas. "Era ele que tomava conta das portas que continham as inundações, que puxava as trancas na hora adequada."

Em linguagem técnica, somos informados de que, no local mais apropriado do ponto de vista da engenharia, Ptah construiu "cavernas gêmeas" (dois reservatórios interligados) cujas comportas podiam ser abertas e fechadas, dessa forma regulando artificialmente o nível e a vazão das águas do Nilo.

Em egípcio, Ptah e os outros deuses antigos eram chamados de Ntr - "Guardiões, Vigias". Segundo as tradições, eles vieram de *Ta-Ur*, em que *Ur* significava "antigo" ou "distante" - sendo então "Terra Distante", mas que poderia ser o verdadeiro nome do lugar, bem nosso conhecido devido aos registros mesopotâmicos e bíblicos: a antiga cidade de Ur, ao sul da Mesopotâmia. O estreito do mar Vermelho, que ligava a Mesopotâmia ao Egito, era chamado de *Ta-Neter*, o "Lugar dos Deuses". A afirmação de que os deuses primitivos teriam vindo das terras públicas de Sem é fortalecida pelo intrigante fato de que os nomes desses deuses eram de origem semita, mais especificamente acadiana. Ptah, por exemplo, que não tinha significado

em egípcio, nas línguas semitas queria dizer: "aquele que faz coisas abrindo e escavando".

Com o passar do tempo - 9000 anos, segundo Manetho -, Ra, um filho de Ptah, tomou-se o governante do Egito. Seu nome também não tinha significado em egípcio, mas, como ele era associado a um corpo celeste luminoso, os eruditos acreditam que Ra poderia ser "brilhante". O que se sabe com certeza é que um dos apelidos desse deus - *Tem* - tinha a conotação semítica de "o Completo, o Puro".

Os egípcios acreditavam que Ra chegara à Terra vindo do "Planeta de Milhões de Anos", viajando num Barco Celestial cuja parte superior, cônica, chamada *Ben-Ben* (Pássaro Piramidal) posteriormente foi preservada num santuário especial construído na cidade sagrada de *Anu* (a *On* da Bíblia, a Heliópolis dos gregos). Na época das dinastias, os egípcios faziam peregrinações a esse santuário para reverenciar o *Ben-Ben* e outras relíquias associadas a Ra e às viagens celestes dos deuses. Foi para reverenciar Ra, sob o apelido de *Tem*, que os egípcios forçaram os israelitas a construir a cidade que a Bíblia chama de Pitom (Pi-Tom, "O Portão de Tem").

Os sacerdotes de Heliópolis foram os primeiros a registrar as tradições dos deuses egípcios. Segundo eles, a primeira "companhia" de deuses, liderada por Ra, era constituída por nove "Guardiões" ele e mais quatro casais divinos. O primeiro casal, que começou a governar quando Ra se cansou de ficar no Egito, era formado pelos próprios filhos do deus: o rapaz *Shu* ("Secura") e a moça *Tefnut* ("Umidade"). Segundo as lendas, os dois tinham como principal tarefa ajudar o pai a controlar o Firmamento sobre a Terra.

Shu e Tefnut estabeleceram o modelo para os faraós mortais que reinaram em épocas posteriores: o rei escolhia como consorte oficial a própria irmã. O primeiro casal foi sucedido por seus descendentes, novamente irmão e irmã: *Geb* ("Aquele que Empilha a Terra") e *Nut* ("O Firmamento Estendido").

A abordagem puramente mitológica das lendas egípcias sobre os deuses - que afirma que o povo observava a natureza e via "deuses" nos seus fenômenos - levou os estudiosos a imaginar que Geb representava a Terra deificada, e Nut, o Céu; e que os egípcios, ao chamarem Geb e Nut de pai e mãe dos deuses que reinaram depois deles, acreditavam que seus deuses tinham nascido da união do Céu e da Terra. No entanto, quando se lêem de uma forma mais literal as lendas e os versos contidos nos *Textos das Pirâmides* e no *Livro dos Mortos*, percebe-se que Geb e Nut tinham esses nomes devido a atividades relacionadas com o aparecimento periódico do pássaro *Bennu*, que deu origem

à lenda grega da Fênix. Para os gregos, a Fênix era uma águia com penas vermelhas e douradas que morria e renascia a intervalos de vários milênios. Era para o *Bennu* das lendas egípcias - pássaro cujo nome era o mesmo do aparelho em que Ra chegara à Terra - que Geb envolvia-se com obras de terra e Nut "estendia o firmamento". Tudo indica que esses empreendimentos eram feitos na "Tem dos Leões", onde Geb "abriu a terra" para o grande objeto esférico que surgiu no horizonte vindo do "firmamento estendido".

Geb e Nut acabaram entregando o governo do Egito a quatro de seus filhos: *Asar* ("O que Tudo Vê"), que os gregos chamam de Osíris, e sua irmã-esposa *Ast* mais conhecida como Ísis; Set e sua esposa Néftis (*Neht-Hat*, a "Senhora da Casa"), a irmã de Ísis. A maioria das lendas egípcias gira em torno das atividades desses quatro deuses. Mas, estranhamente, quando eles eram retratados, Set jamais aparecia sem seu disfarce animal: seu rosto nunca era visto. O significado do nome Set também desafia os egiptólogos, embora seja idêntico ao do terceiro filho de Adão e Eva.

Com dois filhos casados com as próprias irmãs, os deuses Geb e Nut se defrontaram com um grave problema de sucessão. Então, a única solução era dividir o reino. Osíris recebeu as terras planas do norte (o Baixo Egito), e Set ficou com a região montanhosa ao sul (Alto Egito). O tempo que durou esse arranjo podemos apenas adivinhar, com base nas crônicas de Manetho, mas uma coisa é certa: Set não ficou satisfeito com a divisão do reino e tramou vários planos para conquistar a soberania sobre todo o Egito.

Os estudiosos afirmam que o único motivo da insatisfação de Set era a ânsia de poder. No entanto, quando analisamos melhor as regras de sucessão dos deuses, entendemos o profundo efeito que elas exerceram sobre as questões divinas (e, mais tarde, sobre as dos reis humanos). Antigamente os deuses (e depois os homens) podiam ter uma ou mais concubinas, além da consorte oficial, o que resultava em filhos ilegítimos. Portanto, a primeira regra de sucessão era: o herdeiro do trono é o primogênito da consorte oficial. Se ela não tivesse filhos, o primeiro filho do rei com uma das concubinas seria o herdeiro. Porém, em qualquer época, mesmo que já houvesse um primogênito herdeiro, se o governante tivesse um filho com uma sua meia-irmã, este passaria à frente do primogênito e se tornaria o herdeiro legítimo.

Esse costume sempre foi a causa básica das rivalidades entre os Deuses do Céu e da Terra e, acreditamos, explica os motivos da ira de Set. A fonte dessa nossa teoria é o tratado *De Iside et Osiride* (Sobre Ísis e Osíris), escrito por Plutarco, biógrafo e historiador do século I, que registrou para os gregos e os

romanos da época as lendas dos deuses do Oriente Médio. Plutarco baseou-se em textos que, segundo a crença na Antiguidade, tinham sido escritos pelo próprio Thot, que na condição de Escriba dos Deuses encarregava-se do registro da história e dos feitos das divindades na Terra.

"Agora contarei em breves palavras a história de Ísis e Osíris, conservando os aspectos mais significativos e omitindo os supérfluos", escreveu Plutarco na sentença de abertura, e em seguida passa a contar que Nut (os gregos a comparavam com sua deusa Rea) teve três filhos, sendo Osíris o primogênito, e Set, o terceiro. Ela também deu à luz duas filhas, Ísis e Néftis. Todavia, nem todos tinham sido gerados por Geb. Osíris e o segundo irmão eram filhos de Ra, que procurara sua neta Nut em segredo. Ísis, por sua vez, era filha de Thot (o deus grego Hermes), que, "apaixonado pela deusa mãe", retribuía de várias maneiras "para recompensar os favores que dela recebia".

Então, o quadro era esse: o primogênito, Osíris, mesmo não sendo filho de Geb, tinha um direito à sucessão ainda maior pelo fato de ter sido gerado pelo grande Ra. Mas Set, pela primeira regra da sucessão era o herdeiro legítimo por ser filho de Geb, o governante, com sua meia-irmã, Nut. Como se isso já não fosse suficiente para criar a discórdia entre os irmãos, havia também uma feroz disputa entre os dois para garantirem o trono a seus respectivos herdeiros. Set, para conseguir o direito de sucessão a seus descendentes, precisaria gerar um filho com sua meia-irmã, Ísis. Já Osíris levava vantagem, pois tinha duas meias-irmãs, Ísis e Néftis, e, portanto maior probabilidade de gerar o herdeiro legítimo. Para cortar definitivamente a pretensão de Set de ter descendentes que governassem o Egito, Osíris apressou-se a tomar Ísis como sua consorte. Set então casou-se com Néftis, mas, como ela era sua irmã plena, por parte de pai e mãe, seus descendentes não seriam qualificados para a sucessão.

A raiva de Set contra Osíris era profunda e amarga, pois este não só o privara do trono como também da possibilidade de vê-lo ocupado por seus descendentes.

Segundo Plutarco, a ocasião para a vingança de Set surgiu quando "uma certa rainha da Etiópia, chamada Aso", foi visitar o Egito. Conspirando com seus seguidores, Set ofereceu um banquete para homenagear a rainha e convidou todos os deuses. Como parte de sua trama, mandou construir um magnífico baú, grande o bastante para conter o corpo de Osíris. Durante a festa, pediu que trouxessem o baú para todos os presentes poderem admirá-lo. Depois, como se estivesse brincando, prometeu dá-lo à pessoa que coubesse per-

feitamente dentro dele. Os convidados, ansiosos para ganhar aquela peça de arte, começaram a entrar, um de cada vez.

Finalmente chegou a vez de Osíris. Assim que ele se acomodou dentro do baú, os conspiradores correram para perto dele, fecharam a tampa, prenderam-na com pregos e derramaram chumbo derretido sobre ela. Em seguida, levaram a enorme caixa com Osíris para a praia e, no lugar onde o Nilo deságua no Mediterrâneo, na cidade de Banis afundaram-na no mar.

Vestida de luto e depois de cortar uma mecha dos cabelos em sinal de dor, Ísis saiu à procura do baú. Plutarco prossegue: "Finalmente ela recebeu notícias mais claras sobre o paradeiro da caixa, que fora levada pelas ondas até a costa de Biblos (o atual Líbano)". Encontrando o baú, a deusa retirou-o da água e escondeu-o num local isolado enquanto pensava num meio de ressuscitar o marido. Mas Set descobriu tudo, apoderou-se da enorme caixa e cortou o corpo de Osíris em catorze pedaços, que espalhou por todo o Egito.

Novamente Ísis partiu, dessa vez em busca dos restos do marido. Algumas versões da lenda dizem que ela enterrou as partes onde as encontrou, dando início ao culto de adoração a Osíris nesses locais, que passaram a ser sagrados. Outras afirmam que Ísis juntou todos os pedaços e recompôs o corpo do marido, amarrando-o com tiras de linho, o que deu origem ao costume da mumificação. No entanto, todos os relatos concordam num ponto: Ísis encontrou todas as partes do corpo, menos uma - o falo.

Porém, antes de enterrar o corpo, a deusa conseguiu extrair a "essência" de Osíris e se auto-inseminou com ela, concebendo Hórus. Assim que o menino nasceu, escondeu-o nos pântanos do Nilo para protegê-lo de Set.

Os arqueólogos têm encontrado muitas lendas relacionadas com os eventos que se seguiram, textos copiados e recopiados pelos escribas, dos quais muitos foram capítulos do *Livro dos Mortos* ou foram usados como fonte para os versos dos *Textos das Pirâmides*. Reunidas, elas revelam um drama que envolveu manobras legais, seqüestros, uma ressurreição, homossexualidade e finalmente uma grande guerra - o conflito em que o prêmio foi o Divino Trono.

Como tudo levava a crer que Osíris morrera sem deixar descendentes, Set viu-se diante da possibilidade de gerar um herdeiro legítimo, e para isso tramou forçar Ísis a se casar com ele. Seqüestrou a meia-irmã com a intenção de mantê-la prisioneira até obter seu consentimento. Ísis, contudo, conseguiu fugir com a ajuda de Thot. Uma versão da lenda registrada na Estela de Mettemich, composta como se fosse um relato pessoal da deusa, descreve sua

fuga no meio da noite e as aventuras que enfrentou até chegar ao pântano de papiros onde Hórus estava escondido. Mas, ao deparar-se com o filho, viu-o agonizando devido a uma picada de escorpião.

O povo que habitava os pântanos ouviu os gritos de aflição de Ísis e correu em seu socorro, mas não pôde fazer nada para ajudá-la. Então o auxílio veio de uma espaçonave:

Ísis lançou um grito ao céu, endereçando sua súplica ao Barco de Milhões de Anos.

O Disco Celestial imobilizou-se e não saiu de onde estava.

Então Thot desceu. Ele possuía poderes mágicos, o grande poder de transformar a palavra em realidade. E falou:

"Ó, Ísis, deusa, gloriosa, conhecedora da boca; nenhum mal cairá sobre o menino Hórus, pois sua proteção vem do Barco de Ra".

"Cheguei no Barco do Disco Celestial vindo do lugar onde ele ontem se encontrava. Quando cair a noite, esta Luz expulsará o veneno, curando Hórus..."

"Vim dos céus para salvar esta criança para sua mãe".

Salvo da morte por Thot e, como afirmam algumas lendas, imunizado para sempre das picadas de escorpiões, Hórus passou a ser citado como um *Necht-atef*, "Vingador de seu Pai". Recebendo a melhor das instruções dos deuses e deusas que tinham apoiado Osíris, treinado nas artes marciais por eles, sua aparência e atitudes condiziam com sua posição de Príncipe Divino, digno de ser membro da associação celestial. Então, num certo dia, ele apresentou-se diante do Conselho dos Deuses para reclamar o trono de Osíris.

De todos os deuses que se surpreenderam com o aparecimento de Hórus, nenhum ficou mais chocado que Set. Mas a principal dúvida era: seria mesmo Osíris o pai daquele rapaz? Como descreve o texto conhecido como Papiro Chester Beatty no. 1, Set pediu um recesso para ter uma conversa particular e pacífica com o recém-descoberto sobrinho. Voltando-se para Hórus, disse: "Venha, passemos um dia feliz em minha casa". Mas ele não pensava em paz. Sua mente estava ocupada com tramas sinistras.

Ao anoitecer, a cama foi arrumada para eles, e os dois se deitaram. No meio da noite, Set fez seu membro endurecer e penetrar entre as nádegas de Hórus.

Quando os deuses voltaram a se reunir em conselho, Set exigiu que o cargo de governante continuasse com ele, alegando que Hórus estava desqualificado. Quer fosse filho de Osíris, quer não, agora tinha sua semente dentro dele, o que podia lhe dar o direito de sucedê-lo, mas jamais de precedê-lo!

Chegou a vez de Hórus surpreender os deuses. Explicou que, quando Set derramara seu sêmen, ele o pegara nas mãos. De manhã, fora procurar a mãe e lhe mostrara o que trazia, contando-lhe o que havia acontecido. Ísis o mandara endurecer o membro e derramar o próprio sêmen numa vasilha; em seguida, indo para a horta de Set, depositara-o numa alface que mais tarde havia servido de alimento para Set. "Portanto", anunciou Hórus, "a semente de Set não está dentro de mim, mas a *minha* está dentro dele". "Logo, o desqualificado é Set"!

Atônitos, os deuses pediram a Thot para resolver a questão. Ele verificou o sêmen que Hórus levava a Ísis e que ela guardara num pote, constatando que era mesmo de Set. Em seguida examinou o corpo de Set e confirmou que ele continha o sêmen de Hórus.

Furioso, Set não esperou o fim das deliberações. Saiu gritando que só uma luta até o amargo fim poderia decidir aquela questão.

Pela contagem de Manetho, a essa altura Set reinava havia 350 anos. Se acrescentarmos a esse número o tempo que Ísis levou para encontrar os treze pedaços de Osíris - e acreditamos que tenha sido treze anos, - foi mesmo "no ano 363" do reinado de Set que Ra juntou-se a Hórus na Núbia para ajudá-lo em sua guerra contra "os inimigos". Em *Horus, Royal God of Egypt*, S. B. Mercer resumiu as opiniões dos estudiosos do assunto com estas enfáticas palavras: "A lenda do conflito entre Hórus e Set representa um evento histórico".

De acordo com a inscrição no templo de Edfu, a primeira batalha pessoal entre Set e Hórus aconteceu no "Lago dos Deuses", que daí em diante passou a ser chamado "Lago da Batalha". Hórus conseguiu atingir Set com sua Lança Divina e, quando ele caiu, capturou-o e levou-o à presença de Ra. "A lança estava em seu pescoço, as pernas do maligno estavam acorrentadas e sua boca fechada por um golpe de clava do deus (Hórus)". Ra decidiu que Hórus e Ísis poderiam fazer o que quisessem com Set e os outros conspiradores capturados.

Mas quando Hórus começou a executar os prisioneiros, cortando-lhes a cabeça, Ísis ficou com pena de seu irmão Set e libertou-o. Existem várias versões dos acontecimentos que se seguiram, mas segundo a maioria delas a libertação do inimigo deixou Hórus tão furioso que ele decapitou Ísis, sua própria mãe. Thot, porém, recolocou a cabeça da deusa no lugar e ressuscitou-a. (Plutarco também relata esse incidente).

Depois da fuga, Set escondeu-se num túnel subterrâneo. Após três dias, teve início uma série de combates aéreos. Hórus decolou num *Nar* (um "Pilar Flamejante"), que foi retratado como um objeto longo e cilíndrico equipado com barbatanas ou aletas. A parte dianteira continha dois "olhos", que ficavam mudando de cor, passando do azul para o vermelho e vice-versa. Da traseira saíam rastros como os de um jato. Além disso, o aparelho emitia raios pela porta dianteira. Os textos egípcios, todos escritos por cultuadores de Hórus, não descrevem o veículo aéreo de Set.

As lendas falam de uma longa batalha sobre uma extensa região. O primeiro a ser atingido foi Hórus, que sofreu o impacto de um golpe de luz saído do veículo de Set. O *Nar* perdeu um de seus "olhos", mas Hórus continuou a luta usando o Disco Alado de Ra, e foi dele que lançou um "arpão" contra o inimigo. Foi a vez de Set ser atingido. Ele foi ferido e perdeu os testículos...

Demorando-se sobre a natureza da arma usada por Hórus, W. Max Müller escreveu em *Egyptian Mythology* que ela possuía "uma ponta estranha" e que seu apelido nos textos hieroglíficos era "a arma dos trinta" . Como nos revelam os antigos desenhos, o "arpão" na verdade era um engenhoso foguete três em um. Depois do disparo do primeiro míssil, o maior, ficava aberto a caminho para o lançamento dos dois menores. O apelido "arma dos trinta" sugere que esse artefato era o que atualmente chamamos de míssil de ogiva múltipla.

Por pura coincidência, mas talvez porque circunstâncias similares resultam em conotações similares, a Companhia McDonnell-Douglas de St. Louis, no Missouri, deu ao seu mais moderno míssil naval teleguiado o nome de "Arpão".

Os grandes deuses pediram uma trégua e convocaram os adversários a se apresentarem diante do Conselho. Alguns pormenores das deliberações podem ser extraídos da inscrição gravada numa coluna de pedra do faraó Shabako (século 8 a.C.), que afirma que o texto é uma cópia de um rolo de papiro muito antigo, já "devorado pelos vermes", enterrado sob o grande templo de Ptah, em Mênfis. De início o Conselho re-dividiu o Egito entre

Hórus e Set, mantendo as fronteiras existentes na época de Osíris, mas Geb contestou a decisão, preocupado com a questão da continuidade. Como Set poderia "abrir o corpo" para gerações futuras? Ele, por não possuir mais testículos, não tinha como gerar descendentes... E assim, Geb, "O Senhor Terra, legou como herança a Hórus" todo o Egito. Set recebeu um outro território em que pudesse exercer seu domínio, e, daí em diante, no entender dos egípcios, passou a ser uma deidade asiática.

O Conselho dos Deuses adotou a recomendação com unanimidade. Seu ato final é assim descrito no *Papiro de Hunefer*:

Hórus está triunfante na presença de toda a companhia dos deuses. A soberania sobre o mundo lhe foi dada, e seus domínios atingem as partes mais distantes da Terra.

O trono do deus Geb lhe foi concedido, junto com a patente criada pelo deus Shu.

Segundo o *Papiro*, a legitimação da decisão do Conselho:

Foi formalizada por decretos [que estão guardados] na Câmara dos Registros;

Foi inscrita numa tábuia de metal, conforme as ordens de teu pai Puh...

Deuses celestiais e terrestres transferem-se para os serviços de teu filho Hórus. Eles o seguem ao Salão dos Decretos. Hórus será o senhor deles.

3

OS MÍSSEIS DE ZEUS E INDRA

Depois de visitar o Egito, no século 5 a.C., Heródoto se convenceu de que os gregos haviam adquirido suas noções e crenças divinas a partir das tradições daquele país. Escrevendo para seus compatriotas, ele empregou nomes de deuses gregos para descrever as deidades egípcias análogas.

Além da analogia existente entre os atributos e os significados dos nomes dos deuses do Egito e da Grécia, um outro aspecto que levou o historiador a acreditar na origem egípcia da teogonia grega foram as semelhanças entre suas lendas. Uma dessas lendas, encontrada tanto entre os gregos como entre os egípcios, era a que narra a castração de um deus por outro numa disputa

por supremacia. Heródoto deve ter ficado bastante intrigado, pois a história era peculiar demais para ser encarada como mera coincidência.

Por sorte, as fontes gregas das quais Heródoto provavelmente extraiu seus relatos ainda existem. São várias obras literárias, escritas e bem conhecidas muito antes dele; como a *Ilíada*, de Homero, as *Odes*, de Píndaro de Tebas, e principalmente a *Teogonia* ("Genealogia Divina"), de Hesíodo, um escritor nascido em Áscara, na Grécia central, e que viveu no século 8 a.C.

Sendo poeta, Hesíodo preferiu atribuir a autoria da *Teogonia* às Musas, as deusas da música, da literatura e da arte, que segundo ele o incentivaram a "celebrar em canções" as histórias da "reverenciada raça dos deuses, desde seu início... e cantar em seguida a raça dos homens e dos gigantes, para com isso alegrar o coração de Zeus no Olimpo". Diz Hesíodo que as Musas o procuraram num certo dia em que ele estava "apascentando suas ovelhas" perto da Montanha Sagrada em que elas habitavam.

Apesar dessa introdução bucólica, a história dos deuses revelada a Hesíodo pelas Musas era cheia de paixão, revolta, astúcia, mutilação e sangrentas lutas. Apesar de toda a glorificação de Zeus, não existe nos relatos nenhuma tentativa aparente de se encobrir a torrente de sanguinolenta violência que o levou à supremacia.

Hesíodo, transmitindo "as coisas que as Musas, nove filhas de Zeus, cantaram", escreveu:

Em verdade, no começo existia o Caos, e em seguida veio Géia, de amplo seio...

Então surgiu Tártaro, nas profundezas da Terra, e Eros, o mais belo entre os deuses imortais...

De Caos saíram Érebo e a negra Nyx; e de Nyx nasceram Éter e Hemera.

Esse primeiro grupo de deuses celestiais ficou completo quando Géia ("Terra") casou-se com seu próprio primogênito, Urano ("Céu Estrelado"), para poder incluí-lo na Primeira Dinastia dos deuses. Logo após ter dado à luz Urano, Géia teve uma filha, a graciosa Uréia, e um outro filho, "Ponto, a infrutífera Profundezas, com sua maré furiosa".

A geração seguinte de deuses era constituída pelos descendentes de Géia e Urano:

Mais tarde ela deitou-se com Urano e gerou o turbulento Oceano;

**Coeus, Crius, Hiperión e Iapeto;
Téia e Réia, Têmis e Mnemosine;
E Foebe, coroada de ouro, e a bela Tétis.
Depois deles nasceu Cronos, o voluntarioso, o mais jovem e terrível de
seus filhos.**

Embora essas doze criaturas - seis homens e seis mulheres fossem resultado de uma união entre mãe e filho, eram perfeitas, com uma aparência que fazia jus a sua origem divina. Mas, à medida que Urano ia se entregando cada vez mais a sua ânsia por sexo, seus outros descendentes, apesar de muito fortes, exibiam várias deformidades. Os primeiros monstros a nascer foram os três Ciclopes: Brontes ("O Trovejador"), Steropes ("O que Faz Raios"), e Arges ("O que Produz Irradiação"). "Em tudo eles eram como deuses, mas possuíam um único olho no meio da testa".

"Três outros filhos nascidos da união entre Géia e Urano eram grandes e valentes de uma forma sem precedentes: Cotos, Briareu e Giges, crianças audaciosas." Eram os Hecatônquiros ("Os de Cem Braços"), pois, como acrescenta Hesíodo, "de seus ombros saíam cem braços que não deixavam ninguém se aproximar deles, e cada um possuía cinquenta cabeças".

Segundo conta a *Teogonia*, "Cronos odiava o pai devido a sua sensualidade exacerbada, mas Urano rejubilava-se com as próprias más ações".

"Então Géia confeccionou uma foice e explicou a seus queridos filhos o plano que elaborara", pelo qual o "pai pecador" seria punido por suas "vilanias". Ela cortaria a genitália de Urano, pondo fim a seus excessos sexuais. "O medo apoderou-se de todos; somente Cronos, o voluntarioso, mostrou coragem".

Vendo que Cronos era o único que teria a força suficiente para levar o plano adiante, Géia entregou-lhe a foice que confeccionara a partir de sílex cinzento e escondeu o filho em seus próprios aposentos, que ficavam à margem do Mediterrâneo.

**E Urano veio à noite, ansiando por amor; deitou com Géia,
esparramando-se sobre ela.**

Então o filho saiu do esconderijo, estendeu a mão esquerda na direção do pai, enquanto na direita segurava a comprida foice de dentes como serra. Num movimento rápido, cortou os órgãos genitais do próprio pai e jogou-os para trás, atirando-os no mar.

A castração de Urano não pôs fim a sua linha de descendentes. O sangue esguichava pelo ferimento e algumas gotas penetraram Géia, que concebeu e deu à luz "as fortes Ennins" ("Fúrias da Vingança"), "os Gigantes de armaduras brilhantes, com longas lanças nas mãos, e as Ninfas chamadas Melíades, as protetoras das árvores". Dos órgãos genitais decepados, que foram deixando atrás de si um rastro de espuma enquanto eram levados pela correnteza, "nasceu uma terrível e linda deusa... que homens e deuses chamam de ' Afrodite'".

Urano, querendo se vingar, chamou pelos deuses-monstros. Seus primeiros filhos, alegou, tinham se transformado "numa outra linhagem", os Titãs, que levados pela presunção tinham cometido o terrível crime. O assustado Cronos apressou-se a prender os Ciclopes e os outros gigantes monstruosos num local bem distante, para que nenhum deles pudesse atender ao chamado de seu pai. Os outros deuses primordiais, além de Urano, também procriavam. Seus filhos recebiam nomes indicando seus atributos, e eles estavam longe de ser benevolentes. Depois da castração, Nyx atendeu o chamado do irmão e, para ajudá-lo na vingança, gerou as deidades do mal: "Ela deu à luz o Destino e as cruéis Parcas... a Destruição e a Morte... a acusação e a Dolorosa Aflição... a Fome e o Sofrimento". Nyx também trouxe ao mundo a Contenda e mais as Lutas, Batalhas, Assassinatos, Brigas, Mentiras, Disputas, Ilegalidade e Ruína. Finalmente nasceu Nêmesis ("Retribuição"). Urano teve seu chamado atendido: lutas, batalhas e guerras passaram a existir entre os deuses.

Os Titãs também traziam a esse mundo perigoso a terceira geração de deuses. Temerosos da retribuição, mantinham-se muito unidos, e cinco dos irmãos casaram-se com cinco das irmãs. Desses casais divinos, o mais importante era aquele formado por Réia e Cronos, porque este, devido a sua audácia, assumira a liderança dos Titãs. Réia deu à luz três filhas e três filhos: Héstita, Deméter e Hera; Hades, Poseidon e Zeus.

Mas, como conta a *Teogonia*, assim que lhe nascia um descendente, Cronos o engolia. O motivo dessa atitude era uma profecia que vaticinava que ele seria derrotado por um de seus filhos, repetindo-se assim o que fizera com seu pai, Urano.

No entanto, o Destino não podia ser evitado. Para enganar Cronos, Réia escondeu o recém-nascido Zeus na ilha de Creta, e em lugar dele entregou ao marido "uma pedra envolta em coqueiros". Sem perceber o engodo, Cronos engoliu a pedra. Logo depois começou a vomitar e devolveu ao mundo todos os filhos que tentara eliminar anteriormente.

"Com o passar dos anos, a força e os gloriosos membros do príncipe Zeus cresceram rapidamente". Por algum tempo, sendo um neto digno do lascivo Urano, o jovem Zeus só pensou em aventuras amorosas, envolvendo-se com uma variedade de belas deusas, muitas vezes entrando em lutas com seus parceiros. Contudo, acabou chegando a hora de ele voltar sua atenção para os negócios de Estado. Havia dez anos os Titãs mais velhos, habitantes do monte Otíris, viviam em constante disputa com os mais jovens, "aqueles que Réia, a de longos cabelos, gerara em resultado de sua união com Cronos" e que moravam no monte Olimpo.

Se essa guerra era uma simples culminância de deterioração das relações entre colônias de deuses rivais, se uma explosão de ciúme entre deuses e deusas infiéis e amorais ou uma primeira etapa da perene rebelião dos jovens contra o antigo sistema, a *Teogonia* não nos esclarece. Mas as lendas e as peças de teatro gregas sugerem que tudo isso, em seu conjunto, criou uma prolongada e "obstinada" disputa entre os deuses mais velhos e os mais jovens.

Zeus viu nesse conflito a oportunidade de conquistar a supremacia sobre os deuses e, consciente ou inconscientemente, fez cumprir o destino de Cronos: ser derrotado pelo próprio filho.

O primeiro ato de Zeus foi "libertar os irmãos de seu pai, os filhos de Urano que Cronos, em sua tolice, mandara prender". Em sinal de gratidão, os três Ciclopes lhe deram as armas divinas que Géia escondera do marido lascivo: "O Trovão, o Raio e o Relâmpago que Irradiava". Os dois irmãos de Zeus também receberam presentes: Hades ganhou um capacete mágico, que o tornava invisível, e Poseidon um tridente milagroso, capaz de fazer o céu e a terra estremecerem. Para restaurar a disposição dos Hecatônquiros depois do longo cativeiro, devolvendo-lhes o antigo vigor, Zeus mandou servir-lhes "néctar e ambrósia, o mesmo que os deuses comem". Em seguida, dirigiu-se a eles dizendo:

Ouvi-me, ó brilhantes filhos de Géia e Urano, para que eu possa dizer o que meu coração pede.

Faz muito tempo que nós, os nascidos de Cronos, e os Titãs lutamos diariamente uns com os outros, para obtermos a vitória e prevalecermos.

Quereis agora mostrar vossa grande força e poder e enfrentar os Titãs nessa amarga contenda?

Cotos, um dos que possuíam cem braços, respondeu: "Divino, falas bem o que sabemos... por causa de tuas tramas voltamos da escuridão, nos libertamos de cruéis grilhões. E agora, com firme propósito e numa decisão conjunta, aumentaremos teu poder nessa guerra terrível e lutaremos contra os Titãs em duras batalhas".

Assim, "todos os que nasceram de Cronos, junto com os temidos poderosos de inigualável força que Zeus devolvera à luz... todos, machos e fêmeas, ataçaram a odiosa batalha". Os Titãs mais velhos "ansiosamente arranjaram suas fileiras" para enfrentar os olímpicos. A guerra envolveu toda a Terra e também os céus:

**O mar ilimitado rugia, a terra explodia;
Os céus estremeciam e gemiam, o alto Olimpo balançou em suas
bases sob a carga dos deuses imortais.
O trovejar dos pés dos deuses e o aterrador ataque de seus duros mísseis
criaram um terremoto que atingiu até o Tártaro.**

Num verso que nos faz lembrar o texto da profecia dos Manuscritos do Mar Morto, a *Teogonia* fala dos gritos de guerra dos deuses em batalha:

**Eles lançaram seus atrozes raios uns contra os outros. O clamor dos
gritos dos dois exércitos chegou ao céu estrelado enquanto eles se
enfrentavam com grande furor.**

Zeus entrara na luta com todo o seu poderio, usando ao máximo as Armas Divinas que possuía: "Dos céus, pelo outro lado do monte Olimpo, ele desceu, atirando seus raios. As faíscas voavam espessa e rapidamente de suas mãos. Trovões e raios juntos, rodopiando como uma chama aterradora. A terra fértil incendiou-se e vastas florestas estalaram com o calor. O solo fervia também a água doce dos rios e o salgado mar".

Então Zeus lançou uma Pedra do Trovão contra o monte Otíris. Pelo que lemos no texto da *Teogonia*, entendemos que houve nada mais nada menos do que uma explosão atômica.

**O vapor quente lambeu os Titãs nascidos de Géia;
Chamas incalculáveis ergueram-se para o mais alto ar.**

O fulgor flamejante da Pedra do Trovão, suas faíscas cegaram olhos, tão fortes eram.

Um calor terrível envolveu Caos...

Era como se a Terra e o amplo Céu acima tivessem se juntado.

Houve um estrondo violento, como se a Terra tivesse sido atirada a sua ruína.

Esse enorme estrondo aconteceu enquanto os deuses estavam engalfinhados em luta.

Além do ruído apavorante, da explosão e do tremendo calor, o lançamento da Pedra do Trovão também deu origem a uma violenta tempestade de vento:

Os ventos também foram trazidos e chegaram rugindo; terremoto e tempestades de areia, trovões e raios.

Quando os dois lados viram e ouviram os efeitos da Pedra do Trovão do grande Zeus, "houve um período de terríveis lutas; grandes feitos foram realizados, mas a batalha começou a amainar". A guerra estava terminando porque os deuses tinham superado os Titãs em armamentos.

"Não saciados com a guerra", os três Ciclopes caíram sobre os Titãs, derrotando-os com seus mísseis portáteis. "Eles os prenderam em tristes grilhões" e os levaram para o distante Tártaro. "E lá, pela vontade de Zeus, que cavalga as nuvens, os Titãs estão ocultos sob uma espessa névoa, num lugar úmido dos confins da Terra". Os Ciclopes permaneceram no Tártaro na qualidade de "fidedignos guardiões de Zeus", para vigiarem os prisioneiros.

Quando Zeus estava para exigir a "égide", ou seja, a suserania sobre todos os deuses, um inesperado adversário surgiu em cena para desafiá-lo. "Quando Zeus expulsou os Titãs do céu, a grande Géia, com o auxílio da dourada Afrodite, deu à luz seu filho mais novo, Tifeu, fruto de seu amor com Tártaro". Tifeu ou Tífon era um monstro: "A força de suas mãos estava em tudo o que fazia, e os pés desse poderoso deus eram incansáveis. De seus membros cresciam uma centena de cabeças de serpente e um apavorante dragão, todos com línguas negras e sibilantes. Dessas impressionantes cabeças saía fogo e havia voz em todas elas, cada uma emitindo sons incríveis". Esses sons podiam ser o de um homem falando, o berro de um touro, o rugido de um leão ou o latir de um cachorro. Segundo Píndaro e Ésquilo, Tífon era gigantesco, e "sua cabeça tocava as estrelas".

As Musas revelaram a Hesíodo: "Algo inevitável teria acontecido naquele dia; Tífon acabaria reinando sobre mortais e imortais". No entanto, Zeus percebeu o perigo a tempo e não demorou a atacar.

A série de combates que se seguiu não foi menos impressionante que as batalhas entre os deuses e os Titãs, pois Tífon, o deus-serpente, possuía asas e, tal como Zeus, era capaz de voar. "Zeus trovejou com todo o seu poderio, e a terra em volta foi sacudida de forma impressionante, o mesmo acontecendo com o céu, o mar e os rios de todas as partes do mundo". As Armas Divinas voltaram a ser empregadas - e por ambos os combatentes.

**Por causa dos dois, por causa de seus trovões e raios.
O calor envolveu os mares azuis;
Por causa do fogo do Monstro, dos ventos escaldantes e do Trovão
fulgurante, toda a Terra ferveu como ferveram céu e mar.
Grandes ondas estouraram nas praias...
Houve um tremor interminável.**

No Mundo Inferior, "Hades estremeceu em seus domínios". Tremeram também os Titãs presos nos confins da Terra. Os dois combatentes perseguiram-se por todo o céu da Terra. Zeus foi o primeiro a atingir o adversário, e usou para isso seu "lúgubre Trovão".

A arma "queimou todas as extraordinárias cabeças do monstro e tudo que estava a sua volta", abatendo o impressionante aparelho de Tífon.

**Quando Zeus o venceu, fulminando-o com seus golpes,
Tifeu foi atirado contra o solo e espatifou-se.
A imensa Terra gemeu.
Uma chama saltou do deus atingido, no inóspito, escuro e recôndito vale
do Monte, onde ele tombara.
Uma grande parte da imensa Terra foi calcinada pelo terrível vapor,
derretendo-se como derrete o estanho quando aquecido pelas artes do
homem...
Na incandescência de um fogo resplandecente, a Terra derreteu.**

Apesar de o aparelho que pilotava ter se estatelado no chão, Tífon saiu vivo do desastre. Segundo a *Teogonia*, Zeus, como fizera com os Titãs, "atirou-o no amplo Tártaro". O vencedor, agora com seu reino seguro, voltou sua

atenção para a importante tarefa de procriar, gerando descendentes com esposas e concubinas.

Embora a *Teogonia* descreva um único combate entre Zeus e Tífon, outros textos gregos garantem que essa luta foi a luta final. Houve várias outras, em que Zeus foi o primeiro a ser ferido. De início ele combateu corpo a corpo, usando a foice que sua mãe confeccionara, para executar "o maldoso instrumento"; pois seu propósito era castrar Tífon. Mas este defendeu-se atirando sua rede, e Zeus ficou preso nela. Tífon então pegou a foice e com ela cortou os tendões dos pés e das mãos de Zeus. Em seguida depositou seu indefeso inimigo, seus tendões e armas numa caverna distante.

Os deuses Egipano e Hermes encontraram a caverna, ressuscitaram Zeus refazendo seus tendões e devolveram-lhe as armas. Ele então retornou ao Olimpo voando numa "Carruagem Alada" e lá obteve um novo suprimento de raios para sua Arma Divina. Assim preparado, renovou seus ataques contra Tífon e conseguiu impeli-lo para o monte Nissa, onde as Parcas enganaram seu inimigo, fazendo-o comer o alimento dos mortais, o que o enfraqueceu em vez de torná-lo mais forte. Em seguida houve uma nova batalha nos céus do monte Hemo, na Trácia, que prosseguiu sobre o monte Etna, na Sicília, e foi terminar no monte Casio, na costa asiática do Mediterrâneo. E ali Zeus, usando seus raios, abateu Tífon.

A similaridade entre os relatos sobre as batalhas e as armas empregadas, as lendas sobre castração, mutilação e ressurreição - todos relacionados com uma luta pela sucessão - convenceram Heródoto e outros historiadores gregos clássicos de que os gregos tinham emprestado sua teogonia dos egípcios. O deus Egipano dos gregos, por exemplo, seria o Deus Carneiro africano, e Hermes tinha muitos paralelos com Thot. A própria *Teogonia* conta que, quando Zeus partiu à procura da bela mortal Alcmene com a intenção de gerar o herói Hércules, ele se esgueirou do Olimpo à noite, sem ser notado, e foi para o país de Tifaônia, descendo no alto de Fíguion (a Montanha da Esfinge). A propósito, "a letal Esfinge, que destruiu os *cadmeus* ('Os Antigos')", mencionada nas lendas sobre Hera, a consorte oficial de Zeus, também estava ligada a Tífon e seus domínios. Além disso, o escritor Apolodoro contou que, quando Tífon começou a crescer, atingindo um tamanho gigantesco, os deuses apressaram-se a ir ao Egito para conhecer o impressionante monstro.

A maioria dos eruditos afirma que o monte Casio, cena da última batalha entre Zeus e Tífon, ficava localizado perto da foz do rio Orontes, na atual Síria. Mas como Otto Eissfeldt mostrou num importante estudo (*Baal Zaphon, Zeus*

Kasios und der Durchgang der Israeliten durchs Meer), na Antiguidade existia um outro monte com esse nome - um promontório no lago salgado Serbônico, que avançava da península do Sinai para o Mediterrâneo. Ele sugere que esse seria o local mencionado nas lendas.

Mais uma vez, só nos resta confiar nas informações que Heródoto recebeu no Egito. Descrevendo a rota terrestre entre a Fenícia e o Egito, passando pela Filistéia, ele escreveu (*História*, Livro III, 5) que as terras asiáticas "estendem-se até o lago Serbônico, perto do local onde o monte Casio avança para o mar. O Egito começa no lago Serbônico, onde, segundo a lenda, Tífon foi se esconder".

Novamente as lendas gregas e egípcias se cruzam, dando a península do Sinai como a cena da batalha final.

Apesar das inúmeras conexões encontradas pelos gregos entre seus deuses e os egípcios, foi num local muito distante desses dois países - a Índia - que os eruditos europeus descobriram paralelos ainda mais impressionantes entre as duas teogonias.

No final do século 18, quando o sânscrito - a língua da antiga Índia - começou a ser compreendido pelos estudiosos, a Europa passou a se encantar com traduções de textos que até então lhe eram desconhecidos. De início, o estudo da literatura, da filosofia e da mitologia sânscritas foi um campo dominado pelos britânicos. No entanto, por volta de meados do século 19, ele se tornou um dos grandes preferidos dos intelectuais alemães, pois descobriu-se que o sânscrito era a língua-mãe dos idiomas indo-europeus (aos quais pertence o alemão) e que fora levado à Índia por migrantes saídos das margens do mar Cáspio - os arianos -, que seriam também os ancestrais dos alemães.

A peça central da literatura sânscrita são os Vedas, escrituras sagradas que, segundo a tradição, foram redigidas pelos deuses em épocas muito remotas. Os Vedas foram levados para o subcontinente asiático por migrantes arianos em algum ponto do segundo milênio antes de Cristo, através da tradição oral. Com o passar dos séculos, grande parte das centenas de milhares de versos se perdeu. Mas, por volta de 200 a.C. um sábio reuniu os que restaram, dividindo-os em quatro partes: o Rigveda ("Veda de Versos"), composto por dez livros; o Samaveda ("Vedas Cantados"); o Yajurveda (basicamente preces sacrificiais); e o Atharvaveda (mágicas e encantamentos).

Com o tempo, os vários componentes dos Vedas e a literatura auxiliar deles originada - Mantras, Bramanas, Aranyakes, Upanishads - ampliaram-se com os Puranas (manuscritos antigos) não-védicos. Junto com os grandes épicos

hindus do Mahabharata e do Ramayana, eles constituem as fontes das lendas sobre o Céu e a Terra, sobre deuses e heróis.

Devido ao amplo período em que foram transmitidos oralmente e à enorme quantidade de textos escritos, copiados e recopiados ao longo dos séculos, os nomes, atributos e epítetos das deidades - aspectos agravados pelo fato de os nomes e termos originais não serem na verdade arianos -, não se pode confiar na consistência e na precisão da literatura védica, como bem reconhecem os estudiosos. No entanto, alguns fatos e eventos emergem como princípios básicos do legado hindu-ariano.

No princípio, segundo essas fontes, havia apenas os corpos celestes, "Os Primevos que Fluem". Ocorreu uma comoção nos céus e o "Dragão" foi partido em dois pelo "Tempestuoso".

Dando às duas partes nomes de origem não ariana, as lendas afirmam que *Rehu*, o pedaço superior do planeta destruído, continuou atravessando os céus em busca de vingança. A parte inferior, *Ketu* ("O Cortado"), juntou-se aos "Primevos" em seu fluxo (órbitas). Muitas eras se passaram, e então surgiu uma Dinastia de Deuses do Céu e da Terra. O celestial *Mar-Ishi*, que os chefiava, teve sete (ou dez) filhos com sua consorte *Prit-Hivi* ("A Ampla"), que personificava a Terra. Um deles, *Kas-Yapa* ("O do Trono"), tornou-se chefe dos Devas ("Os Luminosos"), conquistando o título de Dyaus-Pitar ("Pai do Céu") - um indubitável paralelo com o nome-título grego de Zeus ("Dyaus") e seu correspondente romano Júpiter ("Dyauspiter").

Muito prolífico, Kasyapa gerou um grande número de deuses, gigantes e descendentes monstruosos com várias esposas e concubinas. Deles, os mais preeminentes, conhecidos e reverenciados desde a era védica são os Adityas - alguns deles filhos da consorte oficial Aditi ("ilimitada"). De início os Adityas eram sete: Vishnu, Varuna, Mitra, Rudra, Pushan, Tvashtri e Indra. Mais tarde veio juntar-se a eles Agni, filho de Kasyapa com Aditi ou, como sugerem alguns textos, com sua própria mãe, Prithivi. O número dos Adityas acabou chegando a doze, o mesmo dos componentes do círculo olímpico dos gregos. Entre eles estava Bhaga, que os estudiosos acreditavam ser o deus eslávico conhecido como Bogh. O último dos Adityas a nascer foi Surya, mas não se sabe com certeza se ele era mesmo filho de Kasyapa.

Tvashtri ("O Fabricante"), em seu papel de "Faz-Tudo", o artífice dos deuses, forneceu armas mágicas e carros voadores a todos os deuses. Usando um fulgurante metal celestial, ele construiu um disco para Vishnu, um tridente para Rudra, uma "arma de fogo" para Agni, um "trovejante arremessador"

para Indra e uma "clava voadora" para Surya. Nas antigas figuras hindus, todas essas armas se parecem com mísseis portáteis, tendo as mais variadas formas. Além dessas armas, os deuses obtiveram outras com os assistentes de Tvashtri. Indra, por exemplo, recebeu uma "rede aérea", com a qual podia capturar os inimigos durante combates no céu.

Os veículos celestes, ou "carros aéreos", eram invariavelmente descritos como luminosos e radiantes feitos ou folheados a ouro. O *Vimana* (carro aéreo) de Indra tinha luzes brilhantes nas laterais e movia-se "mais rápido que o pensamento", atravessando grandes distâncias com muita facilidade. Os cavalos invisíveis que o puxavam possuíam "olhos de sol", que emitiam raios de um tom avermelhado, às vezes mudando de cor. Em algumas lendas os carros aéreos dos deuses são descritos como tendo vários andares, e outras afirmam que além de voar eles podiam viajar sob a água. No conto épico Mahabharata, a chegada dos deuses a uma festa de casamento numa frota de veículos aéreos é descrita da seguinte forma (com base na tradução de R. Dutt em *Mahabharata, The Epic of Ancient India*):

**Os deuses, em carros transportados por nuvens, vieram assistir a cena
tão bela;**

Luminosos Adityas em seu esplendor, Maruts no ar corrente;

Suparnas alados, Nagas escamosos,

**Rishis Devas puros e elevados; os Gandharvas, famosos por sua música, e
os belos Apsaras do céu...**

Brilhantes naves celestes em comitiva, deslizavam pelo céu sem nuvens.

Os textos também falam nos *Ashvins* ("Condutores"), deuses especializados em dirigir os carros aéreos. "Rápidos como jovens falcões", eles eram "os melhores condutores que já atingiram os céus", e sempre guiavam seus artefatos em duplas, acompanhados de um navegador. Seus veículos, que às vezes surgiam em grupos, eram feitos de ouro, sendo "luminosos e radiantes... confortáveis de sentar e com um macio ondular". Esses carros aéreos eram construídos com base num princípio triplo, pois tinham três andares, três poltronas, três varas de apoio e três rodas giratórias. O Hino 22 do Livro VIII do Rigveda diz, ao louvar os Ashvins: "Sua carruagem possuía bancos triplos e rédeas de ouro - o famoso carro que atravessa Céus e Terra". Parece que as rodas giratórias tinham várias funções. Uma erguia a nave, outra a direcionava, e a terceira a impulsionava. "Uma das rodas de seu veículo está

girando rapidamente; a outra acelera para colocá-lo em seu curso para a frente”.

Como acontece com os deuses das lendas gregas, os dos Vedas também mostram pouca moralidade e restrição em assuntos sexuais. Às vezes eles eram malsucedidos, como aconteceu com Dyaus, que por ter violado sua neta Ushas, irmã dos Adityas, tomou-se alvo da vingança destes, que encarregavam Rudra ("O Três-Olhos") de matá-lo. Dyaus salvou-se fugindo para um distante corpo celeste. Tal como aconteceu com os deuses gregos, posteriormente os hindus começaram a se envolver nas guerras e nos amores dos reis e heróis mortais. Nesses combates, os veículos aéreos dos deuses desempenhavam um papel mais importante que suas armas. Assim, quando um herói afogou-se, os Ashvins apareceram numa esquadrilha de três carros aéreos, "navios auto-impulsionados, hermeticamente fechados, que cruzavam o ar", e com eles mergulharam no mar, tiraram o herói das profundezas e "o levaram para a terra, além do oceano líquido". Há também a lenda de Yayati, um rei que se casou com a filha de um deus. Quando o casal gerou filhos, o feliz avô presenteou o genro com uma "fulgurante nave celestial feita de ouro que podia ir a qualquer lugar sem interrupção". Sem perder tempo, o rei "subiu no carro e, com ele, sendo imbatível em batalha, conquistou a Terra inteira em seis noites".

Como na *Ilíada*, as tradições hindus também falam de guerras de homens e deuses e por causa de belas heroínas. A mais conhecida dessas lendas é o *Ramayana*, o longo épico de Rama, o príncipe cuja encantadora esposa foi raptada pelo rei de Lanka (a ilha de Ceilão). Entre os que apareceram para ajudar Rama estava Hanuman, o deus com cara de macaco que se envolveu em combates aéreos com o alado Garuda, um dos monstruosos filhos de Kasyapa. Em outra ocasião, Sukra, um deus "maculado pela imoralidade", raptou Tara, a bela esposa do condutor de Indra. Rudra e outros deuses apareceram para ajudar o marido ofendido. Houve então, "por causa de Tara, uma terrível batalha em que tombaram deuses e monstros". Apesar de seu impressionante armamento, os deuses levaram a pior e tiveram de procurar refúgio com a "Deidade Principal". Foi preciso o avô dos deuses vir à Terra para pôr fim à guerra, devolvendo Tara ao marido. Quando a mulher deu à luz um filho, "cuja beleza superava a dos celestiais", os deuses, desconfiados, "exigiram saber quem era o verdadeiro pai do menino: o marido legítimo ou o deus raptor". Tara então anunciou que o bebê era filho de Soma, a "Imortalidade Celestial", e lhe deu o nome de Budah.

No entanto, esse envolvimento dos deuses nos assuntos dos homens foi algo que só aconteceu depois de muito tempo: em épocas mais primitivas, eles guerreavam entre si por causas mais importantes, como a supremacia, o governo da Terra e a administração de seus recursos naturais. Devido à grande quantidade de filhos de Kasyapa com uma série de esposas e concubinas, mais os descendentes dos outros deuses, o conflito era inevitável. O domínio dos Adityas irritava especialmente os *Asuras*, deuses mais velhos, gerados por Kasyapa com outras mulheres antes de os Adityas nascerem. Tendo nomes não arianos, com clara origem no Oriente Médio (lembrando as divindades supremas da Assíria, da Babilônia e do Egito: Assur, Asar, Osíris), esses *Asuras* acabaram assumindo, nas tradições hindus, o papel de deuses malignos ou "demônios".

A inveja, rivalidade e outros motivos para atrito acabaram resultando em guerra quando a Terra, "que de início produzia alimentos sem necessidade de cultivo", foi assolada por uma escassez geral, que trouxe a fome. Os deuses sustentavam sua imortalidade bebendo o Soma, uma ambrósia que era trazida da Morada Celestial e ingerida misturada ao leite. O gado que eles criavam também lhes fornecia a carne para os "sacrifícios" ou os assados que tanto apreciavam. Com a escassez, as dificuldades começaram a surgir. O *Satapatha Brahmana* descreve os eventos que se seguiram:

Os deuses e os Asuras, nascidos do Pai dos Deuses e Homens, combateram pela superioridade. Os deuses venceram os Asuras, mas, mais tarde, estes voltaram para perturbá-los...

Os deuses e os Asuras, nascidos do Pai dos Deuses e Homens, estavam novamente combatendo pela superioridade. Dessa vez os deuses encontraram a derrota. Os Asuras pensaram: "A nós, sem dúvida, pertence este mundo!".

Em seguida disseram: "Então dividamos este mundo entre nós. Feito isso, nele subsistiremos". Conseqüentemente, começaram a dividir o mundo do Ocidente ao Oriente.

Ao tomarem conhecimento do que estava acontecendo, os Adityas foram pedir aos irmãos que lhes dessem parte dos recursos da Terra.

Quando ouviram isso, os deuses disseram: "Os Asuras estão mesmo dividindo esta Terra! Venham, vamos até onde eles estão fazendo a partilha, pois o que será de nós se não conseguirmos nossa parte da Terra"?

Colocando Vishnu à frente, eles foram até os Asuras.

Arrogantes, os Asuras ofereceram aos Adityas apenas a porção da Terra que pudesse ser coberta pelo corpo de Vishnu quando ele estivesse deitado. Mas os deuses empregaram um stratagema. Puseram Vishnu num "recinto fechado" que podia "andar em três direções", e assim conseguiram recuperar três das quatro regiões da Terra.

Os Asuras, frustrados, iniciaram um ataque a partir do sul. Os deuses perguntaram a Agni "como poderiam vencê-los para sempre". Agni sugeriu uma manobra em formato de pinça: "Darei a volta pelo norte, e vocês avançarão sobre eles daqui; quando os fecharmos, os arrasaremos". Segundo está registrado no *Satapatha Brahmana*, depois de vencerem os Asuras "os deuses estavam ansiosos, preocupados em como poderiam reabastecer-se para seus sacrifícios". Muitos trechos dos textos antigos que relatam essa batalha falam da recaptura do gado e da volta do fornecimento do Soma.

Essa guerra ocorreu em terra, no ar e no fundo do mar. Os Asuras, segundo o *Mahabharata*, construíram fortalezas de metal no céu, de onde atacavam as três regiões da Terra. Seus aliados podiam ficar invisíveis e usavam armas também invisíveis; alguns deles atacavam de uma cidade submarina que tinham capturado dos deuses.

Quem mais se distinguiu nessa guerra foi Indra ("Tempestade"), que destruiu 99 fortalezas terrestres dos Asuras, matando um grande número de seus seguidores. Nos combates aéreos ele usou um carro voador para lutar com os inimigos que se escondiam em "fortalezas de nuvens".

Os hinos dos Rigveda citam grupos de deuses e deidades individuais derrotadas por Indra (R. T. Griffith, *The Hymns official the Rig-Veda*):

Matas com teu raio os Sasyu...

**Longe do assoalho do céu, em todas as direções, os antigos, sem ritos,
fugiam para a destruição...**

Os Dasyu queimaste dos céus.

**Eles se envolveram em batalha com o exército dos sem culpa; então os
Navagvas lançaram todo seu poderio.**

**Como emasculados em combate com homens, eles fugiram tomando
trilhas íngremes, escapando da presença de Indra.**

Indra invadiu as fortalezas de Ilibsa e com seus chifres cortou Sushna em pedaços...

Mataste teu inimigo com teu trovão...

A arma de Indra, feroz, abateu-se sobre os inimigos, e com seu agudo estampido ele fez suas cidades em pedaços.

Intrépido, vais de luta em luta, destruindo castelo após castelo com tua força.

Tu, Indra, com teu amigo que faz o inimigo se curvar, afastas para longe os astuciosos Namuchi.

Levaste à morte Karanja, Parnaya...

Destruíste as cem cidades de Vangrida.

Os cumes do altíssimo céu sacudiste quando sozinho, ousaste exterminar Sambara.

Depois de vencer os inimigos, tanto em batalhas como em combates individuais, fazendo-os "fugirem para a destruição", Indra voltou sua atenção para a libertação do gado dos deuses. Os "demônios" o haviam escondido no interior de uma montanha, onde ficavam guardados por Vala ("O que Cerca"). Auxiliado pelos Angirases, deuses jovens que podiam emitir chamas divinas, Indra irrompeu no esconderijo e soltou os animais. Alguns estudiosos, como J. Herbert em *Hindu Mythology*, afirmam que o objetivo de Indra era libertar ou recuperar um Raio Divino, e não o gado, pois a palavra sânscrita *go* serve para designar as duas coisas.

No início dessas guerras, os Adityas designaram Agri ("Ágil") para ser o Hotri, ou seja, o chefe das operações. Com o passar do tempo - alguns textos sugerem que o conflito durou mais de mil anos -, Vishnu ("O Ativo") assumiu o cargo. No entanto, com o fim das hostilidades, Indra, que tanto se distinguira nas batalhas, exigiu a supremacia. Tal como na *Teogonia* dos gregos, um de seus primeiros atos foi matar o próprio pai. O Rigveda (Livro IV; 18,12) pergunta ao jovem deus: "Indra, quem fez de tua mãe uma viúva?". A resposta vem também em forma de pergunta: "Que deus estava presente na refrega quando mataste teu pai, agarrando-o pelo pé?".

Para castigar Indra pelo seu nefando crime, os deuses proibiram-no de beber o Soma, pondo em perigo sua imortalidade, e "ascenderam aos céus" deixando o irmão com o gado que recuperara. Mas Indra foi atrás deles "com a arma do

trovão erguida". Temerosos, os deuses gritaram: "Não atire!", e concordaram em deixá-lo compartilhar dos alimentos divinos.

Indra conquistou a Liderança, mas houve quem o desafiasse. O contestador foi Tvashtri, que em alguns hinos é chamado "primogênito", o que pode explicar por que ele se achava no direito de reivindicar a posição. Rapidamente Indra exterminou-o com a arma-trovão, a mesma que ganhara de presente dele. A luta, contudo, foi retomada por Vritra ("O Obstrutor"), que alguns textos dizem ser o primogênito de Tvashtri, mas vários eruditos o vêem como um monstro artificial, pois em pouco tempo ele atingiu um tamanho imenso. Nos primeiros combates Indra levou a pior e fugiu para um canto distante da Terra. Todos os deuses o abandonaram, exceto os Maruts, um grupo de 21 condutores que pilotavam os carros voadores mais ligeiros, "que rugem como o vento e fazem sacudir as rochas das montanhas quando sobem".

**Essas verdadeiras maravilhas, de tons avermelhados,
Aceleraram-se em seu curso como um rugido, sobrevoando os cumes do
céu...
Espalham-se como fachos de luz...
Brilhantes, celestiais, como raios em suas mãos e capacetes de ouro na
cabeça.**

Contando com o apoio dos Maruts, Indra voltou a combater Vritra. Os hinos que descrevem as lutas, em termos entusiasmados, podem ser encontrados em *Original Sanskrit Text*, de J. Muir.

**O valente deus em seu carro ascende, levado por sua fervente velocidade.
Para o céu o herói avança.
Os Maruts, impetuosos espíritos da tempestade, formam sua escolta.
Eles viajam em carros-relâmpagos e cintilam em guerreira pompa e
orgulho...
Suas vozes ressoam como urros de leões, seus dentes consomem com força
de ferro.
Os morros, a própria Terra eles sacodem, em seu avanço fazem
estremecer todas as criaturas.**

Enquanto a terra tremia e as criaturas corriam para se esconder, Vritra observava calmamente a aproximação de seus inimigos:

Empoleirada a grande altura, brilhava a imponente fortaleza de Vritra. No alto da muralha, em atitude marcial, o valente e gigantesco demônio esperava, confiante em suas artes mágicas e armado com um arsenal de dardos de fogo.

"Sem alarme, desafiando o poder da arma de Indra", sem medo "dos terrores do vôo mortal", Vritra continuou esperando.

Então formou-se uma visão aterradora quando deus e demônio engalfinharam-se em luta.

Vritra lançou seus dardos afiados, raios e relâmpagos escaldantes, que atirava como chuva espessa, o deus desafiava sua cólera; as armas eram lançadas contra Indra em vão, passando de lado.

Quando Vritra gastou todos os seus mísseis, Indra pôde partir para a ofensiva:

Então os raios começaram a cintilar, luminosos trovões a estourar, por Indra orgulhosamente arremessados.

Os próprios deuses imobilizaram-se, apavorados; o terror apoderou-se do mundo universal...

Os raios atirados por Indra, "forjados pela mão de mestre de Tvashti" a partir de ferro divino, eram mísseis complexos, fulgurantes:

Descarregados pela vermelha mão direita de Indra, os raios com cem juntas, as lanças de ferro com mil pontas, que ardem e sibilam por todo o céu.

Rápidos, sem erro, voam para o alvo e fazem curvar o mais orgulhoso dos inimigos.

Seu simples som põe em fuga os tolos que ousam desafiar o poder do Trovejador.

Os mísseis teleguiados atingiram o alvo:

**E logo o dobrar dos sinos da condenação de Vritra soou impulsionado
pelo clamor da chuva de ferro de Indra.
Perfurado, pisoteado, esmagado, com um horrível grito, o demônio
moribundo caiu de sua torre feita de nuvens.**

Depois de cair "como troncos de árvores derrubados pelo machado", Vritra jazia, prostrado. No entanto, embora estivesse "sem pés e sem mãos, continuou desafiando Indra". Este então desferiu o golpe de misericórdia - "exterminou-o atirando um raio entre seus ombros".

Indra venceu, mas o destino não quis que os frutos da vitória fossem apenas dele. Quando reivindicava o trono de Kasyapa, seu pai, surgiram dúvidas sobre sua verdadeira origem. Todos sabiam que sua mãe o escondera da cólera de Kasyapa por ocasião de seu nascimento. Por que isso? Existiria um fundo de verdade nos boatos que afirmavam que seu próprio irmão mais velho Tvashtri era seu verdadeiro pai?

Os Vedas não erguem totalmente o véu do mistério. No entanto, contam que Indra, apesar de ser um grande deus, não governou sozinho. Ele teve de dividir seus poderes com Agni e Surya, seus irmãos, exatamente como Zeus teve de repartir os domínios com Hades e Poseidon.

4

AS CRÔNICAS DA TERRA

Como se não bastassem as analogias encontradas entre a mitologia grega e a hindu, tábuas de argila descobertas nos arquivos hititas (num sítio arqueológico hoje conhecido como Bogazköy) continham mais relatos sobre as mesmas histórias. Falavam de disputas entre gerações mais novas e mais velhas e sobre a luta de um deus pela supremacia.

Os textos mais longos como seria de esperar, tratavam da deidade suprema dos hititas, Teshub: de sua genealogia, seu direito de dominar as regiões superiores da Terra e as guerras que teve com o deus Kumarbi e seus descendentes. Contendo diversos paralelos com lendas gregas e egípcias, esses registros dizem que o Vingador de Kumarbi foi escondido pelos que o apoiavam numa região da Terra "de tons escuros", até que ele se tornasse adulto. A batalha final entre eles e Teshub desenrolou-se nos mares e no ar; numa das lutas, Teshub foi auxiliado por setenta deuses conduzindo seus carros magníficos. Nas primeiras refregas, Teshub foi ferido e precisou esconder-

se, ou exilar-se, mas finalmente voltou para desafiar seu oponente num combate pessoal. Armado com "o Trovejador que espalha pedras por quase dois quilômetros" e com "o Raio que cintila assustadoramente", ele subiu aos céus em seu carro puxado por dois Touros do Céu folheados a ouro e de lá "voltou seu rosto" para o inimigo. Embora esteja faltando o final do conto, pois as placas estão muito fragmentadas, fica evidente que Teshub saiu vitorioso.

Quem eram esses deuses antigos que lutaram entre si pela supremacia da Terra, atirando uma nação contra outra?

Encontramos algumas pistas sobre eles nos tratados que puseram fim a algumas das inúmeras guerras que os homens fizeram em favor de seus deuses.

Quando os egípcios e os hititas firmaram a paz depois de mais de dois séculos de conflito, ela foi selada pelo casamento da filha do rei Hattusilish li com Ramsés II. O faraó registrou o evento em estelas comemorativas que mandou colocar em Kamak, na ilha Elefantina, perto de Assuã, e em Abu Simbel.

Descrevendo a viagem e a chegada da princesa ao Egito, a inscrição conta que, quando "Sua Majestade viu que a noiva era tão bela de rosto como uma deusa", imediatamente se apaixonou por ela, considerando-a "um encantador presente do Deus Ptah" e o justo reconhecimento de sua "vitória" pelos hititas. Outros trechos da inscrição esclarecem melhor todas as manobras diplomáticas que levaram a essa história de amor. Treze anos antes, Hattusilish enviara ao faraó os termos de um tratado de paz, mas Ramsés, ainda impressionado com sua experiência quase fatal na batalha de Cades, o ignorara. "O grande chefe de Hatti então escreveu a sua majestade ano após ano, tentando uma conciliação; mas o rei Ramsés não lhe deu atenção". Finalmente, Hattusilish, desistindo das mensagens em placas de argila, "enviou sua filha mais velha, precedida de precioso tributo", acompanhada de nobres da corte. O faraó, depois de receber todos os presentes, designou uma escolta para ir encontrar-se com os visitantes e levá-los para o palácio. Foi então que, como vimos acima, ele sucumbiu aos encantos da princesa. Fazendo dela sua rainha, Ramsés deu-lhe o nome de Maat-Neferu-Ra ("A Beleza que Ra Contempla").

Esse amor à primeira vista foi de muita valia para aumentar nossos conhecimentos sobre a história da Antiguidade, pois o faraó acabou aceitando o tratado de paz, que se mostrou duradouro, e mandou gravá-lo em Karnak, não muito longe da estela com o conto sobre a batalha de Cades e o da

chegada da bela princesa. Duas cópias do texto do tratado - uma quase completa e outra bastante quebrada - foram descobertas, decifradas e traduzidas por egiptólogos, e como resultado não temos apenas todos os termos de acordo, mas sabemos também que o rei hitita escreveu-o em acadiano, a língua usada na época para as relações internacionais, tal como o francês no século 19.

Para o faraó, Hattusilish enviou uma cópia do original em acadiano, gravada numa placa de prata, que a inscrição egípcia no templo de Karnak descreve da seguinte maneira:

O que está no meio da placa de prata, na frente:

Figuras representando Set abraçando o grande príncipe de Hatti, cercadas por uma borda com as palavras "O selo de Set, governante do firmamento; o selo dos regulamentos feitos por Hattusilish"...

O que está dentro do que cerca a imagem do selo de Set no outro lado: Figuras representando a deusa de Hatti abraçando a princesa, cercadas por uma borda com as palavras "O selo de Ra da cidade de Arinna, o senhor da terra"...

O que está dentro da moldura que cerca as figuras: o selo de Ra de Arinna, o senhor de todas as terras.

Nos arquivos reais hititas, os arqueólogos descobriram vários selos reais com desenhos da deidade principal abraçando o rei, exatamente como o descrito no templo de Kamak, inclusive com a inscrição na moldura circular. Por mais incrível que pareça, o tratado original, escrito em acadiano e ocupando duas placas de argila, também foi descoberto no sítio de Bogazköy. Só que o texto hitita chama sua deidade suprema de Teshub, e não "Set de Hatti". Como Teshub, significava "Tempestade de Vento", e Set (a julgar pelo seu nome grego, Tífon) seria "Vento Furioso", tem-se a impressão de que os egípcios e os hititas estavam combinando seus panteões pelos epítetos dos deuses. Acompanhando essa linha, a esposa de Teshub, Hebat, é referida como "Senhora do Firmamento" na versão egípcia do texto, para haver um paralelo com a deidade local conhecida por esse título. Também, o que os egípcios escreveram como Ra ("O Brilhante") era o hitita "Senhor do Firmamento", a quem a versão acadiana chama de Shamash ("O Brilhante"), e assim por diante.

Com a descoberta desses textos, ficou evidente que egípcios e hititas estavam combinando panteões separados, porém paralelos, e os estudiosos começaram a imaginar o que outros tratados da Antiguidade poderiam revelar. Um dos que forneceram informações surpreendentes foi o feito por volta de 1350 a.C. entre o rei hitita Shuppilulima e Mattiwaza, soberano do reino hurrita de Mitanni, que ficava situado às margens do rio Eufrates, entre o país dos hititas e as antigas terras de Sumer e Acad.

Feito em duas cópias, como de hábito, o original do tratado foi depositado no santuário do deus Teshub, na cidade dos hurritas chamada Kahat - e tanto a aplaca como o lugar perderam-se nas areias do tempo. No entanto, a outra cópia, colocada na cidade sagrada dos hititas, Arinna, "diante da deusa do Disco Surgente", foi descoberta pelos arqueólogos cerca de 3300 anos depois! Como todos os tratados escritos na época, esse também terminava com um apelo "aos deuses das partes contratantes para estarem presentes, para ouvirem e servirem de testemunhas", de modo que a adesão aos termos resultasse em bem-aventurança, e a violação em castigo divino. Vinha então a lista dos deuses dos dois reinos começando com Teshub e sua consorte Hebat como as divindades supremas de ambos, seguidos pelos deuses "que regulam a realeza" em Hatti e Mitanni, em cujos santuários seriam guardadas as cópias. Depois havia várias deidades mais jovens, tanto masculinas como femininas, descendentes dos deuses reinantes, tendo ao lado o nome das capitais provinciais onde atuavam como divindades reinantes, representando seu país.

Nesse tratado, os estudiosos encontraram uma lista bem clara, mostrando os mesmos deuses na mesma posição hierárquica, algo bem diverso do caso dos hititas com os egípcios, onde se tentou combinar panteões diferentes. Outros textos encontrados comprovaram que os hititas tinham emprestado seus deuses dos hurritas no início da formação de sua nação. No entanto, esse tratado em particular continha uma surpresa especial para os eruditos. No final da tábua de argila, entre as testemunhas divinas, estavam os nomes de Mitraash, Druwana, Indar e os deuses Nashatiyanu - nada mais nada menos que Mitra, Varuna, Indra e os Nasatya do panteão hindu.

Os deuses hurritas seriam, então a fonte de onde tinham se originado os hititas e os hindus? A resposta foi encontrada nesse mesmo tratado, pois esses deuses "arianos" estavam precedidos dos nomes de seus pais e avós, os "Velhos Deuses": os casais Anu e Antu, Enlil e sua esposa Ninlil, Ea e Damkina, e

mais "o divino Sin, senhor da promessa... Nergal de Kutha... o deus guerreiro Ninurta... a guerreira Ishtar".

Esses nomes são mais que conhecidos. Eles já tinham sido invocados por Sargão de Acad, que afirmara ser "Supervisor de Ishtar, sacerdote ungido de Anu, o grande e virtuoso pastor de Enlil". O neto de Sargão, Naram-Sin ("A Quem o Deus Sin Ama"), escreveu que só pôde atacar a Montanha dos Cedros quando o deus Nergal "abriu o caminho" para ele. Hamurabi da Babilônia marchou contra outras terras "sob o comando de Anu, com Enlil avançando à frente do exército". O rei assírio partiu para suas conquistas atendendo as ordens de Anu, Adad e Ninurta. Shalmaneser lutou com armas fornecidas por Nergal. Asaradão, ao marchar para Nínive, tinha a companhia de Ishtar.

Esclarecedora também foi a descoberta de que os hititas e hurritas, embora falassem línguas diferentes, escreviam o nome de seus deuses em sumério. Até mesmo o adjetivo "divino" era o sumério DIN.GIR, literalmente "Os Justos (DIN) dos Foguetes (GIR)" . Assim, o nome de Teshub era escrito DIN.GIR IM ("O Divino Tempestuoso"), que era o nome sumério do deus Ishkur, também conhecido como Adad; ou podia ser escrito DIN.GIR U, significando "O Deus 10", a posição numérica de Ishkur/ Adad - já que a de Anu era a mais alta (60), vindo em seguida Enlil (50), Ea (40), e assim por diante. Também, como o deus sumério Ishkur-Adad, Teshub era retratado pelos hititas brandindo sua arma emissora de raios, uma "Arma de Brilho".

Na época em que os arqueólogos, escavando a região de Bogazköy, tiraram do esquecimento o povo hitita e seus manuscritos, os estudiosos já tinham como certo que antes dele e dos egípcios, antes da Assíria e da Babilônia, e até mesmo antes de Acad, florescera na Mesopotâmia uma grande civilização, a Suméria, e que todas as outras subseqüentes não passavam de seus rebentos.

Atualmente não existe dúvida nenhuma de que foi na Suméria que as lendas sobre deuses e homens foram registradas pela primeira vez. Os escribas nos deixaram numerosos textos - numa quantidade e com uma riqueza de detalhes surpreendentes -, dos quais se originaram os registros sobre a pré-história e história antiga de nosso planeta. E a esses textos chamamos de AS CRÔNICAS DA TERRA.

A descoberta e a compreensão das civilizações tem sido um processo de contínuo espanto, de surpresa constante. Os monumentos da Antiguidade - pirâmides, zigurates, imensas plataformas artificiais, templos monumentais - teriam permanecido como simples enigmas, indícios mudos de eventos ocorridos há muito tempo, se não fosse a Palavra Escrita. Se não existissem as

inscrições, jamais saberíamos a respeito da idade, dos construtores e do propósito dessas maravilhas antigas.

Devemos tudo o que sabemos aos escribas da Antiguidade um bando prolífico e metucioso que usou monumentos, artefatos, pedras de fundação, tijolos, utensílios, armas e objetos dos mais diferentes materiais para escrever nomes e registrar eventos. Acima de tudo, eles usaram tabuinhas de argila: pedaços de barro úmido, alguns apenas do tamanho da palma da mão, em que o escriba, com gestos hábeis, gravava com um instrumento pontudo os símbolos que formavam sílabas, palavras e sentenças. Em seguida a tabuinha era posta para secar, naturalmente ou em forno, e estava criado um registro permanente. Esses registros sobreviveram a milênios de anos de erosão natural e destruição humana.

Num local após outro, em centros de comércio ou administração, em templos e palácios, por todos os cantos do Oriente Médio da Antiguidade, existiam arquivos estatais e particulares cheios dessas plaquinhas. Havia também verdadeiras bibliotecas, onde elas ficavam cuidadosamente arranjadas, classificadas por temas, com índice, o nome do escriba, em sequência numerada etc. Sem exceção, sempre que continham a história ou a ciência dos deuses, eram identificadas como sendo cópias de tabuinhas anteriores, escritas na "língua antiga".

Os arqueólogos ficaram maravilhados ao descobrir a grandeza da Assíria e da Babilônia, mas o que os surpreendeu ainda mais foram as inscrições falando em "cidades antigas". Também intrigaram-se com o título "rei da Suméria e Acad", que os soberanos desses impérios tanto desejavam.

Só depois da descoberta dos registros sobre Sargão de Acad foi que os estudiosos modernos se convenceram de que um grande reino, o de Acad, realmente florescera na Mesopotâmia meio milênio antes do surgimento da Assíria e da Babilônia. Foi com enorme espanto que eles leram nesses documentos que Sargão "derrotara Uruk e demolira sua muralha... Sargão, rei de Acad, derrotou o povo de Ur... Ele venceu E-Nimmar, derrubou suas muralhas e conquistou seus territórios, de Lagash até o mar. Ele lavou suas armas no mar. Na batalha com os habitantes de Umma, saiu vitorioso...".

Então existiam centros urbanos, cidades fortificadas na época de Sargão de Acad e até antes de 2500 a.C.?

Atualmente se sabe que isso é verdade. Eram as cidades e centros urbanos da Suméria, aquela mesma Suméria que aparecia nos títulos tão ansiados pelos reis da Assíria e da Babilônia. Depois de um século de descobertas

arqueológicas e pesquisas históricas, ficou estabelecido que aquela foi a região onde, há 6 mil anos, começou a Civilização Humana.

Onde, de forma súbita e inexplicada, como se tivessem saído do nada, surgiram uma linguagem escrita e a literatura, reis e sacerdotes, escolas e templos, médicos e astrônomos, arranha-céus, canais, docas e navios, uma agricultura intensiva, uma metalurgia avançada, a indústria têxtil, o comércio e o intercâmbio, leis e conceitos de justiça e moralidade, teorias cosmológicas... E o registro de lendas e eventos da pré-história e da história.

Em todas as inscrições, sejam elas longos contos épicos, sejam provérbios de duas linhas, em textos relativos ao divino ou ao mundano, emergem fatos que revelam os princípios inquebrantáveis dos sumérios e dos povos que vieram depois deles: em tempos muito antigos, os DIN.GIR - "Os Justos dos Foguetes" -, aqueles seres que os gregos passaram a chamar de "deuses", chegaram à Terra vindos de seu próprio planeta. Eles escolheram a parte sul da Mesopotâmia para se estabelecer, fazendo dela seu novo lar. Deram a essa região o nome de KI. EN.GIR - "A Terra do Senhor dos Foguetes" (Shumer, o nome acadiano, significava "Terra dos Guardiões") - e ali fundaram os primeiros povoados na Terra.

Não era à toa que os sumérios afirmavam que os primeiros a estabelecer povoados na Terra tinham sido astronautas de outro planeta. Em todos os textos que falavam sobre o início da civilização, o ponto de partida era sempre algo como: "432 mil anos antes do Dilúvio, os DIN.GIR chegaram à Terra vindo de seu próprio planeta". Os sumérios consideravam esse planeta como o décimo segundo membro de nosso sistema solar, um sistema constituído pelo Sol no centro, a Lua e todos os nove planetas cuja existência conhecemos atualmente, mais um planeta muito grande, cuja órbita dura um *Sar*, ou seja, 3600 anos terrestres. Essa órbita, escreveram, leva o planeta a uma "estação" nos céus distantes e depois o traz para as vizinhanças da Tem, onde ele atravessa o espaço entre Marte e Júpiter. E foi devido a essa posição, mostrada num desenho sumério de 4500 anos, que o planeta ganhou seu nome NIBIRU ("Cruzamento") - e seu símbolo: a cruz.

Por intermédio de numerosos textos sabemos que o comandante dos astronautas que chegou à Terra vindo de Nibiru era chamado E. A. ("Aquele cuja Casa Fica na Água"). Depois de estabelecer Eridu, a primeira base em nosso planeta, ele ganhou o título de EN.KI ("Senhor da Terra"). Uma inscrição descoberta nas ruínas da Suméria registra sua aterrissagem sob a forma de um relato na primeira pessoa:

Quando me aproximei da Terra, havia muita inundação.

Quando me aproximei de suas várzeas verdejantes, ordenei que fossem empilhados montes de terra. Construimos minha casa num lugar puro...

Minha casa... Sua sombra se estende sobre o pântano das cobras.

O texto prossegue descrevendo os esforços de Ea para construir extraordinárias obras de contenção de água nos pântanos da cabeceira do golfo Pérsico. Ele fez a topografia dos manguezais, abriu canais para drenagem e controle da água, construiu diques, escavou valas e erigiu estruturas de tijolos feitos com argila local. Além disso, uniu os rios Tigre e Eufrates por canais e, na margem da área pantanosa, construiu sua Casa na Água, com um ancoradouro e outras facilidades.

Tudo isso não foi feito sem um motivo específico. Havia uma enorme necessidade de ouro no planeta de Ea. E essa necessidade não estava relacionada com usos frívolos, pois nos milênios que se seguiram esses viajantes jamais foram retratados usando jóias. O ouro, sem dúvida, desempenhava um papel importante no programa espacial dos nibiruanos, como fica evidente a partir dos textos hindus que descrevem carros celestiais folheados a ouro. E, de fato, o ouro é um metal vital em muitos dos instrumentos e veículos espaciais de nosso tempo. No entanto, isso apenas não justificaria a intensa procura por ele na Terra e os imensos esforços realizados pelos nibiruanos para minerá-lo aqui e transportá-lo em grandes quantidades para seu planeta. Tudo indica que o metal, devido a suas propriedades singulares, era necessário para atender exigência crucial, relacionada com a própria sobrevivência dos habitantes de Nibiru. É possível que fosse usado suspenso em partículas na atmosfera do planeta, funcionando como um escudo, protegendo-o de uma dissipação que seria fatal.

Ea, filho do governante de Nibiru, foi bem escolhido para a missão. Ele era um engenheiro brilhante, além de cientista, apelidado de NU.DIN.MUD ("O que Faz Coisas"). Seu plano era extrair ouro das tranqüilas águas do golfo Pérsico e das áreas pantanosas adjacentes, que adentravam a Mesopotâmia. Os membros sumérios costumavam mostrá-lo como o deus das águas correntes, sentado num laboratório com frascos interconectados a sua volta.

No entanto, o prosseguimento do relato sugere que nem tudo transcorria de acordo com o planejado. A produção de ouro mantinha-se abaixo das expectativas e, para lhe dar maior velocidade, mais astronautas foram

enviados à Terra. Esses visitantes, que aparecem com o nome de Anartnaki ("Os que do Céu Vieram para a Terra"), começaram a chegar em grupos de cinquenta, e um deles era liderado pelo primogênito de Ea/Enki, MAR.DUK. O relato registra uma mensagem urgente de Marduk a seu pai, na qual ele descreve uma quase calamidade no vôo para a Terra, quando a nave espacial passava perto de um dos grandes planetas do sistema solar, Júpiter provavelmente, e quase colidiu com um de seus satélites. Descrevendo o "ataque" contra sua nave, Marduk, ainda emocionado, contou ao pai:

Ele fora criado como uma arma;

Avançou como se fosse a morte...

Os Anunnaki, que são cinquenta, ele golpeou...

O Orbitador Supremo, voador, com aspecto de pássaro, ele golpeou no peito.

Uma gravação num selo cilíndrico sumério pode ser a ilustração do relato: mostra o Senhor da Terra (à esquerda), ansioso, saudando o filho, que está vestido como um astronauta (à direita), e a espaçonave entre Marte (a estrela de seis pontas) e a Terra (o sétimo planeta do sistema solar, contando-se de fora para dentro), simbolizada por sete pontinhos e com a Lua perto dela.

No planeta natal de Enki, governado por seu pai AN (Anu, em acadiano), as atividades das equipes eram seguidas com ansiedade e expectativa. Pouco a pouco deve ter surgido a impaciência, e depois a decepção, com a falta de progresso. Evidentemente, o plano de extrair ouro da água do mar por meio de processos de laboratório não funcionava como se esperara de início.

Todavia, o ouro continuava sendo de grande necessidade. Os Anunnaki só tinham duas opções: abandonar o projeto ou tentar obter o metal de outra maneira, isto é, pela mineração convencional. Eles sabiam que havia ouro em abundância no AB.ZU ("A Fonte Primeva"), no continente africano. (Nas línguas semitas que derivaram do sumério, até hoje *zaab* - *abzu* com as sílabas invertidas - é a palavra para ouro).

Essa segunda opção, contudo, representava um grande problema. O ouro africano teria de ser retirado das profundezas da terra, o que significava abandonar um processo sofisticado de tratamento de água e enfrentar o duro trabalho de mineração abaixo da superfície do solo. Um empreendimento desse tipo exigiria mais Anunnaki, uma colônia no "lugar dos veios brilhantes", aumento das instalações na Mesopotâmia e uma frota de navios

de minério (MA.GUR UR.NU AB.ZU - "Navios para os Minérios do Abzu") fazendo a ligação entre os dois povoamentos. Enki teria capacidade para administrar tudo isso sozinho?

Anu achou que não. Oito anos de Nibiru depois da chegada de Enki - 28 800 anos terrestres -, ele veio à Terra para examinar a situação com seus próprios olhos e chegou acompanhado do herdeiro legítimo, EN.LIL ("Senhor do Comando"), talvez por considerá-lo mais qualificado para se encarregar da Missão Terra e organizar o transporte do ouro para Nibiru.

A escolha de Enlil pode ter sido fundamental, mas criou sérios problemas, pois só serviu para aumentar a rivalidade e o ciúme entre os dois meios-irmãos. Enki era o primogênito de Anu com Id, uma de suas seis concubinas, e poderia esperar herdar o trono do pai. Mas, como aconteceu no conto bíblico envolvendo Abraão, sua concubina Hagar e Sara sua esposa e meia-irmã, a esposa e meia-irmã de Anu, Antum, lhe deu um filho, Enlil.

Pelas regras de sucessão de Nibiru - fielmente adotadas pelo patriarca da Bíblia -, Enlil tornara-se o herdeiro legítimo, passando à frente de Enki. Podemos imaginar o que Enki sentiu ao ver seu rival, aquele que o privara do trono, chegar à Terra para assumir o comando!

Nunca é demais enfatizar a importância da linhagem nas guerras dos deuses; elas estão na base de todas as lutas pela sucessão e supremacia, tanto em Nibiru como posteriormente na Terra.

De fato, quando deslindamos a intrigante persistência e a ferocidade das guerras dos deuses, tentando encaixá-las na estrutura da história e da pré-história de nosso planeta - uma tarefa jamais tentada antes -, fica claro que todas tiveram origem num código de comportamento sexual não com base na moralidade, mas em considerações de pureza genética. No cerne dessas guerras sempre esteve uma intrincada genealogia que determinava a hierarquia e a sucessão, e os atos sexuais dos que pertenciam à linhagem dominante não eram avaliados por sua ternura ou violência, mas por seu propósito e resultado.

Existe uma lenda suméria que conta como Enlil, o comandante-chefe dos Anunnaki, encantou-se com uma jovem enfermeira que viu nadando nua num rio. Ele a persuadiu a acompanhá-lo num passeio de barco e fez sexo com ela, apesar dos protestos da moça ("Minha vulva é pequena, não conhece cópula"). Apesar de sua parte patente, Enlil foi preso pelos "cinquenta deuses superiores" quando voltava para sua cidade, Nippur, e "os sete Anunnaki juízes" o consideraram culpado do crime de estupro, condenando-o ao exílio

no Abzu. Ele só foi perdoado quando se casou com a jovem deusa, que o seguiu até o exílio.

Muitas canções celebraram o caso de amor entre Inanna e um jovem deus chamado Dumuzi, descrevendo com comovente ternura seus atos sexuais:

Ó, eles puseram sua mão na minha para mim.

Ó, eles puseram seu coração perto do meu para mim.

Doce é dormir de mão dada com ele, mas o mais doce dos doces é também a beleza e me unir coração a coração com ele.

O tom aprovador dos versos é compreensível, pois Dumuzi era o noivo de Inanna, escolhido por ela com a aprovação de seu irmão UtuShamash. Mas para nós é bastante difícil entender um texto em que Inanna descreve cenas de amor apaixonado com o próprio irmão:

Meu amado veio ao meu encontro, extraiu de mim, regozijou-se junto comigo.

Meu irmão levou-me a sua casa, fez-me deitar em seu doce leito...

Em uníssono as línguas trabalhando em uníssono, meu irmão, o do mais belo dos rostos, fez cinquenta vezes.

Devemos ter em mente que o código de conduta dos Anunnaki proibia o casamento, mas não o amor entre irmão e irmã plenos. Por outro lado, o casamento entre meios-irmãos era até encorajado, e os descendentes desse casal tinham precedência na ordem hierárquica. Enquanto o estupro era condenado, o sexo, mesmo se irregular e violento, era aceito desde que visasse a sucessão ao trono. Uma longa história relata como Enki, desejando ter um filho homem de sua meia-irmã Sud, aproveitou-se do fato de encontrá-la sozinha e "derramou sêmen em seu ventre". Sud, porém, deu à luz uma filha, e Enki, ainda querendo um herdeiro, passou a fazer amor com a menina logo que ela se tornou "jovem e bela". "Ele extraía prazer dela, abraçava-a, deitava em seu colo; ele toca as coxas, ele toca a ... Da menina com quem coabita". Esse tipo de coisa continuou despudoradamente com uma sucessão de filhas jovens até que Sud lançou uma maldição em Enki, que o deixou paralisado. Só então cessaram suas estripulias sexuais em busca de um herdeiro.

Quando Enki envolveu-se nessas artes, ele já estava casado com Ninki, o que mostra que o mesmo código que condenava o estupro não proibia o incesto ou aventuras extraconjugais. Sabemos que os deuses podiam ter esposas e concubinas à vontade (um texto catalogado como CT-24 dá uma lista de seis concubinas de Anu), mas eram obrigados a escolher uma delas como a consorte oficial, dando sempre preferência a uma meia-irmã.

Quando um deus, além de seu nome e vários epítetos, era contemplado com um nome-título, a consorte oficial passava a ser honrada com a forma feminina correspondente. Assim, quando An recebeu seu título ("O Celestial"), sua consorte passou a ser chamada de Antu, ou seja, Anu e Antum em acadiano. A enfermeira que se casou com Enlil ("O Senhor do Comando") recebeu o título-nome de Ninlil ("A Senhora do Comando"); a esposa de Enki, Damkina, era chamada de Ninki, e assim por diante.

Devido à importância das relações familiares entre esses grandes Anunnaki, muitas das chamadas Listas de Deuses feitas pelos antigos escribas eram de natureza genealógica. Numa delas, intitulada AN:ilu Anun, estão os nomes de "quarenta e dois antepassados de Enlil", arrançados como vinte e um casais divinos. Isso devia ser um sinal de grande linhagem real, pois dois documentos que tratam de Anu também dão uma lista de vinte e um casais ancestrais em Nibiru. Aprendemos que os pais de Anu eram AN.SHAR.GAL ("O Grande Príncipe do Céu") e KI.SHAR.GAL ("A Grande Princesa do Solo Firme") e, como seus nomes indicam, eles não eram o casal reinante de Nibiru. Sendo um grande príncipe, o pai de Anu devia ser o herdeiro legítimo, e sua consorte a primeira filha do governante (com uma esposa diferente) e, assim, sua meia-irmã.

Nesses acontecimentos ligados à genealogia estão a chave para a compreensão tanto dos eventos ocorridos em Nibiru, antes da vinda de seus habitantes para a Terra, como dos eventos posteriores, depois de sua chegada a nosso planeta. O fato de os nibiruanos terem mandado Ea vir à Terra em busca de ouro significa que eles já estavam a par da disponibilidade do metal neste planeta bem antes da chegada do primeiro grupo. Como?

As respostas podem ser muitas. Talvez tenham sondando a Terra com satélites não tripulados, tal como atualmente estamos fazendo em relação a outros planetas de nosso sistema solar. É possível que tenham feito rápidas expedições à Terra, como fizemos à Lua. Na verdade, quando lemos os textos que tratam das viagens espaciais entre Nibiru e a Terra, não podemos descartar a possibilidade de eles também terem pousado em Marte.

Não sabemos *se nem quando* aconteceram essas primeiras aterrissagens *premeditadas*, mas existe uma crônica muito antiga que fala de um pouso anterior feito em circunstâncias dramáticas, quando um governante deposto de Nibiru fugiu para nosso planeta pilotando sua espaçonave!

Essa fuga deve ter acontecido bem antes de Ea ser mandado à Terra pelo pai, porque foi em decorrência dele que Anu conquistou o trono.

A informação está contida num texto cuja versão hitita recebeu dos eruditos o nome de *Realeza no Céu*. Ele nos esclarece sobre a vida na corte de Nibiru e conta uma história de traição e usurpação digna de uma peça de Shakespeare. Revela que, quando chegou a hora da sucessão, seja por morte natural ou de outra forma qualquer, quem subiu ao trono não foi Anshargal, o pai de Anu e herdeiro legítimo, mas sim um parente chamado Alalu (Alalush, no texto hitita).

Com um gesto de reconciliação, ou por ser o costume, Alalu indicou Anu para o cargo de copeiro-mor, uma posição de grande honra e confiança que conhecemos por intermédio de vários textos e desenhos do Oriente Médio da Antiguidade. Mas, depois de nove anos nibiruanos, Anu (Anush, em hitita) "desafiou Alalu em batalha" e o depôs:

Uma vez, nos velhos dias, Alalush era rei no Céu.

Alalush estava sentado no trono; o poderoso Anush, primeiro entre os deuses, estava parado diante dele.

Ele fazia uma reverência com uma taça nas mãos, Por nove períodos contados, Alalush foi rei no Céu. No nono período contado, Anush desafiou Alalush em batalha.

Foi então que, como nos conta esse antigo texto, ocorreu a dramática fuga para a Terra.

Alalush foi derrotado e fugiu da presença de Anush.

Desceu para a Terra de tons escuros.

Anush sentou-se no trono.

Embora seja possível que muito sobre nosso planeta e seus recursos já fossem do conhecimento dos habitantes de Nibiru antes do vôo de Alalu, o fato é que nesse relato temos o registro de uma aterrissagem de nibiruanos antes da chegada da missão de Ea. As *Listas de Reis Sumerianas* relatam que o

primeiro administrador da cidade de Eridu chamava-se Alulim - nome que poderia ser um outro epíteto para EA/Enki ou a versão suméria de Alalu. Com isso, ocorre-nos que Alalu, apesar de ser um governante deposto, pudesse estar preocupado com o destino de seu planeta natal a ponto de avisar o usurpador de seu trono que encontrara ouro nas águas da Terra. Uma informação que talvez confirme essa teoria é o fato de que houve uma reconciliação entre o usurpador e a família do derrotado, pois Anu indicou Kumarbi, neto de Alalu, para ser seu copeiro-mor.

No entanto, esse gesto de reconciliação só serviu para fazer a história se repetir em Nibiru. Apesar de todas as honras, Kumarbi não conseguiu esquecer que Anu usurpara o trono de seu avô. Com o passar do tempo sua hostilidade foi se tornando cada vez mais óbvia, até que Anu "não conseguia mais suportar o olhar de Kumarbi".

Foi por isso que, ao decidir vir à Terra em companhia do herdeiro legítimo Enlil, Anu achou mais seguro trazer também o jovem Kumarbi. As duas decisões terminaram por estragar a visita com disputas e uma agonia pessoal para Anu.

A resolução de trazer Enlil e colocá-lo no comando da missão criou discussões acaloradas com Enki, que ecoam em vários textos já decifrados. Enki, furioso, ameaçou deixar a Terra e voltar para Nibiru. No entanto, e se ao voltar para lá Enki resolvesse usurpar o trono? Anu poderia permanecer na Terra e indicar Enlil como seu substituto temporário em Nibiru, mas e se Enlil se recusasse a entregar o trono na volta do pai? Havia desconfiança por todos os lados. Finalmente ficou decidido que eles deixariam a escolha a cargo do destino, fazendo um sorteio. A divisão de autoridade que se seguiu é mencionada repetidamente nos textos sumérios e acadianos. Uma das mais longas Crônicas da Terra, um texto chamado *O Épico Atra Hasis*, registra o sorteio e seu resultado:

Os deuses deram-se as mãos, depois jogaram a sorte e dividiram:

Anu subiu para o Céu;

A Terra tomou-se súdita de Enlil;

Aquilo que o mar envolve como um laço deram ao príncipe Enki.

Enki ao Abzu desceu e assumiu o governo de Abzu.

Acreditando ter conseguido separar os irmãos rivais, "Anu subiu ao Céu". No entanto, enquanto estava no Firmamento da Terra, uma virada inesperada nos

eventos o surpreendeu. Talvez como uma precaução, Kumarbi fora deixado na plataforma espacial que orbitava nosso planeta. Quando Anu chegou, pronto para partir na longa viagem de volta a Nibiru, viu-se confrontado pelo seu copeiro-mor. Palavras ásperas logo deram lugar a uma luta: Anu deu batalha a Kumarbi, e Kumarbi deu batalha a Anu. Vendo-se superado pelo adversário mais jovem, "Anu tentou desvencilhar-se das mãos de Kumarbi", mas este conseguiu agarrá-lo pelos pés e "mordeu-o entre os joelhos", ferindo Anu em sua "virilidade". Foram encontradas figuras antigas que ilustram a luta, mostrando inclusive o hábito dos Anunnaki de se ferirem nos órgãos genitais durante os combates pessoais.

Desonrado, cheio de dores, Anu partiu para Nibiru, deixando Kumarbi com os astronautas que tripulavam a plataforma orbital e os ônibus espaciais. Mas, antes de ir, amaldiçoou seu jovem inimigo, desejando que ele criasse "três monstros em sua barriga".

A similaridade entre esse conto hitita com a lenda da castração de Urano por Cronos não pede análises mais elaboradas. E, tal como nas lendas gregas, esse episódio preparou a cena para as guerras entre os deuses e os Titãs.

Depois da partida de Anu, a Missão Terra foi acelerada.

À medida que mais Anunnaki iam aterrissando - seu número acabou chegando a seiscentos -, alguns eram mandados ao Mundo Inferior para ajudar Enki na mineração do ouro, outros iam engrossar a tripulação dos navios de minério e o restante ficava com Enlil na Mesopotâmia. Nessa região foram fundados novos povoados, de acordo com um plano diretor elaborado por Enlil, parte de um plano completo de organização de procedimentos:

**Ele aperfeiçoou os procedimentos, ordens divinas;
Estabeleceu cinco cidades em lugares perfeitos,
Deu um nome a cada uma.
Arranjou-as como centros.
A primeira dessas cidades, Eridu,
Ele concedeu a Nudimmud, o pioneiro.**

Cada um desses povoados pré-diluvianos da Mesopotâmia tinha uma função específica, revelada por seu nome. O primeiro foi E.RI.DU ("Casa Construída num Lugar Longínquo"), o local de extração do ouro, situado à margem das águas, que permaneceu sempre como a residência de Ea na Mesopotâmia. Depois veio BAD.TIBIRA ("Lugar Brilhante onde os Minérios são

Finalizados"), o centro metalúrgico onde era feita a fundição e o refino do ouro. Em seguida LA.RA.AK ("Vendo a Luz Brilhante"), a cidade onde ficava o radiofarol que orientava a aterrissagem dos ônibus espaciais. SIPRAR ("Cidade dos Pássaros"), o local do espaçoporto. E, depois, SHU.RUP.PAK ("O Lugar do Máximo Bem-Estar"), equipado com centro médico e que foi colocado sob a direção de Sud ("Aquele que Ressuscita"), meia-irmã tanto de Enki como de Enlil.

Uma outra cidade-guia, LA.AR.SA ("Vendo a Luz Vermelha"), também foi construída, pois a complexa operação da Missão Terra dependia de uma coordenação perfeita entre os Anunnaki e trezentos astronautas, os IGIGI ("Os que Vêm e Observam"), que permaneciam orbitando a Terra. Agindo como intermediários entre a Terra e Nibiru, os Igigi tripulavam as plataformas orbitais, onde ficavam estocadas as barras de ouro vindas da Terra nos ônibus espaciais, para serem transferidas posteriormente às espaçonaves maiores. Essas espaçonaves maiores depois as transportavam para o planeta-mãe, quando este se aproximava da Terra, completando sua enorme órbita elíptica. O mesmo caminho, ao contrário, era seguido na entrega de equipamentos e novos astronautas para a Terra.

Toda essa operação exigia um Centro de Controle da Missão, que logo Enlil começou a construir e equipar. Ele recebeu o nome de NIBRU.KI ("O Lugar de Nibiru na Terra") - Nippur, em acadiano. Lá, sobre uma plataforma artificialmente construída, equipada com antenas - o protótipo da "Torre de Babel" -, ficava uma câmara secreta, a DIR.GA ("Câmara Escura, Incandescente"), onde eram guardados os mapas espaciais ("Os emblemas das estrelas") e mantido o DUR.AN.KI ("O Vínculo entre o Céu e a Terra").

As crônicas garantem que os primeiros povoados dos Anunnaki na Terra foram "arranjados como centros". A essa afirmação enigmática podemos acrescentar o mistério das palavras dos reis pós-diluvianos, que diziam que, ao reconstruírem na Suméria as cidades arrasadas pelo dilúvio, tinham seguido:

O perene plano básico, que durante todo o tempo a construção determinou.

Ele é aquele que contém os desenhos dos Tempos Antigos e a escrita do Céu Superior.

O enigma fica resolvido quando marcamos as primeiras cidades fundadas por Enki e Enlil no mapa da região e as ligamos com círculos concêntricos. De fato elas foram “arranjadas como centros”, todas eqüidistantes do Centro de Controle da Missão, em Nippur. E sua disposição era mesmo um plano vindo do “Céu Superior”, pois só faz sentido a alguém que pudesse ver todo o Oriente Médio de bem alto. Escolhendo como o marco geodésico o monte Ararat com seus dois picos - o acidente geográfico mais notável da área -, os “deuses” construíram seu espaçoporto no ponto onde um eixo norte cortando o Ararat cruzava o rio Eufrates, facilmente visível. Nesse “perene plano básico”, todas as cidades estavam arranjadas em flecha, determinando o Corredor de Aterrissagem até o espaçoporto de Sippar.

As periódicas remessas de ouro para Nibiru devem ter aplacado até mesmo as grandes rivalidades naquele planeta, pois Anu continuou seu soberano por um longo tempo. No entanto, os principais atores que ficaram na Terra, neste palco de “tons escuros”, estavam prontos para dar vazão a todas as emoções imagináveis e entrar em incríveis conflitos.

5

AS GUERRAS DOS DEUSES ANTIGOS

A primeira visita de Anu à Terra e as decisões tomadas nessa ocasião determinaram o curso dos eventos terrestres nos milênios que se seguiram. Com o tempo, levaram à criação de Adão - o ser humano (*Homo sapiens*) como o conhecemos - e plantaram as sementes do futuro conflito entre Enki, Enlil e seus descendentes aqui em nosso planeta.

Mas, antes disso, houve as lutas constantes e amargas entre a Casa de Anu e a Casa de Alalu, uma inimizade que veio explodir na Terra, gerando a Guerra dos Titãs. Nela, os "deuses do céu" confrontaram-se com os "deuses que habitam a Terra de tons escuros", e em seu clímax envolveu um levante dos Igigi!

De acordo com o texto *Realeza do Céu*, sabemos que essa guerra aconteceu nos primeiros tempos da colonização realizada pelos nibiruanos e logo após a primeira visita de Anu. Falando de adversários, o texto refere-se aos "poderosos deuses antigos, os deuses dos velhos tempos". Depois de enumerar o nome de cinco ancestrais de Anu e Alalu, chamando-os de "pais e mães dos deuses", é iniciado o relato da usurpação do trono de Nibiru, a fuga de Alalu, a visita de Anu à Terra e sua briga com Kumarbi.

A história contada em *Realeza no Céu* continua e é ampliada em vários outros textos hititas/hurritas, que os estudiosos denominam coletivamente O Ciclo Kumarbi. Esses relatos encontravam-se em tábuas de argila bastante danificadas, e foi preciso um trabalho laborioso dos pesquisadores, quase a montagem de um quebra-cabeças, para se obterem textos legíveis. Eles se tornaram compreensíveis com a descoberta de outros fragmentos e diferentes versões da lenda, que possibilitaram a montagem de uma seqüência mais lógica, como se pode ver nas obras de H. Güterbock (*Kumarbi Mythen von Churristischen Kronos*) e H. Otten (*Mythen von Gotte Kumarbi – Neue Fragmente*).

Os textos não esclarecem quanto tempo Kumarbi ficou em órbita depois da briga com Anu. Sabemos apenas que, depois de ter cuspidos as "pedras" que a maldição de seu adversário fizera crescer em sua barriga, ele desceu à Terra. Por motivos que não conhecemos, mas que talvez estivessem explicados nas partes das placas de argila que se perderam, Kumarbi foi procurar Ea no Abzu.

Depois disso, versos um tanto mutilados começam a falar no aparecimento em cena do Deus Tempestade, Teshub, que, segundo os sumérios, era IshkurÂdad, o filho mais novo de Enlil. O Deus Tempestade provoca a ira de Kumarbi ao falar das qualidades e objetos que ganhará de cada um dos outros deuses. Entre essas qualidades está a Sabedoria, que será retirada de Kumarbi. "Tomado de fúria, Kumarbi foi a Nippur". Os pedaços que faltam nos textos nos deixam na ignorância sobre o que aconteceu naquela cidade, o quartel-general de Enlil. Mas o fato é que, depois de uma estada de sete meses, Kumarbi voltou ao Abzu para se aconselhar com Ea.

Ea sugeriu que Kumarbi deveria "ascender aos céus" para procurar o apoio de Lama, "mãe dos dois deuses", o que indica que ela devia ser a matriarca das duas dinastias em conflito. Com certeza pensando em extrair alguma vantagem pessoal da situação, Ea ofereceu-se para transportar Kumarbi até a Morada Celestial em seu MAR.GID.DA ("Carro Celestial"), que os acadianos chamavam de Ti-ia-ri-ta, o "veículo voador". Mas a deusa-mãe, ao descobrir que Ea se aproximava sem a permissão da Assembléia dos Deuses, mandou "ventos com relâmpagos" contra sua espaçonave, forçando-o a voltar à Terra. No entanto, em vez de completar todo o caminho de volta e aterrissar, Kumarbi preferiu ficar com os deuses que se mantinham em órbita no Firmamento terrestre, chamados pelos hititas de Irsirra ("Os que Vêm e Orbitam"), isto é, os Igigi sumérios. Com um excesso de tempo livre,

"Kumarbi estava cheio de pensamentos... rondando sua mente... ele tem idéias de criar infelicidade... ele trama o mal". Na verdade, o essencial desses pensamentos era que ele devia ser proclamado "o pai de todos os deuses", ou seja, a deidade suprema!

Com o apoio dos Irsirra para sua empreitada, Kumarbi "calçou sapatos ligeiros" e voou para a Terra. Aqui chegando, mandou seus emissários procurarem os deuses-chefes para lhes transmitir sua exigência.

Foi então que Anu decidiu colocar um ponto final em tudo aquilo. Para derrotar de uma vez por todas o neto de Alalu, seu grande adversário, chamou seu próprio neto, o "Deus Tempestade" Teshub, e ordenou que ele encontrasse Kumarbi e o matasse. Num dos combates entre os dois houve a participação de setenta deuses, todos em seus carros celestiais. Apesar de a maioria das cenas de batalha não poder ser encontrada, devido à quebra das tabuinhas de argila, sabemos que no final Teshub foi o vencedor.

No entanto, a derrota de Kumarbi não pôs fim à guerra. Por intermédio de outros textos do Ciclo Kumarbi, sabe-se que antes de sua derrota ele conseguiu fecundar uma deusa da montanha com seu sêmen, o que levou ao nascimento de seu vingador, o "Deus Pedra" Ullikummi. Enquanto escondia seu maravilhoso (ou monstruoso) filho entre os deuses Irsirra, Kumarbi foi instruindo-o para que, quando crescesse, atacasse "a bela cidade de Kummyia", de Teshub, "combatesse o Deus Tempestade e o fizesse em pedaços... derrubasse todos os deuses do céu, como se fossem pássaros!". Tendo vencido na Terra, Ullikummi deveria "ascender aos céus para procurar a realeza e conquistar o trono de Nibiru pela força". Depois de dar essas ordens, Kumarbi sai de cena nos textos.

O menino permaneceu escondido por um longo tempo e, quando se tornou adulto - assumindo proporções gigantescas -, foi visto por UtuShamash enquanto este passeava pelos céus. Utu apressou-se em ir à morada de Teshub para informá-lo do aparecimento do Vingador. Depois de servir bebida e comida para acalmar Utu, Teshub deu-lhe ordens para "montar em seu carro e ascender aos céus", de modo a poder vigiar Ullikummi. Em seguida, subiu até a Montanha de Observação para ver o Deus Pedra com seus próprios olhos. "Ele olhou para o impressionante Deus Pedra e, tomado de ira, brandiu o punho."

Percebendo que não havia alternativa para a batalha, Teshub aprontou seu carro para o combate. O texto hitita o chama pelo seu nome sumério: ID.DUG.GA, "O Cavaleiro de Chumbo que Flutua". As instruções para a

preparação do veículo, onde o texto hitita apoiou-se fortemente na terminologia suméria original, merecem ser citadas. Elas começam pedindo a ligação do veículo com o "Grande Quebrador"; e prosseguem mandando prender na frente o "Touro" (unidade de força) que "acende" e o "Touro do Altíssimo Míssil", na parte de trás; instalar na dianteira o aparelho de navegação ou radar "Que Mostra o Caminho", ativar os instrumentos com as "Pedras" que fornecem energia poderosa; em seguida armar o veículo com o "Trovejador", carregando-o com nada mais nada menos que oitocentas "Pedras de Fogo".

O "Grande Quebrador" do "Brilhante Cavaleiro de Chumbo", que eles lubrifiquem com óleo e mexam.

O "Touro que Acende", que coloquem entre os chifres.

O "Touro do Altíssimo Míssil", da traseira, que cubram de ouro.

"O Que Mostra o Caminho" da parte da frente, que eles ponham e virem, e coloquem em seu interior as poderosas "Pedras".

Que tragam o "Trovejador" que espalha pedras por trinta léguas, certificando-se que as "Pedras de Fogo" com oitocentos... Cubram.

O "Relâmpago que Brilha Assustadoramente", que tragam de sua câmara de armazenamento.

Que tragam para fora o MAR.GID.DA e o aprontem!

"Dos céus, por entre as nuvens, o Deus Tempestade voltou seu rosto para o Deus Pedra". Depois dos primeiros combates, em que Teshub não foi bem-sucedido, seu irmão Ninurta entrou na batalha para ajudá-lo. Mesmo assim o Deus Pedra continuou incólume e levou o conflito até os portões de Kummyia, a cidade do Deus Tempestade.

Ali, a esposa de Teshub, Hebat, acompanhava os combates pelos relatórios que recebia numa câmara interior da casa do deus. Mas os mísseis de Ullikummi "forçaram Hebat a sair de casa, e ela não podia mais ouvir as mensagens dos deuses... nem as mensagens de Teshub, nem as de todos os outros deuses". Ela então mandou seu mensageiro "calçar sapatos rápidos" para ir até onde os outros deuses estavam reunidos e trazer notícias da batalha, pois temia que o Deus Pedra pudesse ter matado seu marido, "o nobre príncipe".

Teshub, contudo, continuava vivo. Aconselhado por seu camareiro a se esconder num lugar montanhoso, ele se recusou dizendo que, se fizesse isso, não haveria "rei no céu"! Os dois então decidiram ir procurar Ea no Abzu, para lá encontrar um oráculo capaz de ler "as velhas tábuas com as palavras do destino".

Percebendo que Kumarbi gerara um monstro que estava passando dos limites, Ea foi procurar Enlil para avisá-lo do perigo: "Ullikummi bloqueará o acesso para o céu e as casa sagradas dos deuses!". Então foi convocada uma assembléia dos Grandes Anunnaki. Eles não sabiam o que fazer, até que Ea encontrou uma solução. Mandou que trouxessem do depósito lacrado dos "cortadores de pedra" um certo Velho Cortador e cortassem os pés de Ullikummi, o Deus Pedra.

O monstro ficou aleijado. Quando os deuses souberam do fato, "foram ao local da assembléia e todos começaram a gritar contra Ullikummi". Teshub saltou para dentro de seu veículo, "alcançou o Deus Pedra no mar e entrou em combate com ele". No entanto, seu adversário continuava forte, pois avisou: "Kummyia eu destruirei, da Casa Sagrada me apoderarei, os deuses expulsarei... subirei ao céu para assumir a realeza".

As linhas finais desse conto hitita estão totalmente destruídas, mas talvez nos contassem algo parecido com a conclusão do relato sânscrito sobre a batalha final entre Indra e o "demônio" Vritra:

**Então formou-se uma visão aterradora, quando deus e demônio
engalfinharam-se em luta.**

**Vritra lançou seus dardos afiados, raios e relâmpagos escaldantes...
Os raios começaram a cintilar, os luminosos trovões a estourar, por Indra
orgulhosamente arremessados...**

**E logo a dobrar os sinos da condenação de Vritra soou impulsionado pelo
clamor da chuva de ferro de Indra.**

**Perfurado, pisoteado, esmagado, com um horrível grito, o demônio
moribundo caiu de sua torre feita de nuvens... E Indra exterminou-o
atirando o raio entre seus ombros.**

Essa, acreditamos, foi a guerra entre os "deuses" e "Titãs" da mitologia grega. Ninguém até agora descobriu o significado do nome "Titãs", mas se ele, como as lendas, tem origem suméria, poderia ser TI.TA.AN, que podemos traduzir literalmente por "Aqueles que Moram no Céu" - o termo exato para designar

os Igigi liderados por Kumarbi. E seus adversários seriam os Anunnaki "que estão na Terra".

Os textos sumérios de fato registram uma antiga luta de vida ou morte entre um neto de Anu e um "demônio" - um membro de um clã diferente -, na lenda chamada de "O Mito de Zu". Essa lenda bem poderia ser o original de que derivaram os contos hititas e hindus.

O herói da lenda é Ninurta, filho de Enlil com sua meia-irmã Sud, e o cenário é a época logo após a visita de Anu à Terra. Sob o comando geral de Enlil, os Anunnaki, tanto os do Abzu como os da Mesopotâmia, estão cuidando das tarefas para as quais foram designados. O ouro é extraído e transportado, em seguida fundido e refinado. No espaçoporto de Sippar, os ônibus espaciais vão e vêm levando o precioso metal para as estações orbitais operadas pelos Igigi, de onde ele será transportado para o planeta-mãe nas naves espaciais que chegam periodicamente.

O complexo sistema de operações - pousos e decolagens das naves, comunicações entre a Terra e Nibiru enquanto os dois planetas prosseguem em suas órbitas tão diferentes - é coordenado no Centro de Controle da Missão em Nippur. Lá, no alto de uma plataforma elevada, ficava a sala DIR.GA, o aposento mais restrito, o "santo dos santos", que abrigava os mapas celestes e os painéis com os dados orbitais - as Tábuas dos Destinos.

Um deus maligno chamado Zu conseguiu entrar nessa câmara e roubou essas tábuas essenciais, ficando assim com o destino dos Anunnaki, tanto os da Terra como os de Nibiru, em suas mãos.

Uma grande parte dessa lenda pôde ser restaurada pela combinação de trechos originais com partes das versões assírias e babilônicas da mesma história, mas por um longo tempo ficamos sem conhecer o segredo da verdadeira identidade de Zu e como ele pôde ter acesso à Dirga, pois essas informações se encontravam nas partes quebradas das placas de argila. O mistério só foi solucionado em 1979, quando dois pesquisadores - W. W. Hallo e W. L. Moran -, usando uma tabuinha encontrada na Coleção Babilônica da Universidade de Yale, conseguiram reconstituir o início da lenda.

Em sumério, o nome Zu significava "Aquele que Sabe", ou seja, alguém perito em algum tipo de conhecimento. A lenda por várias vezes refere-se ao vilão como AN.ZU - "Aquele que Conhece os Céus" -, sugerindo sua conexão com o programa espacial que unia a Terra a Nibiru. E, de fato, o início recém-descoberto da história conta como Zu, um órfão, foi adotado pelos astronautas

que tripulavam os ônibus espaciais e as plataformas orbitais, os Igigi, aprendendo com eles os segredos dos céus e das viagens interplanetárias.

A ação começa quando os Igigi reunidos, "vindos de todas as partes", decidiram fazer um apelo a Enlil. Sua queixa era que "até aquela época não fora construído um lugar para os Igigi recuperarem o fôlego". Em outras palavras, ainda não existia na Terra um centro de recreação e lazer para eles descansarem, recuperando-se dos rigores da falta de gravidade e da permanência no espaço. Zu foi escolhido como o porta-voz do grupo e enviado para Nippur.

Enlil, "o pai dos deuses", recebeu-o no DUR.AN.KI e pensou "no que eles queriam". Enquanto ponderava o pedido, "estudou atentamente o celestial Zu". Afinal, quem era aquele emissário que, apesar de usar o uniforme dos astronautas, evidentemente não era um deles? Enquanto crescia a desconfiança de Enlil, seu meio-irmão, Ea, que conhecia a verdadeira origem de Zu, sugeriu que, se o comandante supremo desse ordens para o emissário permanecer no quartel-general, poderia adiar a resposta para a reivindicação dos Igigi. E acrescentou: "Que ele entre a seu serviço no santuário, na sede mais interna, que seja ele a fazer o bloqueio do caminho".

O deus Enlil atendeu as palavras de Ea.

No santuário, Zu assumiu seu posto...

Na entrada da câmara, no local indicado por Enlil.

E assim foi que, com a conivência de Ea, um deus adversário - um descendente de Alalu - foi admitido na câmara mais secreta de Nippur. A lenda diz que, lá, "Zu constantemente avista Enlil, o pai dos deuses, o deus do Vínculo Céu-Terra... suas tábuas celestes ele constantemente avista". Logo o recém-chegado começou a elaborar um plano. "O afastamento de Enlil ele concebeu no coração".

Pegarei a Tábua dos Destinos; os decretos dos deuses governarei.

Estabelecerei meu trono, serei o mestre dos Decretos Celestes; os Igigi no espaço comandarei!

"Tendo tramado a agressão em seu coração", Zu viu a oportunidade adequada no dia em que Enlil, desejando refrescar-se, saiu para nadar. "Ele pegou a Tábua dos Destinos" e, no seu Pássaro, levantou vôo e fugiu para

HUR.SAG.MU ("Montanha das Câmaras Celestiais"). Mas, já no instante em que se apoderara das Tábuas, tudo se imobilizara:

Suspensas ficaram as Fórmulas Divinas; a claridade se apagou; o silêncio prevaleceu.

No espaço, os Igigi estavam confusos; o brilho do santuário fora retirado.

De início, "Enlil ficou boquiaberto". À medida que as comunicações iam sendo restabelecidas, "os deuses da Terra iam se reunindo um a um ao saberem da notícia". Em Nibiru, Anu também foi informado do acontecido. Ficou claro que Zu teria de ser capturado, para que a Tábua dos Destinos fosse devolvida a Dirga. Mas quem se encarregaria disso? Vários deuses jovens de valor reconhecido foram sondados para a missão, mas ninguém se dispôs a enfrentar Zu na distante montanha. Agora ele passara a ser tão poderoso quanto Enlil, pois roubara seu "Brilho" e "aquele que se opuser a Zu se tornará como barro... diante do Brilho os deuses se consomem".

Foi então que Ninurta, o herdeiro legal de Enlil, apresentou-se como voluntário, pois como salientara Sud, sua mãe, Zu não apenas privara Enlil da futura realeza, mas privara também seus descendentes, como Ninurta. Sud aconselhou o filho a atacar Zu em seu esconderijo também usando uma "Arma de Brilho", mas só deveria empregá-la depois de conseguir se aproximar sob a proteção de uma nuvem de poeira. Para criá-la, ela lhe emprestaria seus próprios "sete turbilhões que levantam a poeira".

"Mais firme em sua coragem para a batalha", Ninurta partiu para o monte Hazzi - montanha também encontrada nas lendas sobre Kumarbi - e lá prendeu ao seu carro suas armas e os sete turbilhões que levantavam a poeira, saindo em seguida ao encontro de Zu "para desencadear uma guerra pavorosa, uma violenta batalha".

Zu e Ninurta confrontaram-se nas faldas da montanha.

Quando Zu o avistou, explodiu de raiva.

Com seu Brilho, fez a montanha iluminar-se como se fosse dia.

Ele soltou seus raios com fúria.

Incapaz de identificar seu oponente, devido à tempestade de areia, Zu gritou:

"Eu me apoderei de toda a Autoridade, dos decretos dos deuses que agora dirijo! Quem és tu que vem lutar comigo? Explica-te!".

Mas Ninurta continuou avançando, anunciando que fora indicado por Anu em pessoa para prendê-lo e recuperar a Tábua dos Destinos. Ouvindo isso, Zu desligou seu Brilho, e "o rosto da montanha cobriu-se de trevas". Sem medo, Ninurta entrou na escuridão. Do "peito" de seu carro soltou um relâmpago na direção do adversário, mas não conseguiu atingi-lo, pois "o relâmpago voltou". Devido ao poder que Zu obtivera, nenhum raio seria capaz de "se aproximar de seu corpo".

Por causa disso, "a batalha parou, o conflito cessou; as armas pararam no meio da montanha; elas não venceram Zu" .

Sem saber o que fazer, Ninurta pediu a seu irmão mais novo, IshkurÃdad, que fosse pedir conselho ao pai deles. "Ishku, o príncipe, levou o recado: as notícias da batalha contou a Enlil".

Enlil instruiu Ishkur a voltar e dizer ao irmão: "Não canse da batalha; prove tua força!". Porém, mais praticamente, enviou ao filho um *tillu* - um míssil - para prender no seu Trovejador lançador de projéteis. Explicou que Ninurta, em seu Pássaro Turbilhão, deveria chegar o mais próximo possível do Pássaro de Zu até eles ficarem "asa com asa". Em seguida, deveria mirar as "penas das asas" do Pássaro de Zu e "deixar o *tillu* voar como um raio".

"Quando o Brilho Flamejante tomar conta das penas, as asas vibrarão como borboletas. Então Zu será vencido."

Faltam as cenas da batalha em todas as placas de argila que contêm a lenda, mas sabemos que mais de um Pássaro Turbilhão participou dos combates. Fragmentos de cópias, encontrados nas ruínas de um arquivo hitita num sítio arqueológico chamado Sultan-Tepe, contam-nos que Ninurta "juntou sete turbilhões para levantar a poeira", instalou em seu carro as armas dos "111 ventos" e atacou Zu como recomendara seu pai. "A terra tremeu... os céus escureceram... as penas da asa de Zu foram vencidas". Zu foi capturado e levado para Nippur. A Tábua dos Destinos voltou a ser instalada no seu devido lugar. "A soberania novamente entrou no Ekur; as Divinas Fórmulas foram devolvidas."

Zu foi levado a julgamento diante de uma corte marcial constituída por sete Grandes Anunnaki. Considerado culpado, recebeu a sentença de morte. Ninurta, o vencedor, "cortou sua garganta". Foram descobertos muitos desenhos mostrando a cena do julgamento, em que Zu, devido a sua

associação com os Igigi, aparece vestido de pássaro. Um relevo muito antigo encontrado na Mesopotâmia central mostra a execução. Zu, que pertencia aos "que vêem e observam", é mostrado como um pássaro demoníaco com um olho extra no meio da testa.

A derrota de Zu ficou marcada na memória dos Anunnaki como uma grande libertação. Talvez com base na hipótese de que o espírito do morto - sinônimo de traição, duplicidade, e do mal de uma forma geral - pudesse continuar a causar infortúnios e sofrimento, o relato sobre o julgamento e a execução foi sendo transmitido para as gerações humanas sob a forma de um elaborado ritual. Na celebração anual do evento, um touro era escolhido para representar Zu e sacrificado para expiar o mal que ele cometera.

Tanto nas versões assírias como babilônicas da lenda, existem longas instruções sobre esse ritual, todas indicando uma origem suméria. Depois de prolongados preparativos, um "grande touro, forte touro que pisou em pastos limpos", era levado ao templo para ser purificado no primeiro dia de um certo mês. Em seguida, usando um caniço, o sacerdote sussurrava no ouvido direito do animal: "Touro, você é o culpado Zu". No décimo quinto dia das cerimônias, o touro era levado diante das imagens dos "sete deuses que julgam" e dos símbolos dos doze corpos celestes do sistema solar.

Ali era reencenado o julgamento de Zu. Os sacerdotes apresentavam o touro à imagem de Enlil, o "Grande Pastor", e o acusador fazia perguntas, como se endereçadas ao deus. Como você pôde dar o "tesouro guardado" ao inimigo? Como permitiu que ele fosse morar no "Lugar Puro"? Como permitiu que ele tivesse acesso aos seus aposentos? Em seguida, Ea e os outros deuses eram chamados para aplacar a fúria de Enlil, enraivecido com o interrogatório. O sacerdote que fazia o papel de Ninurta dava um passo à frente e pedia ao "pai": "Aponte minhas mãos na direção certa! Dê-me as palavras de comando corretas"!

Depois da cena de apresentação das provas, vinha a sentença. Enquanto o touro era morto segundo as instruções, os sacerdotes recitavam o veredicto: o fígado seria cozido numa panela sacrificial, pele e músculo seriam queimados dentro do templo. Mas, "a língua malvada" ficaria "do lado de fora".

Em seguida, os sacerdotes que faziam o papel dos outros deuses começavam um hino de louvor a Ninurta:

Lave as mãos! Lave as mãos!

Agora és como Enlil na Terra; que os deuses rejubilem-se contigo!

Vale recordar que, quando os deuses estavam procurando um voluntário para enfrentar Zu, eles prometeram a quem o vencesse:

**Teu nome será o maior na Assembléia dos Grandes Deuses;
Entre os deuses, teus irmãos, não terás igual.
Glorificado e possante será teu nome diante dos deuses!**

Ninurta vencera, e a promessa tinha de ser mantida, e novamente veio à tona a constante discórdia a respeito da sucessão, a semente das futuras guerras terrestres entre os deuses. Ninurta era o herdeiro legal de Enlil para o trono de Nibiru, mas não para seu comando na Terra. Agora, como deixa claro o ritual do templo, ele passara a ser "como Enlil na Terra". Ora, sabemos por outros textos que falam sobre os deuses da Suméria e de Acad que sua posição na ordem hierárquica também podia ser expressa por números. Anu era 60, o número mais alto do sistema sexagesimal usado pelos sumérios. Enlil, o herdeiro legal, era 50. Ea, o primogênito e herdeiro no caso da falta de Enlil, tinha o número 40. A declaração de que Ninurta agora era "igual a Enlil na Terra" atesta que, devido à vitória contra Zu, ele fora contemplado com o número 50.

O final parcialmente mutilado do texto dos rituais contém alguns versos legíveis:

**"Ó, Marduk, ao seu rei diga as palavras: 'Eu desisto'!"
"Ó, Adad, ao seu rei, diga as palavras: 'Eu desisto'!"**

Podemos adivinhar com segurança que as linhas que faltam incluíam a desistência de Sin, reconhecendo a nova posição de Ninurta na ordem hierárquica. Sabemos com certeza que Sin - o primeiro filho de Enlil nascido na Terra - era número 30, e seus irmãos Shamash, Ishtar e Adad, 20, 15 e 10 respectivamente, classificação que talvez tenha resultado desse prêmio ao vencedor. (Não existe registro sobre a posição numérica de Marduk.)

A conspiração de Zu e seus feitos malignos também se mantiveram vivos na memória da humanidade, e, com o passar do tempo, foram se transformando num temor de demônios com aspecto de pássaros, capazes de criar aflição e pestilência. Alguns desses demônios eram chamados de *Lillu*, termo que se aproveitava de seu duplo sentido: "uivar" e "noturno". A líder feminina desses

seres malvados, *Lillitu* - a Lillith da Bíblia -, era retratada como uma deusa alada, nua, com pés de pássaro. Os muitos textos *sharpu* (purificação pelo fogo) encontrados em todos os sítios arqueológicos são fórmulas para a preparação de encantamentos contra esses maus espíritos e, portanto, precursores das de feitiço e bruxaria que vêm perdurando ao longo dos milênios.

Apesar dos votos solenes de se respeitar a supremacia de Enlil e a posição de Ninurta como o segundo no comando, os fatores básicos geradores de rivalidade e contenda não tinham sido eliminados e continuaram ressurgindo ocasionalmente nos séculos que se seguiram.

Percebendo que Ninurta enfrentaria oposição, Anu e Enlil lhe deram novas e maravilhosas armas. De Anu ele ganhou o SHAR.UR ("Supremo Caçador") e o SHAR.GAZ ("Supremo Exterminador"). Entre as várias armas dadas por Enlil havia o singular IB - uma arma com "cinquenta cabeças letais" -, a mais assustadora de todas e única, pois Ninurta passou a ser citado nas crônicas como "O Senhor de Ib". Assim equipado, o príncipe herdeiro tornou-se o "Principal Guerreiro de Enlil", pronto para enfrentar qualquer desafio à posição de seu pai e, por conseqüência, a sua.

O primeiro desses desafios surgiu sob a forma de um motim dos Anunnaki que trabalhavam nas minas de ouro do Abzu. Esse levante e os eventos que o antecederam, bem como aquilo que resultou dele, estão descritos em detalhes num texto que os eruditos chamam de *O Épico Atra Hasis* - A Crônica da Terra que registra os acontecimentos que levaram à criação do *Homo sapiens*, o ser humano como o conhecemos. Esse texto nos informa que, depois de Anu voltar a Nibiru e a Terra ter sido dividida entre Enlil e Enki, os Anunnaki dos Abzu trabalharam nas minas por "quarenta períodos contados" - quarenta órbitas de seu planeta ou 144 mil anos terrestres. O trabalho, porém, era exaustivo: "Dentro das montanhas... nos buracos profundos... os Anunnaki labutavam; excessiva foi sua faina por quarenta períodos contados".

As operações de mineração nas estranhas da terra jamais se interrompiam. Os Anunnaki "labutavam noite e dia". Com o passar do tempo e o aprofundamento dos túneis das minas, a insatisfação começou a crescer: "Eles se queixavam, rangiam os dentes, resmungavam nas escavações".

Preocupado com a disciplina, Enlil mandou Ninurta ao Abzu, mas isso só serviu para aumentar as tensões em seu relacionamento com Enki. Então Enlil

resolveu ir pessoalmente às minas para avaliar a situação. Os descontentes Anunnaki aproveitaram a oportunidade para se amotinar!

A crônica *Atra Hasis*, numa linguagem tão viva como a de um repórter moderno, descreve sem nenhuma ambigüidade, em 150 linhas de texto, os eventos que se seguiram. Ela conta como os rebeldes atiraram suas ferramentas ao fogo e, no meio da noite, marcharam para a moradia de Enlil, gritando: "Vamos matá-lo... vamos nos livrar do jugo"! Um certo líder, que não portava armas, lembrou-lhes que Enlil era "O Principal Oficial dos Tempos Antigos", aconselhando-os a negociar. Por outro lado, Enlil, enfurecido, pegou suas armas, mas seu camareiro-mor o conteve, recordando-lhe: "Meu senhor, estes são seus filhos..."

Enquanto Enlil permanecia como prisioneiro em seus próprios alojamentos, enviou uma mensagem a Anu pedindo-lhe que viesse à Terra. Quando o chefe supremo chegou, os Grandes Anunnaki reuniram-se para uma corte marcial. "Enki, governante do Abzu, também estava presente". Enlil exigiu saber quem era o instigador do motim e pediu a pena de morte para ele. No entanto, como não conseguiu o apoio de Anu para sua reivindicação, apresentou um pedido de demissão, dizendo: "Ó, nobre governante, tira meu cargo, tira meu poder; subirei aos céus contigo". Anu, contudo, conseguiu acalmá-lo e depois expressou sua compreensão sobre os rigores da vida dos mineiros.

Encorajado, Enki "abriu a boca e dirigiu-se aos deuses". Afirmando que algo deveria ser feito para facilitar a vida dos Anunnaki do Abzu, apresentou uma solução, aproveitando a presença de sua irmã Sud, que tinha o cargo de Primeira-Oficial Médica da Missão:

**Deixem-na criar um Trabalhador Primitivo; que ele suporte a carga...
Que o trabalhador se encarregue da labuta dos deuses, que ele fique com
jugo!**

Nas cem linhas seguintes do *Atra Rasis* e em vários outros textos que tratam da Criação do Homem, descobertos nos mais variados estados de conservação, estão contados com impressionantes detalhes os procedimentos de engenharia genética que resultaram no aparecimento do *Homo sapiens*. Enki sugeriu que um "ser já existente" - a fêmea de um símio antropóide, uma mulher-macaco fosse usado para dar origem a um *Lulu AmeIu* ("O Trabalhador Misto"), através do feito de "prender-se" a esse ser menos evoluído o "molde dos deuses". Dando início às experiências, Sud purificou a

"essência" de um jovem Anunnaki e nela colocou um óvulo de mulher-macaco. Em seguida o óvulo fecundado foi implantado no útero de uma mulher Anunnaki para transcorrer o período de gestação adequado. Quando nasceu a "criatura mista", Sud ergueu-a nos braços e gritou: "Eu o criei! Minhas mãos o fizeram!".

Tinha surgido no mundo o "Trabalhador Primitivo", o *Homo sapiens*. Isso aconteceu há cerca de 300 mil anos, por meio de técnicas de engenharia genética e implante de embriões que só atualmente a humanidade está aprendendo a utilizar. Não há dúvida de que a vida em nosso planeta seguiria seu curso natural de evolução, que mais cedo ou mais tarde resultaria no aparecimento do ser humano como o conhecemos, mas o fato é que os Anunnaki, ao interferirem no processo, o "criaram" muito mais cedo do que a natureza o faria. Há muito tempo os cientistas vêm procurando o "elo perdido" na cadeia da evolução humana. Os textos sumérios nos revelam que esse "elo" foi um feito de manipulação genética, realizado em laboratório... Isso, no entanto, não foi algo conseguido do dia para a noite. As crônicas deixam claro que os Anunnaki tiveram muitos problemas e fracassos até conseguirem o desejado "modelo perfeito" de Trabalhador Primitivo. Mas, uma vez obtido esse "modelo", começou uma produção em massa. De cada vez, catorze "deusas do nascimento" recebiam o implante de óvulos fecundados de mulher-macaco, sete deles para gerar machos e sete para gerar fêmeas. Logo que cresciam, esses trabalhadores eram levados para as minas. Com o aumento dessa população, eles passaram a se encarregar cada vez mais de todos os tipos de trabalho braçal antes executados pelos Anunnaki do Abzu.

O conflito armado entre Enlil e Enki que logo iria ocorrer aconteceu exatamente por causa desses escravos...

Quanto mais melhorava a produção de minério no Abzu, mais crescia a carga de trabalho dos Anunnaki que operavam as instalações na Mesopotâmia. Além disso, lá, apesar de o clima ser bem mais ameno que na região das minas, chovia muito e os rios freqüentemente causavam inundações. Os Anunnaki precisavam estar sempre "cavando o rio", isto é, construindo diques e aprofundando canais. Logo eles também começaram a exigir escravos, as "criaturas de fisionomia alegre" e espessos cabelos escuros:

**Os Anunnaki aproximaram-se de Enlil...
Pediram-lhe os de cabeça preta.**

Ao povo de cabeça preta, que seja entregue a picareta.

Lemos esses eventos num texto que Samuel N. Kramer intitulou *O Mito da Picareta*. Embora faltem alguns trechos, é possível entender que Enki recusou-se a atender o pedido de Enlil para transferir Trabalhadores Primitivos para a Mesopotâmia. Decidido a manter sua autoridade, Enlil recorreu à força, chegando ao extremo de cortar as comunicações com o planeta-mãe. "Ele fez um rasgo no Vínculo Céu-Terra... em verdade lançou um ataque armado contra a Terra das Minas".

Os Anunnaki do Abzu reuniram os Trabalhadores Primitivos num recinto fechado, situado no meio das instalações de mineração, e fortaleceram suas muralhas contra uma invasão. Mas Enlil veio com uma arma extraordinária, o AL.A.NI ("Machado que Produz Poder"), equipado com um "chifre" e um "cortador de terra", capaz de perfurar muros e aterros. Com ela, fez um orifício nas fortificações. Na medida em que o buraco ia aumentando, "Trabalhadores Primitivos saíam ao encontro de Enlil". "Ele olhava os cabeças pretas, fascinado".

Daí em diante, os Trabalhadores Primitivos passaram a se encarregar das tarefas braçais em ambos os lugares. Na Terra das Minas eles "enfrentavam o trabalho e suportavam a fadiga". Na Mesopotâmia, "com pás e picaretas construía as casas dos deuses e as bordas dos grandes canais; cultivavam alimento para o sustento dos deuses".

Muitos desenhos antigos gravados em brasões cilíndricos mostram esses *LuLu*, nus como animais, executando várias tarefas, e vários textos sumérios registram esse estágio animalesco do desenvolvimento humano:

Quando a humanidade foi primeiro criada, eles não conheciam comer pão, não sabiam usar roupas, comiam plantas com a boca, pastando como carneiros, bebiam água nas poças...

Mas, por quanto tempo as mulheres Anunnaki poderiam ser solicitadas (ou forçadas) a desempenhar o papel de "deusa do nascimento"? Sem o conhecimento de Enlil, mas com a conivência de Sud, Enki resolveu solucionar esse problema acrescentando à nova criatura uma outra característica genética: a capacidade de procriar. Os Trabalhadores Primitivos, por serem híbridos de duas espécies diferentes, não possuíam o "conhecimento" sexual para gerar filhos. Os ecos desse evento são

encontrados na Bíblia, na história de Adão e Eva no jardim do Éden, e, apesar de ainda não ter sido descoberto o texto sumério original de que derivou o relato bíblico, foram encontrados vários desenhos que ilustram o fato. Eles mostram diferentes partes da lenda: a Árvore da Vida; o oferecimento do fruto proibido; o áspero confronto subsequente entre o "Senhor Deus" e a "Serpente". Num deles, Eva já está usando um saiote de folhas, enquanto Adão continua nu, detalhe encontrado também na história da Bíblia.

Apesar de o Deus Serpente aparecer em todos esses desenhos antiqüíssimos, a ilustração aqui reproduzida tem um significado especial porque nela o nome/epíteto desse deus aparece escrito em sumério arcaico por meio de uma pictografia: A estrela significa "deus", e o símbolo triangular é lido como BUR, BURU ou BUZUR, termos que fazem o nome/epíteto ser traduzido como "Deus que Decifra Segredos", "Deus das Minas Profundas", ou outras variações dessa idéia. A Bíblia, no original hebraico, chama o deus que tentou Eva de Nahash, normalmente traduzido por "Serpente", mas que literalmente significa "Aquele que Decifra Segredos" ou "Aquele que Conhece Metais", paralelos exatos do nome do deus que aparece no desenho sumério. Um outro detalhe interessante nessa ilustração é o Deus Serpente mostrado com os pés e as mãos em grilhões, sugerindo que Enki foi preso depois de ter alterado as características genéticas do Trabalhador Primitivo sem autorização superior. Enfurecido com a novidade, Enlil ordenou a expulsão de Adão - o *Homo sapiens* melhorado ("A Morada dos Justos"). Não mais confinado aos povoados dos Anunnaki, o Homem começou a vagar pela Terra.

"E Adão *conheceu* Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim... e deu à luz seu irmão Abel".

Os deuses não estavam mais sozinhos na Terra.

Mas os Anunnaki ainda não tinham idéia do papel que o Trabalhador Primitivo futuramente desempenharia nas guerras entre eles.

6

SURGE A ESPÉCIE HUMANA

Desde que George Smith descobriu e publicou em 1876 as lendas detalhadas sobre a criação da Mesopotâmia (The Chaldean Account of Genesis), obra que foi seguida por The Seven Tablets of Creation, de W. King, tanto eruditos

como teólogos passaram a aceitar que os contos sobre a Criação do Antigo Testamento (Gênesis, capítulos 1 a 3) são versões condensadas dos textos sumérios originais. Um século depois, em meu livro *O 12º. Planeta* (1976) mostrei que esses textos não eram mitos primitivos, mas repositórios de conhecimento científico avançado que só agora os modernos pesquisadores começam a alcançar.

As sondas não tripuladas que fotografaram Júpiter e Saturno confirmaram muitas facetas "incríveis" do conhecimento sumério sobre nosso sistema solar, como a afirmação de que os planetas exteriores possuem numerosos satélites e que existe água em alguns deles. Esses planetas distantes e alguns de seus principais satélites têm núcleos ativos que geram calor interno; alguns irradiam mais calor do que jamais conseguirão receber do Sol longínquo. A atividade vulcânica propiciou a esses corpos celestes suas próprias atmosferas. Portanto, todos os requisitos básicos para o desenvolvimento da vida existem por lá, como disseram os sumérios 6 mil anos atrás.

E quanto à existência de um décimo segundo membro de nosso sistema solar, um décimo planeta muito além de Plutão - o Nibiru sumério ou o Marduk, da Babilônia -, cuja existência foi a conclusão básica e de grandes conseqüências em *O 12º. Planeta*?

Em 1978, astrônomos do Observatório Naval dos EUA de Washington determinaram que Plutão, por ser menor do que se acreditava anteriormente, não podia ser considerado o único responsável pelas perturbações constatadas nas órbitas de Netuno e Urano. Por isso, postularam a existência de mais um corpo celeste além de Plutão. Em 1982, a NASA anunciou sua conclusão de que realmente existe esse corpo, mas, se ele é ou não um outro grande planeta, ela planeja determinar ajustando, de certa maneira, a trajetória das duas sondas *Pioneer* que continuam no espaço além do planeta Saturno.

No final de 1983, os astrônomos do Laboratório de Propulsão a Jato da Califórnia anunciaram que o IRAS, o telescópio infravermelho montado num satélite e lançado sob o patrocínio da NASA e com a cooperação de outras nações, descobriu além de Plutão um "corpo celeste misterioso", muito distante, com cerca de quatro vezes o tamanho da Terra e *vindo em nossa direção*. Eles ainda não disseram que é um planeta, mas nossas Crônicas da Terra não deixam dúvidas sobre essa recente descoberta.

Em 1983 foram encontradas na Antártida e em outros locais, pedras que sem dúvida são fragmentos da Lua e de Marte, algo que deixou os cientistas atônitos, sem explicação sobre o que poderia ter acontecido. A lenda suméria

sobre a criação do sistema solar, a colisão entre os satélites de Nibiru e Tiamat, e o resto da cosmogonia no famoso *Épico da Criação* oferecem uma explicação abrangente.

E quanto aos textos que descrevem como o homem foi criado por intermédio da manipulação genética, com a fertilização *in vitro* e reimplante de óvulos?

Os recentes avanços nas ciências e tecnologia genéticas confirmaram o conceito sumério de uma evolução gradual e natural coexistindo com o aparecimento (de outra forma inexplicável) do *Homo sapiens*, biologicamente avançado, através da engenharia genética dos Anunnaki. Até mesmo o moderno método de procriação em proveta - a extração de um óvulo, a fecundação com o sêmen e o reimplante do óvulo fecundado no útero - é exatamente o mesmo procedimento descrito nos textos sumérios de milênios atrás.

Se os dois principais eventos - a criação da Terra e a criação do homem - estão corretamente relatados na Bíblia, não deveríamos também aceitar a veracidade da história sobre o surgimento da espécie humana na Terra?

E se as histórias da Bíblia não passam de uma versão condensada de crônicas sumérias anteriores, mais detalhadas, estas não poderiam ser usadas para explicar melhor e completar o registro bíblico desses tempos primitivos? Como umas são reflexos das outras, olhemos para essas antigas memórias, continuemos a descobrir a maravilhosa história sobre nosso planeta.

Depois de contar como "o Adão" (literalmente, "O Terráqueo") ganhou a capacidade de procriar, o Livro do Gênesis passa a relatar os eventos gerais da Terra como estando relacionados com a saga de um ramo específico da espécie humana: a pessoa chamada Adão e seus descendentes.

"Eis o livro da descendência de Adão", informa o Antigo Testamento. Um livro assim podemos aceitar com segurança, realmente existiu. Os indícios sugerem fortemente que a pessoa a quem a Bíblia chama de Adão foi a mesma que os sumérios chamavam de Adapa, o Terráqueo "aperfeiçoado" por Enki e considerado geneticamente aparentado com ele. "Amplamente conhecido Enki aperfeiçoou para ele, para desvendar os desígnios da Terra; a ele concedeu o conhecimento, mas a imortalidade não lhe concedeu."

Foram encontrados trechos da "Lenda de Adapa", e o texto completo pode bem ter sido o "Livro da Descendência de Adão", ao qual se refere o Antigo Testamento. Os reis assírios provavelmente tinham acesso a um registro desse tipo, pois muitos afirmavam ter herdado algumas virtudes de Adapa. Sargão e Senaqueribe diziam que tinham herdado a sabedoria que Enki concedera a

Adapa; Sinsharishkun e Asaradão vangloriavam-se de ter nascido "com a imagem do sábio Adapa". Segundo uma inscrição de Asaradão, ele mandou erigir no templo de Assur uma estátua de Adapa. Assurbanipal garantia que aprendera "o segredo da escrita em placas de antes do Dilúvio", tal como Adapa.

As fontes sumérias afirmam que, antes de o Dilúvio varrer tudo o que existia na face da Terra, existiam tanto culturas rurais, praticando o cultivo e a criação de animais, como culturas urbanas. O Livro do Gênesis conta que o primeiro filho de Adão e Eva, Caim, "cultivava o solo", e seu irmão, Abel, "era pastor de ovelhas". Depois de Caim ser "expulso da presença do Senhor", por ter matado Abel, os povoados urbanos - as cidades do homem - foram fundados. No país de Nod, a leste do Éden, Caim gerou um filho a quem chamou Henoc e construiu uma cidade à qual deu esse mesmo nome, que significa "fundação". O Antigo Testamento, por não se interessar pela descendência de Caim, passa rapidamente para a quarta geração depois de Henoc, quando nasceu Lamec:

Lamec tomou para si duas mulheres:

O nome da primeira era Ada, e o nome da segunda, Sela.

Ada deu à luz Jabel; ele foi o pai dos que vivem sob a tenda e têm rebanhos.

O nome de seu irmão era Jubal; ele foi o pai de todos que tocam lira e charamela.

Sela, por sua vez, deu à luz Tubalcaim; ele foi o pai de todos os laminadores em ouro, cobre e ferro.

O Livro dos Jubileus, que se acredita ter sido composto no século 2 a.C. com base em material bem anterior, acrescenta a informação de que Caim casou-se com sua própria irmã, Awan, que deu à luz Henoc, "no final do quarto Jubileu, casas foram construídas na terra, e Caim construiu uma cidade e deu-lhe o nome de Fundação, o mesmo de seu filho". De onde vieram essas informações adicionais?

Sempre se disse que essa parte da história do Gênesis não tem paralelo ou comprovação nos textos mesopotâmicos. Mas descobrimos que não é bem assim.

Encontramos uma tábuia de argila da Babilônia no Museu Britânico (no. 74329), catalogada como "contendo um mito não encontrado em outras

tábuas". No entanto, pode ser uma versão assíria/babilônica feita em cerca de 2000 a.C., de *um registro sumério sobre a linhagem de Caim que até hoje não foi encontrado!*

Segundo uma cópia feita por A. R. Millard e traduzida por W. G. Lambert (*Kadmos*, vol. VI), o texto fala sobre os primórdios de um grupo de lavradores, o que corresponde ao "que cultivava o solo" da Bíblia. Eles eram chamados Amakandu - "Povo que em Sofrimento Vagueia", um paralelo com a condenação de Caim: "Agora és maldito e expulso do solo fértil que recebeu o sangue de seu irmão... Serás um errante fugitivo sobre a face da terra". E, mais notável ainda, o chefe mesopotâmico desse povo nômade ou exilado era chamado de Ka'in! E também, como na Bíblia:

**Ele construiu em Dunnu uma cidade com torres gêmeas.
Ka'in tomou para si mesmo a soberania sobre a cidade.**

O nome desse lugar é muito intrigante. Como em sumério a ordem das sílabas podia ser invertida sem a mudança de sentido, o nome também podia ser escrito NU.DUN, semelhante ao Nod ou Nud, citado na Bíblia como o local para onde Caim foi exilado. O nome sumério significava "o local de descanso escavado", um bom paralelo com a interpretação bíblica do termo, dando-o como "Fundação".

Depois da morte (ou assassinato) de Ka'in, "ele foi colocado para descansar na cidade de Dunnu, que tanto amava". E, como na Bíblia, o texto mesopotâmico registra a história de quatro gerações seguintes: irmãos casaram-se com irmãs e assassinaram seus pais, e tanto conquistaram a soberania sobre Dunnu como se estabeleceram em novos locais, o último dos quais era chamado Shupat ("O Julgamento").

Uma segunda fonte que indica que a história da Bíblia sobre Adão e Caim tem origem em crônicas da Mesopotâmia são os textos assírios. Uma arcaica Lista de Reis assírios afirma que em épocas primitivas, quando seus ancestrais viviam sob tendas - termo que é repetido na Bíblia ao falar sobre a linhagem de Caim -, o patriarca de seu povo era chamado Adamu, o Adão bíblico.

Também descobrimos entre os tradicionais epônimos assírios de nomes reais a combinação Assur-bel-Ka'ini ("Assur, senhor dos cainitas"), e os escribas fizeram um paralelo desse título com o sumério ASHUREN.DUNI, deixando implícito que os cainistas ("O povo de Kain") e os duni ("o povo de Dun")

eram a mesma coisa, reafirmando assim o Caim e o país de Nud ou Dun da Bíblia.

Depois de falar brevemente sobre a linhagem de Caim, o Antigo Testamento volta sua atenção para uma nova linha de descendência de Adão: "E Adão conheceu de novo sua mulher, e ela deu à luz um filho e lhe pôs o nome de Set, porque, disse ela, "Deus me concedeu uma outra descendência no lugar de Abel, que Caim matou"! O Livro do Gênesis então acrescenta: "Quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho a sua imagem e semelhança, e lhe deu o nome de Set". O tempo que viveu do nascimento de Set foi de oitocentos anos, e ele gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Adão foi de novecentos e trinta anos, e então morreu. Quando Set completou cento e cinco anos, gerou Enós. Depois do nascimento de Enós, Set viveu oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. "Toda a duração de Set foi de novecentos e doze anos, e morreu".

O nome do filho de Set e patriarca pré-diluviano pela qual a Bíblia mostra interesse é Enós. Esse termo passou a significar em hebraico "humano, mortal", e fica claro que o Antigo Testamento o considera o progenitor da linhagem humana que fica no núcleo das antigas crônicas, pois fala a respeito dele que "foi então que o nome de Iahweh começou a ser chamado", ou seja, que começou a adoração e o sacerdócio.

Existem vários textos sumérios que lançam mais luz sobre esse aspecto intrigante. As partes disponíveis da lenda de Adapa contam que ele foi "aperfeiçoado" por Enki e tratado como um filho pelo deus em sua cidade, Eridu. Então é bem possível, como sugeriu William Hallo em *Antediluvian Cities*, que o bisneto de Enós recebeu o nome de Jared ou Yared, para significar "Aquele de Eridu". Então temos a resposta: perdendo o interesse nos descendentes banidos de Adão, o Antigo Testamento focaliza os patriarcas da linhagem de Adão que permaneceram em Éden - ao sul da Mesopotâmia - e que foram os primeiros chamados para exercer o sacerdócio. Na quarta geração depois de Enós, o primogênito recebeu o nome de Henoc. Os eruditos acreditam que ele origina de uma variante de uma raiz hebraica que tem a conotação de "treinar, educar". Sobre Henoc, o Antigo Testamento conta que ele "andava com Deus", e não morreu na Terra, pois "Deus o arrebatou". Esse único versículo do Gênesis 5:24 está substancialmente ampliado nos *Livros de Henoc*, que contam a primeira visita de Henoc aos Ankos de Deus para ser instruído nas várias ciências e na ética. Depois de

voltar à Terra para passar seu conhecimento e os requisitos para o sacerdócio aos seus filhos, Henoc foi novamente levado aos céus para juntar-se para sempre aos Nefilim (termo bíblico que significa "Os que desceram") em sua morada celestial.

As Listas de Reis sumérias registram o reino sacerdotal de Enmeduranki em Sippar, na época a localização do espaçoporto comandado por Utu/Shamash. Seu nome, "O Senhor Sacerdotal do Dur-an-ki", indica que ele fora treinado em Nippur. Uma tabuinha pouco conhecida, publicada por W. G. Lambert ("Enmeduranki e Material Relacionado"), diz o seguinte:

Enmeduranki, príncipe de Sippar, Amado de Anu, Enlil e Ea.

Shamash no Templo Brilhante o indicou.

Shamash e Adad o levaram à assembléia...

**Eles lhe ensinaram como observar o óleo na água, um segredo de Anu,
Enlil e Ea.**

Deram-lhe a Tábua Divina, o segredo de *kibdu* do Céu e da Terra...

Ensinaram-lhe como fazer cálculos com números.

Quando a instrução de Enmeduranki no conhecimento secreto dos deuses foi concluída, ele foi devolvido à Suméria. Os "homens de Nippur, Sippar e Babilônia foram chamados a sua presença". Enmeduranki então informou-os sobre suas experiências e sobre o estabelecimento do sacerdócio, que, por ordem dos deuses, deveria ser passado de pai para filho: "O sábio instruído, que guarda os segredos dos deuses, dedicará seu filho predileto, através de um juramento, diante de Shamash e Adad... e lhe ensinará os segredos dos deuses".

A tabuinha conclui com um *post-scriptum*: "Assim foi criada a linhagem dos sacerdotes, os que têm permissão para se aproximar de Shamash e Adad".

Por ocasião da sétima geração depois de Enós, na véspera do Dilúvio, a Terra e seus habitantes estavam enfrentando uma nova Idade do Gelo. Os textos mesopotâmicos contam com detalhes os sofrimentos da humanidade, falando sobre a terrível escassez de alimentos e até sobre canibalismo. O Livro do Gênesis apenas sugere a situação ao afirmar que, quando Noé ("Descanso") nasceu, ele recebeu do pai esse nome na esperança de que seu nascimento marcasse um descanso "do trabalho e labuta que vem da Terra que Deus amaldiçoou". A versão bíblica nos conta muito pouco sobre Noé além do fato de que ele era "justo e de genealogia pura". Os textos mesopotâmicos nos

informam que o herói do Dilúvio vivia em Shuruppak, o centro médico dirigido por Sud.

Os textos sumérios contam que, com o aumento do sofrimento dos humanos, Enki sugeriu que fossem tomadas providências para aliviá-los, encontrando uma veemente oposição por parte de Enlil. Este estava irritado com o crescente relacionamento sexual entre os jovens Anunnaki e as filhas dos homens. O Livro do Gênesis descreve como os Nefilim "tomaram esposas":

**Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da Terra e
lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens
eram compatíveis e tomaram como mulheres todas as que mais lhe
agradavam.**

Uma "tabuinha mítica" (CBS-14061) publicada por E. Chiera (*Sumerian Religious Texts*) conta a história daqueles tempos primitivos e de um jovem deus, chamado Martu, que se queixou de que também deveria receber permissão para ter uma esposa humana. O texto explica que isso aconteceu quando:

**A cidade de Nin-ab existia, Shid-tab não existia.
Existia a sagrada tiara, a sagrada coroa não existia...
Havia co-habitação...
Nascimento [de crianças] havia.**

"Nin-ab" continua o texto, "era uma cidade na Terra Grande povoada". Seu alto sacerdote, um músico de muito talento, tinha uma esposa e uma filha. Quando o povo reuniu-se para oferecer aos deuses a carne assada dos sacrifícios, Martu, que era solteiro, viu a filha do sacerdote. Desejando-a, foi procurar sua mãe e queixou-se:

**Em minha cidade eu tenho amigos, eles tomaram esposas.
Tenho companheiros, eles tomaram esposas.
Em minha cidade, ao contrário de meus amigos, não tomei uma esposa.
Não tenho mulher, não tenho filhos.**

Depois de perguntar ao filho se a donzela que ele desejava "apreciava o modo como a olhava", a deusa deu seu consentimento. Então os outros jovens

deuses prepararam uma festa. O casamento foi anunciado, "na cidade de Nin-ab, o povo foi chamado pelo som do tambor de cobre; os sete tamborins foram tocados".

Enlil não estava nada satisfeito com o crescente número de uniões entre jovens astronautas e as descendentes do Trabalhador Primitivo. Os textos sumérios contam que, "enquanto o país se ampliava e o povo multiplicava", Enlil ia ficando cada vez mais "perturbado com os pronunciamentos da humanidade" e seu interesse pelo sexo e pela luxúria. "Então o Senhor disse: 'Eliminarei da face da Terra o terráqueo que criei.'"

Os textos também contam que quando ficou decidida a ampliação da mineração no Abzu, os Anunnaki montaram um posto de monitorização científica na ponta sul da África, que foi colocado sob o comando de Ereshkigal, uma neta de Enki e Ereshkigal, desde a Mesopotâmia até aquele local longínquo e montanhoso (Kur), sugerindo que a moça fora raptada ou de qualquer outra maneira coagida por Enki na jornada, pois ela foi "levada para Kur como um prêmio".

Soubemos por intermédio de outros egípcios que posteriormente Ereshkigal teve seu posto atacado por Nergal, um dos filhos de Enki, que pretendia vingar um insulto que sofrera por parte de um dos emissários da deusa. No último instante, Ereshkigal salvou a própria vida oferecendo-se para se casar com Nergal, para juntos controlarem as "Tábuas da Sabedoria" de seu posto.

Enlil viu chegar a oportunidade de se livrar dos terráqueos quando o posto científico da ponta da África começou a enviar comunicados sobre uma situação perigosa: a crescente capa de gelo sobre a Antártica tornara-se instável, apoiando-se sobre uma camada de lama escorregadia. O grande problema era que essa instabilidade surgira justamente quando Nibiru se aproximava da Terra, e a força gravitacional do planeta poderia perturbar o equilíbrio da capa polar e fazê-la deslizar para o oceano Antártico. Isso causaria um maremoto que inundaria todo o globo terrestre.

Quando os Igigi em órbita confirmaram a certeza de uma tal catástrofe, os Anunnaki começaram a acorrer a Sippar, o espaçoporto. Enlil insistiu que a humanidade não fosse avisada do Dilúvio que se avizinhava, e numa das sessões da Assembléia dos Deuses fez todos os seus pares, e em especial Enki, jurarem que não revelariam o segredo.

A última parte do texto *Atra-Hasis*, um grande trecho do *Épico de Gilgamesh* e outros textos da Mesopotâmia descrevem minuciosamente os eventos que se seguiram: como o Dilúvio foi usado por Enlil para tentar aniquilar a espécie

humana; como Enki, indo contra o juramento feito na Assembléia dos Deuses, tramou para salvar seu fiel seguidor, Ziusudra ("Noé"), projetando para ele um navio submersível que suportaria a avalanche de água.

Os Anunnaki, a um sinal, "subiram" em seus *Rukub ilani* ("carros dos deuses"), os foguetes "incendiando a terra com seu fulgor" no momento da ignição. Orbitando a Terra em seus ônibus espaciais, eles ficaram assistindo horrorizados às ondas furiosas varrerem o mundo. Tudo o que havia na face da Terra foi levado numa colossal avalanche de água: A.MA.RU BA.UR RA.TA - "A inundação cobriu tudo". Sud, que criara o homem junto com Enki, "viu e chorou... Ishtar gritou como uma mulher em trabalho de parto... os deuses, os Anunnaki, choraram com elas". Rolando de um lado para o outro, as ondas do maremoto erodiram o solo fértil, deixando atrás de si imensos depósitos de lama: "Tudo o que fora criado voltou a se transformar em barro".

Em O 12º. *Planeta* apresentamos os indícios que nos levaram a concluir que o Dilúvio, que causou o fim abrupto da última Idade do Gelo, aconteceu há cerca de 13 000 anos.

Quando começou a "vazão das águas" do Dilúvio, os Anunnaki foram aterrissando no monte Nisir ("Monte da Salvação"), o atual monte Ararat. Logo Ziusudra/Noé também chegou àquele lugar, guiado por um navegador fornecido por Enki. Enlil ficou furioso ao descobrir que fora salva uma "semente da humanidade", mas Enki conseguiu acalmá-lo, argumentando que os Anunnaki não poderiam continuar na Terra sem o auxílio do homem. "E o Senhor abençoou Noé e seus filhos, e disse-lhes: 'Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra'".

O Antigo Testamento, interessado apenas na descendência de Noé, não registra a presença de outros passageiros na arca. Mas os textos sobre o Dilúvio da Mesopotâmia, mais detalhados, mencionam o navegador e revelam que no último instante amigos ou serviçais de Ziusudra e suas famílias embarcaram. As versões gregas da história, escritas por Berosso, afirmam que depois do Dilúvio Ziusudra, sua família e o piloto da arca foram recebidos pelos deuses para ficar morando com eles; as outras pessoas receberam instruções sobre como encontrar o caminho para a Mesopotâmia e voltaram para lá sozinhas.

O problema mais imediato de todos os que se salvaram era a comida. A Noé e seus filhos, o Senhor falou: "Todos os animais da terra, todas as aves no céu, tudo o que se arrasta na terra e todos os peixes do mar: eles são entregues nas

suas mãos". Então vem a sentença muito significativa: "Corno vos dei a verdura de todos os tipos de grãos".

Essa afirmação pouco notada (Gênesis 9:3), que apenas toca de leve na origem da agricultura, está substancialmente ampliada nos textos sumérios. Todos os eruditos concordam que a agricultura começou no crescente Mesopotâmia-Síria-Israel, mas não sabem explicar por que ela não se iniciou nas planícies, onde o cultivo é fácil, mas sim nas terras altas. Eles também concordam que a agricultura começou com o cultivo dos "ancestrais silvestres" do trigo e da cevada há cerca de 12 mil anos, mas mostram-se confusos diante da enormidade genética dessas gramíneas primitivas. E de maneira alguma conseguem explicar o feito botânico-genético pelo qual - num pequeno período de 2 mil anos - essas plantas selvagens dobraram, triplicaram e até quadruplicaram seus pares de cromossomos para se tornarem o trigo e a cevada que conhecemos, com um notável valor nutritivo e uma incrível capacidade de crescer em quase qualquer lugar, além de fornecerem duas safras por ano.

Para aumentar ainda mais o quebra-cabeça, não há explicação para o súbito e simultâneo aparecimento de todos os tipos de frutas e verduras na mesma região e a "domesticação" de animais, começando com cabras e carneiros, que forneciam carne, leite e lã.

Corno aconteceu tudo isso? A ciência moderna ainda está procurando respostas, mas os textos sumérios as registraram milênios atrás. Tal como faz a Bíblia, eles contam que a agricultura começou depois do Dilúvio. (O Gênesis diz que foi então que "Noé começou corno agricultor"). E também, corno faz a Bíblia, que registra que muito antes do Dilúvio havia o cultivo do solo (por Caim) e a criação de ovelhas (por Abel), as crônicas sumérias falam de colheitas e criação de gado em tempos pré-históricos.

Segundo um texto intitulado pelos estudiosos *O Mito do Gado e dos Grãos*, quando os Anunnaki chegaram à Terra não existiam plantas nem animais domesticados.

**Quando das alturas do Céu,
Anu fez os Anunnaki virem à Terra,
Grãos ainda não tinham nascidos, ainda não tinham vegetado...
Não havia ovelha, um cordeiro ainda não tinha sido parido.
Não havia cabra, um cabrito ainda não tinha sido parido.**

A tecelagem [de lã] ainda não tinha surgido, ainda não tinha se estabelecido.

Então, na "Câmara da Criação" dos Anunnaki, isto é, seu laboratório de manipulação genética, o *Lahar* ("o gado de lã") e os *Anskan* ("grãos") foram "belamente moldados".

**Naqueles dias, na Câmara da Criação dos deuses, na Casa da Moldagem,
na Colina Pura,**

Lahar e Anshan foram belamente moldados.

A morada ficou cheia de alimento para os deuses.

**Os Anunnaki, em sua Colina Sagrada, comeram do Lahar e do Anshan,
que se multiplicavam, mas não se saciaram.**

**O bom leite das ovelhas, os Anunnaki, em sua Colina Sagrada
beberam mas não ficaram saciados.**

Os Trabalhadores Primitivos - aqueles que "não conheciam o comer o pão... que comiam plantas com a boca" - já existiam.

**Depois que Anu, Enlil, Enki e Sud moldaram o povo de cabeça preta, a
vegetação luxuriante multiplicaram no solo.**

**Animais de quatro patas eles engenhosamente trouxeram à existência; no
E.DIN os colocaram.**

Assim, para aumentar a produção de grãos e multiplicar o gado para saciar os Anunnaki, foi tomada uma decisão: ensinar NAM.LU.GAL.LU - "a humanidade civilizada" - a "cultivar o solo" e "cuidar dos carneiros... em favor dos deuses".

**Em favor das coisas que saciam, para cuidar do puro redil, a humanidade
civilizada foi trazida à existência.**

Da mesma forma que descreve o que "foi trazido à existência" naquela época primitiva, esse mesmo texto também relaciona as variedades vegetais que ainda *não* existiam nesses primórdios da civilização:

**Aquilo que através do plantio se multiplica ainda não fora moldado;
terraços de cultivo ainda não tinham sido montados...**

O grão triplo de trinta dias não existia; o grão triplo de quarenta dias não existia;

O grão pequeno, o grão das montanhas, o grão do puro A.DAM não existia...

Os vegetais tuberosos do campo ainda não tinham surgido.

Esses últimos como veremos adiante, foram introduzidos na Terra por Enlil e Ninurta algum tempo depois do Dilúvio.

Depois de o Dilúvio ter varrido toda a face da Terra, o primeiro problema enfrentado pelos Anunnaki foi descobrir onde se poderia obter as sementes necessárias para a restauração do cultivo. Por sorte, alguns espécimes dos cereais domesticados tinham sido enviados a Nibiru, o que permitiu a Anu "fornecê-los, do Céu, para Enlil". O deus comandante então procurou um local seguro onde essas sementes pudessem ser semeadas. Boa parte do solo ainda estava submerso, e o único lugar que lhe pareceu adequado foi a "montanha dos cedros aromáticos". Lemos nos fragmentos de um texto publicado por S. N. Kramer em *Sumerische Literarische Texte aus Nippur*:

Enlil subiu até o pico e ergueu os olhos; olhou para baixo, onde as águas eram como o mar.

Olhou para cima; lá estava a montanha dos cedros aromáticos.

Ele transportou a cevada, plantou-a em terraços na montanha.

Aquilo que vegeta ele transportou para o alto, plantando os grãos na montanha.

A escolha da Montanha dos Cedros e sua conversão em local restrito ("sagrado") parece não ter sido accidental. Em todo o Oriente Médio, na verdade, em todo o mundo, só existe uma única montanha dos cedros de fama universal. Ela fica no Líbano. E nela podemos ver até hoje (em Baalbek) uma imensa plataforma apoiada em blocos de pedra colossais, cujo assentamento ainda é um mistério tecnológico. Esse local era, como mostrei em *A Escada para o Céu*, o local de aterrissagem dos Anunnaki. Inúmeras lendas afirmam que a plataforma foi construída em épocas antediluvianas, quem sabe até nos tempos de Adão. Depois do Dilúvio, aquele era o único lugar apropriado para receber os ônibus espaciais dos Anunnaki, pois o espaçoporto de Sippar fora coberto pelas águas e sepultado sob toneladas de lama.

As sementes estavam disponíveis, o problema era escolher onde semeá-las... As terras baixas, ainda cobertas de lama e água, eram inadequadas para a habitação. As montanhas, embora tivessem se livrado da avalanche do Dilúvio, estavam encharcadas devido às chuvas que tinham começado a cair com a chegada da nova idade climática. Os rios ainda não haviam encontrado seus novos leitos e as águas não tinham para onde ir. O cultivo era impossível. Lemos a seguinte descrição num texto sumério:

**A fome era grave, nada era produzido.
Os riachos estavam sujos, a lama ainda não fora levada...
Em todas as terras não havia colheitas, só ervas daninhas cresciam.**

Os dois grandes rios da Mesopotâmia, o Tigre e o Eufrates, também não haviam encontrado a normalidade: "O Eufrates ainda não estava amarrado, havia miséria; o Tigre estava confuso, saltava e feria". Quem se apresentou para assumir a tarefa de construir represas nas montanhas, escavar novos canais para os rios e drenar o excesso de água foi Ninurta: "Dali em diante o senhor põe sua mente altíssima para pensar; Ninurta, o filho de Enlil, faz nascer grandes coisas":

**Para proteger o solo, uma poderosa muralha ele erigiu.
Com uma maça ele quebrou as rochas; as pedras o herói amontoou, fez
um assentamento...
As águas que estavam esparramadas, ele juntou; o que pelas montanhas
fora dispersado, ele guiou e fez descer pelo Tigre.
As águas altas ele esgotou do solo arado.
Então, vejam!**

Tudo na Terra rejubilou-se diante de Ninurta, o senhor do solo.

Um longo texto, que pouco a pouco foi reconstituído pelos estudiosos, chamado *Os Feitos e Proezas de Ninurta*, acrescenta uma nota trágica aos esforços do jovem deus em trazer a ordem de volta à Terra. Para poder acompanhar a resolução dos problemas em diferentes locais, Ninurta ia de montanha em montanha em seu veículo aéreo. Mas "seu Pássaro Alado contra um cume se chocou; suas penas tombaram no solo". (Um verso pouco claro sugere que ele foi salvo por Adad). Sabemos pelos textos sumérios que as primeiras plantas cultivadas nas encostas das montanhas foram árvores e arbustos frutíferos, entre eles, com toda a certeza, as videiras. Eles contam que

os Anunnaki deram à humanidade "as excelentes uvas brancas e o excelente vinho branco; as excelentes uvas pretas e o excelente vinho tinto". Não é de admirar que lemos na Bíblia que "Noé, o agricultor, começou a plantar a vinha. Bebendo vinho, embriagou-se".

Quando as obras de drenagem que Ninurta fez na Mesopotâmia tornaram possível o cultivo das planícies, os Anunnaki "trouxeram os grãos da montanha" e a Suméria "ficou conhecendo o trigo e a cevada".

Nos milênios que se seguiram, a humanidade reverenciou Ninurta como o deus que a ensinara a agricultura; um "Almanaque do Fazendeiro" atribuído a ele foi encontrado por arqueólogos num sítio da Mesopotâmia. Em acadiano, o nome de Ninurta era Urash, "Aquele do Arado", e um escudo cilíndrico mostra-o entregando o arado aos homens. Alguns acham que a figura representa Enlil.

Atribuiu-se a Enlil e a Ninurta a doação da agricultura para a humanidade, mas Enki foi reverenciado pela introdução dos animais domésticos. Isso aconteceu depois que os primeiros grãos já estavam sendo cultivados, mas ainda não existia "o grão que se multiplica", ou seja, os com cromossomos dobrados, triplicados ou quadruplicados. Estes foram criados artificialmente por Enki, com o consentimento de Enlil.

Naquela época Enki falou a Enlil:

"Pai Enlil, rebanhos e grãos tornaram alegre a Colina Sagrada".

Que nós, Enki e Enlil, ordenemos:

"Que a criatura lanuda e o grão que multiplica, façamos sair da Colina Sagrada".

Enlil concordou com a sugestão e seguiu-se a abundância:

A criatura lanuda, eles colocaram num redil.

As sementes que brotam, deram à mãe; para os grãos determinaram um lugar.

Aos trabalhadores entregam o arado e a canga...

O pastor obtém a abundância no redil; a moça que semeia traz a abundância; ela levanta a cabeça quando está no campo: a abundância veio do céu.

A criatura lanuda e os grãos plantados desenvolveram-se com esplendor.

A abundância foi concebida ao povo reunido.

A revolucionária ferramenta de cultivo, uma peça de madeira muito simples, mas engenhosamente projetada - o arado -, de início era puxada, como se entende pelo texto acima, colocando-se uma canga nos lavradores. Mas então Enki "trouxe à existência as criaturas vivas maiores", ou seja, o gado domesticado, e os bois substituíram os homens que suportavam a canga. Dessa forma, concluem os textos, os deuses "aumentaram a fertilidade do solo".

Enquanto Ninurta estava ocupado na construção de represas nas montanhas que flanqueavam a Mesopotâmia e drenando as planícies, Enki voltou à África para verificar o estrago que o Dilúvio fizera naquela região.

Com o passar do tempo, Enlil e seus descendentes terminaram controlando todas as regiões montanhosas desde o sudeste Elam, confiado a Inanna/Ishtar, até o noroeste (as montanhas Taurus e a Ásia Menor, dadas a Ishkur/Adad), ficando as terras altas entre elas divididas entre Ninurta (parte sul) e Nanna/Sin (norte). Enlil reteve para si a área central de onde podia se descortinar a antiga localização de E.DIN. O Local de Aterrissagem na Montanha dos Cedros foi colocado sob o comando de Utu/Shamash. O que restava para Enki e seu clã?

Enquanto Enki inspecionava a África, ficou evidente para ele que apenas o Abzu, ou seja, a parte sul do continente seria insuficiente para seu clã. A "abundância" da Mesopotâmia estava baseada no cultivo ribeirinho, e, para ela existir na África, o mesmo processo teria de ser empregado. Foi então que Enki, planejando seu futuro, voltou sua atenção para a recuperação do vale do Nilo.

Como vimos anteriormente, os egípcios afirmavam que seus grandes deuses tinham vindo de Ur (significando "o lugar antigo"). Segundo Manetho, o reino de Ptah sobre as terras do Nilo começou 17900 anos antes de Menés, isto é, por volta de 21.000 a.C. Nove mil anos depois Ptah entregou o domínio do Egito a seu filho Ra, mas seu reinado foi abruptamente interrompido apenas mil anos depois, ou seja, por volta de 11.000 a.C. E foi nessa época, segundo nossos cálculos, que o Dilúvio ocorreu.

Os egípcios acreditavam que depois do reinado de Ra, Ptah voltara ao Egito para envolver-se em grandes obras de recuperação de terras e literalmente tirar o país de sob as águas. Existem textos sumérios que contam que Enki foi à terra de Meluhha (Núbia/Etiópia) e à terra de Magan (Egito) para torná-las habitáveis para o homem e os animais domésticos:

**Ele avança para a Terra Meluhha;
Enki, senhor do Abzu, decreta seu destino:
Terra preta, que suas árvores sejam grandes, que elas sejam as árvores
das Terras Altas.
Que todos encham seus palácios reais.
Que seus papiros sejam grandes.
Que eles sejam papiros das Terras Altas...
Que seus touros sejam grandes, que eles sejam touros das Terras Altas...
Que sua prata seja como o ouro, que seu cobre seja latão e bronze...
Que seu povo se multiplique; que seu herói avance como um touro...**

Esses registros sumérios, ligando Enki às terras africanas do Nilo, têm grande importância, pois não só mostram a similaridade entre as lendas mesopotâmicas e as egípcias como ligam os deuses sumérios - especialmente os do clã de Enki - com os do Egito. Pois, acreditamos, *Ptah não era outro senão Enki*.

Depois que as terras tornaram-se novamente habitáveis, Enki dividiu o continente africano entre seus dois filhos. A parte sul voltou a ser concedida a NER.GAL ("O Grande Guardião") e sua mulher, Ereshkigal. A região um pouco mais ao norte, onde ficava a área de mineração, coube a GIBIL ("Aquele do Fogo"), que aprendeu com o pai os segredos da metalurgia. NIN.A.GAL ("Príncipe das Grandes Águas") recebeu, como seu nome indica, a região dos grandes lagos e as cabeceiras do Nilo. O planalto relvado, o atual Sudão, foi entregue ao filho mais novo, DUMU.ZI ("Filho que É Vida"), cujo apelido era: "O Criador de Gado".

A identidade de um quinto filho de Enki ainda é motivo de controvérsia entre os estudiosos, porém mais adiante oferecemos nossa própria solução para essa questão. Quanto ao filho restante, não existe nenhuma dúvida: ele era o primogênito e herdeiro legal, MAR.DUK ("Filho da Colina Pura"). Como um dos cinquenta epítetos desse deus era ASAR, o que soa bastante parecido com Assar (Osíris, em grego), alguns eruditos especularam que Marduk e Osíris poderiam ser um único deus. No entanto, epítetos como "Todo-Poderoso" e "Impressionante" eram aplicados a um grande número de deidades, e Asar ("O que Tudo Vê") também era o nome epíteto do deus assírio Assur.

Os paralelos são muito maiores entre o Marduk babilônico e o Ra egípcio. O primeiro era filho de Enki, o segundo de Ptah, e como já dissemos, Enki e

Ptah, acreditamos era um só. Osíris, contudo, era bisneto de Ra, e, portanto pertencia a uma geração bem posterior. De fato, nos textos sumérios são encontrados indícios espalhados, mas freqüentes, para apoiar nossa crença de que o Ra dos egípcios e o Marduk dos babilônios eram uma só deidade. Um hino auto-laudatório atribuído a Marduk (tabuinha Ashur/4125) declara que um dos seus epítetos era: "O deus IM.KUR.GAR RA, ou seja, "Ra que ao Lado da Terra Montanhosa Habita".

Além disso, existem provas textuais de que os sumérios conheciam o nome da deidade egípcia Ra. Muitos nomes de cidadãos da Suméria incluíam o nome divino Ra. Plaquinhas de argila da época da Dinastia Ur III mencionam "Dingir Ra" e seu templo, E.Dingir.Ra. Então, depois da queda dessa dinastia, quando Marduk conquistou a supremacia na Babilônia, o nome dessa cidade em sumério, KA.DINGIR ("Portão dos Deuses"), foi mudado para KA.DINGIR.RA - "O Portão dos Deuses de Ra".

Na verdade, como mostraremos adiante, a ascensão de Marduk começou no Egito, onde o mais conhecido monumento dessa região, a Grande Pirâmide de Gizé, desempenhou um papel crucial em sua turbulenta carreira. O fato é que o grande deus do Egito, Marduk/Ra, ambicionava governar toda a Terra, e queria fazê-lo a partir do antigo "Umbigo da Terra", na Mesopotâmia. Foi essa ambição que o levou a abdicar do trono divino do Egito em favor de seus filhos e netos.

Mas sabia ele que isso levaria a duas Guerras das Pirâmides e a um incidente que quase provocou sua morte.

7

A DIVISÃO DA TERRA

"Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé... a partir deles se fez o povoamento de toda a Terra."

Esses versículos da Bíblia, que vêm logo depois da história do Dilúvio, precedem a *Tábua das Nações* (Gênesis 10 - O Povoamento da Terra), um documento inigualável cuja veracidade de início foi posta em dúvida pelos estudiosos, pois dava uma lista de nações-Estados desconhecidas até então. No entanto, depois de um século e meio de análises, pesquisas e descobertas arqueológicas, hoje os eruditos se surpreendem diante de sua exatidão. Esse registro engloba uma abundância de informações geográficas e políticas de grande confiabilidade a respeito da emergência da lama dos remanescentes da

humanidade e a desolação que se seguiu ao Dilúvio, até atingirem as civilizações e impérios.

Deixando a importante linhagem de Sem para o fim, a *Tábua das Nações* começa com os descendentes de Jafé ("O Belo"). "Filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc, Tiras. Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat, Togorma. Filhos de Javã: Elisa, Társis, os Cetim, os Dodanim. A partir deles fez-se a dispersão nas ilhas das nações". Um fato pouco notado é que aos sete filhos/nações de Jafé correspondiam as terras altas da Ásia Menor e as regiões em torno do mar Negro e do mar Cáspio, as áreas montanhosas que primeiro se tomaram habitáveis depois do Dilúvio. Só as gerações posteriores puderam se dispersar para as regiões costeiras e ilhas, que levaram muito tempo para ser habitáveis.

Os descendentes de Cam ("O Quente" ou também "O de Tons Escuros") foram de início "Cuch, Mesraim, Fut e Canaã", e em seguida uma série de outras nações-Estados, correspondendo às áreas africanas da Núbia, Etiópia, Egito, Líbia, as nações-núcleo do repovoamento da África, de novo começando a partir das terras mais altas e daí se dispersando para as regiões mais baixas.

"Uma descendência também nasceu de Sem, o pai de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé". Os primeiros filhos/nações de Sem foram: "Elam, Assur, Arfaxad, Lud, Aram", nações-Estados que abrangiam as terras altas que iam do Golfo Pérsico ao sul até o Mediterrâneo ao noroeste, ladeando a grande Terra-entre-os-Rios, ainda não habitável. Esse é o território que poderíamos chamar de Terras do Espaçoporto: a Mesopotâmia, onde ficava o espaçoporto pré-diluviano em si; a Montanha dos Cedros, onde continuara funcionando o Local de Aterrissagem; o País de Salé (Shalem), onde seria estabelecido o Centro de Controle da Missão pós-diluviano; e a península do Sinai adjacente, local do futuro espaçoporto. O nome do ancestral de todas essas nações, Sem ou Shem, que significa "Câmara Celestial", era, portanto bem apropriado.

A ampla divisão da humanidade em três ramos, segundo a Bíblia, não acompanhou somente a geografia e a topografia das áreas para as quais o homem tinha se dispersado, mas também a divisão da Terra entre os descendentes de Enlil e de seu irmão Enki. Sem e Jafé são retratados na Bíblia como bons irmãos, enquanto a postura em relação à linhagem de Cam, especialmente com Canaã, é cheia de recordações amargas. A origem disso

são histórias ainda não contadas, relatos sobre deuses, homens e suas guerras...

A tradição da divisão do mundo povoado da Antiguidade em três ramos também está de acordo com o que sabemos sobre o surgimento das civilizações.

Os pesquisadores aceitam que houve uma mudança abrupta na cultura humana por volta de 11.000 a.C. - época do Dilúvio, de acordo com nossas descobertas - e deram a essa era de domesticação o nome de Mesolítica (Média Idade da Pedra). Por volta de 7400 a.C. - exatamente 3600 anos depois - houve um outro avanço abrupto. Os cientistas o chamam de Período Neolítico (Nova Idade da Pedra), mas sua principal característica foi a passagem dos instrumentos de pedra para os de argila, com o surgimento da cerâmica. E então, "súbita e inexplicavelmente" - mas de novo exatamente 3600 anos depois -, desabrochou na planície entre os rios Eufrates e Tigre (3800 a.C.) a notável civilização da Suméria. A ela seguiu-se, por volta de 3100 a.C. a civilização do Nilo. Então, em 2800 a.C. surgiu a terceira civilização da Antiguidade, a do rio Indo. Essas foram as três regiões concedidas aos humanos, e delas se originaram as nações do Oriente Médio, África e Indo-Europa, uma divisão fielmente registrada na *Tábua das Nações* do Antigo Testamento.

E tudo isso, segundo as crônicas sumérias, foi resultado de decisões tomadas pelos Anunnaki:

Os Anunnaki que decretam os destinos sentaram-se trocando opiniões a respeito da Terra.

As quatro regiões eles criaram.

Essas simples palavras, que se repetem em vários textos sumérios, mostram que três das regiões resultantes da divisão da Terra pelos Anunnaki foram entregues aos humanos, dando origem às três civilizações. A quarta os Anunnaki mantiveram para seu próprio uso e recebeu o nome de TIL.MUN, a "Terra dos Mísseis". Em *A Escada para o Céu*, apresentamos os indícios comprobatórios que identificam Tilmun como sendo a península do Sinai.

Embora no que concernia à habitação humana os descendentes de Sem - os "Habitantes da Areia", nos textos egípcios - é que poderiam residir nas áreas irrestritas da península, surgiram profundas desavenças entre os Anunnaki na hora de dividir essa quarta região entre eles. Quem tivesse o controle do

espaçoporto pós-diluviano controlaria também os vínculos entre Nibiru e a Terra, como tinham mostrado tão claramente as experiências com Zu e Kumarbi. Com o aumento da rivalidade entre os clãs de Enlil e Enki, fez-se necessário encontrar uma autoridade neutra para governar a Terra dos Mísseis.

A solução foi engenhosa. A irmã de Enki e Enlil, Sud, era da mesma linhagem deles e, como filha de Anu, ostentava o título de NIN.MAH ("Grande Senhora"). Ela estava entre o grupo original de Grandes Anunnaki, os pioneiros da Terra, e era membro do Panteão dos Doze. Sud teve um filho com Enlil e uma filha com Enki, e era carinhosamente chamada de *Mammi* ("Mãe dos Deuses"). Além disso, ajudara a criar o homem. Devido a sua perícia no campo da medicina, ela salvara muitas vidas, e por isso também era conhecida como NIN.TI ("Senhora Vida"). Apesar de sua importância, Sud nunca tivera seus próprios domínios, e quando alguém sugeriu que Tilmun fosse entregue a ela, não houve oposição.

A península do Sinai é um lugar estéril, com altas montanhas de granito ao sul, um platô montanhoso na região central e uma planície de solo duro e pedregoso ao norte, cercada de morros e colinas. Depois da planície começa uma faixa de dunas de areia, que vai até o Mediterrâneo. No entanto, nos locais onde a água fica retida, como nos vários oásis ou nos leitos secos dos rios, que se tornam caudalosos durante as breves chuvas do inverno e onde a umidade está logo abaixo da superfície, crescem luxuriantes tamareiras, árvores frutíferas e vários tipos de vegetais, além da relva que serve de alimento para carneiros e cabras.

Milênios atrás a região deve ter sido tão inóspita quanto atualmente, e foi construída uma morada para Sud num dos sítios de repovoamento da mesopotâmia, mais acolhedora: porém ela decidiu ir tomar posse de seus domínios montanhosos. Apesar de todos os seus atributos, Sud sempre desempenhou um papel secundário. Quando chegou à Terra, era jovem e bela, mas agora estava velha e gorda, e, pelas costas, a chamavam de "A Vaca". Por isso, ao saber que lhe tinham concedido seus próprios domínios, ela orgulhosamente declarou: "Agora sou uma soberana! Sozinha ficarei lá, reinando para sempre”!

Incapaz de dissuadi-la da idéia, Ninurta aplicou sua experiência em obras de drenagem e canalização para tornar habitável a região onde sua mãe iria viver. Lemos sobre seus feitos na Tabuinha IX dos "Feitos e Explorações de Ninurta", em que ele se dirige a Sud, dizendo:

**Já que vós, nobre senhora, sozinha fostes para a Terra de Aterrissagem,
já que para a Terra de Descida, vós partistes sem medo...
Uma represa construirei para vós, para que a Terra possa ter uma dona.**

Uma vez terminadas as obras de irrigação, e com a chegada do pessoal necessário para executar as tarefas que dariam conforto a Sud, Ninurta garantiu à mãe que em sua morada na área montanhosa ela teria uma abundância de vegetação, de madeira e minerais.

Seus vales serão verdejantes de vegetação, suas encostas produzirão mel e vinho para vós, elas produzirão... Árvores *zabalum* e madeira-de-lei; seus terraços serão adornados de frutos como um pomar;

***Harsag* vos proverá com a fragrância dos deuses, vos proverá com os veios brilhantes; suas minas vos darão como tributo cobre e estanho; suas montanhas se encherão de gado grande e pequeno; o *Harsag* lhe dará as criaturas de quatro patas.**

Essa é de fato uma descrição adequada para a península do Sinai; uma região com muitas minas, a principal fonte de cobre, turquesa e outros minerais da Antiguidade; o local onde era encontrada a acácia, cuja madeira se usava na confecção de móveis e adornos dos templos; uma região verdejante nos lugares em que havia água, possibilitando a criação de rebanhos. Será por acaso que o principal rio temporário da península, que se enche durante o inverno, ainda hoje tem o nome de El Arish, "O Agricultor", exatamente o apelido de Ninurta - Urash?

Depois de fazer para sua mãe um novo lar na região sul da península do Sinai, Ninurta deu a ela um novo título: NIN.HAR.SAG ("Senhora da Montanha Cabeça"), pelo qual Sud seria chamada dali em diante.

O termo "montanha cabeça" indica que o monte era o mais alto da península. Essa é a montanha conhecida hoje como o monte Santa Catarina, um pico reverenciado desde a Antiguidade, muitos milênios antes da construção do mosteiro próximo. Perto dele eleva-se o monte Moisés, chamado assim pelos monges, sugerindo que se trata do monte Sinai da Bíblia. Embora haja muitas dúvidas sobre essa identificação, ninguém contesta que esses dois picos gêmeos vêm sendo considerados sagrados desde a mais remota Antiguidade. Acreditamos que o motivo para isso seja o fato de eles terem desempenhado

um papel fundamental no planejamento do espaçoporto pós-diluviano e do Corredor de Aterrissagem que levava a ele.

Esses novos planos adotaram velhos princípios. Para compreendermos o grandioso projeto para o novo espaçoporto, é preciso primeiro revisarmos o modo como foram construídos o espaçoporto pré-diluviano e o seu Corredor de Aterrissagem. Naquela época, os Anunnaki começaram escolhendo como ponto focal o monte Ararat, com seus dois picos, o mais alto da Ásia Ocidental e, portanto, o marco natural mais visível para quem estava no céu. Os outros acidentes geográficos, também naturais e visíveis, eram o rio Eufrates e o golfo Pérsico. Desenhando uma linha norte-sul imaginária a partir do monte Ararat, os Anunnaki determinaram que o espaçoporto deveria ficar onde a linha cortava o rio. Então, traçando uma diagonal com origem no golfo Pérsico - num ângulo preciso de 45 graus -, eles estabeleceram a Trajetória de Aterrissagem. Em seguida, escolheram os locais para seus primeiros povoados de modo a marcar um Corredor de Aterrissagem abrangendo os dois lados da Trajetória de Aterrissagem. No ponto central ficava Nippur, o Centro de Controle da Missão, e todos os outros povoados eram eqüidistantes dele.

As instalações pós-diluvianas foram planejadas dentro dos mesmos princípios. O monte Ararat serviu como o principal ponto focal; a linha a 45 graus marcou a Trajetória de Aterrissagem, e uma combinação de acidentes geográficos naturais delineou o Corredor de Aterrissagem em forma de flecha. Só que dessa vez os Anunnaki tinham a Plataforma da Montanha dos Cedros (Baalbek), que escapara da inundação do Dilúvio, e a incorporaram na nova Malha de Aterrissagem.

O monte Ararat, com seus dois picos, serviria de novo como o marco norte, ancorando tanto o Corredor de Aterrissagem como a Trajetória em seu centro. A linha sul do Corredor de Aterrissagem ligava o Ararat ao pico mais alto da península do Sinai, o Harsag (monte Santa Catarina), e seu gêmeo, o monte Moisés, um pouco mais baixo.

A linha norte do Corredor estendia-se do Ararat, cortando a Plataforma de Aterrissagem em Baalbek, até o Egito. Ali o terreno é plano demais para oferecer marcos naturais, e foi por isso, temos certeza, que os Anunnaki decidiram construir as duas grandes pirâmides de Gizé, para terem os mesmos dois picos naquele local, só que artificiais.

Na escolha do local para a construção desses marcos artificiais entrou uma linha leste-oeste imaginária, já arbitrariamente concebida pelos Anunnaki para ajudá-los em suas ciências espaciais. Eles dividiram o firmamento em torno

da Terra em três faixas ou "vias". A faixa norte era a "Via de Enlil"; a sul, a "Via de Enki"; e a do meio, a "Via de Anu". Elas eram separadas pelas linhas imaginárias que conhecemos como o paralelo 30 norte e o paralelo 30 sul.

O paralelo 30 parece ter tido um significado especial, sendo "sagrado", e desde essa remota antiguidade as cidades santas da Terra, do Egito ao Tibet, passaram a ser fundadas sobre ele. O paralelo 30 foi escolhido para ser a linha sobre a qual seriam construídas as pirâmides (no ponto de interseção com a linha Ararat-Baalbek) e sobre a qual também ficaria o novo espaçoporto (EP), pois ao passar pela planície central do Sinai e cortar a Trajetória de Aterrissagem, bem no meio do Corredor, marcava o local exato onde ele deveria ser implantado.

Acreditamos que foi essa a Malha de Aterrissagem projetada pelos Anunnaki e o motivo do aparecimento das grandes pirâmides de Gizé.

Ao sugerir que as grandes pirâmides de Gizé não foram construídas por faraós, mas pelos Anunnaki que aqui estiveram milênios antes deles, estamos, é claro, indo contra as teorias dos arqueólogos e estudiosos sobre esses monumentos.

A afirmação dos egiptólogos do século 19 de que as pirâmides, inclusive as três de Gizé, foram erigidas por uma sucessão de faraós para lhes servirem de tumbas grandiosas, há muito caiu em descrédito. Em nenhuma delas foi encontrado o corpo do rei que presumivelmente a mandara construir. Segundo essa teoria, a Grande Pirâmide fora erigida por Khufu (Quéops), a segunda, quase do mesmo tamanho, por um seu sucessor chamado Quafre (Quéfren), e a terceira, bem menor, por Menkaurê (Miquerinos), todos eles reis da VI Dinastia. A Esfinge, na opinião desses mesmos egiptólogos, teria sido construída por Quéfren, já que ela está situada junto à rampa que leva à segunda Pirâmide.

Por algum tempo acreditou-se que havia provas incontestáveis sobre a identidade do faraó que mandara construir a terceira pirâmide, devido à afirmação de um certo coronel Howard Vyse e seus dois assistentes de que teriam descoberto em seu interior o ataúde e os restos mumificados de Menkaurê. No entanto, nem o ataúde nem os restos de esqueleto são autênticos - fato já há um bom tempo conhecido pelos estudiosos do assunto, mas que continua pouco divulgado. Alguém, sem dúvida o tal coronel Vyse e seus asseclas, levou para o interior da terceira pirâmide um caixão de 2 mil anos depois da época de Menkaurê e ossos de eras cristãs, muito posteriores, e juntou-os numa descarada fraude ecológica.

As teorias atuais sobre os construtores das pirâmides estão baseadas na descoberta do nome "Khufu", escrito em hieróglifos dentro de um compartimento encontrado hermeticamente lacrado no interior da Grande Pirâmide, o que estabeleceria a identidade de seu construtor. Poucos se dão conta de que o descobridor dessa inscrição foi o mesmo coronel Vyse, sempre em companhia de seus pretensos "assistentes" (1837). Em *A Escada para o Céu*, apresentamos indícios substanciais para mostrar que a inscrição foi uma falsificação perpetrada pelos "descobridores". No final de 1983, um leitor desse meu livro procurou-me para mostrar documentos familiares que registram que seu bisavô - um mestre pedreiro chamado Humphries Brenver, que fora contratado pelo coronel Vyse para cuidar da utilização da pólvora na explosão de passagens no interior da Grande Pirâmide - foi *testemunha ocular da falsificação*. Por ter se objetado ao feito, ele não só foi despedido do sítio arqueológico como também foi forçado a deixar o Egito!

Em *A Escada para o Céu* mostramos que Khufu não poderia ter sido o construtor da Grande Pirâmide, porque numa estela que ele mandou erigir perto dela refere-se à existência do monumento. Até mesmo a Esfinge, supostamente erigida pelo sucessor desse faraó, está mencionada na inscrição. As provas extraídas das pinturas feitas durante a época dos faraós da I Dinastia - muito antes de Khufu e seus sucessores - mostram, conclusivamente, que esses reis de eras remotas já conheciam as maravilhas de Gizé. Pode-se ver claramente a Esfinge tanto nos desenhos que mostram a viagem do rei para a Outra Vida como numa cena de sua investidura pelos "Antigos" que chegam ao Egito num barco. Apresentamos também como prova a bem conhecida Tabuinha da Vitória do primeiro faraó de todos, Menés, que mostra-o forçando a unificação do Egito.

Num dos lados da plaquinha Menés é mostrado com a coroa branca do Alto Egito, derrotando os chefes dessa região e conquistando suas cidades. No outro, ostentando a coroa vermelha do Baixo Egito, ele marcha pelos distritos dessa área e decapita seus chefes. À direita de sua cabeça, o artista escreveu o epíteto "Nar-Mer" conquistado pelo faraó. À esquerda está mostrada a mais importante estrutura existente nos distritos recém-conquistados: a pirâmide (fig. 39b).

Todos os estudiosos concordam que a tabuinha mostra de maneira realista todos os lugares, fortificações e inimigos encontrados por Menés em sua campanha para unificar os dois Egitos. No entanto, o símbolo da pirâmide é o único que parece ter escapado nesse exame tão minucioso. Nós afirmamos

que ele, como todos os outros na tabuinha, foi incluído e desenhado de uma forma proeminente na face relativa ao Baixo Egito, porque ele realmente existia lá.

Portanto, todo o complexo de Gizé - pirâmides e Esfinge - já existia quando o sistema monárquico começou no Egito. Então, seus construtores não foram, nem poderiam ser faraós da VI Dinastia.

As outras pirâmides encontradas no Egito - menores, mais primitivas em comparação com as três de Gizé, algumas que ruíram antes da conclusão da obra - realmente foram construídas por vários faraós. No entanto, eles não as erigiram como tumbas ou cenotáfios (tumbas simbólicas monumentais), mas sim para imitar os deuses. Acreditava-se na Antiguidade que as três pirâmides e a Esfinge de Gizé indicassem o caminho para o céu - o espaçoporto - na península do Sinai. Quando construía pirâmides para poder viajar para a Outra Vida, os faraós as enfeitavam com os símbolos que consideravam apropriados, ilustrações sobre o trajeto e, em vários casos, cobriam as paredes com reproduções de trechos do *Livro dos Mortos*. As três pirâmides de Gizé, únicas em sua construção externa e interna, tamanho e durabilidade, também se distinguem de todas as outras por não possuírem nenhum tipo de inscrição ou ornamento. Elas são apenas estruturas severas, funcionais, que se elevam na planície como marcos gêmeos, para servirem não os homens, mas "Aqueles que do Céu Vieram à Terra".

Com base em nossas pesquisas e investigações, concluímos que a primeira pirâmide a ser construída em Gizé foi a menor das três, que serviu como um modelo em escala para testes de engenharia e utilização. Em seguida, mantendo a preferência pelos pontos focais duplos, foram erigidas as duas grandes pirâmides. Embora a segunda pirâmide seja menor do que a grande, elas parecem ter a mesma altura, pois a segunda foi construída num terreno um pouco mais alto.

Única em seu incomparável tamanho, a Grande Pirâmide também se destaca por possuir, além da passagem descendente encontrada em todas as outras pirâmides, uma passagem ascendente, um corredor horizontal, duas câmaras e uma série de compartimentos estreitos e hermeticamente lacrados. A câmara superior é atingida por uma grande galeria incrivelmente elaborada e uma antecâmara que poderia ser fechada com um simples puxar de cordas. A câmara que fica mais no alto continha - e contém - um bloco de pedra incomum, em forma de baú (obra que exigiu uma tecnologia impressionante) e que, ao ser golpeado, tocou como um sino. Na parte superior da câmara fica

a série de compartimentos baixos e fechados, propiciando uma extrema ressonância.

E para que seria tudo isso?

Existem muitos paralelos entre essas características únicas da Grande Pirâmide e as de E.KUR ("Casa que É como uma Montanha") de Enlil o zigurate do deus na Nippur pré-diluviana. Como a pirâmide, ele dominava a planície adjacente. Antes do Dilúvio, o Ekur de Nippur abrigava o DUR.AN.KI - "Vínculo entre o Céu e a Terra" - e servia como Centro de Controle da Missão, equipado com as Tábuas dos Destinos, os painéis com os dados orbitais. Ele também continha a DIR.GA, uma misteriosa "Câmara Escura", cujo "esplendor" orientava as naves para elas aterrissarem em Sippar. Tudo isso - os muitos mistérios e funções do Ekur que estão descritos na lenda de Zu - existia antes do Dilúvio. Quando a Mesopotâmia foi repovoada e Nippur restabelecida, a residência que Enlil e Ninlil mantinham na cidade era um grande templo cercado de pátios e jardins, com portões pelos quais seus adoradores podiam entrar. Ali não era mais um território proibido porque as funções relacionadas com os vãos espaciais, bem como o espaçoporto em si, estavam num outro lugar.

Os textos sumérios passam a falar de um novo, misterioso e impressionante Ekur, "A Casa que É como uma Montanha", situado num local distante, sob a égide de Ninharsag e não de Enlil. Assim, o conto épico sobre um rei chamado Etana, de uma época logo após o Dilúvio, fala que ele foi transportado para a Morada Celestial dos Anunnaki e que sua ascensão deu-se em local não muito distante do novo Ekur, no "Lugar das Águias", ou seja, no espaçoporto. Um "Livro de Jó" acadiano, intitulado *Ludlul Bel Nimeqi* ("Louvo o Deus da Profundeza"), refere-se ao "irresistível demônio que saiu do Ekur", numa terra "do outro lado do horizonte, no Mundo Inferior África".

Não reconhecendo a imensa antiguidade das pirâmides de Gizé ou a identidade de seus verdadeiros construtores, os estudiosos do assunto também ficaram intrigados com essa aparente referência a um Ekur distante da Suméria. De fato, se alguém aceitar as interpretações comumente aceitas nos textos mesopotâmicos, ninguém naquela região estava a par da existência das pirâmides egípcias. Nenhum dos reis da Mesopotâmia que invadiram o Egito, nenhum dos mercadores que faziam comércio com ele, nenhum dos emissários que o visitaram, ninguém notou aqueles colossais monumentos...

Como é possível?

Sugerimos que os monumentos de Gizé *eram* conhecidos na Suméria e em Acad. Sugerimos ainda que a Grande Pirâmide era o Ekur pós-diluviano, do qual os textos contemporâneos falavam longamente (como veremos a seguir). E sugerimos ainda que antigos desenhos da Mesopotâmia mostram as pirâmides quando estavam sendo construídas.

Já vimos como eram as "pirâmides" da Mesopotâmia, os zigurates ou torres em degraus. Existem estruturas completamente diferentes em alguns dos mais arcaicos desenhos sumérios. Em alguns deles vemos a construção de uma estrutura com base quadrada e lados triangulares, ou seja, uma pirâmide de faces lisas. Outros desenhos mostram uma pirâmide concluída, em que o símbolo da serpente a coloca claramente num território governado por Enki. Outra ainda mostra a pirâmide enfeitada com asas para indicar sua função relacionada aos vãos espaciais. Esse desenho, do qual foram encontradas várias cópias, mostra a pirâmide junto com outras características de grande exatidão: uma esfinge agachada olhando para o lago dos Juncos; no outro lado do lago, uma outra esfinge voltada para a primeira, confirmando a afirmação encontrada em certos textos egípcios de que havia um monumento assim na península do Sinai. Tanto a pirâmide como a esfinge localizada perto dela estão próximas de um rio, e, de fato, o complexo de Gizé fica próximo da margem do Nilo. E depois do rio está a extensão de água em que navegam os deuses que ostentam chifres, confirmando a lenda egípcia que afirmava que eles tinham vindo do sul, pelo mar Vermelho.

A impressionante similaridade entre esse arcaico desenho sumério e o arcaico desenho egípcio é prova de que as pirâmides e a Esfinge eram conhecidas tanto no Egito como na Suméria. Vale notar que até um detalhe pequeno, como o ângulo preciso da inclinação da pirâmide, 52 graus, está exato no desenho sumério.

A conclusão inevitável, portanto, é que a Grande Pirâmide era conhecida na Mesopotâmia, pelo menos por ter sido construída pelos mesmos Anunnaki que tinham erigido o Ekur original em Nippur. E nada mais lógico que eles a chamarem de E.KUR ("A Casa que É como uma Montanha"). Como suas antecessoras, a Grande Pirâmide de Gizé foi construída com misteriosas câmaras escuras e estava equipada com instrumentos para orientar as naves espaciais que usavam o espaçoporto pós-diluviano na península do Sinai. Para garantir sua neutralidade, ela foi colocada sob a proteção de Ninharsag.

Essa nossa solução para todo o mistério da construção das pirâmides dá significado a um poema antes considerado enigmático, exaltando Ninharsag como a dona da "Casa com um Pico Pontudo", ou seja, uma pirâmide:

**Casa luminosa e escura do Céu e da Terra, para os foguetes reunir;
E.KUR, Casa dos Deuses com pico pontudo;
Para o Céu-Terra está grandemente equipada.
Casa cujo interior brilha com uma Luz do Céu avermelhada, pulsando
um raio que atinge longas e amplas distâncias; sua grandiosidade
comove.
Impressionante zigurate, altíssima montanha das montanhas...
Tua criação é grande e altíssima.
Os homens não podem entendê-la.**

A função dessa "Casa dos Deuses com Pico Pontudo" agora fica bem clara. Ela era uma "Casa de Equipamento", que servia para "trazer para pousar" os astronautas, "que vêm e orbitam", um "grande marco terrestre para os altíssimos Shems (as 'Câmaras Celestes')":

**Casa do Equipamento, altíssima Casa da Eternidade: seus alicerces são
pedras [que vão] até a água; seu grande perímetro está assentado em
barro.
Casas cujas partes são habilmente tecidas uma às outras;
Casa que, com a exatidão de seus rugidos, traz para pousar os Grandes
que Vêm e Orbitam...
Casa que é o grande marco terrestre para os altíssimos *Shems*; montanha
através da qual Utu ascende.
[Casa] cujas profundas entranhas os homens não podem penetrar...
Anu a tornou magnífica.**

O poema prossegue, descrevendo as várias partes da estrutura: suas fundações "que causam espanto"; a porta da entrada, que abre e fecha como uma boca mostrando "uma luminosidade verde e fraca"; a entrada em si ("como a boca de um grande dragão aberta em espera"); os batentes ("como duas pontas de espada que mantêm afastados os inimigos"). A câmara interior é "como uma vulva" e está protegida por "punhais que golpeiam do alvorecer até o

crepúsculo"; seu "derramamento" - aquilo que a câmara emite - "é como um leão que ninguém se atreve a enfrentar".

Segue-se então a descrição de um grandioso corredor ascendente: "Sua abóbada é como um arco-íris, a escuridão termina ali; tudo nela impressiona; suas juntas fazem lembrar as garras de um abutre pronto para a captura". No alto dessa galeria fica "a entrada para o topo da montanha", que não se abre para o inimigo, somente para "Os que Vivem". Três dispositivos de fechamento - "O ferrolho, a tranca e a fechadura... deslizando dentro de um lugar que inspira pavor" - protegem o acesso à câmara superior, da qual o Ekur "inspeciona o Céu e a Terra, uma rede estende".

Esses são detalhes que impressionam pela exatidão quando os lemos com o apoio de nosso conhecimento atual sobre o interior da Grande Pirâmide. Nela a entrada era feita através de uma abertura na face norte, escondida por uma pedra giratória, e esta de fato se abria e fechava "como uma boca". Subindo um patamar, a pessoa que entrava via-se diante da passagem descendente, que podia mesmo ser comparada com "a boca de um grande dragão aberta em espera". A entrada da pirâmide era protegida do imenso peso da estrutura acima dela por quatro blocos maciços, assentados em diagonal "como duas pontas de punhal que mantêm afastados os inimigos" e revelando uma enigmática pedra entalhada no meio. Pouco depois do início da passagem descendente, começava a passagem ascendente. Esta levava a um corredor horizontal, pelo qual se podia atingir o coração da pirâmide – uma "Câmara de Emissões", que fazia lembrar "uma vulva". Continuando pela passagem ascendente, chegava-se à galeria ascendente, de construção elaboradíssima, cujas paredes iam se aproximando uma da outra em degraus, no sentido da altura, dando àquele que entrava a impressão de que essas juntas, ou costelas, eram mesmo "como as garras de um abutre pronto para a captura". A galeria levava à câmara superior, da qual uma "rede" - um campo de força - "inspecionava o céu e a Terra". O acesso a ela era feito através de uma antecâmara, de construção muito complexa, onde três dispositivos de fechamento realmente estavam instalados, prontos para "deslizar" para baixo e "não se abrir para o inimigo".

Depois de descrever o Ekur por dentro e por fora, o poema laudatório fornece informações a respeito das funções e da localização da estrutura:

Neste dia a própria Dona fala com veracidade; a Deusa dos Foguetes, a Pura Grande Senhora, se elogia: "Sou a Dona; Anu determinou meu destino"; filha de Anu eu sou.

**Enlil acrescentou-me um grande destino; sua irmã-princesa eu sou.
Os deuses entregaram em minhas mãos os instrumentos de orientação do Céu-Terra;
Mão das Câmaras Celestes eu sou.**

Ereshkigal concedeu-me o lugar-da-abertura dos instrumentos que orientam os pilotos; "o grande marco, a montanha através da qual Utu se eleva, eu estabeleci como o estrado do meu trono".

Se, como nós concluímos, Ninharsag era a Dona neutra da pirâmide de Gizé, ela deveria ser conhecida e venerada como deusa também no Egito. E era de fato o que acontecia, só que os egípcios a conheciam como Hat-Hor. Os livros de história nos contam que esse nome significa "Casa de Hórus", mas isso é só superficialmente correto. Essa leitura se origina do hieróglifo que mostra um falcão dentro do símbolo para "casa". O falcão era o símbolo de Hórus porque ele podia voar como esse pássaro. No entanto, a tradução literal do nome é: "Deusa cuja Casa Fica Onde Estão os 'Falcões'", ou onde os astronautas fizeram seu lar: o espaçoporto.

Esse espaçoporto, como ficou demonstrado, na era pós-diluviana estava situado na península do Sinai. Ora, para ostentar o título de Hat-Hor, a deusa deveria ser a dona da península do Sinai. E, de fato, os egípcios consideravam a península como o domínio de Hathor, e todas as estelas e templos erigidos pelos faraós nessa região eram dedicados exclusivamente a essa deusa. E, como Ninharsag em sua meia-idade, a Harthor egípcia também era apelidada de "A Vaca" e retratada com os chifres desse animal.

Afirmar que Ninharsag era a dona da Grande Pirâmide. E quanto a Hathor? Ela também ostentava esse título, o que é impressionante, mas não surpreendente.

A prova vem sob a forma de uma inscrição do faraó Khufu (cerca de 2600 a.C.) numa estela comemorativa que ele erigiu num templo dedicado a Ísis, em Gizé. Conhecido como a Estela do Inventário, esse monumento estabelece com clareza que a Grande Pirâmide e a Esfinge já existiam quando Khufu (Quéops) começou a reinar, pois nela ele afirma que construiu o templo de Ísis ao lado dos dois monumentos:

Viva Hórus Mezdau.
Ao rei do Alto e Baixo Egito, Khufu, a vida é dada!
Ele fundou a Casa de Ísis,
Dona da Pirâmide, ao lado da Casa da Esfinge.

Então, na época de Khufu, Ísis (mulher de Osíris e mãe de Hórus) era considerada a "Dona da Pirâmide". Mas, como deixa claro a continuação da inscrição, ela não era a primeira dona:

Viva Hórus Mezdau.
Ao rei do Alto e Baixo Egito, Khufu, a vida é dada!
Para sua divina mãe Ísis, Dona da "Montanha Ocidental de Hathor",
Ele mandou fazer esta inscrição numa estela.

Portanto, a Grande Pirâmide não apenas era uma "Montanha de Hathor" - um paralelo exato com o sumério "A Casa que É como uma Montanha" - como também era a montanha *ocidental* da deusa, deixando implícito que Hathor tinha uma montanha ocidental. E essa, sabemos a partir das fontes sumérias, era o Har-Sag, o pico mais alto da península do Sinai.

Apesar da rivalidade e suspeitas entre as duas dinastias divinas, praticamente não restam dúvidas de que o trabalho de construção do espaçoporto e das instalações de controle e orientação coube a Enki e seus descendentes. Ninurta provara ser mestre nas obras de represamento e irrigação. UtuShamash sabia comandar e operar as instalações de pouso e decolagem. Porém só Enki, o mestre cientista e engenheiro, que já fizera tudo aquilo antes, tinha a experiência e o *know-how* necessários para supervisionar o planejamento e a execução de uma obra tão importante e grandiosa.

Em nenhum dos textos sumérios que descrevem os feitos de Ninurta e de Utu existe ao menos uma insinuação de que qualquer um deles tenha se envolvido no planejamento ou na construção de obras relacionadas com atividades espaciais. Quando Ninurta, numa ocasião posterior, pediu a um rei sumério seu Pássaro Divino, foi um outro deus, que o acompanhava, que deu ao rei os projetos arquitetônicos e as instruções de construção. Por outro lado, vários textos relatam que Enki passou a seu filho Marduk todo o conhecimento científico que possuía. Eles registraram uma conversa entre os dois, depois

que Marduk procurou o pai com uma questão para a qual não encontrava solução.

**Enki respondeu a seu filho, Marduk:
"Meu filho, o que existe que você não saiba"?
O que mais eu poderia lhe dar?
Marduk, o que existe que você não saiba?
O que posso lhe dar além de tudo o que já dei?
Tudo o que sei você sabe!**

Como são muito fortes as similaridades entre Ptah e Enki como o pai e Marduk e Ra como o filho, não devemos nos surpreender ao descobrir que os textos egípcios realmente ligavam Ra com as instalações espaciais e obras de construção relacionadas a elas. Nisso ele foi auxiliado por Shu e Tefnut, Geb e Nut, e também por Thot, o deus das coisas mágicas. A Esfinge, o "guia divino", que mostrava o caminho para o leste, exatamente ao longo do paralelo 30, tinha as feições de Hor-Akhti ("O Falcão do Horizonte"), o epíteto de Ra. Uma estela erigida perto da Esfinge em épocas faraônicas tinha uma inscrição que denominava Ra como o engenheiro ("O que Estende o Cordão"), que construiu o "Lugar Protegido", no "Deserto Sagrado", de onde ele podia "ascender com grande beleza" e "atravessar o Firmamento".

**Vós estendeis os cordões para o plano,
Destes formas às terras...
Tomastes secreto o Mundo Inferior...
Construístes para vós um lugar protegido no deserto sagrado, com nome oculto.
Vós vos elevais durante o dia do outro lado...
Estais subindo com grande beleza...
Estais cruzando o Firmamento com um bom vento...
Estais atravessando o Firmamento no barco celestia1...
O céu se rejubila, a Terra grita de alegria.
A tripulação de Ra louva todos os dias;
Ele se aproxima em triunfo.**

Os textos egípcios garantiam que Shu e Tefnut estiveram envolvidos nas extensas obras relacionadas com atividades espaciais, "segurando o

Firmamento sobre a Terra". O nome do filho desse casal de deuses, Geb, derivava da raiz *gbb* - "empilhar, amontoar" -, o que atesta, como concordam os estudiosos, seu envolvimento em obras que implicavam a formação de pilhas ou montes, portanto uma forte sugestão de que ele participou da construção das pirâmides.

Um conto egípcio sobre o faraó Khufu e seus três filhos revela que naquela época as plantas de construção secretas da Grande Pirâmide estavam sob a custódia do deus que os egípcios chamavam de Thot, o deus da astronomia, da matemática, da geometria e da agrimensura. Deve ser lembrado que a Grande Pirâmide possui uma característica única: a presença de câmaras e passagens superiores. No entanto, como esses acessos foram vedados exatamente no ponto onde começam na passagem descendente, todos os faraós que tentaram imitar as pirâmides de Gizé construíram as suas apenas com câmaras inferiores, ou por serem incapazes de fazer as superiores por falta de conhecimento arquitetural preciso ou (com o passar do tempo) simplesmente porque não sabiam de sua existência. Porém, parece que Khufu tinha conhecimento das duas câmaras secretas dentro da Grande Pirâmide e esteve a ponto de descobrir as plantas de construção dos monumentos, pois ele foi informado sobre o local onde Thot as escondera.

Encontrada no chamado *Papiro Westcar* e intitulada "Lendas dos Mágicos", essa história conta que "um dia, quando o rei Khufu reinava sobre toda a Terra", ele chamou seus três filhos e pediu a eles para lhe contarem lendas sobre os "feitos dos mágicos", dos velhos tempos. O primeiro a falar foi "o filho real, Khafra", que contou "uma lenda do tempo de seu ancestral Khufu Nebka... sobre o que aconteceu quando ele entrou no templo de Ptah". Era um relato sobre como um mágico ressuscitou um crocodilo morto. Então o filho real Bau-ef-Ra contou um milagre ocorrido na época de um ancestral de Khufu ainda mais antigo, quando um mágico separou as águas de um lago para uma jóia ser recuperada de seu leito. "Quando o mágico falou, usando sua linguagem mágica, ele trouxe as águas do lago de volta ao seu lugar".

Um tanto cínico, o terceiro filho. Hor-De-Def, levantou-se e disse: "Ouvimos contar sobre os mágicos do passado e seus feitos, cuja veracidade não podemos comprovar. Já eu sei sobre coisas feitas em nossa época". O faraó quis saber quais eram e Hor-De-Def respondeu que conhecia um homem chamado Dedi que sabia como recolocar uma cabeça decapitada, domar um leão e também conhecia "os números *Pdut* das câmaras de Thot".

Ao ouvir isso, o faraó ficou extremamente curioso, pois estivera tentando descobrir as "Câmaras Secretas de Thot" na Grande Pirâmide (já bloqueadas e escondidas na época de Khufu!). Portanto, ordenou que o sábio Dedi fosse encontrado e trazido de seu local de residência, uma ilha perto da ponta da península do Sinai.

Quando Dedi foi levado à presença de Khufu, o faraó primeiro testou seus poderes mágicos, tal como ressuscitar um ganso, uma ave e um boi que tinham sido decapitados. Então ele perguntou: "É verdade o que dizem, que tu conheces os números *Pdut* ou *Iput* de Thot?". Ao que Dedi respondeu: "Não conheço os números, ó rei, mas sei em que lugar estão os *Pdut*".

Todos os egiptólogos concordam que a palavra *Iput* transmite o significado "câmaras secretas do santuário primevo" e que *Pdut* deve ser traduzido por "projetos, desenhos, plantas com números".

Portanto, quando respondeu ao faraó, o mágico (cuja idade seria de 110 anos) disse mais exatamente: "Não conheço as informações que estão nos desenhos, ó, rei, mas sei onde Thot escondeu as plantas com números". Diante de novas perguntas, ele disse: "Há uma caixa feita de pedra de amolar na câmara secreta que é chamada de Sala dos Mapas em Heliópolis; elas estão lá".

Entusiasmado, Khufu ordenou a Dedi que fosse pegar a caixa para ele, mas o mágico respondeu que nem ele nem o rei poderiam tê-la, pois ela fora destinada a ser descoberta por um futuro descendente de Khufu. "Isso foi decretado por Ra", acrescentou. Atendendo a vontade do deus, Khufu, como já vimos, terminou construindo apenas um templo dedicado à Dona da Pirâmide perto da Esfinge e algumas obras secundárias em torno do complexo de Gizé.

O círculo de indícios comprobatórios assim está completo. Os textos sumérios e egípcios confirmam-se uns aos outros e confirmam nossas conclusões: uma mesma deusa era a dona do pico mais alto da península do Sinai e da montanha artificial erigida no Egito, que serviam como pontos de ancoragem das linhas imaginárias que formavam o Corredor de Aterrissagem.

Mas o desejo dos Anunnaki de manter a península e suas instalações como uma área neutra não prevaleceu por muito tempo. A rivalidade e o amor se combinaram de uma forma trágica para abalar o *status quo*, e logo a Terra dividida estaria enredada nas Guerras da Pirâmide.

AS GUERRAS DA PIRÂMIDE

"No ano 363, Sua Majestade Ra, o Santo, o Falcão do Horizonte, o Imortal que vive eternamente, estava no país de Khenn. Seus guerreiros o acompanhavam, pois os inimigos tinham conspirado contra seu senhor... Hórus, o Medidor Alado, foi ao barco de Ra e disse ao seu ancestral: 'Ó, Falcão do Horizonte, vi o inimigo conspirar contra vossa soberania, tomar a Coroa Luminosa para si'... Então Ra, o santo, o Falcão do Horizonte, disse a Hórus, o Medidor Alado: 'Altíssimo descendente de Ra, meu filho: vá rápido, arrasa o inimigo que vistes'".

Assim começa a lenda que foi escrita nas paredes de templos da antiga cidade egípcia de Edfu. Essa história, acreditamos, conta sobre o evento que só poderia ser chamado de A Primeira Guerra da Pirâmide - um conflito com raízes na interminável disputa pelo controle da Terra e suas instalações espaciais, e nas tramas dos Grandes Anunnaki, especialmente de Enki/Ptah e seu filho Ra/Marduk.

Segundo Manetho, Ptah abdicou do domínio sobre o Egito depois de um reinado de 9000 anos; o de Ra foi interrompido depois de 1000 anos devido ao Dilúvio, como vimos anteriormente. Seguiu-se então o reinado de Shu, que ajudou Ra a "encontrar os céus sobre a Terra", com a duração de setecentos anos, e nos quinhentos anos seguintes reinou Geb ("Que Empilha a Terra"). E foi no reinado de Geb, por volta de 10.000 a.C. que as instalações espaciais - o espaçoporto no Sinai e as pirâmides de Gizé - foram construídas.

Embora a península do Sinai, localização do espaçoporto, e as pirâmides de Gizé supostamente permanecessem neutras sob a égide de Ninharsag, é duvidoso que os construtores dessas instalações - Enki e seus descendentes - tivessem mesmo a intenção de abrir mão do controle sobre elas. Um texto sumério, que começa com uma descrição idílica, chamada pelos estudiosos "O Mito do Paraíso", mas cujo nome era realmente *Enki e Ninharsag* é, de fato, um registro do relacionamento amoroso com objetivos políticos entre os dois, uma lenda que fala sobre o trato que Enki e sua meia-irmã fizeram sobre o controle do Egito e da península, portanto, das pirâmides e do espaçoporto.

A história se passa depois que a Terra foi dividida entre os Anunnaki, cabendo Tilmun (a península) a Ninharsag, e o Egito ao clã de Enki. Este atravessou os lagos pantanosos que separavam os dois territórios e procurou a solitária Ninharsag para uma orgia amorosa:

**Para aquela que está solitária,
Para a Senhora da Vida, dona da terra.
Enki, que procurou a sábia Senhora da Vida.
Faz seu falo cobrir de água os diques;
Faz seu falo submergir os juncos...
Ele derramou seu sêmen na grande dama dos Anunnaki, derramou o
sêmen no ventre de Ninharsag;
Ela recebeu o sêmen no ventre, o sêmen de Enki.**

A verdadeira intenção de Enki era conseguir um filho com sua meia-irmã, mas nasceu uma menina. Enki então teve relações sexuais com sua filha, assim que ela se tornou "jovem e bela", e posteriormente com sua neta. Como resultado dessas estripulias, nasceram seis deusas e dois deuses. Irritada com tanto incesto, Ninharsag usou suas habilidades médicas para fazer Enki adoecer. Os Anunnaki que o apoiavam suplicaram pela sua vida, mas Ninharsag estava decidida: "Enquanto ele não estiver morto, não o contemplarei com o 'Olho da Vida!'".

Satisfeito em ver Enki finalmente contido, Ninurta - que fora a Tilmun fazer uma inspeção - voltou à Mesopotâmia para relatar os acontecimentos numa reunião em que estavam presentes Enlil, Nannar/Sin, Utu/Shamash e Inanna/Ishtar. Não se contentando com as informações, Enlil deu ordem a Ninurta para voltar a Tilmun e trazer Ninharsag. Nesse ínterim, porém, Ninharsag tivera pena do irmão e mudara de idéia. "Ninharsag sentou Enki perto de sua vulva e perguntou: 'Meu irmão, onde dói?'". Em seguida começou a curar o corpo doente de Enki uma parte após outra. Uma vez restabelecido, Enki propôs que os dois, na qualidade de soberanos do Egito e da península do Sinai, designassem tarefas, consortes e territórios aos oito deuses jovens, seus descendentes:

Que Abu seja o senhor das plantas; que Nintulla seja o governante de Magan; que Ninsutu case-se com Ninazu; que Ninkaski seja aquela que sacia a sede; que Nazi case-se com Nindara; que Azimua se case com Ningishzida; que Nintu seja a rainha dos meses; que Enshag seja o governante de Tilmun!

Os textos teológicos egípcios descobertos em Mênfis também afirmam que oito deuses "vieram à existência" a partir do coração, da língua, dos dentes, dos lábios e de outras partes do corpo de Ptah. E nesses relatos, como na lenda mesopotâmica, depois do nascimento desses filhos Ptah designou domicílios e territórios para eles: "Após ter formado os deuses, ele fez cidades, estabeleceu distritos, colocou os deuses em suas moradas sagradas; construiu seus santuários e determinou que oferendas eles deveriam receber". E Ptah fez tudo isso "para alegrar o coração da Dona da Vida".

Se, como tudo indica, essas lendas tiveram base em fatos, as rivalidades resultantes dessa confusão de parentesco só poderiam se agravar com as peripécias sexuais de Ra, o herdeiro legal de Ptah. A mais significativa delas está por trás da afirmativa de que Osíris era na verdade filho de Ra e não de Geb, tendo sido concebido quando o avô fora procurar a neta em segredo. E, como relatamos antes, esse era o evento que estava no cerne do conflito Osíris-Set.

E por que Set, que recebera o Alto Egito de Geb, cobiçava tanto o Baixo Egito, concedido a Osíris? Os egiptólogos têm explicado isso falando em termos de geografia, fertilidade do solo etc. Mas, como já mostramos, havia mais um fator e, do ponto de vista dos deuses, muito mais importante do que o número de safras que uma determinada região poderia render: a Grande Pirâmide e suas companheiras em Gizé. Quem as controlasse tinha nas mãos todas as operações das atividades espaciais, as idas e vindas dos deuses e a vital linha de suprimentos entre a Terra e o 12º. Planeta.

Por algum tempo, depois de matar Osíris, Set conseguiu tornar realidade sua ambição. Mas "no ano 363" de seu reino, o jovem Hórus apresentou-se como o vingador do pai e declarou guerra contra Set - A Primeira Guerra da Pirâmide. E foi nela, como vimos anteriormente, que pela primeira vez os deuses envolveram os homens em suas lutas.

Apoiado por outros deuses da linhagem de Enki que reinavam na África, Hórus começou as hostilidades no Alto Egito. Usando o Disco Alado que Thot fizera, ele foi avançando para o norte, na direção das pirâmides. Uma importante batalha aconteceu no "distrito das águas", a cadeia de lagos que separa o Egito da península de Sinai, e muitos dos seguidores de Set foram mortos. Depois que os esforços dos outros deuses em favor da paz provaram ser inúteis, Hórus e Set engalfinharam-se num combate pessoal sobre a península. Durante uma das batalhas, Set escondeu-se em "túneis secretos", localizados em algum lugar da península. Numa outra, ele perdeu os

testículos. Por isso, o Conselho dos Deuses deu todo o Egito "como herança... para Hórus".

E o que aconteceu com Set, um dos oito deuses descendentes de Ptah?

Os textos egípcios contam que ele foi banido do país e passou a morar nas terras asiáticas ao leste, entre as quais se incluía um lugar que lhe permitia "falar a partir do céu". Seria Set o deus Enshag da lenda suméria sobre Enki e Ninharsag, aquele ao qual coube Tilmun (a península do Sinai) na divisão feita pelos dois amantes? Então ele também seria o deus egípcio (camita) que ampliou seus domínios, abrangendo também a terra de Sem ou Shem, mais tarde conhecida como Canaã.

Esse resultado da Primeira Guerra da Pirâmide explica muitas histórias da Bíblia. E nele também estão as causas da Segunda Guerra da Pirâmide.

Depois do Dilúvio, além de um espaçoporto e instalações de orientação, foi preciso estabelecer um novo Centro de Controle da Missão, que antes ficava situado em Nippur. Em *A Escada para o Céu*, mostramos que a necessidade de ele ficar eqüidistante das outras instalações relacionadas com as atividades espaciais determinou sua localização no monte Moriá ("O Monte de Dirigir"), local da futura cidade de Jerusalém.

Esse monte, tanto pelos relatos mesopotâmicos como pelos egípcios, ficava nas terras de Sem, e, portanto estava dentro dos domínios dos enlilitas (clã de Enlil). No entanto, ele terminou sob uma ocupação ilegal pela linhagem de Enki (os deuses camitas) e pelos descendentes de Canaã, o Camita.

O Antigo Testamento se refere ao país do qual Jerusalém veio a se tornar a capital como Canaã, nome do quarto filho de Cam. A Bíblia também escolhe Canaã para ser o objeto de uma reprimenda especial e determina que seus descendentes serão submissos aos descendentes de Sem. A improvável explicação para esse tratamento é que Cam - e não seu filho Canaã - viu os órgãos genitais de seu pai, Noé. Portanto, o Senhor amaldiçoou Canaã: "Maldito seja Canaã! Que ele seja para seus irmãos o último dos escravos... Bendito seja Iahweh, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo"!

Essa história do Livro do Gênesis deixa muitos aspectos sem explicação. Por que Canaã foi o amaldiçoado, quando foi seu pai que transgrediu acidentalmente? Por que seu castigo foi ser escravo de Sem e do deus de Sem? Como os deuses se envolveram no crime e seu castigo? Quando lemos o *Livro dos Jubileus*, ex-bíblico, fica claro que a verdadeira ofensa foi a ocupação ilegal do território de Sem.

Conta o *Livro dos Jubileus* que depois que a humanidade se dispersou e que seus vários clãs foram para os territórios para eles determinados, "Cam e seus filhos foram para a terra que ele deveria ocupar, a parte que lhe cabia no país do sul". Mas, enquanto viajava do local onde Noé fora salvo para o território que lhe fora designado na África, "Canaã viu o país do Líbano até o rio do Egito e lhe pareceu muito bom", então mudou de idéia: "Ele não foi para a terra que havia herdado, a oeste do mar [mar vermelho], e ficou residindo no país do Líbano, a leste e a oeste do Jordão".

O pai e os irmãos de Canaã tentaram demovê-lo desse ato ilegal: "Cam, seu pai, Cuch e Mesraim, seus irmãos, disseram: 'Tu te estabeleceste num país que não é teu, que não coube a nós; não faça isso, pois, se persistires, tu e teus filhos cairão em desagrado na Terra e serão acusados de sedição; pois por sedição tu te estabeleceste, por sedição teus filhos cairão em desagrado, e vós sereis erradicados para sempre. Não resida no lugar de moradia de Sem, pois para Sem e seus filhos ela foi aquinhoadá'".

Se Canaã insistisse em ocupar territórios alocados a Sem, eles acrescentaram: "Maldito és tu e maldito serás entre os filhos de Noé, pois nos comprometemos por um juramento na presença do Sagrado Juiz e na presença de nosso pai, Noé"...

"Mas Canaã não lhes deu ouvidos e morou no país do Líbano de Hamat até a entrada do Egito, onde estão ele e seus filhos até hoje. Por esse motivo aquele país é chamado de Canaã."

Devemos ter em mente que, naquela época, a partilha das terras foi feita entre deuses, não entre homens; portanto, os deuses e não os povos eram os donos dos territórios. Um povo só podia se estabelecer nas terras alocadas ao deus que ele venerava e só entrava no território de outros deuses se seu próprio deus tivesse estendido seu domínio sobre essas áreas por meio de acordos ou através da força. Portanto, a ocupação ilegal das terras entre o espaçoporto no Sinai e o Local de Aterrissagem em Baalbek por um descendente de Cam só poderia ter acontecido como resultado da usurpação da área por um descendente das deidades camitas, ou seja, por um dos deuses mais jovens do Egito.

E isso aconteceu, como vimos, em resultado da Primeira Guerra da Pirâmide.

A entrada de Set na região da futura Canaã significava que todos os locais relacionados com as atividades espaciais - Gizé, a península do Sinai, o monte Moriá - estavam sob o controle dos deuses Enki, algo que os enlilitas não

podiam aceitar. Assim, logo depois - trezentos anos, acreditamos -, estes lançaram-se numa guerra para expulsar os ocupantes ilegais das instalações espaciais.

Essa guerra, que chamamos de Segunda Guerra da Pirâmide, foi extensamente comemorada nos registros sumérios, tanto por meio de crônicas escritas como em descrições pictóricas. Vários textos descobertos na Mesopotâmia - alguns em sumério original, outros versões acadianas ou assírias, que os estudiosos chamam de "Os Mitos de Kur" (os "mitos" das Terras das Montanhas) - são de fato crônicas em linguagem poética da guerra para se obter o controle das montanhas relacionadas com as atividades espaciais: o monte Moriá, o Harsag (monte Santa Catarina) e o monte artificial situado no Egito, o Ekur (a Grande Pirâmide).

Fica claro a partir desses textos que as forças enlilitas eram comandadas por Ninurta, "o principal guerreiro de Enlil", e que os primeiros confrontos tiveram lugar na península do Sinai. Os deuses camitas foram derrotados, mas recuaram para continuar a guerra a partir das terras montanhosas da África. Ninurta prosseguiu avançando, e na segunda fase do conflito levou os combates até as fortalezas de seus inimigos, onde houve lutas ferozes e sangrentas. O teatro da fase final da guerra foi a Grande Pirâmide, o último e impenetrável baluarte dos opositores de Ninurta. Ali os deuses camitas foram sitiados até se verem sem água e sem comida.

Os hinos a Ninurta contêm numerosas referências aos seus feitos e façanhas heróicas na guerra. Uma grande parte do salmo "Como Anu És Feito" é um registro do conflito e da vitória final. No entanto, a principal e mais direta crônica da guerra é o texto épico *Lugal-e Ud Melam-bi*, que foi bem agrupado e editado por Samuel Geller em *Altorientalische Texte und Untersuchungen*. Como todos os outros textos mesopotâmicos, ele tem como título sua linha de abertura:

**Rei, a glória de teu dia é fidalga;
Ninurta, o mais importante, possuidor dos Poderes Divinos, que as
amarguras das Terras da Montanha enfrentou.
Como uma inundação que não pode ser contida, a Terra dos Inimigos
cercaste como se a cingisse com um cinturão.
Mais importante de todos, que na batalha entra com veemência; herói,
que na mão carrega a Arma Brilhante Divina;
Senhor: a Terra da Montanha submeteste como tua criatura.**

Ninurta, filho real, cujo pai lhe concedeu poder; herói: por medo de ti, a cidade se rendeu...

Ó, poderoso...

A Grande Serpente, o deus heróico, arrancaste de todas as montanhas.

Ao exaltar Ninurta, seus feitos, sua Arma Brilhante, o poema também informa a localização do conflito ("as Terras da Montanha") e quem era o principal inimigo: "A Grande Serpente", líder das deidades egípcias. O poema sumério identifica várias vezes esse adversário como Azag, e uma vez o chama de Ashar, ambos epítetos bem conhecidos para Marduk, estabelecendo dessa forma os dois principais filhos de Enlil e de Enki - Ninurta e Marduk - como os líderes das facções opostas na Segunda Guerra da Pirâmide.

O poema foi escrito em treze plaquinhas de argila, e a segunda descreve a primeira batalha. A superioridade de Ninurta é atribuída tanto às suas armas divinas como a um novo veículo aéreo que ele mesmo construiu copiando um original que fora destruído num acidente. O nome desse veículo era IM.DU.GUD, que em geral é traduzido como "O Divino Pássaro da Tempestade", mas literalmente significa "Aquele que Corre como uma Heróica Tempestade". Sabemos a partir de vários textos que a envergadura desse aparelho era de cerca de 25 metros.

Os desenhos arcaicos o mostram como um "pássaro" de construção mecânica, com suas asas enrijecidas por barras em treliça. A borda posterior das asas mostra uma série de orifícios, talvez entradas de ar para motores a jato ou similares. Essa aeronave, de milênios atrás, revela uma notável semelhança não apenas com os primeiros aviões da era moderna como uma similaridade impressionante com o desenho feito em 1497 por Leonardo da Vinci, mostrando seu conceito sobre uma máquina voadora impulsionada por um homem.

O Imdugud serviu de inspiração para o emblema de Ninurta: um heróico pássaro com cabeça de leão pousado sobre dois leões ou sobre dois touros. E era nessa "embarcação feita artesanalmente" - um veículo manufaturado -, que "na guerra destrói as residências principescas", que Ninurta cruzava os céus durante as batalhas da Segunda Guerra da Pirâmide. Ele voava tão alto que seus companheiros o perdiam de vista. Então, como contam os textos, "em seu Pássaro, contra a morada fortificada", ele mergulhava. "Quando seu Pássaro se aproximava do solo, despedaçava o cume [da fortaleza inimiga]".

Expulso de suas fortalezas, o inimigo começou a recuar. Enquanto Ninurta mantinha o ataque frontal, Adad concentrava-se nos campos através das linhas inimigas, destruindo os suprimentos de comida do adversário: "No Abzu, Adad fez os peixes serem levados para longe pelas águas... o gado ele dispersou". Enquanto os inimigos continuavam a recuar, os dois deuses "como uma terrível inundação as montanhas devastaram".

Enquanto os combates aumentavam em abrangência e duração, os dois principais deuses conclamaram os outros a se juntarem a eles. "Senhor, por que não vais à batalha que se torna cada vez mais extensa"? Perguntaram a um deus cujo nome está faltando num verso danificado. Sem dúvida, eles fizeram a pergunta também a Ishtar, pois ela é especificamente mencionada: "No choque entre as armas, nos feitos heróicos, Ishtar não conteve seu braço". Quando os dois deuses a viram, gritaram, incentivando-a: "Avança sem parar! Ponha teu pé firmemente na Terra! Esperamos-te nas montanhas"!

"A arma que é divinamente brilhante a deusa trouxe... um chifre [para dirigi-la] confeccionou para ela". Enquanto usava essa arma contra o inimigo, num feito "que será lembrado em dias distantes", "os céus estavam da cor da lã vermelha". O raio explosivo "rasgou o inimigo, o fez com a mão agarrar o coração".

As plaquinhas V-VIII estão danificadas demais para ser lidas adequadamente. No entanto, os trechos de versos sugerem que depois da intensificação do ataque, devido ao auxílio de Ishtar, houve grande clamor e lamentação na Terra do Inimigo. "O medo do brilho de Ninurta apoderou-se da Terra", e seus moradores tiveram de usar substitutos para o trigo e a cevada "para moer e usar como farinha".

As forças inimigas continuavam recuando para o sul. Foi então que a guerra tornou-se mais feroz e sangrenta. Ninurta liderou os deuses enlilitas num ataque contra o coração do domínio africano de Nergal, a cidade-templo Meslam. Eles incendiaram os campos e fizeram os rios correrem vermelhos como sangue de pessoas inocentes: homens, mulheres e crianças do Abzu.

Os versos que descrevem esse aspecto da guerra estão danificados nas plaquinhas que contêm o texto principal; todavia, seus pormenores podem ser lidos em várias tabuinhas quebradas que tratam da "conquista da Terra" por Ninurta, um feito pelo qual ele ganhou o título de "Vencedor de Meslam". Nessas batalhas, os atacantes recorreram à guerra química. Lemos que Ninurta fez chover sobre a cidade, mísseis carregados de veneno, "que lançou da catapulta"; o veneno, por si só, "destruiu a cidade".

Os que sobreviveram ao ataque fugiram para as montanhas vizinhas. Mas Ninurta, "com a Arma que Aniquila, incendiou as montanhas; a divina Arma dos Deuses, cujo Dente é amargo, destruiu o povo". Neste trecho também está sugerido um tipo de guerra química:

**A Arma que Rasga roubou os sentidos; o Dente arrancou-lhes a pele.
Rasgando, ele estendeu-se sobre a terra; os canais da Terra Inimiga
encheram-se de sangue para os cães lamberem como leite.**

Derrotado pelo ataque cruel, Azag conclamou seus seguidores a não oferecerem mais resistência: "O inimigo sublevado chamou sua esposa e filhos: contra o senhor Ninurta não levantou o braço. As armas de Kur foram cobertas de terra" (ou seja, escondidas); "Azag não as levantou".

Ninurta encarou a falta de resistência como um sinal de vitória. Um texto publicado por F. Hrozný ("Mythen von dem Gotte Ninib") relata como, depois de ter matado os oponentes que ocupavam a terra de Harsag (a península do Sinai), ele partiu "como um Pássaro" para atacar os deuses que "tinham recuado para trás de suas muralhas", em Kur, vencendo-os nas montanhas. Ninurta então cantou vitória:

**Meu assustador Brilho, como o de Anu, é poderoso; contra ele, quem
pode se levantar?**

**Sou o senhor das montanhas altas, das montanhas que para o horizonte
erguem seus picos. Nas montanhas, sou o senhor.**

O grito de vitória, contudo, foi prematuro. Usando a tática de não-resistência, Azag escapara da derrota. A capital podia estar destruída, mas os líderes do Inimigo continuavam incólumes. Em termos sóbrios, o texto *Lugal-e* observa: "o escorpião de Kur, Ninurta não aniquilou". Os deuses inimigos recuaram para a Grande Pirâmide, onde o "Sábio Artífice" (Enki? Thot?) ergueu uma muralha protetora que "O Brilho não seria capaz de enfrentar", um escudo que os raios mortais não conseguiriam penetrar.

Nosso conhecimento dessa fase final e mais dramática da Segunda Guerra da Pirâmide é ampliado a partir de textos que contam o outro lado da história. Os seguidores de Nergal também compuseram hinos em louvor a ele. Alguns foram reunidos por J. Bollenrücher em *Gebete und Hymnen an Nergal*.

Recordando os feitos heróicos de Nergal nessa guerra, os textos contam de que forma, depois que os outros deuses viram-se sitiados dentro do complexo de Gizé, ele - "Altíssimo Amado Dragão de Ekur" - "saiu na calada da noite" e, portando armas impressionantes e acompanhado de seus tenentes, rompeu o cerco para atingir o Ekur (a Grande Pirâmide). Atingindo-a na escuridão, entrou pelas "portas trancadas que se abrem sozinhas" . Um clamor de boas-vindas o saudou enquanto entrava:

**Divino Nergal,
Senhor que na calada da noite esgueirou-se e veio para a batalha!
Ele estala o chicote, suas armas tilintam...
Ele que é bem recebido, seu poder é imenso.
Como um sonho, na soleira ele apareceu.
Divino Nergal, Aquele que é Bem-vindo:
Combata o inimigo do Ekur.
Contenha o Louco de Nippur!**

Mas as grandes esperanças dos deuses sitiados logo se desvaneceram. Ficamos sabendo mais sobre as últimas fases dessa Guerra da Pirâmide a partir de um outro texto, que foi reunido primeiro por George A. Barton (*Miscellaneous Babylonian Texts*) com base em pedaços de um cilindro de argila com inscrições, descoberto nas ruínas do templo de Enlil em Nippur. Ao juntar-se aos defensores da Grande Pirâmide ("a Casa Formidável que se Ergue como um Monte"), Nergal fortaleceu suas defesas por meio de vários cristais emissores de raios ("pedras") posicionados no interior da estrutura:

**A Pedra-Água, a Pedra-Ápice, a Pedra-..., a...
...O senhor Nergal aumentou sua força.
A porta de proteção ele...
Para o céu seu Olho levantou, escavou fundo aquilo que dá vida... ...na
casa alimentou-os com comida.**

Constatando o fortalecimento das defesas, Ninurta recorreu a uma outra tática. Mandou Utu/Shamash cortar o suprimento de água da pirâmide mexendo no "riacho aquoso" que corria junto às suas fundações. A partir desse ponto o texto está danificado demais para permitir uma leitura de pormenores, mas tudo indica que a tática surtiu efeito.

Amontoados em seu último baluarte, sem água e sem comida, os deuses sitiados fizeram o possível para rechaçar os atacantes. Até então, apesar da ferocidade das batalhas, nenhum deus importante fora morto ou gravemente ferido. Mas agora, um dos mais jovens - Hórus, acreditamos -, que tentava esgueirar-se da Grande Pirâmide disfarçado de carneiro, foi atingido pela Arma Brilhante de Ninurta e perdeu a visão. Um dos deuses mais velhos então lançou um apelo a Ninharsag, famosa por seus feitos médicos, para salvar a vida do jovem:

Naquela hora, veio o Resplendor Assassino; a plataforma da Casa resistiu ao senhor.

Para Ninharsag houve um grito: ..."A arma... meu descendente com a morte está amaldiçoado"...

Outros textos sumérios chamam esse jovem deus de "filho que não conheceu o pai", um epíteto bem adequado a Hórus, que nasceu depois da morte de Osíris. *A Lenda do Carneiro*, pertencente ao folclore do Antigo Egito, conta sobre os ferimentos que Hórus sofreu nos olhos quando um deus "soprou fogo" nele.

Foi então, atendendo à súplica, que Ninharsag resolveu intervir para pôr fim às lutas.

A nona plaquinha do texto *Lugal-e* começa com as palavras da deusa, dirigindo-se ao comandante enlilita, seu próprio filho Ninurta, "filho de Enlil... o Herdeiro Legítimo nascido da irmã-esposa". Em versos que muito nos revelam, ela anuncia sua decisão de atravessar a linha de batalha e fazer cessar as hostilidades.

À Casa onde Começa a Medição com o Cordão, onde Asar ergueu os olhos para Anu, eu irei.

O cordão cortarei pelo bem dos deuses que guerreiam.

Seu destino era "A Casa onde Começa a Medição com o Cordão", a Grande Pirâmide!

Ninurta foi o primeiro a se assustar com a decisão da mãe de "entrar sozinha na terra do inimigo", mas, ao ver que ela estava decidida, deu-lhe roupas "que a fazia sem medo" (da radiação deixada pelos aparelhos emissores de raios?). Enquanto Ninharsag aproximava-se da pirâmide, dirigiu-se a Enki: "Ela grita

para ele... roga a ele". A conversa entre os dois está perdida devido à rachadura na plaquinha, mas Enki concordou em entregar a pirâmide a Ninharsag:

A Casa que é como um monte, aquela que como uma pilha ergui... Sua dona podes ser.

Havia, porém, uma condição: a rendição estaria sujeita a uma resolução final do conflito até a "hora de determinação do destino". Prometendo transmitir as condições de Enki, Ninharsag foi falar com Enlil.

Os eventos que se seguiram estão registrados em partes no épico *Lugal-e* e em outros fragmentos de textos, mas onde os encontramos mais dramaticamente descritos é numa plaquinha com o título *Canto a Canção da Mãe dos Deuses*. Tendo sobrevivido quase integralmente por ter sido copiado e recopiado em todo o Oriente Médio da Antiguidade, esse texto foi publicado primeiro por P. Dhorme em seu estudo *La Souseraine des Dieux*. Trata-se de um poema em louvor de Ninmah (a "Grande Senhora") e seu papel como *Mammi* ("Mãe dos Deuses") nos dois lados do campo da batalha.

Abrindo com um apelo, para "os camaradas em armas e os combatentes ouvirem", o poema descreve brevemente a guerra e seus participantes, falando de sua extensão quase global. Num lado estavam "O primogênito de Ninmah" (Ninurta) e Adad, aos quais logo se juntaram Sin e em seguida Inanna/Ishtar. No outro lado estão citados Nergal, um deus chamado de "Altíssimo, Poderoso", que seria Ra/Marduk, e o "Deus das duas Grandes Casas" (as duas grandes pirâmides de Gizé), que tentara escapar camuflado com uma pele de carneiro: Hórus.

Afirmando que estava agindo com a aprovação de Anu, Ninharsag levou a oferta de rendição de Enki para Enlil, com quem se encontrou na presença de Adad (enquanto Ninurta permanecia no campo de batalha). "Ó, ouçam minhas preces"! Ela implorou aos dois, quando começou a explicar suas idéias. De início, Adad mostrou-se irredutível:

Apresentando-se ali, à Mãe, Adad disse:

"Estamos esperando vitória, as forças do inimigo foram derrotadas".

"O tremor da terra ele foi incapaz de suportar".

Se Ninharsag quisesse o término das hostilidades, acrescentou Adad, ela deveria conversar tendo como base o fato de que os enlilitas estavam para vencer:

"Levante-se e vá". Converse com o inimigo.

"Que ele esteja presente às discussões, para que o ataque seja retirado".

Enlil, numa linguagem menos incisiva, apoiou a sugestão:

Enlil abriu a boca; na assembléia dos deuses falou:

"Como Anu reuniu os deuses na montanha, para a guerra desencorajar, para a paz trazer, e enviou a Mãe dos Deuses para a mim suplicar...

"Que a Mãe dos Deuses seja uma emissária".

Virando-se para a irmã, disse num tom conciliatório:

"Vá, apazigúe meu irmão"!

Levante-lhe uma mão para a Vida; que ele saia pela sua porta trancada"!

Atendendo a sugestão, Ninharsag "o irmão foi buscar, colocando suas preces diante do deus". Então informou-o de que sua segurança e a de seus filhos estava garantida: "pelas estrelas ela deu um sinal".

Ao ver Enki hesitar, disse-lhe ternamente: "Venha, deixe-me conduzi-lo para fora". E Enki deu-lhe a mão...

A Mãe dos Deuses levou Enki e os outros defensores da Grande Pirâmide para o Harsag, onde ela morava. Ninurta e seus guerreiros ficaram vendo os enkitas partir.

E a grande e inexpugnável estrutura ficou desocupada, em silêncio.

Atualmente, quem visita a Grande Pirâmide encontra suas passagens e câmaras nuas e vazias, não vê propósito em sua complexa construção nem significado nos nichos e recantos. E tem sido assim desde que os primeiros homens penetraram nessa extraordinária estrutura. Porém ela não era assim quando Ninurta entrou nela por volta de 8670 a.C. segundo nossos cálculos. O texto sumério afirma que ele "adentrou o lugar radiante" defendido por seus inimigos. E o que ele fez modificou não apenas o interior e o exterior da Grande Pirâmide como também o rumo da vida humana.

Sem dúvida, ao penetrar pela primeira vez na "Casa que é como uma Montanha", Ninurta estava curioso a respeito do que encontraria lá dentro. Concebida por Enki/Ptah, projetada por Ra/Marduk, construída por Geb, equipada por Thot, defendida por Nergal, que mistérios sobre a orientação no espaço, que segredos de inexpugnável defesa ela guardava?

Na face norte da pirâmide, lisa e aparentemente sólida, uma pedra giratória se abriu para revelar a entrada protegida pelos maciços blocos de pedra assentados em diagonal, formando duas pontas de espada, exatamente como diziam. Uma estreita passagem levava para as câmaras de serviço inferiores, onde Ninurta pôde ver o poço escavado pelos defensores à procura de água subterrânea. No entanto, seu interesse estava voltado para as passagens e câmaras superiores, onde ficavam as "pedras mágicas": cristais e outros minerais, alguns terrestres, alguns celestes, dos quais muitos lhe eram desconhecidos. Eram eles que emitiam os feixes de sinais para a orientação dos astronautas e as radiações para a defesa da estrutura.

Acompanhado de seu Chefe dos Minerais, Ninurta inspecionou aquela série de "pedras" e instrumentos. Ao parar diante de cada uma, determinava seu destino: ser arrebatada e destruída, levada para exibição ou para ser instalada em outro lugar. Sabemos sobre esses "destinos" e a ordem em que Ninurta foi parando diante das pedras pelo texto escrito nas plaquinhas 10-13 do poema épico *Lugal-e*. É seguindo e interpretando corretamente esse texto que se consegue compreender o propósito e a função de muitas características da estrutura interna da pirâmide.

Subindo a Passagem Ascendente, Ninurta atingiu a junção que ela fazia com a imponente Grande Galeria e uma Passagem Horizontal. Ele entrou primeiro nesta, atingindo uma grande câmara com uma abóbada em formato de V invertido, chamada de "vulva" no poema em louvor a Ninharsag. O eixo mais longo da câmara ficava exatamente na linha central leste-oeste da pirâmide. Sua emissão ("um derramar que é como um leão que ninguém se atreve a atacar") vinha de uma pedra instalada num nicho da parede leste. Era a Pedra SHAM ("Destino"), o coração pulsante da pirâmide, que emitia uma radiação vermelha que Ninurta "viu na escuridão". O deus, porém, encarou-a como se fosse um monstro, pois durante a batalha, enquanto ele estava no ar, o "forte poder" da pedra fora utilizado para o "agarrar e matar", para o "segurar com o rastro que extermina". Então ordenou que ela "fosse arrancada... quebrada... destruída para cair no esquecimento".

Voltando à junção das passagens, Ninurta entrou na Grande Galeria e inspecionou tudo a sua volta. Aquela era uma visão impressionante e incomum que se destacava mesmo levando-se em conta a engenhosidade e complexidade de toda a pirâmide. Diferente das passagens estreitas, ela se elevava cerca de 10 metros, estreitando-se para o alto e em sete etapas, e as paredes pareciam formar costelas. O teto também fora construído em seções inclinadas, cada uma posicionada em relação às paredes laterais num ângulo projetado de modo que elas não exercessem pressão no segmento abaixo delas. Enquanto nas passagens estreitas havia apenas "uma luminosidade verde e fraca", a Galeria cintilava com luzes multicoloridas: "Sua abóbada é corno um arco-íris, a escuridão termina ali". Essas luzes eram emitidas por 27 pares de diferentes cristais embutidos em cavidades igualmente espaçadas, cortadas com precisão nas rampas que acompanhavam o comprimento da Galeria em ambos os lados do piso. Firmemente engastado no seu nicho elaborado, cada cristal emitia uma radiação diferente, dando ao lugar um aspecto iridescente. Ninurta passou por eles rapidamente; sua prioridade era a Câmara Superior e sua pedra pulsante.

No alto da Grande Galeria, o deus chegou a um grande degrau que levava a uma passagem estreita que se abria numa antecâmara de projeto incomum. Lá, três portas levadiças - "a trava, a barra e a fechadura" do poema sumério - estavam engastadas em sulcos nas paredes e pisos, fechando a Grande Câmara hermeticamente. "Ao inimigo ela não se abre; só para Os que Vivem ela é aberta". Mas então, com um puxar de cordas, as portas foram levantadas e Ninurta passou por elas.

Agora ele estava na parte mais restrita ("sagrada") da pirâmide, de onde a "rede" (um radar?) era "estendida", para "inspecionar Céu e Terra". O delicado mecanismo que ela abrigava ficava num baú feito de um único bloco de pedra, posicionado exatamente no eixo norte-sul da pirâmide e que reagia às vibrações com uma ressonância semelhante à de um sino. O coração da unidade de orientação era a Pedra GUG ("Que Determina a Direção"); suas emissões, amplificadas por cinco compartimentos ocultos situados acima da câmara, enviadas para fora da pirâmide através de dois canais inclinados que se abriam na face norte e na face sul. Ninurta ordenou que essa pedra fosse destruída: "Então Ninurta, aquele que determina o destino, fez com que naquele dia a pedra Gug fosse tirada de seu buraco e esmagada".

Para ter certeza de que ninguém jamais tentaria restabelecer as funções de "determinar direção" da pirâmide, Ninurta também ordenou a remoção das

três portas levadiças. As primeiras a ser arrancadas foram a Pedra SU ("Vertical") e a KA.SHUR ("Impressionante, Pura que se Abre"). Depois "o herói aproximou-se da Pedra SAG.KAL ('Pedra Robusta que Fica na Frente')". "Reunindo todas as suas forças", ele a sacudiu, fazendo-a sair de seus sulcos, cortou as cordas que a seguravam "e para o chão determinou seu curso".

Chegou a vez das pedras e cristais colocados embutidos sobre as rampas da Grande Galeria. Enquanto descia, Ninurta ia parando diante de cada um, decidindo seu destino. Se não fosse por quebras nas plaquinhas de argila em que estão o texto, teríamos os 27 nomes das pedras, mas no estado em que estão conseguimos ler 22 deles. Ninurta ordenou que vários desses cristais ou aparelhos fossem esmagados ou pulverizados; outros, que seriam úteis no novo Centro de Controle da Missão, mandou entregar a Shamash. Os restantes foram transportados para a Mesopotâmia, onde ficariam em exibição no templo dedicado a ele, em Nippur e em outros locais, como provas permanentes da grande vitória dos enlilitas sobre os deuses-Enki.

E tudo isso, afirmou Ninurta, ele fazia não apenas por interesse próprio, mas também pelas gerações futuras. Dirigindo-se à Grande Pirâmide, disse: "Que o medo de ti seja retirado de meus descendentes; que a paz seja ordenada para eles".

Restava o ápice da pirâmide, a Pedra UL ("Alta como o Céu"). Ninurta ordenou: "Que os filhos de mulheres não a vejam mais". E, enquanto a pedra caía, ele gritou: "Que todos se afastem!". As "Pedras", que eram um "anátema" para o vencedor da guerra, não existiam mais.

Quando tudo terminou, os camaradas de Ninurta o exortaram a deixar o campo de batalha e voltar para casa. Elogiando-o, disseram: "AN DIM DIM.MA (como Anu tu és feito); A Casa Radiante, onde começa a medição com cordões, a Casa na terra que vieste a conhecer - rejubile-se por nela ter entrado. Agora volte para teu lar, onde tua esposa e filho te esperam. Na cidade que amas, em tua morada em Nippur, que teu coração possa repousar... que teu coração se tranqüilize".

A Segunda Guerra da Pirâmide estava terminada, mas seus feitos, sua ferocidade e a vitória final de Ninurta nas pirâmides de Gizé foram recordados por muito tempo em poemas épicos e canções – e num notável desenho gravado num escudo cilíndrico, em que se vê o Pássaro Divino de Ninurta dentro de uma guirlanda de vitória, planando triunfante sobre as duas grandes pirâmides.

E a Grande Pirâmide, nua e vazia, e sem a pedra do ápice, foi deixada intacta ali, como uma testemunha muda da derrota de seus defensores.

9

PAZ NA TERRA

Como terminaram definitivamente as guerras das pirâmides? Com uma conferência de paz, tal como aconteceu em outros grandes conflitos dos tempos históricos. O Congresso de Viena, por exemplo, realizado em 1814/1815, refez o mapa da Europa depois das guerras napoleônicas. A Conferência de Paz de Paris, através do Tratado de Versailles, pôs fim à Primeira Guerra Mundial.

O primeiro indício de que os Anunnaki fizeram uma conferência de paz há cerca de 10.000 anos é encontrado num texto gravado num cilindro de argila quebrado, descoberto por George A. Barton, que concluiu que ele era uma versão acadiana de um relato sumério muito anterior. Barton também concluiu que o cilindro foi depositado pelo rei Naram-Sin no templo de Enlil em Nippur, por volta de 2300 a.C. quando o rei mandou reformar sua plataforma. Comparando o texto mesopotâmico com as inscrições egípcias da mesma época, Barton notou que essas últimas "concentram-se no rei e estão interessadas em suas benesses enquanto ele se encontra entre os deuses". Já o mesopotâmico "preocupa-se com a comunidade dos deuses", e seu tema não são as aspirações do rei, mas as atividades dos próprios deuses.

Apesar de o texto estar muito danificado, especialmente no início, fica claro que os deuses principais reuniram-se depois de uma grande e amarga guerra. Somos informados de que a conferência teve lugar na residência de montanha de Ninharsag, na península do Sinai, e que ela desempenhou o papel de pacificadora. No entanto, a deusa não é tratada pelo autor do texto como uma personagem realmente neutra, pois por várias vezes ele se refere a ela chamando-a pelo epíteto Tsir ("Cobra"), o que a rotula como egípcia, enkita e transmite uma conotação depreciativa.

Os versos de abertura da inscrição, que já foram citados antes, descrevem brevemente as últimas fases da guerra e as condições no interior da pirâmide sitiada, que levaram ao apelo para Ninharsag intervir. Esta então foi procurar Enlil.

A primeira reação dos enlilitas foi acusar Ninharsag de ter ajudado e confortado os "demônios". Ela negou a acusação: "Minha Casa é pura",

respondeu. Porém, um deus cuja identidade não está clara desafiou-a com sarcasmo: "E por acaso é pura a Casa mais alta e brilhante de todas"? (A Grande Pirâmide).

"Isso não posso responder", disse Ninharsag, "Gibil está eliminando seu brilho."

Depois que as primeiras acusações e explicações atenuaram um pouco o clima de agressividade, houve uma cerimônia de perdão. Dois jarros cheios de água do rio Eufrates e do Tigre foram usados, num batismo simbólico de Ninharsag, e ela tornou-se novamente bem-vinda na Mesopotâmia. Enlil tocou-a com seu "cetro brilhante", e "o poder que ela possuía não foi retirado".

Como vimos no capítulo anterior, de início Adad fez objeções a uma conferência de paz, pois desejava a rendição incondicional, mas Enlil concordou com a proposta da irmã, e Ninharsag atravessou as linhas para arranjar um cessar-fogo. Quando levou Enki e seus filhos para sua morada no Harsag, os deuses enlilitas já estavam lá, à espera.

Anunciando que estava agindo em nome "do grande senhor Anu... Anu, o Árbitro", Ninharsag começou seu próprio ritual. Acendeu sete fogueiras, uma para cada deus ali reunido - Enki e seus dois filhos; Enlil e seus três filhos (Ninurta, Adad e Sin) -, proferindo encantamentos: "Uma oferenda de fogo para Enlil de Nippur... para Ninurta... para Adad... para Enki, que está vindo do Abzu... para Nergal, vindo de Meslam". Ao anoitecer, o lugar estava todo iluminado: "A luz lançada pela deusa era como o brilho do sol", Ninharsag então apelou à sabedoria dos deuses e exaltou as virtudes da paz: "Poderosos são os frutos do sábio deus; o grande e divino rio virá para sua vegetação... seu extravasar fará da Terra um jardim de deus". Todos os benefícios decorrentes da paz - a abundância de plantas e animais, de trigo e outros grãos, de vinhedos e frutos, as vantagens de se ter a "humanidade que três vezes brota" plantando, construindo e servindo os deuses - foram destacadas.

Depois que ela terminou sua oração de paz, Enlil foi o primeiro a falar e dirigiu-se a Enki: "Está retirada a aflição da face da Terra, a Grande Arma está levantada". Concordou também em deixar seu irmão voltar à Suméria: "O E.DIN será um lugar para tua Sagrada Casa", e em torno dela haveria terras suficientes para gerarem frutos e grãos para o templo.

O "príncipe de Enlil", ou seja, Ninurta, protestou: "Que isso não aconteça"! Ninharsag voltou a intervir. Lembrou ao filho como ele labutara "dia e noite, com grande força", para permitir o cultivo e a criação de gado naquele local

em que estavam, como ele "assentara as fundações, juntara a terra e construíra os diques". O flagelo da guerra destruíra tudo aquilo "em sua totalidade". Em seguida, apelou a Ninurta: "Senhor da vida, deus dos frutos, que a boa cerveja derrame em dose dupla! Torne a lã abundante"! Isto é, que concordasse com os termos de paz!

Comovido com as palavras de Ninharsag, Ninurta falou: "Ó mãe, ó, brilhante! Continue. A farinha não conterei... no reino os jardins serão restaurados... Eu também sinceramente rogo que seja posto um fim a este flagelo".

Agora as negociações de paz podiam prosseguir. E voltamos ao texto *Canto a Canção da Mãe dos Deuses*, para sabermos sobre o encontro entre os dois irmãos em guerra. O primeiro a se dirigir aos Anunnaki reunidos foi Enki:

Enki dirigiu a Enlil palavras de elogio:

"Ó tu que és o primeiro entre os irmãos, Touro do Céu, que tem nas mãos o destino da humanidade".

"Em minhas terras, espalhou-se a desolação; todas as casas estão cheias de dor causada pelos teus ataques".

Assim, o primeiro item da agenda era a cessação das hostilidades, a paz na Terra, e Enlil prontamente concordou, com a condição de que as disputas territoriais terminassem. As terras por direito pertencentes aos enlilitas e ao povo da linhagem de Sem deveriam ser desocupadas pelos enkitas. Enki aceitou devolver para sempre esses territórios:

"Entregarei a ti o cargo de governante da Zona Restrita dos deuses; colocarei em tuas mãos o Lugar Radiante"!

Mas, para entregar a península do Sinai e o espaçoporto (a Zona Restrita), e o local onde ficava o Centro de Controle da Missão, a futura Jerusalém (o Lugar Radiante), Enki impunha uma condição: sua soberania e a de seus descendentes sobre o complexo de Gizé deveriam ser reconhecidas para sempre.

Enlil aceitou, mas com outra condição: os filhos de Enki que haviam desencadeado a guerra e usado a Grande Pirâmide com propósitos de combate teriam de ser proibidos de governar a área de Gizé e todo o Baixo Egito.

Depois de ponderar, Enki concordou e ali mesmo anunciou sua decisão. O senhor de Gizé e do Baixo Egito seria um de seus filhos mais jovens, que era

casado com uma das filhas que ele tivera com sua meia-irmã: “Para a Formidável Casa que se Eleva como um Monte, ele apontou o príncipe cuja brilhante esposa era fruto de sua coabitação com Tsir [Ninharsag]”. “O forte príncipe que é como um íbex adulto, ele indicou e ordenou-o a guardar o Lugar da Vida”. Em seguida, concedeu ao jovem deus o exaltado título de NIN.GISH.ZI.DA ("Senhor do Artefato da Vida").

E quem era Ningishzida? As informações sobre ele são escassas e confusas. Ele é mencionado nos textos mesopotâmicos associado a Enki, Dumuzi e Ninharsag. Na Lista dos Grandes Deuses está incluído entre os deuses da África, logo depois de Nergal e Ereshkigal. Os sumérios o retratavam com o emblema das serpentes entrelaçadas de Enki e com o sinal egípcio *Ankh*, e o viam sob uma luz favorável. Ninurta era amigo de Ningishzida e o convidava para visitá-lo na Suméria. Alguns textos sugerem que ele era filho de Ereshkigal, neta de Enki. Nossa conclusão é que o jovem deus era de fato um filho de Enki e Ereshkigal, concebido durante a tumultuada viagem dos dois ao Mundo Inferior. Sendo assim, Ningishzida era aceitável pelos dois lados como guardião dos segredos das pirâmides.

Um hino que Ake W. Sjöberg e E. Bergmann (*The Collection of the Sumerian Temple Hymns*) acreditam ter sido composto pela filha de Sargão de Acad no terceiro milênio antes de Cristo louvava a casa-pirâmide de Ningishzida e confirmava sua localização egípcia:

**Lugar duradouro, montanha iluminada, artisticamente fundada.
Sua câmara escura, oculta, é um lugar que inspira medo; num Campo de
Supervisão ela jaz.**

**Impressionante, seus modos ninguém pode imaginar.
Na Terra do Escudo seu pedestal é tecido tão apertadamente como uma
rede fina...**

**À noite você olha para os céus, suas antigas medições são incomparáveis.
Seu interior conhece o lugar onde Utu se eleva, a medida de sua largura é
ampla.**

**Seu príncipe é aquele cuja mão pura está estendida, cujos luxuriantes e
brilhantes cabelos se derramam por suas costas...**

O senhor Ningishzida.

Os versos finais do hino por duas vezes reafirmam a localização dessa estrutura singular - a "Terra do Escudo", termo que corresponde ao nome

mesopotâmico para Egito, em acadiano: Terra Magan, isto é, "Terra do Escudo". Um outro hino traduzido por Sjoberg (tabuinha UET 6/1) chama Ningishzida de "o falcão entre os deuses", uma designação comumente usada pelos egípcios para seus deuses, mas que é usada apenas uma ou outra vez nos textos sumérios, em que foi aplicada a Ninurta, o conquistador das pirâmides. E como os egípcios chamavam esse filho de Enki/Ptah? Seu "deus do cordão que mede a Terra" era Thot. E Thot, como vimos nas "Lendas dos Mágicos", fora indicado para ser o guardião dos segredos das pirâmides de Gizé. E foi ele, segundo Manetho, que substituiu Hórus no trono do Egito, o que aconteceu por volta de 8.670 a.C. - exatamente a época em que terminou a Segunda Guerra da Pirâmide.

Tendo assim resolvido as disputas entre eles, os grandes Anunnaki voltaram sua atenção para as atividades da humanidade.

À medida que se avança na leitura das palavras antigas, fica claro que essa conferência de paz não tratou apenas do fim das hostilidades e da determinação de fronteiras, mas também estabeleceu como as terras seriam povoadas pela espécie humana! Os textos contam que Enki "colocou diante dos pés do adversário [Enlil] as cidades que lhe couberam", o qual, por sua vez, "colocou diante dos pés de seu adversário a Terra de Sumer".

Podemos imaginar os dois irmãos, um diante do outro, resolvendo suas pendências. Enki, como sempre o mais preocupado com a humanidade e seu destino, ao ver solucionados os problemas dos Anunnaki aproveitou a oportunidade para planejar o futuro dos homens. Depois do Dilúvio, a agricultura e os animais domésticos já haviam sido dados; agora era tempo de planejar e olhar para a frente. O antigo texto descreve a cena que se seguiu: Enki, desenhando no chão, "diante dos pés de Enlil", projeta o estabelecimento de centros de povoamento humano em suas terras. Concordando com a idéia, Enlil também desenha no chão seu plano para a restauração das cidades pré-diluvianas do sul da Mesopotâmia (Suméria).

Quanto a esse projeto, Enki impunha uma condição: ele e os filhos receberiam permissão de visitar a Mesopotâmia livremente e lhe seria devolvido o local onde antes ficava Eridu, sua primeira Base Terrestre. Concordando, Enlil disse: "Que tua morada se torne eterna em minhas terras; sempre que vieres a minha presença, uma mesa farta exalará aromas deliciosos para ti". Em seguida expressou a esperança de que, em troca de sua hospitalidade, Enki ajudaria a levar prosperidade à Mesopotâmia: "Derrame a abundância na Terra, aumente suas fortunas a cada ano".

Assim, com todas essas questões resolvidas, Enki e seus filhos partiram para seus domínios africanos.

Depois que Enki se foi, Enlil e os filhos começaram a pensar no futuro de seus territórios, tanto os antigos como os conquistados na guerra. A primeira crônica encontrada sobre esse assunto, aquela publicada por George A. Barton, conta que, para reforçar a posição de Ninurta como segundo em comando e reafirmar sua superioridade sobre os irmãos, Enlil colocou-o como governante da Antiga Terra (a Mesopotâmia). Os territórios de Adad, a noroeste, foram aumentados com o acréscimo de um "dedo" de terra (o Líbano), de modo que neles ficasse incluído o Local de Aterrissagem, situado em Baalbek. A região cuja ocupação dera origem à Segunda Guerra da Pirâmide - que podemos chamar de Grande Canaã e que vai da fronteira do Egito, ao sul, até o limite com os territórios de Adad no norte, abrangendo a Síria moderna - ficou sob a égide de Nannar e seus descendentes. Depois da divisão "foi estabelecido um decreto", sacramentado e comemorado com um banquete, do qual participaram todos os deuses enlilitas.

O texto *Canto a Canção da Mãe dos Deuses*, porém, nos dá uma versão muito mais dramática dessa divisão. Ficamos sabendo que, naquele momento crucial, quando se decidia quem ficaria com o domínio sobre os territórios duramente conquistados na guerra, novamente veio à tona a rivalidade entre Ninurta - o herdeiro legal, por ser filho de Enlil com sua meia-irmã, Ninharsag - e Nannar, o primogênito, nascido da consorte oficial, Ninlil. O texto revela-nos que Enlil admirava as qualidades de Nannar - "Um primogênito... de bela fisionomia, perfeito de membros, sábio sem comparação" - e o amava. Além disso, aquele filho lhe dera os netos que ele considerava mais importantes, os gêmeos Utu/Shamash e Inanna/Ishtar, e por esse motivo o chamava carinhosamente de SU.EN, o "Senhor Multiplicador", epíteto do qual derivou o nome acadiano/semita de Nannar: Sin. No entanto, por mais que gostasse de seu primogênito, tinha de aceitar o fato de que o herdeiro legal era Ninurta, e que este, além de ser "o principal guerreiro de Enlil", fora o comandante da vitória sobre os enkitas.

Enquanto Enlil hesitava entre os dois filhos, Sin pediu a sua esposa, Ningal, que fosse rogar em seu favor junto a seu pai e a sua mãe.

**Ao lugar da decisão ele chamou Ningal,
Suen convidou-a a se aproximar.
Uma decisão favorável ela pediu ao pai...**

**Enlil ponderou [suas palavras]...
Diante da mãe [ela implorou]...
"Lembre-se da infância", disse a Ninlil...
A mãe rapidamente o abraçou...
Ela disse a Enlil... "Siga o desejo de seu coração".**

Alguém poderia imaginar que as mulheres desempenhariam um papel tão importante na tomada de decisões que afetariam o destino dos deuses e dos homens nos milênios que se seguiram? Ningal intercedeu em favor do marido; Ninlil foi convencida a persuadir o hesitante Enlil. Então entrou em cena uma outra grande deusa - e foram suas palavras que levaram a uma decisão contrária às regras estabelecidas...

Enquanto Ninlil aconselhava o marido a "seguir seu coração" e não sua mente, dando o território mais importante ao primogênito que ele tanto amava e não ao herdeiro legal, conta o texto que "Ninurta abriu a boca e disse"... Suas palavras de protesto se perderam devido a uma quebra na tabuinha, mas, com a continuação da lenda, ficamos sabendo que Ninharsag usou de todos os seus recursos em favor do filho:

**Ela gritou e lamentou junto ao seu irmão; como uma mulher grávida,
agitou-se dizendo:
"Pelo Ekur rogo ao meu irmão, meu irmão que um bebê me fez carregar;
ao meu irmão apelo"!**

Mas Ninharsag escolheu mal as palavras de sua súplica. Sua intenção era apelar em favor de Ninurta, o filho que tivera com Enlil, mas, pelo modo como falou, deu a impressão de estar se dirigindo a Enki. Enfurecido, Enlil gritou: "Que irmão é esse ao qual estás rogando? Quem é esse irmão que um bebê a fez carregar?". E, ofendido, tomou a decisão em favor de Nannargin e sua descendência. Desse momento em diante, e até nossos dias, a Terra do Espaçoporto vem sendo chamada de terra de Sin - a península do Sinai. Num ato final, Enlil designou o filho de Sin como comandante do Centro de Controle da Missão:

**Ele mandou entrar Shamash, o neto de Ninlil.
Pegou-o pela mão
E em Shulim o colocou.**

Jerusalém - *Ur-Shulim* ("A Cidade de Shulim") - foi posta sob o comando de Shamash. O nome SHU.LIM significava "O Supremo Lugar das Quatro Regiões", e o emblema sumério das Quatro Regiões, que a ele se aplicava, possivelmente foi o antecessor do emblema judeu conhecido por Estrela de Davi ao substituir a Nippur pré-diluviana como Centro de Controle da Missão. Jerusalém herdou o antigo título daquela cidade da Mesopotâmia - "Umbigo da Terra" -, pois passara a ser o ponto central da Divina Malha de orientação que possibilitava as idas e vindas entre a Terra e Nibiru. Como Nippur, o novo Umbigo da Terra - o monte Moriá - ficava na linha central do plano, a Trajetória de Aterrissagem, bissetriz do Corredor de Aterrissagem, e era equidistante da Plataforma de Aterrissagem em Baalbek (BK) e do espaçoporto (EP).

Obrigatoriamente, as duas âncoras das linhas do Corredor tinham de ser equidistantes do Centro de Controle da Missão (JM), mas a Segunda Guerra da Pirâmide acabou forçando uma alteração no projeto original, pois a baliza que fora construída como uma montanha artificial, a "Casa que É como uma Montanha" - a Grande Pirâmide -, fora inutilizada por Ninurta, que mandara arrancar seus cristais e equipamentos. A solução foi erigir uma nova baliza um pouco ao norte de Gizé, mas ainda exatamente na linha noroeste do corredor de aterrissagem. Os egípcios chamavam a cidade que se formou em torno desse marco artificial de Cidade de Anu, e o símbolo hieroglífico para ela a mostrava como uma torre alta, com uma superestrutura apontando para o céu como uma flecha. Os gregos, muitos milênios depois, deram a esse lugar o nome de Heliópolis ("Cidade de Hélios", o deus Sol), o mesmo que deram a Baalbek. Em ambos os casos a denominação foi uma tradução de nomes anteriores, relacionando os dois locais com Shamash, "Que é Brilhante como o Sol". De fato, Baalbek na Bíblia é chamado de *Bet-Shemesh*, a "Casa de Shamash".

A mudança do local onde ficava a baliza que ancorava a linha noroeste - de Gizé (GZ) para Heliópolis (HL) - exigiu uma alteração similar na ancoragem da linha sudoeste do Corredor, de modo a manter as duas balizas equidistantes do monte Moriá. Uma montanha próxima do monte Santa Catarina e situada precisamente sobre a linha sudoeste foi adaptada para se tornar o novo rádio-farol de aproximação. Ainda hoje essa montanha tem o nome de *Umm-Shumar* ("Monte da Mãe da Suméria"). As listas geográficas sumérias referiam-se às duas montanhas vizinhas situadas na Terra Tilmun como KA

HARSAG ("O Pico do Portão") e HARSAG ZALA.ZALAG ("Pico que Emite Brilho").

A construção e a operação das instalações aeroespaciais em Tilmun e Canaã exigiam a abertura de novas rotas de suprimentos e postos de apoio. A via marítima para Tilmun foi melhorada com o estabelecimento de uma cidade portuária ("Cidade de Tilmun", diferente de "Ters Tilmun") na costa leste do mar Vermelho, possivelmente onde hoje ainda existe o porto El-Tor, muito antigo. Esses mesmos motivos, acreditamos, levaram à fundação da cidade mais antiga do mundo: Jericó, que foi dedicada a Sin (cujo nome em hebraico é *Yeriho*) e que tem como símbolo celestial a Lua.

A idade de Jericó é um enigma que vem intrigando os estudiosos. Eles dividem o avanço do homem (que se espalhou a partir de Oriente Médio) em: período Mesolítico, que viu a introdução da agricultura e a domesticação de animais por volta de 11 000 a.C. o Neolítico, que começa 3600 anos depois, com o aparecimento das primeiras comunidades humanas e da cerâmica; e uma terceira fase, a da civilização urbana suméria, novamente 3600 anos depois. O grande enigma é que, segundo os achados arqueológicos, Jericó já era um lugar *urbano*, habitado por volta de 8500 a.C. por um povo não conhecido pelos historiadores, quando o homem ainda nem aprendera a viver em povoados...

A charada que Jericó representa não se dá apenas em relação a sua idade, mas também em relação ao que os arqueólogos descobriram por lá: casas construídas sobre alicerces de pedras, com porta e batentes de madeira; paredes cuidadosamente rebocadas e pintadas de vermelho, rosa e outras cores, às vezes ostentando até murais. Fogões e bacias embutidos nos pisos de gesso caiado, vários decorados com desenhos. Os mortos eram enterrados sob esses pisos; eram sepultados, e não apenas depositados, pois foram encontrados pelo menos dez crânios preenchidos com gesso, de modo a se recriar as feições do falecido. Os traços que esses crânios revelam são, segundo todos os peritos, muito mais avançados e delicados que os dos habitantes da área do Mediterrâneo na época. De acordo com James Mellaart, em *Earliest Civilizations of the Near East*, a cidade era cercada por uma forte muralha (milênios antes de Josué!) e por um fosso com quase 10 metros de largura e 2 metros de profundidade, cavado na rocha "sem o auxílio de pás e picaretas". E é o mesmo autor que afirma: "um desenvolvimento explosivo... um espetacular desenvolvimento cujas causas ainda nos são desconhecidas".

O enigma de Jericó torna-se ainda maior devido à existência de silos de grãos na cidade, dos quais um foi encontrado ainda parcialmente em pé. É muito intrigante descobrir, perto do mar Morto, numa depressão que fica 250 metros abaixo do nível do mar, numa região muito quente, imprópria ao cultivo de grãos, prova da presença de grandes suprimentos de trigo e cevada e da armazenagem contínua desses cereais. Quem teria construído essa cidade em épocas tão remotas, quem habitava nela, para quem ela servia como uma cidade-armazém fortificada?

Em nossa opinião, as respostas para essas perguntas estão na cronologia dos "deuses" e não na dos homens, e afirmamos isso com base no incrível fato de que o primeiro período de civilização urbana em Jericó (de aproximadamente 8500 a.C.) combina exatamente com a época, segundo Manetho, do reinado de Thot no Egito (de cerca de 8670 a.C. até 7100 a.C. Como sabemos pelos textos mesopotâmicos, Thot assumiu o governo logo depois da Conferência de Paz. Os textos egípcios afirmam que sua ascensão ao trono foi sacramentada "na presença dos Determinadores de Anu, após a noite da batalha", depois de ele ter ajudado a "derrotar o vento de Tempestade (Adad) e o Turbilhão (Ninurta)" e em seguida ter contribuído para "fazer os dois combatentes entrarem em paz".

O período que os egípcios associavam ao reino de Thot foi uma época de paz entre os deuses, quando os Anunnaki dedicaram-se principalmente a fundar povoados relacionados com a construção e a proteção das novas instalações espaciais.

A via marítima para o Egito e Tilmun, pelo mar Vermelho, tinha de ser aumentada por uma rota terrestre que ligaria a Mesopotâmia com o Centro de Controle da Missão e o Espaçoporto. Essa rota existe desde épocas imemoriais, e ia do rio Eufrates até o posto de Harã na região do rio Balikh. De lá o viajante podia continuar para o sul descendo a costa do Mediterrâneo - um caminho que mais tarde os romanos denominaram de Via Maris ("A Estrada do Mar") - ou então tomar a rota que acompanhava a margem oriental do rio Jordão, que ficou famosa na História como a Estrada do Rei. A estrada do mar era o caminho mais rápido para o Egito, mas a rota interior podia levar o viajante para o golfo de Eilat, o mar Vermelho, Arábia e África, e para a península do Sinai, motivo pelo qual sempre foi o caminho usado para o transporte do ouro africano para a Ásia. Por essa rota também se atingia a margem ocidental do Jordão, o que era feito atravessando-se o rio em pontos predeterminados, adequados para isso.

O mais importante desses pontos de travessia sempre foi o que levava diretamente a Jerusalém, e ele ficava perto de Jericó. Foi ali que os israelitas atravessaram o rio para entrar na Terra Prometida. E também foi ali, acreditamos, que milênios antes os Anunnaki fundaram uma cidade para proteger o ponto de travessia e para fornecer suprimentos aos viajantes que pretendiam continuar sua jornada. Enquanto o homem não fez de Jericó seu lar, ela era um posto avançado dos deuses.

Não parece lógico que os Anunnaki tenham construído um posto avançado apenas num lado do Jordão, deixando desguarnecida a margem oriental, onde passava a importantíssima Estrada do Rei. De fato, uma descoberta pouco divulgada fora dos círculos da arqueologia prova que existiu um forte similar na região a leste do rio. E o que foi encontrado nesse sítio arqueológico é ainda mais impressionante do que o que se achou em Jericó.

O local começou a ser escavado em 1929 por uma missão patrocinada pelo Pontifício Instituto Bíblico do Vaticano, e seu chefe era Alexis Mallon. Os peritos se surpreenderam com o elevado nível de civilização revelado pela ruínas. Até mesmo as camadas mais inferiores com indícios de habitação (cerca de 7500 a.C.) mostravam pisos de tijolos. Uma outra característica incomum era que, apesar de o período de ocupação da área ter sido muito longo - da Idade da Pedra até a Idade do Bronze -, os arqueólogos descobriram vestígios de uma mesma civilização em todos os níveis de escavação.

Esse sítio é conhecido por Tell Ghassul, nome do morro sob o qual foram descobertas as ruínas. Não se tem idéia de como era chamada essa cidade na Antiguidade. Junto com vários povoados adjacentes, ela controlava o importante ponto de travessia do rio Jordão que atualmente é conhecido como ponte Allenby e a estrada que levava a ele. A localização estratégica de Tell Ghassul já tinha sido notada pelos arqueólogos antes de eles darem início às escavações, como se lê no relatório preparado pela missão: "Do alto do morro tem-se uma vista interessante de todos os lados: o Jordão a oeste, parecendo uma linha escura; a noroeste, vê-se a colina da antiga Jericó e, depois dela, as montanhas da Judéia, inclusive Beth-El e o Monte das Oliveiras em Jerusalém. Belém fica escondida pelo monte el-Muntar, mas é possível avistar os picos de Tecoá e os arredores de Hebron". Quem se voltava para o norte tinha 50 quilômetros de panorama livre. Olhando para o leste, o observador via o monte Moab e as primeiras encostas do morro Nebo; e para o sul, "além

do espelho do mar Morto, conseguia avistar a montanha de sal, o monte Sodom".

Os principais restos descobertos em Tell Ghassul cobrem um período que vai desde 4000 a.C. até 2000 a.C. quando o lugar foi subitamente abandonado. O sistema de irrigação e artefatos, de padrão muito superior ao prevalecente na área, convenceram os arqueólogos de que os habitantes desse lugar vieram da Mesopotâmia.

O grande morro é formado por três colunas: duas delas parecem ter sido usadas como moradia, e uma como área de trabalho. Esta última dividida em segmentos retangulares, dentro dos quais foram cavadas "fossas" circulares, em geral em pares. O fato de que elas aparecem sempre em pares e de haver de seis a oito em cada compartimento afastou a hipótese de que serviriam de fogões ou braseiros para a preparação de alimentos. Associadas a esses buracos foram encontradas enigmáticas "faixas de cinzas", restos de algum tipo de material combustível, em camadas sucessivas, mostrando que elas foram cobertas com areia fina, depois com o solo comum, de modo a formar a base para uma outra dessas camadas de cinzas.

O solo da superfície dessa área de trabalho estava coberto de cascalho calcinado, restos de rocha quebradas e queimadas por uma força qualquer. Entre os artefatos encontrados estava um objeto pequeno, circular, moldado com extrema precisão, sem dúvida para algum propósito tecnológico desconhecido para nós.

As descobertas feitas nas áreas residenciais só serviram para aumentar o mistério. Lá as paredes das casas retangulares ruíram como se atingidas por uma súbita força que atuou ao nível do solo, fazendo as partes superiores das paredes tombarem todas para dentro.

Devido a esse tipo de queda, que preservou bastante as paredes, foi possível reconstituir alguns dos impressionantes murais que as ornamentavam. Num deles a pintura criava uma ilusão tridimensional. Uma casa possuía todas as paredes com afrescos. Numa outra havia um divã embutido num nicho, de modo que permitisse que o morador nele reclinado pudesse ter uma visão da parede oposta, que ostentava um grande mural. Este retratava uma fileira de pessoas, das quais duas estavam sentadas em tronos, voltadas (talvez dando as boas-vindas) para uma pessoa que aparentemente acabara de descer de um objeto que emitia raios.

Os arqueólogos que descobriram esses murais durante as escavações realizadas em 1931/33 formularam a hipótese que o objeto devia ser um

"corpo celeste", similar a uma "estrela" incomum anteriormente encontrada numa pintura de outro prédio. Esse desenho mostrava duas estrelas de oito pontas, concêntricas, uma bem pequena e uma grande, culminando numa explosão de oito raios. O desenho preciso, e com uma variedade de formas geométricas, foi artisticamente executado em preto, vermelho, branco, cinza e combinações dessas cores. Uma análise química das tintas empregadas mostrou que não eram pigmentos naturais, mas sofisticados compostos químicos constituídos de dez a dezoito tipos de mineral.

Os descobridores dos murais logo imaginaram que a "estrela" de oito pontas tinha algum significado religioso, salientando que o corpo celeste de oito pontas, representando o planeta Vênus, era o símbolo de Ishtar. Todavia, em toda Tell Ghassul não foi encontrado nenhum indício da presença de "objetos de culto", como estatuetas de deuses etc., o que também é considerado uma anomalia do lugar. Em nosso entender, isso mostra que a cidade não era habitada por adoradores, mas por aqueles que eram o objeto da adoração: os "deuses" da Antiguidade, os Anunnaki.

Na atualidade, encontramos vários desenhos similares à "estrela" de Tell Ghassul, e um deles pode ser visto no saguão da National Geographic Society, em Washington, D.e. Trata-se de uma rosa-dos-ventos, que simboliza o interesse da instituição nos quatro cantos da Terra e seus pontos intermediários. Pensamos que fosse isso também que os pintores de Tell Ghassul tivessem em mente: queriam indicar a relação daquele lugar e deles mesmos com as quatro regiões da Terra.

A maior prova de que a "estrela" não tinha um significado sagrado é o fato de ela ter sido encontrada desrespeitada por grafitos. Esses desenhos mais rústicos mostram prédios de paredes grossas, nadadeiras de peixes, pássaros, asas, um navio e até mesmo, como sugerem alguns, um dragão do mar (canto da esquerda, acima). Nesses desenhos foram usadas, além das cores já mencionadas, tons de amarelo e marrom.

Entre esses grafitos existem dois de particular interesse: duas formas arredondadas, com grandes "olhos", que também foram encontradas pintadas em tamanho muito maior e com mais detalhes nas paredes de outras casas. Os objetos são esféricos ou ovais e têm a parte superior listrada, ou em camadas, pintada de branco e preto. O centro é dominado por dois grandes "olhos", formados por discos pretos perfeitos dentro de círculos brancos. A parte inferior mostra dois (ou quatro) suportes estendidos pintados de vermelho.

Entre essas pernas mecânicas e saindo do corpo do objeto vê-se um dispositivo que lembra um bulbo.

O que eram esses objetos? Seriam os "turbilhões" ou "rodamoinhos" dos quais tanto se fala nos antigos textos do Oriente Médio, inclusive no Antigo Testamento, e que tudo indica seriam os "discos voadores" ou outro tipo de aeronave dos Anunnaki? O fato é que tudo o que foi descoberto em Tell Ghassul - os murais, covas circulares, as pedrinhas calcinadas, as camadas de cinzas, mais a própria localização do sítio arqueológico - nos conta que ali era uma fortaleza e um depósito de suprimentos para as naves-patrolhas dos Anunnaki.

O ponto de travessia Tell Ghassul-Jericó desempenhou um papel importante, até milagroso, em vários eventos bíblicos, fato que pode ter despertado o interesse do Vaticano em escavações nessa área. Foi ali que o profeta Elias atravessou o Jordão com a intenção de ter um encontro na margem oriental (em Tell Ghassul), o que culminou com ele sendo levado num "carro de fogo... um turbilhão". Foi também nessa região que, no final do Êxodo, Moisés, ao qual o Senhor negara o direito de entrar em Canaã propriamente dita, "subiu então das estepes de Moab (área do Tell Ghassul) para o monte Nebo, ao seu pico mais alto, o Fasga, que fica diante de Jericó. E Iahweh mostrou-lhe toda a terra: de Galaad até Dan, todo o Neftali, a terra de Efraim e Manassés, toda a terra de Judá até o Mediterrâneo; e o Neguev e o vale de Jericó, a cidade das tamareiras". Esse foi o mesmo panorama avistado pelos arqueólogos antes de iniciarem seu trabalho em Tell Ghassul.

A travessia do Jordão pelos israelitas sob a liderança de Josué incluiu o milagroso afastamento das águas do rio sob a influência da Arca Sagrada e de seu conteúdo. Depois de feita a passagem, "encontrando-se Josué perto de Jericó, levantou os olhos e viu um homem que se achava diante dele com uma espada desembainhada na mão. Josué aproximou-se dele e disse-lhe: 'Estás conosco ou com nossos inimigos'? O homem respondeu: 'Com nenhum dos dois. Sou um capitão do exército de Iahweh'. Josué então prostrou-se com o rosto em terra, adorou-o e disse-lhe: 'Que tem a dizer, meu senhor, a este teu servo?'. O capitão do exército de Iahweh respondeu: 'Descalça as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que pisas é restrito'" .

Então o capitão das tropas de Iahweh contou a Josué o plano do Senhor para a conquista de Jericó. Instruiu os israelitas a não tentarem derrubar as muralhas pela força, mas a fazerem carregar a Arca sete vezes em torno delas.

Atendendo as ordens, no sétimo dia os sacerdotes fizeram soar as trombetas, e o povo soltou um grande grito, "e a muralha de Jericó ruiu por terra".

Jacó, também, ao atravessar o Jordão naquele ponto quando voltava de Harã, encontrou-se com um "homem", com o qual lutou até a madrugada, quando então deu-se conta de que seu oponente era uma deidade. "E Jacó chamou o lugar de Peni-El ('O Rosto de Deus'), pois viu um deus cara a cara e sobreviveu".

De fato, o Antigo Testamento afirma claramente que na Antiguidade havia povoados dos Anunnaki nos pontos de aproximação da península do Sinai e Jerusalém. Hebron, a cidade que guardava a rota entre Jerusalém e a península, "outrora era chamada Cariat-Arbe. Arbe era o maior homem entre os enancim [Anakim]" (Josué 14:15). Além de nos informar que os descendentes dos Anakim continuavam residindo na área durante a conquista de Canaã pelos israelitas, a Bíblia nos oferece numerosas referências a cidades dos Anakim na margem ocidental do Jordão.

Quem eram esses Anakim? O termo costuma ser traduzido por "gigantes", tal como Nefilim. Todavia, já mostramos conclusivamente que ao falar nos Nefilim ("Aqueles que Desceram"), o Velho Testamento refere-se ao "Povo dos Foguetes".

Acreditamos que os Anakim não eram outros senão os Anunnaki.

Até agora ninguém prestou atenção especial à contagem de 3650 anos que Manetho atribui ao reinado dos semi-deuses que pertenciam à dinastia de Thot. Nós, porém, consideramos essa cifra altamente significativa, pois ela só difere do período orbital de Nibiru em 50 anos.

Não foi por acaso que o avanço da humanidade - da Idade da Pedra até a alta civilização suméria - aconteceu em intervalos de 3600 anos. Foi como se uma misteriosa mão erguesse a espécie humana para um patamar maior de cultura, conhecimento e civilização, em etapas bem demarcadas. E, como mostramos em O 12º. *Planeta*, cada uma dessas idades corresponde à ocasião em que, por causa da aproximação de Nibiru, tornavam-se possíveis as idas e vindas dos Anunnaki entre seu planeta e a Terra.

Essas etapas de progresso da humanidade espalharam-se a partir de um núcleo mesopotâmico para todo o resto do mundo. Assim, a "Idade dos Semi-deuses" dos egípcios - um período em que reinaram os filhos nascidos da coabitação entre homens e deuses -, que segundo Manetho durou de 7100 a.C. até 3450 a.C. sem dúvida nenhuma coincide com o Período Neolítico no Egito.

Portanto, podemos tomar por certo que a cada um desses intervalos de 3600 anos os Grandes Anunnaki, os "Sete que Decretam", discutiam o destino da humanidade e as relações dos deuses com ela.

Sabemos com certeza que houve uma deliberação desse tipo antes do súbito - e de certa forma inexplicável - surgimento da civilização suméria, pois os escribas desse povo nos deixaram registros detalhados dessas discussões!

Quando começou o repovoamento da Mesopotâmia, as Velhas Cidades foram as primeiras a ser reconstruídas; só que não mais como recintos sagrados, exclusivos dos deuses, pois agora a espécie humana tinha entrada livre nesses centros urbanos para cultivar os campos adjacentes, cuidar de pomares, hortas e currais, e servir os deuses de todas as formas possíveis, não mais apenas como cozinheiros, artesãos e costureiros, mas também como sacerdotes, músicos, comediantes e prostitutas de templos.

A primeira cidade a ser reconstruída foi Eridu, concedida a Enki em regime perpétuo, por ela ter sido sua primeira base na Terra. O santuário do deus ali situado, uma maravilha arquitetônica daquela época primitiva, com o passar do tempo foi erguido e ampliado para se transformar num magnífico templo-residência, o E.EN.GUR.RA ("Casa do Senhor Cujá Volta É Triunfante"), ornamentado com ouro, prata e pedras preciosas vindas do Mundo Inferior e protegido pelo "Touro do Céu". Nippur foi reconstruída para Enlil e Ninlil, e lá o casal mandou erigir uma nova Ekur ("Casa Montanha"), agora já não mais equipada com instrumentos de orientação, mas com armas assustadoras: "O Olho Levantado Que Inspetiona a Terra" e "O Feixe de Emissões Levantado", que tudo penetrava. O recinto sagrado do templo abrigava também o "Pássaro que Pisa Rápido" de Enlil, de "cujas garras ninguém conseguia escapar".

Um "Hino a Eridu", traduzido e publicado por A. Falkenstein (*Sumer*, vol. VII), descreve como Enki viajou para participar de uma reunião dos grandes deuses. Isso aconteceu por ocasião de uma das visitas de Anu à Terra, quando tinham lugar as deliberações que a cada período de 3600 anos determinavam o destino de deuses e homens. Depois de uma celebração em que "os deuses beberam vinho preparado pelos homens", chegou a hora das decisões solenes. "Anu sentou-se no lugar de honra, tendo Enlil ao seu lado. Ninharsag sentou-se numa poltrona". Anu deu por iniciada a assembléia e dirigiu-se aos presentes:

Grandes deuses que aqui vieram,

Deuses-Anunna, que à Corte da Assembléia vieram!
Meu filho construiu uma casa para si; o senhor Enki ergueu Eridu como
se fosse uma montanha.
Sua Casa num belo lugar erigiu.
Nesse lugar, Eridu, ninguém pode entrar sem ser convidado...
No santuário, vindas do Abzu, as Divinas Fórmulas Enki depositou.

Essas últimas frases explicam qual era o principal item da agenda: a reclamação de Enlil contra o irmão, que estaria dificultando o acesso dos outros deuses às Fórmulas Divinas (conjunto de informações sobre mais de cem características da civilização), dessa forma restringindo o progresso somente a Eridu e seus habitantes. (Está arqueologicamente confirmado que Eridu foi a cidade pós-diluviana mais antiga, a fonte de toda a civilização suméria.) O Conselho dos Deuses decidiu então que Enki teria de compartilhar as informações com seus pares para eles também poderem reconstruir ou fundar seus próprios centros urbanos, isto é, foi decretado que a civilização seria concedida a toda a Suméria.

Quando a parte oficial da reunião terminou, os visitantes foram conhecer o presente que lhes fora dado pelos deuses que habitavam a Terra: a meio caminho entre Nippur e Eridu, eles tinham construído um recinto sagrado dedicado a Anu, uma residência apropriadamente chamada E.ANNA ("Casa de Anu").

Antes de voltar para seu planeta, Anu e Antu passaram uma noite em seu templo terrestre. Foi um evento marcado por pompa e circunstância. Quando o casal divino chegou à nova cidade - que mais tarde seria conhecida como Uruk (a Erech da Bíblia) -, os deuses formaram uma procissão para acompanhá-lo até o pátio do templo. Enquanto era preparada uma suntuosa ceia, Anu, sentado num trono, conversava com os outros deuses. Antu, acompanhada pelas deusas, foi trocar de roupa na ala do templo chamada de "Casa da Cama de Ouro".

Os sacerdotes e atendentes do templo serviram "vinho e bom azeite" e mataram em sacrifício "um touro e um carneiro para Anu, Antu e todos os deuses". No entanto, o banquete só seria servido quando o céu estivesse suficientemente escuro para se avistar os planetas: "Júpiter, Vênus, Mercúrio, Saturno, Marte e a Lua, assim que eles aparecessem". Quando isso aconteceu, e depois de uma cerimônia de lavagem de mãos, foi servida a primeira parte

da ceia: "Carne de touro, carne de carneiro, aves... cerveja e vinho da melhor qualidade".

Houve então uma pausa para o ponto alto da noite: enquanto um grupo de sacerdotes cantavam o hino *Kabbab Anu Etellu Shamame* ("O Planeta de Anu Sobe no Firmamento"), um sacerdote mais graduado subiu "ao andar mais alto da torre do templo" para olhar o céu à espera do aparecimento do planeta de Anu, Nibiru. No momento calculado e no local predeterminado, o planeta foi avistado. Nesse instante o coro cantou as músicas: "Ao que Fica Brilhante, o Planeta Celestial do Senhor Anu" e "A Imagem do Criador Ergueu-se no Firmamento". A um sinal alguém acendeu uma fogueira e, à medida que a notícia do avistamento do planeta era transmitida de um posto de observação para outro, novas fogueiras iam sendo acendidas. Em pouco tempo toda a região estava iluminada.

Pela manhã houve preces de ação de graças na capela do templo e, em seguida, uma seqüência repleta de cerimônia e simbolismo, os visitantes prepararam-se para partir. Os sacerdotes cantaram: "Anu está indo embora. Anu, grande rei do Céu e da Terra, pedimos vossa bênção". Dada a bênção, a procissão desceu pela "Rua dos Deuses" até o "Lugar da Barca de Anu", onde, numa capela chamada "Construa Vida na Terra", houve uma nova sessão de preces e hinos. Os que iam ficar então abençoaram o casal divino recitando os seguintes versos:

**Grande Anu, que o Céu e a Terra vos abençoem!
Que os deuses Enlil, Ea e Ninmah vos abençoem!
Que os deuses Sin e Shamash vos abençoem...
Que os deuses Nergal e Ninurta vos abençoem...
Que os Igigi que estão no Céu...
E os Anunnaki que estão na Terra vos abençoem!
Que os deuses do Abzu e os deuses da Terra Santa vos abençoem!**

Estava terminada a importante visita do casal celestial à Terra, que, segundo registra uma tabuinha encontrada nas ruínas do arquivo de Uruk, durou dezessete dias.

As decisões tomadas nessa ocasião abriram o caminho para a fundação de novas cidades. Kish, a primeira e mais importante delas, foi colocada sob o controle de Ninurta, "o principal filho de Enlil", e veio a se tornar a capital

administrativa da Suméria. Ur, que posteriormente seria o coração econômico da região, foi fundada para Nannar/Sin, o primogênito de Enlil.

Houve outras decisões relativas a uma nova etapa do avanço da espécie humana e sua associação com os Anunnaki. Lemos nos textos sumérios que contam sobre a assembléia que desencadeou a grande civilização da Suméria que “os Grandes Anunnaki que decretam o destino” decidiram que os deuses eram “altíssimos demais para a humanidade”. O adjetivo empregado - *elu*, em acadiano - significa exatamente isso: “altíssimo”; e dele derivou o *El* babilônico, hebraico e ugarítico, termo ao qual os gregos deram a conotação “deus”.

Como resultado dessa decisão, os Anunnaki concederam à humanidade a “realeza” - o sistema monárquico -, para funcionar como intermediário entre eles e os habitantes humanos das cidades. Um texto acadiano (*A Fábula da Tamargueira e da Tamareira*) descreve da seguinte forma o que aconteceu “nos dias de antanho”:

Os deuses da Terra, Anu, Enlil e Enki, juntaram-se em assembléia.

Enlil e os deuses deliberaram.

Entre eles estava sentado Shamash; entre eles estava sentada Ninmah.

Conta a lenda que naquele tempo “ainda não existia a realeza na Terra; o governo era feito pelos deuses”. O Grande Conselho resolveu modificar essa situação.

Todas as fontes sumérias concordam que a primeira cidade real foi Kish. Os homens que Enlil designou para serem reis eram chamados LU.GAL (“Homem Poderoso, Potentado”). Encontramos esse mesmo registro no Antigo Testamento (Gênesis, capo 10), que conta sobre o estabelecimento dos reinos dos homens:

“Kish gerou Nemrod, que foi o primeiro potentado sobre a terra... Os sustentáculos de seu reino foram Babel, Arac [Uruk] e Acad, todas no país de Senaar [Suméria]”.

Apesar de o texto bíblico afirmar que as três primeiras capitais foram Kish, Babilônia e Uruk, as Listas de Reis sumérias contam que a realeza começou em Kish, passando em seguida para Uruk e depois para Ur, sem fazer nenhuma menção à Babilônia. Essa aparente discrepância pode ser facilmente

explicada. Em nossa opinião, ela está relacionada com o incidente da Torre de Babel (Babilônia), que a Bíblia registra com bastantes pormenores. Tudo indica que esse evento começou com a insistência de Marduk de que ele, e não Nannar deveria ser contemplado com a próxima capital a ser erigida na planície da Suméria (o "país de Senaar" da Bíblia), quando estavam sendo construídos os novos centros urbanos.

"Quando homens emigravam para o oriente, encontraram um vale no país de Senaar e aí se estabeleceram".

"Disseram uns aos outros: 'Vinde! Façamos tijolos e os cozamos ao fogo'".

"O tijolo lhes serviu de pedra, e o betume de argamassa".

Foi então que o instigador desse povo, cujo nome não aparece na história bíblica, lançou a parte de seu plano que deu origem ao incidente:

"Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus".

O relato bíblico prossegue, dizendo que "Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens construíram" e então falou, dirigindo-se a colegas não identificados: "Isso é o começo de suas iniciativas! Daqui em diante, nenhum desígnio será impossível para eles". Depois acrescentou: "Vinde! Desçamos, confundamos sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros". Concluindo o registro do incidente, conta a Bíblia que o Senhor "os dispersou sobre toda a face da Terra, e eles pararam de construir a cidade".

Um dos princípios básicos da memória histórica dos sumérios é que no início existiu mesmo uma época em que a humanidade "falava em uníssono". Os textos também afirmam que a confusão de línguas que acompanhou a dispersão da espécie humana foi um ato propositado dos deuses. Tal como o Antigo Testamento, as histórias escritas por Berosso ligam a diversificação das linguagens e a dispersão da humanidade ao incidente da Torre de Babel. "Quando todos os homens falavam a mesma língua, alguns deles começaram a construir uma torre grande e alta com o intuito de subirem aos céus. O Senhor, porém, enviando um turbilhão, confundiu seus desígnios e deu a cada tribo uma linguagem só sua".

A uniformidade entre as duas lendas sugere a existência de uma fonte comum, muito mais antiga, de onde tanto os compiladores do Antigo Testamento como Berosso extraíram suas informações. Embora imagine-se que ainda não foi descoberto o texto original, a verdade é que George Smith, já em sua primeira publicação, com data de 1876, contou ter encontrado nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, "um relato mutilado da história da Torre". A lenda, concluiu, fora originalmente escrita em duas plaquinhas, mas ele encontrara apenas uma (K-3657), de cujas seis colunas de texto só conseguira reconstituir quatro. Sem dúvida esse texto é uma versão acadiana da lenda suméria sobre a Torre de Babel, e ela deixa claro que o incidente foi provocado pelos deuses e não por homens. A espécie humana não passou de um peão na disputa.

Segundo o relato de George Smith e a posterior retradução de W.S.C. Boscaun num boletim da Sociedade de Arqueologia Bíblica, a lenda começava dando o nome de quem instigou os homens a ir contra ordens superiores, mas os danos na plaquinha de argila não nos permitem saber quem foi ele. "Os pensamentos do coração de (...) eram maus; ele tinha maldade contra o Pai dos Deuses [Enlil]". Para conseguir seus propósitos, esse deus "corrompeu o povo da Babilônia", induzindo "tanto os grandes como os pequenos a se juntarem na mesma pilha".

Quando a obra pecaminosa despertou a atenção de Enlil, ele "falou ao Céu e à Terra... Ele levantou seu coração ao Senhor dos Deuses, Anu, seu pai, solicitando uma ordem. Também levantou seu coração para Damkina". Ora, sabemos muito bem que Damkina era a mãe de Marduk, de modo que todas as pistas o denunciavam como o instigador. Ela ficou ao lado do filho: "Com meu filho me levanto"... Disse. O verso incompleto que se segue deixa claro que o "número" do filho, isto é, sua posição numérica na hierarquia, estava em jogo. A parte legível da coluna III trata dos esforços de Enlil para demover o grupo rebelde de seus planos. Subindo ao firmamento num "Turbilhão", ele "do Céu falou à Terra, mas seu caminho eles não seguiram; o confrontaram com violência". Diante disso, Enlil "desceu à Terra". Todavia, nem a presença do Pai dos Deuses no local da obra teve algum efeito. Lemos na última coluna que, "ao não conseguir fazer para os deuses", Enlil não teve outra escolha senão recorrer à força:

**Durante a noite, ele pôs um fim completo à torre da fortaleza.
Em sua ira, também emitiu um comando: dispersar foi sua decisão.**

Deu ordens para seus conselhos se confundirem. (...) interrompeu seu rumo.

O antigo escriba mesopotâmico terminou a lenda da Torre de Babel com uma amarga recordação: como o povo "contra os deuses revoltou-se com violência, com violência ele chorou pela Babilônia; chorou muito".

A versão bíblica também fala que o incidente aconteceu em Babel (Babilônia, em hebraico). O nome é muito significativo, pois em seu original acadiano - *Bab-Ili* - ele queria dizer "Portão dos Deuses", ou seja, o lugar pelos quais os deuses entravam e saíam da Suméria.

E foi lá, segundo afirma a Bíblia, que os rebeldes planejaram construir uma "torre cujo ápice penetre os céus". As palavras são idênticas às usadas para denominar o zigurate que era o aspecto dominante da antiga Babilônia, a E.SAG.ILA ("Casa cuja Cabeça é Altíssima").

Portanto, os textos bíblicos e mesopotâmicos, com base numa crônica suméria anterior, relatam o mesmo incidente: a tentativa frustrada de Marduk em impedir que a realeza fosse transferida de Kish para Arac e Ur - cidades destinadas a ser centros de poder de Nannar/Sin e seus filhos - e de obter a suserania para sua própria cidade: Babilônia.

Mas, com sua rebeldia, Marduk desencadeou uma série de eventos trágicos.

10

O PRISIONEIRO DA PIRÂMIDE

O incidente da Torre de Babel pôs um fim súbito e inesperado à mais longa era de paz na Terra de que o homem tem notícia. A cadeia de eventos trágicos que esse acontecimento iniciou teve uma relação direta com a Grande Pirâmide e seus mistérios. Para desvendar esses segredos, apresentaremos nossa teoria sobre como essa estrutura singular foi projetada e construída, e posteriormente lacrada e invadida.

Como se não bastassem os inúmeros enigmas existentes sobre a construção da Grande Pirâmide, existem outros dois relacionados com a estrutura terminada. Todas as teorias que tentaram explicá-los, uma vez que se baseavam na hipótese de que a pirâmide seria uma tumba real, mostraram-se inconsistentes. Acreditamos que as respostas para esses enigmas não estão nas lendas dos homens, mas sim nas dos deuses.

Várias referências à Grande Pirâmide encontradas em crônicas gregas e romanas comprovam que naquela época era bem conhecida a entrada

protegida pela pedra giratória, o Corredor Descendente e a Cova Subterrânea. No entanto, ninguém desconfiava da existência de todo o sistema de túneis e câmaras superiores, porque a entrada para o Corredor Ascendente encontrava-se lacrada por três grandes blocos de granito e camuflada com uma pedra triangular encaixada no teto da passagem.

Durante os séculos que se seguiram, até mesmo a posição da entrada da pirâmide acabou sendo esquecida. Por isso, quando o califa Al-Mamun decidiu penetrar na pirâmide, no ano 820, seus homens forçaram uma abertura, abrindo um túnel escavado a esmo.

O Corredor Descendente foi descoberto por acaso. O som de uma pedra que caiu no vazio incentivou os trabalhadores a continuar com a escavação até atingi-la. Mas o que caíra com o impacto das picaretas e martelos era uma pedra triangular que disfarçava a entrada do Corredor Ascendente, e a queda revelou o tampão feito com os blocos de granito. Incapazes até mesmo de lascá-los com suas ferramentas, os homens do califa cavaram as pedras de calcário em torno deles e chegaram ao Corredor Ascendente, e daí ao conjunto de câmaras e túneis superiores. Todos os historiadores árabes contemporâneos de Al-Mamun afirmam que ele não encontrou no interior da pirâmide nada além de espaços vazios.

Depois de retirarem o entulho - pedaços de calcário que com o passar dos séculos tinham deslizado pela passagem e se acumulado junto ao tampão de granito -, os árabes subiram agachados o estreito túnel quadrado. Ao chegar ao seu final puderam ficar em pé, pois tinham atingido a junção do Corredor Ascendente com o Corredor Horizontal e a Grande Galeria. Seguindo pelo túnel horizontal, eles chegaram à câmara com teto em V invertido, que exploradores de épocas posteriores passaram a chamar de "Câmara da Rainha". Ela e seu enigmático nicho estavam completamente vazios, e as paredes não mostravam nenhum sinal de decoração. Voltando à junção, os homens subiram pela Grande Galeria, usando para se apoiar os orifícios perfeitamente cortados na pedra, agora não mais que buracos vazios, pois uma camada de poeira branca que cobria o piso e as rampas era limosa e escorregadia. Depois de subirem o Grande Degrau no final da galeria, viram-se diante da Antecâmara e, ao entrarem nela, descobriram que as portas corrediças que deviam fechá-la não existiam mais. Agacharam-se para penetrar na câmara superior (mais tarde batizada "Câmara do Rei") e constataram que a única coisa que havia nela era uma pedra escavada em forma de baú ("O Caixão", dos exploradores posteriores).

Voltando à junção das três passagens, os árabes notaram um buraco num canto junto à entrada da Grande Galeria e viram que uma das pedras de calcário que formava a rampa tinha sido arrebentada. Entrando pelo buraco, eles encontraram-se numa curta passagem horizontal que se abria para um túnel vertical, que imaginaram ser um poço de água. Enquanto desciam por esse Poço (como veio a ser conhecido), descobriram que aquele era apenas o trecho superior de uma longa série de dutos, com cerca de 60 metros de comprimento total, que terminava no Corredor Descendente, dessa forma ligando as câmaras e corredores superiores com os inferiores. Tudo indica que a abertura para o Corredor Descendente estava fechada e escondida de quem passava por ela até os homens do califa a abrirem, vindos de cima para baixo. As descobertas dos árabes e investigações posteriores desencadearam uma infinidade de enigmas. Por que, quando e quem vedou o Corredor Ascendente? Por que, quando e quem fez o Poço que atravessava o terço inferior da pirâmide até atingir sua base rochosa?

A teoria mais corrente que tentou responder essas perguntas dizia que a pirâmide fora construída por Khufu (Quéops) para ser sua tumba e que, depois de o corpo mumificado do faraó ter sido colocado no "caixão da Câmara do Rei", os servos, por ordem dos sacerdotes, fizeram deslizar os três blocos de granito pelo Corredor Ascendente, de cima para baixo, para vedarem sua entrada. Eles, portanto, ficariam enterrados vivos com o faraó. Contudo, esses servos enganaram os sacerdotes: arrebentaram a pedra no canto da Grande Galeria, escavaram o poço e atingiram o Corredor Descendente, fugindo pela entrada da pirâmide situada na face norte.

Essa teoria é muito difundida, mas não resiste a um escrutínio crítico.

O Poço é constituído por sete segmentos distintos. Seis deles são constituídos com precisão, possuindo linhas e planos retos, e um é tortuoso, escavado a esmo, obviamente sem seguir um projeto anterior. A série de dutos começa com a parte horizontal superior (A) curta, que liga a Grande Galeria com o segmento vertical B, que, por meio do segmento tortuoso C, liga-se com um trecho vertical inferior (O). Segue-se um trecho bastante inclinado (E), que leva a um segmento mais curto (F), com uma inclinação bem menor do que a anterior. Por fim há um pequeno trecho que deveria ser horizontal para se equiparar com A, mas que é ligeiramente inclinado e desigual (G), abrindo-se para o Corredor Descendente. O poço propriamente dito, constituído pelos trechos B, C, D, E e F, apesar das mudanças de rumo quando visto num plano

norte-sul está precisamente alinhado dentro de um plano leste-oeste paralelo ao plano das passagens e câmaras.

Enquanto os três segmentos superiores do Poço cortam cerca de 20 metros de blocos de calcário, os inferiores atravessam cerca de 50 metros de rocha pura. Ora, segundo a teoria acima, alguns poucos servos deixados no interior da pirâmide para fazerem deslizar o tampão de granito não poderiam ter escavado a rocha com tanta perfeição. Também, se a escavação foi feita de cima para baixo, onde teria ido parar o entulho que, obrigatoriamente, teria de ser levado para cima enquanto eles cavaram? Levando-se em conta que o Poço tem cerca de 70 centímetros de largura na maioria de seus trechos, quase mil quilos de pedaços de calcário e rocha teriam de ser depositados nas câmaras e passagens superiores.

Em vista dessas improbabilidades, novas teorias foram apresentadas, tendo como base a hipótese de que o Poço fora escavado de baixo para cima (nesse caso, o entulho teria sido removido pelo Corredor Descendente). E qual seria a explicação para isso? Segundo essas teorias, quando o faraó estava sendo enterrado, um terremoto sacudiu a pirâmide, fazendo soltarem-se prematuramente os blocos de granito que iriam vedar a passagem. E não somente servos, mas também membros da família real, e altos sacerdotes, ficaram presos. Como os projetos de construção da pirâmide ainda continuavam disponíveis, equipes de salvamento fizeram o Poço para atingir a Grande Galeria e libertar os dignitários.

Essa teoria e muitas outras, como uma há muito descartada, que afirmava ser o Poço obra de ladrões de túmulos, pecam por não explicar a questão da precisão. Por que equipes de salvamento ou ladrões perderiam tempo em construir dutos tão perfeitos? Como já dissemos, todos os segmentos são retos, com ângulos uniformes ao longo de todo o comprimento e cuidadosamente acabados.

Enquanto cresciam os indícios de que jamais um faraó fora enterrado dentro da Grande Pirâmide, surgiu uma nova teoria, que logo ganhou muitos seguidores: o Poço fora construído para permitir o exame de fissuras na rocha resultantes de um terremoto. A melhor obra com base nessa hipótese é o livro *The Great Pyramid Passages and Chambers*, dos irmãos John e Morton Edgar. Motivados por um zelo religioso que via no monumento uma expressão em pedra das profecias bíblicas, os Edgar limparam, examinaram e fotografaram todos os cantos da pirâmide. Com isso, demonstraram conclusivamente que tanto o trecho horizontal curto A como o primeiro

segmento vertical B eram parte da construção original. Além disso, descobriram que o segmento D não fora escavado, mas cuidadosamente construído com blocos de calcário, para atravessar uma cavidade natural na base rochosa. Essa cavidade só poderia ter sido preenchida por ocasião da construção da pirâmide. Em outras palavras, esse trecho também era muito antigo.

Segundo a teoria dos irmãos Edgar, quando a base da pirâmide estava em construção, um terremoto abalou vários pontos da rocha em que ela se assentava. Para avaliar a extensão dos danos e determinar se a obra poderia continuar, os construtores fizeram os dutos E e F como poços de inspeção. Ao constatarem que os estragos não tinham sido importantes, eles autorizaram o prosseguimento da obra. No entanto, visando possibilitar inspeções periódicas mais rápidas, foi escavado o pequeno trecho horizontal G, não tão perfeito e com cerca de 1,80 metros de comprimento, ligando a Passagem Descendente com o segmento F.

Embora as teorias dos irmãos Edgar (ampliadas por Adam Rutherford em seu livro *Pyramidology*) tenham sido adotadas por muitos, elas ainda estão longe de dar solução aos enigmas. De novo, se os trechos E e F foram construídos como poços de inspeção feitos numa emergência, por que tanto gasto de tempo e preocupação com precisão durante sua construção? Qual o propósito original dos dutos B e D? Como explicar o trecho tortuoso C, escavado grosseiramente no calcário? E o tampão de granito? Por que lacrar o Corredor Ascendente se não tinha havido um enterro?

Apesar de a teoria dos Edgar ser falha, a árdua e minuciosa medição feita por eles guarda a chave dos enigmas. Acredito que as partes essenciais do Poço foram de fato executadas pelos construtores originais e eram parte integrante do projeto, sendo características destinadas a servir de diretrizes arquiteturais durante a construção da pirâmide.

Ao longo dos séculos, muito se escreveu sobre as maravilhosas proporções e notáveis relações geométricas da Grande Pirâmide. No entanto, como todas as outras estruturas similares do Egito possuíam apenas passagens inferiores, sempre houve a tendência de se encarar todo o sistema superior como uma melhoria que surgiu com o passar do tempo. Em resultado disso, foi dada pouca atenção a certos alinhamentos entre os dois sistemas, que só poderiam existir se as partes inferiores e superiores tivessem sido planejadas e construídas simultaneamente. Assim, por exemplo, o ponto na Grande Galeria onde o piso eleva-se abruptamente para formar o Grande Degrau (U - figo

71), o eixo central da Câmara da Rainha (Q) e um recesso no segmento G estão todos situados na linha central da pirâmide. Um enigmático degrau (5), situado na parte superior do Corredor Horizontal, está alinhado com o ponto que marca o final do Corredor Descendente (P). O diagrama que se segue revelará muitos outros alinhamentos.

Mostraremos agora que todos esses alinhamentos não foram obra do acaso, mas de um cuidadoso trabalho de concepção e planejamento, e que os dutos acabados do Poço eram parte integrante da pirâmide.

Começemos pelo trecho D, porque acreditamos que foi o primeiro a ser construído. Atualmente todos concordam que a elevação rochosa onde a pirâmide está assentada foi aplainada em degraus. O nível mais inferior da rocha (visível do lado de fora) formava a Linha Base. O nível superior da rocha fica na altura da Gruta, e ali pode ser vista a primeira camada ("Curso") de blocos de calcário. Uma vez que o trecho D está abaixo desse primeiro curso, ele deve ter sido construído antes, pois o único modo de se abrir um túnel numa rocha é da face externa para dentro. O duto E começa sua descida inclinada exatamente no final do trecho D, o que significa que ele só foi escavado quando D já estava pronto. Terminado E, foram feitos F e G.

Por que - e esse é um fato que geralmente passa despercebido o segmento E está inclinado em relação ao trecho D e a Linha Base num ângulo exato de 45 graus? Por que, se era meramente um poço de inspeção, ele não continua até o Corredor Descendente em vez de inclinar-se, dando origem ao trecho F? E por que esse trecho F está num ângulo exato de 90 graus em relação ao Corredor Descendente?

Como os arquitetos da pirâmide projetaram essas simetrias, alinhamentos perfeitos e notáveis relações geométricas? Nossa explicação para isso mostra a disposição das partes interiores da pirâmide como devem ter sido projetadas pelos que a conceberam. Trata-se de um projeto arquitetônico simples, mas muito engenhoso que alcança a perfeição com o auxílio de apenas três circunferências e algumas linhas!

A construção da pirâmide começou com o nivelamento da colina rochosa onde ela seria erigida. Para conferir maior estabilidade à estrutura, a rocha só foi cortada perto da circunferência da base da pirâmide. No núcleo o leito rochoso foi deixado mais alto, elevando-se em degraus. Então a Gruta - uma falha natural na rocha ou uma cavidade artificial - foi escolhida para ser o ponto onde começariam os alinhamentos da estrutura.

O primeiro dos dutos verticais, D, foi construído atravessando a Gruta, sendo em parte feito de blocos de calcário e parte escavado diretamente na rocha. A altura do trecho D marca exatamente a distância do nível base até onde termina a rocha e começa o assentamento de blocos de calcário no núcleo da pirâmide.

Há muito reconhece-se que o valor de n , ou seja, a relação entre o valor do comprimento da circunferência e seu diâmetro, foi empregado para se calcular a circunferência da base, lados e altura da pirâmide. Mas, como mostra claramente o diagrama, não apenas o aspecto exterior, mas também suas características interiores foram projetadas com o auxílio de três circunferências iguais.

É claro que antes de desenhar as três circunferências, os arquitetos das pirâmides tiveram primeiro de escolher uma medida de raio adequada. Os que vêm estudando a Grande Pirâmide nunca conseguiram encaixar em suas proporções perfeitas nenhuma das antigas unidades egípcias de medição: o cúbito comum, com 24 dedos, ou o "cúbito real", com cerca de 28 dedos (525 milímetros). Há uns três séculos, Isaac Newton concluiu que um enigmático "cúbito sagrado", com 600 milímetros, fora empregado não somente na construção da pirâmide como também na Arca de Noé e no templo de Jerusalém, conclusão que atualmente os egiptólogos e pyramidólogos aceitam para o caso da pirâmide. Nossos próprios cálculos mostram que o raio adotado para as três circunferências foi igual a 60 desses cúbitos sagrados e, como se sabe, 60 era o número-base do sistema matemático sumério, o sistema sexagesimal. Essa medida de 60 cúbitos sagrados é dominante nos comprimentos e alturas da estrutura interior da pirâmide e nas dimensões de sua base.

Uma vez escolhido o raio das circunferências, traçou-se a Linha Horizontal que marcaria o fim do leito rochoso e início das camadas de blocos de calcário, passando pelo ponto D, situado na Gruta. O centro da primeira circunferência ficou nesse ponto (1). Os dois seguintes ficaram nas interseções dessa circunferência com a linha horizontal.

No ponto onde a segunda circunferência cortava o Nível da Base da Pirâmide (4) elevar-se-ia uma das faces da pirâmide, com uma inclinação de 52 graus - o ângulo perfeito porque é o único que incorpora as relações π na estrutura.

O trecho E seria construído num ângulo de 45 graus, saindo do fundo do duto D. A projeção da linha E para cima, cortando o círculo 2 no ponto 5, forneceu a linha inclinada para a face oposta da pirâmide e também demarcou a altura

onde deveriam ficar a Câmara do Rei e a Antecâmara (linha 5-U-K), e o final da Grande Galeria. Projetada para baixo, a inclinação do trecho E determinou o ponto onde terminaria a Passagem Descendente. Uma linha vertical saindo de P determinou a posição do Degrau (5) no Corredor Horizontal, perto da Câmara da Rainha.

Passando para a terceira circunferência, a da esquerda, vemos que seu centro (ponto 3) marca a linha vertical da pirâmide. No local onde ela corta a linha que passa pela parte superior das três circunferências foi colocado o Grande Degrau (V), marcando o final da Grande Galeria e a posição do piso na Câmara do Rei. A linha central vertical em si determinou a posição da Câmara da Rainha. Ligando-se o centro da segunda circunferência (ponto 2) com V, obteve-se a linha de piso do Corredor Ascendente e da Grande Galeria.

O duto vertical F sai do final do segmento E, numa inclinação que permite que a linha projetada para cima a partir dele corte a linha de piso 2-V num ângulo reto. À partir do ponto formado pela interseção da projeção do segmento F com a primeira circunferência, a central, (ponto 6), desenhou-se uma linha passando pelo ponto 2 e continuando até se encontrar com a face da pirâmide (ponto 7), o que determinou a posição do Corredor Ascendente, sua junção com o Corredor Descendente (ponto 2) e a entrada da pirâmide.

Portanto, as três circunferências e os túneis verticais D, E e F determinaram a maioria das partes essenciais da Grande Pirâmide. No entanto ainda faltava marcar onde ficariam os pontos em que terminaria o Corredor Ascendente e começaria a Grande Galeria e, conseqüentemente, o nível do Corredor Horizontal levando para a Câmara da Rainha. É aqui que entra em cena o trecho B do Poço. Ninguém até agora salientou que seu comprimento é exatamente igual a D e que ele marca exatamente a distância entre o nível da entrada e o nível do Corredor Horizontal. B foi colocado no ponto onde a linha do Corredor Ascendente corta a circunferência 2 (ponto 8), e sua extensão vertical determina o início da parede da Grande Galeria. A distância entre o ponto 8 e o ponto 9, onde a linha vertical saindo de D corta a linha horizontal que sai de 8 é o local da grandiosa junção das passagens e a Grande Galeria.

Para a execução desse projeto, a construção teve de começar pelo trecho D, com o aproveitamento da cavidade natural da rocha, e nele foi colocado o teodolito ou equipamento similar que determinou a direção em que os segmentos E e F teriam de ser escavados na rocha pura. Esses trechos sumiram de vista quando o assentamento dos blocos de calcário subiu acima

do nível rochoso. Então foi escavado o duto G, mais grosseiro, para a retirada dos instrumentos de medição ou então para se permitir inspeções de última hora. No ponto de junção do trecho G com o Corredor Descendente, colocou-se um bloco de calcário bem ajustado fechando a abertura, o que terminou escondendo de vez esses dutos inferiores.

O trecho B, ligado no ponto 8 com as passagens através do pequeno segmento horizontal A, permitiu aos construtores da pirâmide terminar o seu interior. Uma vez concluída essa parte da obra, deixou de haver necessidade do uso funcional ou arquitetural desses segmentos e a entrada para eles foi fechada por meio de uma pedra de calcário da rampa, bem ajustada, em forma de cunha.

A obra estava completa, com todos os segmentos do Poço ocultos de vista. No entanto, resta um deles que, pelo que vimos anteriormente, não teve nenhuma função ou propósito no projeto ou na construção da Grande Pirâmide.

Essa exceção é o trecho C, escavado grosseiramente nas camadas de blocos de calcário, torto, desigual, deixando as pedras quebradas, cheias de pontas e asperezas. Quando, por que e como surgiu esse enigmático pedaço do Poço?

Esse trecho, acreditamos, não existia quando a pirâmide foi concluída pelos seus construtores. Como mostraremos adiante, trata-se de um túnel feito apressadamente muito mais tarde, quando Marduk foi aprisionado vivo dentro da Grande Pirâmide.

Não existe dúvida de que Marduk foi aprisionado vivo na "Tumba Montanha", porque vários textos mesopotâmicos traduzidos com competência atestam esse fato. Outros relatos nos esclarecem sobre a natureza do crime que redundou nessa sentença. Todos juntos nos permitem fazer uma reconstrução plausível dos acontecimentos.

Expulso da Babilônia e de toda a região da Mesopotâmia, Marduk voltou ao Egito e não perdeu tempo para se estabelecer em Heliópolis, enfatizando o papel da cidade como seu "centro de culto" ao reunir os objetos celestiais que possuía num santuário especial, ao qual, daí em diante e por muitos séculos depois, os egípcios faziam peregrinações.

Porém, ao tentar restabelecer seu domínio hegemônico sobre o Egito, Marduk descobriu que as coisas tinham mudado desde que ele partira dali para tentar seu golpe de Estado na Mesopotâmia. Embora, pelo que se pode depreender, Thot não tenha se empenhado numa luta pela supremacia e Nergal e Gibil estivessem muito distantes desse centro de poder, surgira um novo rival nesse

ínterim: Dumuzi. O filho mais novo de Enki, cujos domínios faziam fronteira com o Alto Egito, estava emergindo como o novo pretendente ao trono.

Havia alguém insuflando as ambições de Dumuzi e era ninguém mais ninguém menos que sua noiva Inanna/Ishtar - mais um motivo para o desagrado e suspeitas de Marduk.

A lenda de Dumuzi e Inanna, já que ele era o filho de Enki e ela neta de Enlil, faz o leitor recordar-se da história de Romeu e Julieta. E, tal como no drama de Shakespeare, essa crônica também termina em tragédia, morte e vingança.

A primeira presença de Inanna/Ishtar no Egito está registrada no texto de Edfu que conta a Primeira Guerra da Pirâmide. Ali chamada de Astarot, seu nome cananeu, conta-se que ela surgiu no meio do campo de batalha para ajudar as forças de Hórus. O motivo para essa inexplicável presença no Egito poderia talvez ser uma visita ao seu noivo Dumuzi, por cujos domínios o exército passava no seu avanço para o Alto Egito. Um texto sumério registra uma visita que a deusa fez ao noivo, "O que Cuida do Gado", em seu distante distrito rural. Ele nos conta como Dumuzi esperava a chegada de sua prometida e como dirigiu palavras de incentivo a uma noiva ansiosa em relação a seu futuro numa terra estranha:

O rapaz aguardava;

Dumuzi abriu a porta.

Como um raio de luar ela avançou ao seu encontro...

Ele a contemplou, regozijou-se com o que viu, tomou-a nos braços e a beijou.

O que Cuida do Gado colocou o braço em torno da donzela.

"Não a trouxe para a escravidão", ele disse.

"Sua mesa será esplêndida, a mesma em que eu mesmo como..."

Naquela época, Inanna/Ishtar tinha a bênção de seus pais, Nannar/Sin e Ningal, e também a de seu irmão, Utu/Shamash, para uma união tipo Romeu e Julieta entre a neta de Enlil e um filho de Enki. Alguns irmãos de Dumuzi, e talvez o próprio Enki, concordavam com o casamento e a presentearam com contas e peças de lápis-lazúli, a pedra preciosa de que ela mais gostava. E, para surpreendê-la, esconderam as jóias no fundo de uma cesta cheia de tâmaras. Além disso, ao entrar no quarto que lhe fora destinado, Inanna encontrou "uma cama de ouro, adornada de lápis-lazúli, que Gibil mandara fundir para ela na morada de Nergal".

Foi então que a guerra explodiu, e irmão lutou contra irmão. Enquanto eram apenas os filhos de Enki que se enfrentavam, ninguém viu grandes problemas na presença de uma neta de Enlil na região. No entanto, depois da vitória de Hórus, quando Set ocupou terras que não lhe pertenciam, a situação mudou por completo. A Segunda Guerra da Pirâmide atirou os filhos e netos de Enlil contra os descendentes de Enki, e a "Julieta" teve de ser separada de seu "Romeu".

Quando, terminada a guerra, os noivos se reuniram e consumaram o casamento, passaram muitos dias e noites envoltos em êxtase e bem-aventurança, fato que foi tema de muitas canções de amor sumérias. Mas mesmo enquanto eles faziam amor, Inanna sussurrava palavras provocadoras ao marido:

**Suas partes são tão doces como sua boca e fazem jus a sua posição
princesca!**

Subjugue o país rebelde, faça a nação se multiplicar.

Eu o governarei corretamente!

Numa outra ocasião, Inanna revelou a Dumuzi:

Tive a visão de uma grande nação escolhendo Dumuzi como seu deus...

Pois eu fiz de Dumuzi um nome a ser exaltado, eu lhe dei posição.

Apesar de todo esse amor, a união não foi considerada feliz, pois não produziu um herdeiro - ao que tudo indica, um requisito essencial para tornar realidade os anseios dos dois deuses. Dumuzi, na esperança de ter um herdeiro homem, recorreu a uma tática que já fora adotada por seu pai: tentou seduzir e fazer sexo com a própria irmã. Mas enquanto em épocas anteriores Ninharsag cederia aos avanços de Enki, Geshtinanna recusou a proposta do irmão. Desesperado, Dumuzi violou um tabu sexual e a estuprou.

Essa trágica história está registrada numa plaquinha de argila que os estudiosos catalogaram como CT.15.28-29. O texto conta como Dumuzi despediu-se de Inanna, dizendo-lhe que precisava ir à planície deserta onde guardava seus rebanhos. Geshtinanna, "a irmã que conhecia canções, estava sentada lá", pois pensava que fora convidada para um piquenique. Quando os dois estavam "comendo o alimento puro, rico em mel e manteiga, enquanto bebiam a fragrante cerveja divina" e "divertiam-se alegremente... Dumuzi

tomou a solene decisão de fazê-lo". A fim de preparar Geshtinanna para o que ele tinha em mente, pegou um cordeiro e o fez copular com a ovelha-mãe, depois fez um cabrito copular com sua irmã cabrita. Enquanto os animais cometiam incesto, Dumuzi tocava Geshtinanna, procurando imitá-los. Quando suas intenções foram ficando mais óbvias, a moça "gritou e gritou em protesto". Mas, "ele a montou... sua semente estava se derramando na vulva de Geshtinanna"... Ela gritou: "Pare! Isto é uma desgraça!" Mas Dumuzi não parou.

As rachaduras na placa de argila não nos permitem ler o que aconteceu depois do ato, mas tudo indica que Dumuzi explicou à irmã que aquilo fora premeditado, tendo talvez sido planejado com a ajuda de Inanna.

No código moral dos Anunnaki, o estupro era considerado um grave crime sexual. Em épocas mais remotas, quando os primeiros grupos de astronautas tinham chegado à Terra, Enlil, o comandante supremo, fora condenado ao exílio por ter estuprado uma jovem enfermeira (que posteriormente veio a ser sua esposa). Sem dúvida Dumuzi sabia bem o que estava fazendo e só deve ter tomado a irmã à força porque jamais imaginara que ela iria recusá-lo ou porque seus motivos eram muito fortes para superar seu temor pela proibição. Já o consentimento de Inanna nos faz lembrar da história de Abraão e Sara, sua esposa estéril, que lhe ofereceu a criada para ele ter um herdeiro homem.

Consciente de que cometera uma falta terrível, Dumuzi previu que pagaria por seu ato com a própria vida, como está contado no texto sumério SHA.GA.NE.IR.IM.SHI - "Seu Coração Estava Cheio de Lágrimas". Composta como se fosse um sonho de Dumuzi, a história conta como ele viu todos os seus títulos e propriedade lhe serem tirados um a um pelo "Pássaro Principesco" e um falcão. O pesadelo terminou com Dumuzi vendo-se morto no meio de seus currais.

Ao acordar, ele pediu a Geshtinanna para interpretar o sonho. "Meu irmão, está muito claro para mim, seu sonho não é favorável", ela respondeu. Ele prevê que "bandidos o atacam em tocaia... você será manietado, terá os pés presos em grilhões". Nem bem a jovem acabou de falar, os inimigos capturaram Dumuzi.

Ao se ver em ferros, Dumuzi lançou um apelo a UtuShamash: "Ó, Utu, és meu cunhado, sou o marido de tua irmã... Faça meus pés se transformarem nos de uma gazela, para que eu consiga escapar dos malvados!". Ouvindo a súplica, Utu facilitou a fuga de Dumuzi. Depois de algumas aventuras, este foi se esconder na casa do Velho Belili - que tinha um caráter bastante duvidoso,

que fazia jogo duplo. Mais uma vez foi capturado e fugiu. Finalmente encontrou-se de novo entre seus currais, onde tentou esconder-se de seus perseguidores. Soprava um vento forte, que derrubou as cercas, tal como Dumuzi vira em seu sonho. E, no final:

**As taças de beber estavam tombadas;
Dumuzi jazia morto.
O curral fora levado pelo vento.**

A arena desses eventos, pelo menos nesse texto, é uma planície desértica perto de um rio. A geografia do local é ampliada numa outra versão da história, um texto intitulado "O Mais Amargo dos Gritos". Composto como um lamento de Inanna, ele conta como sete delegados de Kur entraram no curral e acordaram Dumuzi, que dormia. Diferente da versão anterior, que fala apenas que os perseguidores eram os "malvados", esse texto deixa claro que eles representavam uma autoridade mais alta: "Meu amo mandou-nos vir buscá-lo", disse o chefe. Em seguida, o grupo começou a tirar os objetos divinos do prisioneiro:

Tire a tiara divina de sua cabeça; levante-se de cabeça descoberta.
Tire o manto real de seu corpo, levante-se nu.
Ponha de lado o cajado divino que carrega, levante-se de mãos nuas.
Tire as sandálias sagradas de seus pés, levante-se descalço!

Dumuzi, porém, consegue fugir e alcança o rio "no grande dique no deserto de E.MUSH ('Casa das Cobras')". Só havia um lugar no Egito onde deserto e rio encontravam-se num grande dique: a primeira catarata do Nilo, onde atualmente está localizada a represa de Assuã.

Dumuzi atirou-se à água, mas devido à violenta correnteza não conseguiu atingir a margem oposta, onde sua mãe e Inanna tentavam oferecer-lhe proteção. As ondas o levaram para Kur.

Esses e outros textos paralelos revelam que os que haviam ido prender Dumuzi o faziam por ordem de um deus mais alto, o Senhor de Kur, que "lhe passara uma sentença". No entanto a condenação não poderia ter vindo da Assembléia dos Deuses, pois deuses enlilitas, como UtuShamash e Inanna, estavam ajudando Dumuzi. Portanto, a sentença deveria ter sido dada por

decisão única do Senhor de Kur, ou seja, Marduk, o irmão mais velho de Dumuzi e Geshtinanna.

Essa identidade surge num texto que os estudiosos chamam de "Os Mitos de Inanna e Bilulu". Por ele ficamos sabendo que o Velho Belili da versão que vimos anteriormente era o Lorde Bilulu (EN.BILULU) disfarçado, a mesma deidade que ordenara a ação punitiva contra Dumuzi. Os textos acadianos que tratam dos epítetos divinos explicam que En-Bilulu era *il Marduk ska hattati*: "O Deus Marduk que Pecara" e "O Lamentador de Inanna".

Tendo desaprovado a união Inanna-Dumuzi desde o início, Marduk sem dúvida se colocou mais fortemente contrário a ela depois das guerras da pirâmide. O estupro de Geshtinanna, feito com motivos políticos, foi a oportunidade que ele esperava para pôr fim às intenções de Inanna em dominar o Egito. Talvez Marduk não tenha decretado a morte de Dumuzi, pois a pena costumeira nesses casos era o exílio. É possível que ela tenha sido accidental.

Mas, para Inanna, acidentalmente ou não, Marduk causara a morte de seu amado. E, como deixam bem claro os textos, ela procurou vingança:

O que é sagrado no coração de Inanna?

Matar!

Matar o Lorde Bilulu.

Trabalhando com fragmentos encontrados em diversos museus, os estudiosos reconstituíram um texto que Samuel N. Kramer chamou de "Inanna e Ebih" e classificou como parte do ciclo dos mitos de "morte do dragão", pois trata da luta da deusa contra um deus cruel que se escondia no interior da "Montanha". As partes disponíveis dessa lenda contam como Inanna armou-se com tudo o que pôde para atacar o deus em seu esconderijo. Embora os outros deuses tenham tentado dissuadi-la, ela aproximou-se confiante da Montanha, que chamava de E.BIH ("Morada do Chamado Tristonho"), e proclamou:

Montanha, és tão alta, elevas-te acima de todas as outras...

Tocas o céu com teu ápice...

Mesmo assim, eu a destruirei, ao solo te atirarei...

No interior de teu coração, dor eu causarei.

Além dos textos, um escudo cilíndrico sumério deixa bem claro que a Montanha era a Grande Pirâmide, e o local, o Egito. Inanna, em sua habitual semi-nudez, é vista em confronto com um deus situado sobre três pirâmides, que aparecem exatamente como surgem diante de um observador em Gizé. A tiara do sacerdote, o signo egípcio *ankh* e as serpentes entrelaçadas apontam para o único lugar: o Egito.

Enquanto Inanna continuava a desafiar Marduk, agora escondendo-se dentro da grandiosa estrutura, sua fúria ia aumentando porque ele ignorava suas ameaças: "Pela segunda vez, indignada com aquele orgulho, a deusa aproximou-se novamente e proclamou: 'Meu pai Enlil me permitiu entrar na Montanha!'. Exibindo suas armas, Inanna anunciou: 'No coração da Montanha penetrarei... Dentro da Montanha, estabalecerei minha vitória!'. Não obtendo resposta, deu início ao ataque:

Ela não parou mais de golpear os lados de E-Bih e todos os seus cantos, até mesmo sua miríade de pedras assentadas.

Mas dentro... A Grande Serpente que entrara não parava de cuspir seu veneno.

O próprio Anu interferiu na disputa, alertando Inanna de que o deus que se escondia na Montanha possuía armas terríveis: "Sua explosão é avassaladora; elas a impedirão de entrar". Em seguida, Inanna foi procurar justiça pelos trâmites legais, levando sua causa contra o deus ofensor ao tribunal.

Os textos não deixam dúvida sobre a identidade do inimigo de Inanna. Tal como nas histórias sobre Ninurta, ele é chamado de A.ZAG e apelidado de "A Grande Serpente", ou seja, Marduk. O local onde ele se escondeu é o "E.KUR, cujas paredes atingem os céus", isto é, a Grande Pirâmide.

O registro do julgamento e da condenação de Marduk está num texto bastante fragmentado publicado pela Seção Babilônica do Museu da Universidade da Pensilvânia. As linhas legíveis começam com os deuses já sitiando a pirâmide e um porta-voz dirigindo-se a Marduk, "enclausurado", implorando-lhe que se entregasse. O "malvado" ficou comovido com o apelo: "apesar da raiva em seu coração, lágrimas marejaram-lhe os olhos". Marduk concordou em sair e apresentar-se diante do tribunal. O julgamento teria lugar perto das pirâmides, num templo situado à beira do rio.

Ao local de reverência, junto ao rio, acusadores e acusados se dirigiram.

Os inimigos ficaram a um lado.

A justiça foi colocada em ação.

Ao chegar a hora de sentenciar Marduk, veio à baila o mistério da morte de Dumuzi. Não havia dúvida de que ele era o responsável, mas teria sido propositado ou um acidente? Se o crime não fora premeditado, não caberia uma sentença de execução.

Enquanto estavam ali, perto das pirâmides, Inanna teve uma idéia, que apresentou diante do Conselho dos Deuses:

Nesse dia, a própria Dama, aquela que fala a verdade, a acusadora de Azag, a grande princesa, emitiu seu impressionante julgamento.

Existia um jeito de condenar Marduk à morte sem de fato executá-lo, disse a deusa. "Que ele seja enterrado vivo dentro da Grande Pirâmide".

Que ele fique lá, como dentro de um envelope lacrado.

Sem ninguém para lhe fornecer alimento; sozinho deve sofrer, a fonte de água potável será cortada.

O Conselho dos Deuses aceitou a sugestão. "Tu és a dona da arte... A sorte decretas. Que assim seja!". Imaginando que Anu concordaria com o veredicto, "os deuses passaram a ordem para o Céu e a Terra". Ekur, a Grande Pirâmide, acabara de se transformar numa prisão e, daí em diante, um dos epítetos de sua dona passou a ser "Senhora da Prisão".

Foi então, acreditamos, que se terminou a lacração da pirâmide. Deixando Marduk sozinho na Câmara do Rei, os deuses que o prenderam saíram e, ao atingirem o Corredor Descendente, soltaram o dispositivo que fez deslizarem os blocos de granito que lacraram a entrada para o Corredor Ascendente.

Devido aos dutos inclinados que ligavam a Câmara do Rei às faces norte e sul da pirâmide, Marduk tinha ar para respirar, mas não lhe fora deixado nenhum alimento ou água. Ele estava enterrado vivo, condenado a morrer em agonia.

O registro do enclausuramento de Marduk ficou preservado em tabuinhas de argila encontradas nas ruínas de Assur e Nínive, as antigas capitais assírias. O texto de Assur sugere que ele servia de roteiro para uma cerimônia realizada habitualmente na Babilônia, reencenando o sofrimento e o salvamento do

deus. No entanto, nem a versão babilônica original nem o texto anterior sumério em que esse roteiro se baseou foram descobertos.

Heinrich Zimmern, que transcreveu e traduziu o texto de Assur a partir das tabuinhas guardadas no Museu de Berlim, criou uma grande comoção nos círculos teológicos ao anunciar sua interpretação numa conferência realizada em setembro de 1921, pois viu nele um *Mistério* pré-cristão, tratando da morte e da ressurreição de um deus e, portanto, uma lenda do Cristo primitiva. Stephen Langdon, por sua vez, ao incluir o texto em seu livro sobre os Mistérios de Ano-Novo da Mesopotâmia, deu a esse relato em especial o título de *A Morte e Ressurreição de Bel-Marduk*, salientando seus paralelos com a história da morte e ressurreição de Jesus contada no Novo Testamento. Mas, como conta o texto, Marduk ou Bel ("O Senhor") não morreu, embora tenha sido encerrado dentro da Montanha como se ela fosse uma tumba - o que faz com o que o paralelo ainda se sustente.

Essa antiga "peça teatral" para as festividades de Ano-Novo começa quando Marduk já está encarcerado na Montanha. Um mensageiro vai avisar Nabu, o filho do deus, que, chocado com a notícia, toma seu carro para ir à Montanha. Ele chega "à casa na beira da Montanha, onde é interrogado". Respondendo às indagações dos guardas, o filho aflito diz que é "Nabu, que vem de Borsippa, procurando saber sobre o bem-estar de seu pai, que foi feito prisioneiro".

Vários atores entram e saem no palco. Eles representam "as pessoas das ruas que correm à procura de Bel, perguntando: 'Onde ele está preso?'". O texto explica que depois de Bel "ter entrado na Montanha, a cidade foi tomada pelo tumulto" e, "por causa dele, houve muita luta". Então surge uma deusa, Sarpanit, a irmã-esposa de Marduk, que é avisada por um mensageiro em lágrima que seu marido foi levado para a Montanha. Ele mostra as roupas de Marduk (possivelmente manchadas de sangue), dizendo: "Esta é a veste que tiraram dele, que foi trocada por um Traje de Condenação". O homem então exhibe uma mortalha para a platéia. "Isto significa que ele está num caixão".

Sarpanit aproxima-se de uma estrutura que simboliza a Montanha. Ela vê um grupo de carpideiras. O roteiro explica:

Essas são as que lamentam depois que os deuses o trancaram, separando-o dos vivos.

Na Casa do Cativo, longe do sol e da luz, eles o prenderam.

O drama chega ao clímax: Marduk está morto...

Mas... Esperem, nem tudo está perdido! Sarpanit recita uma súplica aos dois deuses capazes de falar com Inanna a respeito de seu marido: seu Pai, Nannar/Sin, e seu irmão, Utu/Shamash. "Ela reza para Sin e Shamash, dizendo: 'Dêem vida a Bel'."

Sacerdotes, astrólogos e mensageiros entram no palco numa procissão, recitando preces e encantamento, para fazer sacrifícios em honra de Inanna/Ishtar, pedindo sua misericórdia. O sumo sacerdote roga ao deus supremo e também a Sin e Shamash: "Devolvam Bel à vida!".

O drama agora muda inesperadamente. O ator que faz o papel de Marduk, vestindo uma mortalha "tinta de sangue", de repente começa a falar: "Não sou um pecador! Não serei exterminado!". Em seguida anuncia que o deus supremo reviu seu caso e considerou-o inocente.

Mas, então, quem era o assassino? A atenção da platéia é desviada para a "porta de Sarpanit na Babilônia" e fica sabendo que o verdadeiro deus culpado foi capturado e vê sua cabeça por uma fresta da porta. "Essa é a cabeça do malvado, que será executado".

Nabu, que retornara a Borsippa, volta para "parar diante do malvado e olhá-lo bem de perto". Não ficamos sabendo a identidade do verdadeiro culpado, mas somos informados de que Nabu já o vira antes na companhia de Marduk. "Este é o pecador", diz ele, selando o destino do cativo.

Os sacerdotes agarram o malvado, e ele é executado. "Aquele que cometeu o pecado" é levado num caixão. O assassino de Dumuzi pagou o crime com a própria vida.

Mas o pecado de Marduk, o de ser o causador indireto da morte de Dumuzi, pode ser reparado? Sarpanit reaparece em cena, usando as Vestes da Expição. Ela limpa simbolicamente o sangue que foi derramado e em seguida lava as mãos em água purificada. "Esta é a água para a lavagem de mão que trouxeram depois de o Malvado ter sido levado embora." Tochas são acesas em "todos os lugares sagrados de Bel", e novamente todos dirigem súplicas ao deus supremo. A supremacia de Ninurta, que fora proclamada por ocasião de sua vitória sobre Zu, é reassegurada, aparentemente para aplacar qualquer receio de que Marduk, libertado, pudesse tentar contestá-la. Os rogos se sucedem até que o deus supremo envia um mensageiro divino, Nusku, para "anunciar as boas novas".

Num gesto de boa vontade, Gula, a consorte de Ninurta, envia a Sarpanit novas roupas e sandálias para ser entregues a Marduk. A carruagem do deus, sem o condutor, é trazida à cena. Mas Sarpanit está confusa; não entende

como Marduk poderá ser libertado, se estava preso numa *tumba lacrada*.
"Como poderão colocar em liberdade aquele que não tem como sair?"
Nusku, o mensageiro divino, explica que Marduk passará pelo SA.BAD, a
"abertura superior entalhada". Conta que ela é:

Dalta biri ska iqabani ilani
Uma porta-túnel que os deuses perfurarão

Shunu itasrushu ina biti etarba
Seu vórtice eles levantarão, em sua morada reentrarão.

Dalta ina panishu etedili
A porta que foi barrada diante dele

Shunu harrate ina libbi dalti uptalishu
No vórtice do buraco, dentro das entranhas, uma porta eles perfurarão.

Qarabu ina libbi uppashu
Aproximando-se, em suas entranhas forçarão uma passagem.

Essa descrição de como Marduk seria libertado permaneceu sem sentido para muitos estudiosos. Todavia, para nós, o significado está mais do que claro. Como explicamos anteriormente, o segmento irregular e grosseiro C do Poço da Pirâmide não existia quando a construção foi concluída nem quando Marduk foi encarcerado. Ele foi o túnel que os deuses abriram para libertar o prisioneiro perdoado.

Como ainda estavam familiarizados com a disposição interior da estrutura, os Anunnaki perceberam que o caminho mais curto para chegarem a Marduk, faminto e sedento, seria abrindo uma passagem unindo os segmentos B e D do Poço de construção, o que representaria escavar um túnel de pouco mais de dez metros através dos relativamente moles blocos de calcário, uma tarefa que poderia ser realizada em poucas horas.

Removendo a pedra que cobria a entrada do Poço no Corredor Descendente, os salvadores entraram no trecho G e subiram rapidamente pelos segmentos inclinados E e F. No local onde E se ligava com o trecho vertical D, existia uma pedra de granito cobrindo a entrada na Gruta. Ela foi empurrada para um lado - e ainda continua nessa posição. Os salvadores galgaram a pequena

distância até o alto de D e viram-se diante do primeiro curso de blocos de calcário da pirâmide.

Cerca de dez metros acima ficava o fundo do trecho vertical B e o caminho para a Grande Galeria. Quem mais, senão os que tinham construído a pirâmide poderiam saber de suas seções superiores lacradas e tinham as plantas do projeto para localizá-las?

Portanto, nossa teoria é que foram os salvadores de Marduk que escavaram o trecho C, usando ferramentas para "perfurar uma porta-túnel".

Tendo atingido B, eles passaram para a pequena passagem horizontal A, onde um estranho, sem conhecimento do interior da imensa estrutura, teria parado mesmo se tivesse conseguido chegar até lá, pois só o que teria visto era uma parede de calcário sólido. Por isso, sugerimos que só os Anunnaki, que tinham em mãos a planta do projeto da Grande Pirâmide, poderiam saber que atrás do bloco de calcário que tinham diante deles ficava a imensa cavidade da Grande Galeria e todas as outras partes superiores.

Para eles conseguirem acesso a essas câmaras e passagens, eles teriam de remover a pedra de rampa em forma de cunha, mas ela estava ajustada demais e não podia ser movida.

Se ela pudesse ter sido puxada, continuaria ali, na Grande Galeria. No entanto, o que vemos é um buraco, e todos os que o examinaram atentamente usaram a palavra *explodido* para descrevê-lo, afirmando que a explosão não foi de dentro da Galeria, mas a partir do Poço. Segundo Rutherford, em *Pyramidology*, "o buraco parece ter sido explodido por uma força tremenda vinda do interior do Poço".

Mais uma vez os textos mesopotâmicos nos dão a solução do mistério. A pedra de fato foi retirada a partir do interior do trecho A. Como diz o verso final do texto que vimos: "Aproximando-se, em suas entranhas forçarão uma passagem". Os fragmentos do bloco de calcário deslizaram pelo Corredor Ascendente abaixo até chegarem aos tampões de granito, e foi ali que os homens de Al-Mamun os encontraram. A explosão também cobriu a Grande Galeria com o pó fino e branco que os árabes encontraram - uma prova muda da antiga explosão e do enorme buraco que deixou.

Tendo entrado na Grande Galeria, os salvadores retiraram Marduk por onde tinham ido. A entrada pelo Corredor Descendente foi novamente fechada, mas já não com tanto cuidado, pois os homens de Al-Mamun a encontraram com facilidade. Já os tampões de granito continuaram no mesmo lugar, com a pedra triangular escondendo-se da vista, e assim o Corredor Ascendente

continuou ignorado por milênios. E, no interior da pirâmide, as partes superiores e inferiores originais do Poço ficaram para sempre ligadas por um túnel tortuoso, grosseiramente escavado.

E quanto ao prisioneiro da pirâmide?

Os textos mesopotâmicos contam que ele foi exilado. No Egito, Ra adquiriu o epíteto de Amen, "O Escondido" ou "O Oculto".

Por volta de 2000 a.C., Ra/Marduk reapareceu para novamente exigir a supremacia. Por causa disso, a espécie humana terminou pagando um preço por demais amargo.

11

"SOU UMA RAINHA”!

A lenda de Inanna/Ishtar conta a história de uma deusa que subiu na vida à própria custa. Não fazendo parte do primeiro grupo de astronautas que veio do 12º. Planeta, os Velhos Deuses, nem sendo a primeira filha de um deles, ela conseguiu atingir os mais altos postos na hierarquia e terminou fazendo parte do Panteão dos Doze. Para isso, combinou sua astúcia e beleza com crueldade e obstinação, tomando-se uma deusa do amor e também da guerra, que contava entre seus amantes tanto homens como deuses. E foi com ela que aconteceu um verdadeiro caso de morte e ressurreição.

A morte de Dumuzi foi provocada pelo desejo de Inanna tornar-se uma rainha na Terra; a prisão e exílio de Marduk, o culpado direto, pouco serviu para suas ambições. No entanto, por ter desafiado e vencido um deus importante, Inanna achava que agora não lhe podia ser negado um território só seu.

De textos como *A Descida de Inanna ao Mundo Inferior*, depreende-se que o funeral de Dumuzi seria realizado na Terra das Minas, na região sul da África, o domínio da irmã de Inanna, Ereshkigal, e seu consorte Nergal. Enlil e Nannar/Sin, e mesmo Enki, aconselharam Inanna a não ir para lá, mas ela estava decidida: "Do Grande Alto, ela só pensava no Grande Baixo". Ao chegar à porta da capital da irmã, disse ao guarda: "Diga a minha irmã mais velha, Ereshkigal, que vim para assistir aos ritos do funeral".

Devido ao luto de Inanna, era de esperar que o encontro entre as irmãs seria caloroso e emocionante. No entanto, na continuação do texto, ficamos sabendo que Inanna, que chegara sem ser convidada, foi recebida com óbvia desconfiança. À medida que ia sendo conduzida pelas sete portas da capital que levavam ao palácio de Ereshkigal, era obrigada a entregar os emblemas e

adereços de sua posição divina. Quando finalmente foi levada à presença da irmã, encontrou-a sentada no trono, cercada por sete Anunnaki com atribuição judicial. "Eles a contemplaram com olhos de morte". Foram duros com ela, dizendo "palavras que torturam o espírito". Em vez de ser recebida como uma viúva enlutada, Inanna foi condenada a ser pendurada num poste e ali ficar até morrer. Só a intervenção de Enki permitiu que ela fosse ressuscitada e salva. Os textos não explicam o motivo dessa dura condenação, nem citam "palavras torturantes" dos juízes, mas ficamos sabendo no início da história que Inanna ameaçou recorrer à violência desde o primeiro instante em que apareceu nas portas da capital. Quando a notícia de sua chegada foi comunicada a Ereshkigal, esta "ficou pálida... seus lábios escureceram", e perguntou-se em voz alta qual seria o verdadeiro propósito daquela visita. Quando as duas irmãs se viram frente a frente, discutiram e engalfinharam-se em luta. Portanto, de alguma forma, as intenções de Inanna significavam um grande perigo para Ereshkigal!

Com base nas regras do código de sucessão dos Anunnaki, acreditamos que a pista que nos explica as intenções de Inanna pode ser encontrada no Livro do Deuteronômio, o quinto livro de Moisés, em que ficou estabelecido o código de comportamento pessoal dos hebreus. Se ele possuísse um irmão, a viúva não poderia se casar com um estranho. Esse irmão, mesmo sendo casado, teria o dever de desposar a cunhada viúva para que ela gerasse filhos, dos quais o primogênito deveria levar o nome do falecido e assim o nome do morto "não ser apagado".

Nossa teoria é que esse foi o motivo da arriscada viagem empreendida por Inanna, pois Ereshkigal era casada com Nergal, irmão de Dumuzi. O desejo de assistir ao funeral só fora um pretexto. Segundo a regra, a tarefa de gerar uma linhagem em nome de um falecido caberia ao irmão mais velho, que no caso dos filhos de Enki seria Marduk. Este, porém, fora acusado de ter provocado a morte de Dumuzi, mesmo que indiretamente, e fora condenado e exilado. Teria então Inanna o direito de exigir que o irmão seguinte na linhagem, Nergal, a tomasse como segunda esposa para que ela gerasse um herdeiro?

Podemos imaginar o motivo da raiva de Ereshkigal. Conhecendo bem a irmã, sabia que dificilmente Inanna se contentaria com a posição de segunda esposa e que logo começaria a tramar para ser a rainha incontestada de todo o domínio africano. Sem dúvida, Ereshkigal não quis correr riscos. Reuniu sete juízes de sua confiança, que condenaram Inanna à morte. Ela só voltou à vida porque

Enki, seu sogro, ao receber a terrível notícia, despachou dois emissários para salvá-la. "Sobre o cadáver eles dirigiram aquilo que pulsa e irradia"; ministraram-lhe a "água da vida" e o "alimento da vida", e "Inanna levantou-se".

Ressuscitada, Inanna voltou à Suméria e lá, tristonha e solitária, passava seus dias à margem do rio Eufrates, sob uma árvore pela qual tinha um carinho especial, dando voz aos seus lamentos:

**Quando finalmente terei um trono sagrado em que poderei me sentar?
Quando finalmente terei uma cama sagrada em que poderei me deitar?
Era sobre isso que Inanna falava...
Aquele que, com o coração pesado, soltou os cabelos.
Oh, a pura Inanna, como chora!**

Quem se compadeceu de Inanna foi seu bisavô, Anu. Os textos sumérios afirmam que ela, apesar de ter nascido na Terra, "subiu ao Céu" pelo menos uma vez. Sabemos também que Anu visitou a Terra em varias ocasiões. Quando e como exatamente Anu deu à bisneta o título de Anunitum ("Bem-amada de Anu") não fica claro, mas os textos não estavam apenas registrando boatos quando insinuavam que o amor entre o deus supremo e sua bisneta era mais do que platônico.

Dessa forma, contando com uma simpatia vinda do mais alto dos níveis, Inanna apresentou o desejo de possuir um território só seu, um "país" que pudesse governar. Mas qual seria ele?

O tratamento que ela recebeu ao visitar a África deixa claro que Inanna não poderia obter um reino naquela região. Seu consorte Dumuzi estava morto, e com ele tinham se desvanecido suas esperanças de se tornar rainha nos domínios de Enki e seus descendentes. A Mesopotâmia e os territórios adjacentes já tinham dono. O que restava para Inanna?

Os textos que contam a morte de Dumuzi, bem como os que relatam o encarceramento de Marduk, mencionam nomes de cidades sumérias e sua população, sugerindo que esses eventos ocorreram depois da eclosão da civilização urbana, que começou por volta de 3800 a.C. Por outro lado, nos textos egípcios que tratam desses acontecimentos, o pano de fundo não descreve cidades, mas um ambiente pastoral, sugerindo uma época anterior a 3100 a.C, quando se deu o surgimento da civilização urbana no Egito. Em sua obra, Manetho registra um período de 350 anos de tumulto, que precedeu o

reino urbano de Moisés. Portanto, o espaço de tempo compreendido entre 3450 e 3100 a.C. parece ter sido a época das atribuições e problemas desencadeados por Marduk, como o incidente da Torre de Babel, o caso Dumuzi - em que um deus foi capturado e morto - e o encarceramento e o exílio do grande deus do Egito.

Nossa teoria é que foi nessa época que os Anunnaki, querendo satisfazer os desejos de Inanna voltaram sua atenção para sua Terceira Região, o vale do Indo, onde a civilização começou logo depois desse período.

Ao contrário das civilizações mesopotâmicas e egípcias, que duraram milênios e de certa forma continuaram persistindo até hoje graças às civilizações que delas descenderam, a da Terceira Região durou apenas mil anos. Logo em seguida ela começou a declinar e, por volta de 1600 a.C. já não existia mais. Suas cidades estavam em ruínas, o povo tinha se dispersado. O saque feito pelos seres humanos e o ataque da natureza pouco a pouco foram apagando os restos dessa importante civilização e ela acabou sendo totalmente esquecida. Foi somente em 1920 que um grupo de arqueólogos liderados por Sir Mortimer Wheeler começou a descobrir dois centros importantes e várias pequenas cidades entre eles, estendendo-se por mais de seiscentos quilômetros, indo da costa do oceano Índico para o norte, acompanhando o rio Indo e seus afluentes.

Ambas as grandes cidades - Mohenjo-Daro ao sul e Harapa ao norte - mostram que eram centros urbanos significativos, com cerca de cinco quilômetros de circunferência. Dentro e em torno das cidades havia grandes muralhas, e elas, bem como os prédios públicos e privados, eram todos construídos de tijolos ou barro. Havia tantos tijolos que apesar do constante saque por parte da população local para a construção de suas moradias, tanto em tempos muito antigos como mais recentes (e mais recentemente ainda para servirem de lastro para a ferrovia Lahore-Multan), ainda restam o suficiente para revelar a localização das duas antiqüíssimas cidades e demonstrar que elas foram construídas seguindo projetos bem determinados.

As duas eram dominadas por uma acrópole - uma área elevada onde ficavam os templos e cidadelas. Em ambos os casos essas estruturas tinham as mesmas medidas e estavam orientadas exatamente sobre um eixo norte-sul provando que seus construtores seguiram regras bem definidas ao erigirem os recintos sagrados. Também nas duas cidades o edifício mais importante depois da acrópole era um imenso armazém - um silo imenso de grãos, de impressionante funcionalidade, situado perto da margem do rio. Isso sugere

que os grãos não apenas eram o principal cultivo, mas também o principal produto de exportação da civilização do vale do Indo.

As cidades e os poucos artefatos encontrados - fornalhas, urnas, cerâmicas, ferramentas de bronze, contas de cobre, vasos de prata e adornos - testemunham que uma alta civilização foi subitamente transplantada para lá. Os dois prédios mais primitivos de Mohenjo-Daro (um imenso celeiro e uma torre de fortaleza) eram reforçados com vigas de madeira, um método de construção totalmente inadequado para o clima local. Vê-se, porém, que logo a técnica foi abandonada, e nenhuma outra estrutura mostra vigamentos; o que fez os estudiosos concluir que esses primeiros construtores eram estranhos à região, acostumados com suas próprias necessidades climáticas.

Procurando a fonte da civilização do Indo, os especialistas chegaram à conclusão de que ela não poderia ter surgido independente da civilização suméria, que a precedeu em quase mil anos. Apesar das notáveis diferenças entre as duas, como a escrita pictográfica até hoje não decifrada, as analogias com a Mesopotâmia estão em todos os cantos, como o uso de barro ou tijolos de argila para construção; a disposição das ruas; o sistema de drenagem; as técnicas químicas para pinturas, verniz e confecção de contas; as formas de espadas de metal e jarros. Existem semelhanças impressionantes com tudo o que foi descoberto em Dr. Kish e outros sítios arqueológicos da Mesopotâmia. Até mesmo os desenhos encontrados nos objetos de cerâmica, escudos e outros artefatos de argila são cópias exatas dos mesopotâmicos. O mais significativo é que a cruz - o símbolo de Nibiru, planeta-mãe dos Anunnaki também prevalecia por toda a civilização do Indo.

Que deuses o povo dessas cidades adorava? As poucas descrições pictóricas encontradas até agora mostram-nos usando a divina tiara com chifres dos deuses mesopotâmicos. As estatuetas de argila encontradas em abundância indicam que a deidade dominante era uma deusa, em geral retratada nua ou com os seios à mostra, ou então coberta apenas por colares e muitas fileiras de contas, exatamente como as bem conhecidas imagens de Inanna/Ishtar encontradas com enorme frequência na Mesopotâmia e em todo o Oriente Médio. É por tudo isso que sugerimos que, ao procurarem uma terra sobre a qual Inanna pudesse reinar, os Anunnaki decidiram dar-lhe a Terceira Região. Embora em geral se afirme que as evidências da origem suméria da civilização do Indo limitam-se a uns poucos restos arqueológicos, acreditamos que também existam indícios escritos que comprovam essa ligação. Um longo

texto chamado *Enmerkar e o Senhor de Aratta* é de especial interesse, pois tem como pano de fundo a subida da cidade de Uruk e de Inanna ao poder.

O texto descreve Aratta como a capital de um país situado além das cadeias de montanhas e depois de Anzan, isto é, além do sudeste do Irã. Esse é o lugar exato onde fica o vale do Indo. Estudiosos como J. van Dijk (*Orientalia*, 39, 1970) calculam que Aratta era uma cidade situada "no platô iraniano ou junto ao rio Indo". O mais impressionante é que esse texto fala sobre os silos de grãos da cidade. Aratta era um lugar onde "o trigo crescia sozinho, feijões também cresciam sozinhos" e as grandes colheitas eram guardadas em celeiros. Em seguida, sem dúvida para serem exportados, eles "derramavam os grãos em sacos, levavam-nos para a plataforma de carregar os animais e os colocavam em lombo de burros".

A localização geográfica de Aratta e o fato de ela ser famosa pela fartura de grãos e por seus armazéns reforça sua similaridade com a civilização do Indo. De fato, o próprio nome Harapa, ou Arappa, pode ser eco atual do antigo Aratta.

A lenda nos leva ao início do sistema monárquico em Uruk (Erech, na Bíblia), quando um semi-deus, filho de Utu/Shamash com uma terráquea, era tanto alto sacerdote como rei e habitava o recinto sagrado a partir do qual a cidade iria se desenvolver. Por volta de 2900 a.C., ele foi sucedido pelo filho Enmerkar, que, segundo as Listas de Reis sumérias, "construiu Uruk", fazendo da moradia nominal de um deus ausente - Anu - um importante centro urbano de uma deidade reinante. E ele conseguiu isso persuadindo Inanna a escolher Erech como sua sede de poder e tornando para ela ainda mais grandioso o templo Eanna ("Casa de Anu").

O texto nos conta que a primeira exigência de Enmerkar foi que Aratta contribuísse com "pedras preciosas, bronze, chumbo e placas de lápis-lazúli" para a ampliação do templo, bem como "ouro e prata artisticamente moldados", de modo que o Monte Sagrado que estava sendo construído para Inanna pudesse ser digno dessa grande deusa.

Todavia, mal terminou a construção, Enmerkar deixou-se levar pelo orgulho. Aratta fora assolada por uma seca e ele, aproveitando-se da tragédia, passou a exigir não apenas matéria-prima como também obediência: "Que Aratta submeta-se a Erech"! Ordenou. Para conseguir seu propósito, enviou a Aratta uma série de emissários, o que S. N. Kramer (*History Begins at Sumer*) caracterizou como sendo a primeira "guerra de nervos" de que se tem notícia. Elogiando o rei e seus poderes, o emissário citou palavra por palavra as

ameaças de Enmerkar de levar a desolação à cidade e dispersar seu povo. O soberano de Aratta, contudo, enfrentou essa guerra psicológica com uma trama. Lembrando ao emissário sobre a confusão de linguagem depois do incidente da Torre de Babel, afirmou que não era capaz de entender a mensagem que lhe estava sendo transmitida em sumério.

Frustrado, Enmerkar enviou outro emissário carregando tabuinhas de argila - ao que tudo indica escritas na língua de Aratta -, o que se tornou possível devido à intervenção de Nibada, a deusa da escrita. Mas dessa vez, as ameaças seguiram acompanhadas de uma oferenda de "velhos grãos", que eram guardados no templo de Anu em Erech, provavelmente alguma semente muito necessária em Aratta devido à destruição das plantações pela seca. Quanto à seca em si, ela foi considerada um sinal da própria Inanna, que desejava que Aratta caísse "sob a sombra protetora de Erech".

"O senhor de Aratta pegou a tabuinha de argila da mão do arauto e examinou-a." A escrita era cuneiforme, pois a "palavra ditada tinha a aparência de pregos". O rei ficou em dúvida. Deveria se submeter ou resistir? Nesse exato momento, "uma tempestade, como um leão atacando, começou a se aproximar". A seca foi subitamente quebrada por um temporal que fez toda a terra tremer, as montanhas se sacudiram, e mais uma vez Aratta, "a das muralhas brancas", tornou-se uma terra de abundância.

Não existia mais a necessidade de se submeter a Erech, e o Senhor de Aratta comunicou ao emissário: "Inanna, a rainha destas terras, não abandonou sua Casa nesta cidade. Ela não entregou Aratta a Erech".

Apesar da alegria do povo de Aratta, a esperança de que Inanna não abandonasse sua morada naquela cidade não foi totalmente atendida. Encantada com a perspectiva de residir num grandioso templo na Cidade de Anu, na Suméria, ela passou a desempenhar suas atividades na distante Aratta, mas morava na Erech metropolitana.

Inanna fazia suas viagens entre os dois lugares voando em seu "Barco do Céu". Essas idas e vindas deram origem a muitos retratos dela vestida como aeronauta e, segundo se infere a partir de alguns textos, ela mesma pilotava sua aeronave. Por outro lado, como outras deidades importantes, Inanna tinha um piloto-navegador para os vôos mais difíceis. Tal como os Vedas, que falam de pilotos dos deuses, dos quais um, Pushan, "Guia Indra pelas nuvens salpicadas" no "barco de ouro" que navegava na "região média do ar", os textos sumérios primitivos referem-se aos AB.GAL, que transportavam os deuses pelo firmamento. O nome do piloto navegador de Inanna era Nungal,

como consta nos versos que relatam a mudança da deusa para a Casa de Anu em Erech:

**Nos tempos em que Enmerkar em Uruk reinava,
Nungal, o coração de leão, era o piloto que dos céus trouxe Istar para o
E-Anna.**

Após o dilúvio, segundo as Listas de Reis sumérias, o sistema monárquico começou em Kish, mas depois "a realeza foi carregada para o *Eanna*". Como confirmaram os arqueólogos, de fato Erech se iniciou como uma cidade-templo, sendo o recinto sagrado que abrigava o modesto santuário em honra de Anu ("O Templo Branco"), construído sobre uma plataforma elevada. Esse local continuou sendo o coração da cidade mesmo depois de Erech ter crescido e de possuir outros templos grandiosos, como indicam as ruínas que podem ser vistas atualmente.

Os arqueólogos descobriram as ruínas de um magnífico templo dedicado a Inanna/Ishtar datado da primeira parte do terceiro milênio antes de Cristo, talvez o mesmo construído por Enmerkar. Ele é um edifício singular, com imensas colunas ornamentadas, e deve ter sido tão luxuoso e impressionante como afirma os hinos que o louvavam:

**Com lápis-lazúli ele era adornado, com as tapeçarias de Ninagal era
enfeitado. No lugar brilhante...
A residência de Inanna, a lira de Anu foi instalada.**

Apesar de todo esse luxo e grandiosidade, Erech continuava a ser uma cidade "provinciana", carecendo da estatura dos outros centros sumérios, que possuíam a distinção de terem sido construídos nos locais das cidades antediluvianas. Ela não gostava do *status* e dos benefícios decorrentes da posse dos "ME Divinos". Embora esses ME surjam constantemente nos textos sumérios, sua natureza não está clara, e os especialistas traduzem o termo como "mandamentos divinos", "poderes divinos" ou mesmo "virtudes místicas". No entanto, os ME eram descritos como objetos, que continham conhecimento ou dados secretos. Talvez fossem algo como nossos atuais *chips* de computadores, pequenas placas em que programas, ordens operacionais e uma miríade de dados são minuciosamente registrados. Nesses ME estavam os requisitos para a formação de uma civilização.

Os ME ficavam sob a guarda de Enki, o cientista-chefe dos Anunnaki, e ele os liberava passo a passo para beneficiar gradualmente a humanidade. Tudo indica que a vez de Erech atingir os píncaros da civilização ainda não chegara quando Inanna tornou-se sua deidade residente. Impaciente, a deusa resolveu usar seus encantos femininos para melhorar a situação.

Um texto que S. N. Kramer, em *Sumerian Mythology*, intitulou "Inanna e Enki", mas cujo título sumério original é desconhecido, descreve como Inanna viajou em seu "Barco do Céu" até o Abzu, onde Enki escondera os ME. Percebendo que a deusa iria visitá-lo desacompanhada ("a donzela, sozinha, dirigiu seus passos para o Abzu"), Enki mandou seu mordomo providenciar uma refeição suntuosa, incluindo muito vinho de tâmara. Depois que os dois comeram e Enki ficou alegre por causa da bebida, Inanna trouxe à baila o assunto dos ME. Todo dadivoso por causa do álcool, Enki presenteou-a com o ME próprio da "posição de Senhor... posição de deus, a Sublime e Duradoura Tiara, o Trono da Monarquia". Enquanto Inanna continuava a seduzir seu idoso anfitrião, Enki apresentou-lhe o "Sublime Cetro e Cajado, o Sublime Santuário, a Justa Governança", e a alegre Inanna também ficou com eles.

Enquanto continuava o banquete, Enki entregou a sua jovem convidada sete ME importantes relacionados com as funções e atributos de uma Senhora Divina, seu templo com sacerdotes, eunucos e prostitutas, e rituais adequados; artes de guerra e armamentos; justiça e tribunais; música e artes; construção; entalhação de madeira e gravação de metais; uso do couro e tecelagem; escrita e matemática; e assim por diante.

Tendo em mãos esses itens para criar uma alta civilização, Inanna saiu sorrateiramente do salão e embarcou em seu Barco do Céu, fugindo para Erech. Horas depois, quando Enki ficou sóbrio, ele percebeu que sua visitante e os ME já não estavam mais lá. Seu mordomo, um tanto embaraçado, informou-o de que fora ele mesmo que presenteara os ME a Inanna. Nervoso, Enki mandou o mordomo tomar a Grande Câmara Celestial e perseguir Inanna para recuperar os ME. Conseguindo alcançar a deusa no primeiro ponto de parada, o homem explicou-lhe quais eram as ordens de seu amo, mas Inanna recusou-se a entregar os ME, indagando: "Por que Enki não cumpriria sua palavra"? Ao voltar e contar o acontecido ao seu senhor, o mordomo recebeu ordens de capturar o Barco do Céu e levá-lo a Eridu. Inanna mandou seu piloto de confiança salvar o Barco do Céu e os ME que lhe haviam sido presenteados. E assim, enquanto a deusa argumentava com o enviado de Enki, seu piloto levou embora a nave com os preciosos ME.

Uma *Exaltação a Inanna*, composta para ser lida pela congregação, ecoa os sentimentos do povo de Erech:

Senhora dos ME, Rainha Brilhante e resplandecente, virtuosa, vestida em esplendor, amada pelo Céu e pela Terra; escrava sagrada de Anu, usando as grandiosas adorações, para a sublime tiara adequada, para o sumo sacerdócio adequada.

**Os sete ME ela obteve, em sua mão os segura.
Senhora dos grandes ME, deles ela é a guardiã...**

Foi nessa época que Inanna/Ishtar passou a fazer parte do Panteão dos Doze e, ao substituir Ninharsag, recebeu o planeta Vênus (MUL DILBAT) como sua contraparte celestial e a constelação de Virgem (AB.SIN) como sua casa zodiacal. A representação gráfica dessa constelação pouco mudou desde a época suméria. Expressando sua gratidão, Inanna anunciou a todos, homens e deuses: "Sou uma rainha"!

Vários hinos reconheceram sua nova posição na hierarquia dos deuses e seus atributos celestiais:

**Àquela que vem do céu,
Àquela que vem do céu,
"Salve!", dizemos...**

Elevação, grandeza, confiabilidade, a ela pertencem enquanto ela surge radiante ao anoitecer.

Uma tocha sagrada enche os céus; sua posição no céu é igual à da Lua e do Sol...

No céu ela está segura, a boa "vaca selvagem" de Anu; na Terra ela é permanente dona das terras.

No Abzu ela recebeu os ME vindos de Eridu; seu padrinho Enki com eles a presenteou.

A soberania depositou em suas mãos.

Com Anu ela toma assento no grande trono, com Enlil ela determina os destinos de suas terras...

Depois de exaltar a posição de Inanna entre os deuses, os hinos passam a falar de sua adoração pelos sumérios ("o Povo de Cabeça Preta"):

Em toda a região, o povo de cabeça preta se reúne quando a abundância é colocada nos celeiros da Suméria...

Eles vêm a ela com... Trazem as disputas para diante dela.

Ela julga e destrói os malvados; ela favorece os justos, determina boa sorte para eles...

A boa senhora, a alegria de Anu, é uma heroína; com certeza vem do Céu...

Ela é poderosa, ela é confiável, ela é grande;

Ela é de extraordinária juventude.

O povo de Erech tinha todos os motivos para ser grato a Inanna, pois com sua astúcia ela transformara a cidade num centro importante. Ao louvar seu valor, os sumérios de Erech não deixavam também de mencionar sua beleza e poder de sedução. De fato foi por volta daquela época que Inanna instituiu o costume do "casamento sagrado", ritos sexuais pelos quais o rei-sacerdote se tornava seu suposto consorte por uma noite. Um texto, atribuído a um rei chamado Iddin-Dagan, descreve a vida de Inanna em seu templo:

Os prostitutas penteiam os cabelos dela...

Enfeitam o próprio pescoço com faixas coloridas...

**O lado direito eles vestem com roupas de mulher, enquanto caminham
diante da pura Inanna...**

**O lado esquerdo eles vestem com roupas de homem, enquanto caminham
diante da pura Inanna...**

Com cordas de pular e cordões coloridos eles competem diante dela...

Os jovens, carregando arcos, cantam diante dela...

As moças, sacerdotisas *Shugia*, caminham diante de Inanna...

**Elas preparam uma cama para minha senhora, limpam os frisos com o
cheiroso óleo de cedro.**

Para Inanna, para o rei, eles arranjam a cama...

O rei aproxima-se do puro colo de Inanna com orgulho;

Orgulhosamente ele se aproxima do colo de Inanna...

Ele acaricia o puro colo.

Ela estende-se na cama, faz amor com ele em sua cama.

Ela diz a Iddin-Dagan: "Com toda a certeza, você é meu amado".

Esse hábito de Inanna pode ter começado com o próprio Enmerkar, pois seu filho, que o sucedeu no trono de Erech, chamado de "divino Lugalbanda, um

Justo Supervisor", era um semi-deus. Foram encontrados vários textos épicos sobre Lugalbanda, e tudo indica que Inanna desejava que ele residisse em Aratta, substituindo-a lá. Mas o jovem era inquieto e aventureiro demais para ficar parado. Uma dessas lendas - *Lugalbanda e o Monte Hurum* - descreve sua perigosa viagem ao "assustador lugar da Terra" à procura do Divino Pássaro Preto. Ele chegou a esse monte restrito, "onde os Anunnaki, deuses da montanha, tinham escavado túneis na Terra como cupins". Querendo dar um passeio no Pássaro do Céu, o jovem implorou permissão a seu guardião, e suas palavras imortalizaram o desejo do ser humano de voar:

Como Utu, como Inanna, deixe-me ir.

Como os Sete Trovejadores de Ishkur, deixe-me subir por entre chamas e desaparecer por entre o trovão!

**Deixe-me ir para todos os lugares que meus olhos avistarem, em tudo o que desejo, deixe-me colocar meus pés,
Em tudo o que meu coração deseja, deixe-me chegar.**

Ao chegar ao monte Hurum ("cuja frente Enlil fechara com uma grande porta"), Lugalbanda foi avisado pelo Guardião: "Se és um deus, direi uma palavra amiga que o deixará entrar; se és homem, teu destino decretarei". Ouvindo isso:

**Lugalbanda, fruto da amada semente, estendeu sua mão, dizendo:
"Como o divino Shara eu sou, o filho amado de Inanna".**

Mas o Guardião do lugar sagrado não permitiu a entrada do rapaz e fez uma profecia: de fato ele atingiria terras distantes e tornaria Erech e a si mesmo famosos, mas o faria a pé.

Um outro longo conto épico, que os estudiosos inicialmente intitularam "Lugalbanda e Enmerkar", e hoje é conhecido por *O Épico de Lugalbanda*, confirma a semi-divindade de Lugalbanda, mas não identifica seu pai. No entanto, devido às circunstâncias e eventos subsequentes, podemos concluir que o pai era Enmerkar, o primeiro de uma longa lista de governantes que, quer sob o disfarce de um casamento simbólico, quer sem ele, foram convidados por Inanna para compartilhar seu leito.

O "convite" de Inanna aparece também no *Épico de Gilgamesh*. O quinto governante de Erech, Gilgamesh, tentou escapar do destino comum a todos os

seres humanos, a morte, alegando que era filho da deusa Ninsun e do sumo sacerdote do Kullab, o que fazia "dois terços dele serem divinos". Em sua procura pela imortalidade (amplamente examinada em *A Escada para o Céu*), ele primeiro viajou ao "Lugar de Aterrissagem" na montanha dos cedros - a antiqüíssima plataforma de aterrissagem nas montanhas do Líbano (para onde, aparentemente, Lugalbanda também se dirigiu). Na luta que tiveram contra o monstro mecânico que guardava o perímetro da área restrita, Gilgamesh e seu companheiro teriam sido aniquilados se Utu não os salvasse. Exausto da batalha, o rei tirou suas roupas encharcadas de suor para poder lavar-se e descansar. Foi então que Inanna/Ishtar, que assistira ao combate dos céus, foi tomada por um desejo por Gilgamesh:

**Ele lavou seus cabelos sujos, poliu suas armas; a trança de cabelos
sacudiu contra suas costas.**

Ele tirou as roupas sujas, vestiu as limpas.

**Enrolou uma capa franjada no corpo, prendeu-a com uma faixa.
Quando Gilgamesh colocou a tiara, a gloriosa Ishtar ergueu os olhos para
sua beleza.**

"Venha, Gilgamesh, seja meu amante"!

"Conceda-me tua fertilidade; tu serás marido, eu serei mulher".

A deusa reforçou o convite com promessas de uma gloriosa (mas não eterna) vida se o rei atendesse seu pedido. Mas Gilgamesh respondeu-lhe dando uma longa lista dos amantes que ela tivera, apesar de ter sido "destinada a Tammuz [Dumuzi], o namorado de sua juventude". Enquanto, supostamente chorando pela morte do amado, Ishtar tivera uma sucessão de casos amorosos, abandonando seus parceiros "como se fossem um sapato que aperta o pé do dono... como uma porta que não serve para conter o vento. Que amante amaste para sempre"? Perguntou ele. "Se tu fizesses amor comigo, me trataria como os tratou". (Por causa disso, a ofendida Inanna rogou e conseguiu permissão de Anu para lançar o Touro do Céu contra Gilgamesh. O rei foi salvo no ultimo instante, diante das portas de Erech).

A idade de ouro de Erech não iria durar para sempre. Sete outros reis sucederam Gilgamesh. Então "Uruk foi aniquilada com armas; sua realeza foi levada para Ur". Thorkild Jacobsem, cujo estudo sobre as Listas de Reis sumérias é o mais minucioso e completo que se conhece, acredita que a transferência da sede da monarquia de Erech para Ur tenha ocorrido por volta

de 2850 a.C. Já outros estudiosos afirmam que isso aconteceu em cerca de 2650 a.C. (Essa discrepância de dois séculos persiste até hoje e continua inexplicada pelos especialistas).

Os reinados dos vários governantes iam ficando cada vez mais curtos à medida que a sede da monarquia passava de uma cidade para outra. De Ur foi para Awan, depois voltou para Kish; em seguida foi para Hamazi e depois retornou para Erech e Ur; foi para Adab e Mari, e voltou para Kish; foi para Aksak e de novo retornou para Kish, e finalmente foi mais uma vez para Erech. Em 220 anos, houve três dinastias em Kish, três em Erech, duas em Ur e uma dinastia em cada uma das outras cinco cidades. Esse foi, pelo que tudo indica, um período de instabilidade e de atritos freqüentes entre as cidades, principalmente por causa de direitos sobre a água e canais de irrigação, motivo que seria de se esperar numa região de clima cada vez mais seco e com uma população crescente. Em cada caso, a cidade que perdia a disputa era descrita como tendo sido "aniquilada com armas". A humanidade começara a fazer suas próprias guerras!

O uso de armas para resolver disputas locais estava se tornando cada vez mais comum. As inscrições dessa época indicam que os aflitos habitantes das diferentes cidades estavam competindo entre si pelos favores dos deuses através de oferendas e aumento da adoração. Com isso, as cidades-Estado começaram a envolver os deuses patronos em seus enteveros. Uma tabuinha registra que Ninurta envolveu-se na determinação da posição correta de uma vala de irrigação. Enlil também foi forçado a ordenar o fim das hostilidades entre duas cidades. Essas constantes disputas e a falta de estabilidade deixaram os deuses descontentes. Certa ocasião, quando o Dilúvio estava para chegar, Enlil ficara tão desgostoso com a humanidade que tramou sua aniquilação na grande inundação. Posteriormente, no incidente da Torre de Babel, ele ordenara a dispersão da humanidade e a confusão de linguagens. Agora o grande deus estava novamente ficando desgostoso.

O pano de fundo histórico dos eventos que se seguiram foi a tentativa final dos deuses de restabelecerem Kish, a primeira capital, como a sede da monarquia. Pela quarta vez eles fizeram a realeza voltar para Kish, dando início à dinastia de governantes cujos nomes indicam fidelidade a Sin, Ishtar e Shamash. No entanto, dois deles tinham nomes que revelavam devoção a Ninurta e sua consorte, um indício de uma nova rivalidade entre a Casa de Sin e a Casa de Ninurta. Isso acabou resultando na subida ao trono de um homem

sem expressão – “Nannia, um cortador de pedras” -, que reinou por apenas 7 anos.

Devido a toda essa inquietação, Inanna conseguiu recuperar a sede da monarquia para Erech. O homem escolhido para a tarefa, um certo Lugal-zagesi, reteve o favor dos deuses por 25 anos. Mas ele incorreu num grande erro ao atacar Kish para arrasá-la, o que só serviu para despertar a ira de Enlil. A idéia de uma mão forte no leme da monarquia humana estava se tornando cada vez mais atraente. Era preciso encontrar alguém não envolvido em todas as disputas, alguém capaz de exercer uma firma liderança e de novo desempenhar adequadamente o papel de rei como o único intermediário entre os deuses e os homens no que dizia respeito aos assuntos mundanos.

Quem descobriu esse homem foi Inanna, numa de suas viagens aéreas, e o encontro ocorrido por volta de 2.400 a.C. deu início a uma nova era. Quando esse homem, que começou sua carreira como copeiro-mor do rei de Kish, tomou em suas mãos as rédeas da Mesopotâmia Central, rapidamente estendeu seu poderio sobre toda a Suméria, os países vizinhos e até mesmo sobre territórios distantes.

O nome-epíteto desse primeiro construtor de império era Sharru-Kin (“Governante Virtuoso”), e os livros de história modernos o chamam de Sargão I ou Sargão, o Grande. Ele construiu para si uma nova capital, não muito distante da Babilônia, e deu-lhe o nome de Agade (“Unida”), que conhecemos como Acad, nome do qual se origina o termo “acadiano” para designar a primeira língua semita.

Um texto conhecido como A Lenda de Sargão registra nas palavras do próprio rei sua estranha história pessoal:

Sargão, o poderoso rei de Agade, sou eu.

Minha mãe era uma alta sacerdotisa; não conheci meu pai...

Minha mãe, a alta sacerdotisa que me concebeu, me pariu em segredo.

Ela me colocou numa cesta de vime, com betume vedou a tampa.

Ela atirou-me ao rio, ele não me fez afundar.

As águas me levaram a Akki, o irrigador.

Akki, o irrigador, levantou-me enquanto puxava a água;

Akki, o irrigador, fez de mim seu filho e me criou.

Akki, o irrigador, me indicou como seu jardineiro.

Essa história, tão parecida com a de Moisés (e escrita mais de mil anos antes da época de Moisés!), continua para responder a pergunta mais óbvia de todas: como um homem de paternidade desconhecida, um simples jardineiro, acabou se tornando um poderoso rei? Sargão explica:

**Enquanto eu era jardineiro, Ishtar concedeu-me seu amor.
E por cinqüenta e quatro anos exerci a monarquia.
O povo de cabeça preta eu governei.**

Essa lacônica afirmação é ampliada num outro texto. O encontro entre Sargão, o trabalhador braçal, e Ishtar, a linda deusa, foi sem dúvida acidental, mas não teve nada de inocente:

**Um dia, minha rainha, depois de cruzar céus e terras...
Inanna.
Depois de cruzar céus e terras...
Depois de atravessar Elam e Shubur,
Depois de atravessar...
A escrava sagrada aproximou-se, cansada, pegou no sono.
Eu a vi da beirada de meu jardim; e beijei-a, copulei com ela.**

Inanna, a essa altura acordada, devemos presumir, encontrou em Sargão um homem de seu gosto, alguém capaz não apenas de satisfazer seus desejos sexuais como também suas ambições políticas. Um texto conhecido como *A Crônica de Sargão* afirma que "Sharru-Kin, rei de Acad, subiu ao poder na era de Ishtar. Ele não tinha nem rival nem oponente. Ele atravessou o mar ao leste; conquistou a região do oeste e toda sua extensão".

A enigmática referência à "Era de Ishtar" tem confundido os estudiosos, mas só pode significar o que diz: naquela época, por qualquer que seja o motivo, Inanna/Ishtar teve poder para colocar no trono um homem de sua escolha, alguém que criasse um império para ela: "Ele derrotou Uruk e derrubou suas muralhas... Ele foi vitorioso na batalha com os habitantes de Ur... ele derrotou o território inteiro, de Lagash até o mar"... Houve conquistas também além das antigas fronteiras da Suméria: "Marie Elam estão em pé, mas prestam obediência diante de Sargão".

A força de Sargão e a grandeza de Inanna, caminhando lado a lado, ficaram expressas na construção da nova capital de Agade e do UL.MASH

("Cintilante, Luxuoso") templo da deusa. Um texto historiográfico da Suméria conta que naqueles dias "as moradias de Agade estavam cheias de ouro; suas casas claras e brilhantes estavam repletas de prata. Para seus armazéns eram trazidos cobre, chumbo e placas de lápis-lazúli; seus celeiros pareciam querer estourar. Os velhos eram dotados de sabedoria, as velhas de eloquência, seus jovens eram dotados da Força com Armas, suas crianças eram dotadas de corações alegres... A cidade era cheia de música".

Em Acad, a bela e feliz cidade, "Inanna erigiu um templo para ser sua nobre morada; no Umash ela colocou um trono". Esse era o principal templo entre uma série de santuários dedicados à deusa na Suméria. Com a afirmação: "Em Erech, o E-Anna é meu", Inanna continuou dando uma lista de seus templos em Nippur, Ur, Girsu, Adab, Kish, Der Akshak e Umma, por último o Ulmash de Acad, e concluiu: "Existe algum deus que pode competir comigo?".

Apesar de todo o orgulho de Inanna, Sargão não poderia ter se tornado rei de toda a região que daí em diante passou a ser chamada de Suméria e Acad sem o consentimento de Anu e Enlil. Um texto bilíngüe (sumério-acadiano), originalmente gravado numa estátua de Sargão que foi colocada diante de Enlil em seu templo de Nippur, afirmava que o rei não era somente o "Capataz Comandante" de Ishtar, mas também "sacerdote ungido de Anu" e "grande regente de Enlil". "Foi Enlil que me deu a soberania", afirmou Sargão.

Os registros de Sargão sobre suas conquistas referem-se à constante presença de Inanna nos campos de batalha, mas atribuem a Enlil a abrangência das vitórias e a extensão dos territórios: "Enlil não deixou ninguém se opor a Sargão, rei das terras; ele deu-lhe desde o Mar Superior até o Mar Inferior". Invariavelmente, nos *post-scriptum* das inscrições, Sargão invocava Anu, Enlil, Inanna/Ishtar e Utu/Shamash como suas "testemunhas".

Quando se examina o vasto império de Sargão, que ia do Mediterrâneo até o golfo Pérsico, vê-se claramente que de início as conquistas ficaram limitadas às regiões atribuídas a Sin e seus filhos (Inanna e Utu) e que, mesmo em seu auge elas se mantiveram sempre dentro de territórios enlilitas. Sargão atingiu Lagash, a cidade de Ninurta, e conquistou as terras *de Lagash para baixo*, mas não a cidade em si. Ele também não se expandiu para o nordeste da Suméria, feudo de Ninurta. A sudeste, indo além das fronteiras da velha Suméria, o rei entrou no país de Elam - área havia muito sob a influência de Inanna. Mas, quando ele quis invadir as terras a oeste, compreendidas entre o Eufrates e o Mediterrâneo, o domínio de Adad, "Sargão prostrou-se em preces diante do

deus... e ele lhe deu Mari, Yarmuli e Ebla na região superior, indo até a floresta de cedros e a montanha de prata".

Fica claro a partir das inscrições de Sargão que ele não obteve Tilmum (a Quarta Região, exclusiva dos deuses), nem Magan (o Egito), nem Meluhha (a Etiópia), situada na Segunda Região, território dos descendentes de Enki. Com essas terras ele só tinha relações comerciais pacíficas. Na Suméria propriamente dita ele mantinha-se fora da área controlada por Ninurta e da cidade que pertencia a Marduk, embora este não residisse lá, por ter sido exilado.

Porém, "em sua velhice", Sargão cometeu um erro:

Sargão tirou solo das fundações da Babilônia e construiu sobre esse solo uma outra Babilônia ao lado de Agade.

Para se entender a gravidade desse ato, devemos nos recordar do significado de "Babilônia" - Bab-Ili, "Portão dos Deuses". Esse título e função foram dados à cidade por Marduk, que desafiava seus pares, e eram simbolizados por seu solo sagrado. Agora, incentivado por Inanna, impulsionado pelas ambições dela, Sargão retirara o solo sagrado para espalhá-lo como alicerce para a nova Bab-Ili, visando transferir, audaciosamente, o título e a função para Agade.

Isso foi uma oportunidade para Marduk - de quem não se ouvia falar havia século - reafirmar sua posição:

Devido ao sacrilégio que Sargão cometeu, o grande senhor Marduk enfureceu-se e destruiu o povo pela fome.

De leste a oeste ele os separou de Sargão,

E sobre o rei infligiu um castigo que o impedia de repousar.

Esmagando uma revolta atrás da outra, desesperado, Sargão "não pôde repousar". Desacreditado, atormentado, ele morreu, pondo fim a um reinado de 54 anos.

O PRELÚDIO DO DESASTRE

Uma grande variedade de textos nos informa a respeito dos últimos anos da Era de Ishtar. Juntos, esses textos criam um relato sobre incríveis e dramáticos eventos: a usurpação do poder supremo na Terra por uma deusa; a profanação do Santo dos Santos de Enli¹ em Nippur; a entrada de um exército humano na Quarta Região; uma invasão do Egito; o surgimento de deuses africanos nos domínios asiáticos; rebeliões entre os deuses, em que governantes humanos desempenham tristes papéis e sangue humano foi derramado sem misericórdia.

Diante do surgimento de seu antigo adversário, Inanna mostrou-se decidida a não entregar seu império. Colocando no trono primeiro o primogênito de Sargão e depois um outro filho, contando com o apoio dos reis vassalos que dominavam as terras montanhosas no oriente, ela lutou como uma leoa enfurecida "fazendo chover chamas sobre a terra... atacando como uma tempestade agressiva".

"Vós sois conhecida pela destruição das terras rebeldes", entoou uma filha de Sargão num poema. "Vós sois conhecida por massacrar seu povo" ...Voltando-se "contra a cidade que não disse que a terra é vossa, fazendo seus rios correrem tintos de sangue".

Inanna provocou a destruição a sua volta por mais de dois anos, até que os deuses decidiram que o único modo de conter a carnificina seria forçarem Marduk a voltar para o exílio. Ele retornara à Babilônia quando Sargão tentara tirar parte de seu solo sagrado e fortificara a cidade, modernizando especialmente o sistema de água subterrânea, tornando-a impossível de ser sitiada. Não podendo ou não querendo retirar Marduk à força, os Anunnaki recorreram a Nergal, seu irmão, pedindo-lhe para "dar um susto em Marduk, fazendo-o largar o trono" da Babilônia.

Esses eventos estão registrados num texto que os estudiosos intitularam *O Épico de Erra*, pois nele Nergal é chamado de ER.RA, um epíteto um tanto depreciativo, pois significa "Servo de Ra". Um melhor título seria *A Lenda dos Pecados de Nergal*, pois o texto culpa esse deus por uma cadeia de eventos com um final catastrófico. De qualquer forma, trata-se de uma fonte de incalculável valor para que conheçamos os acontecimentos que foram o prelúdio do desastre.

Depois de aceitar a missão, Nergal/Erra viajou à Mesopotâmia para uma conversa cara a cara com Marduk. A primeira cidade que visitou foi Erech, chamada de Cidade de Anu, mas que de fato era controlada por Inanna/Ishtar. Chegando à Babilônia, foi ao "Esagil, templo do Céu e da Terra, onde apresentou-se diante de Marduk". Esse importantíssimo encontro foi registrado pelos artistas antigos, e o desenho mostra os dois deuses exibindo suas armas. Marduk, porém, em pé sobre uma plataforma, estende ao irmão um símbolo de boas-vindas.

Erra citou a Marduk as coisas maravilhosas que ele dera à Babilônia, especialmente o sistema de água, que fizera a "fama de Marduk brilhar como uma estrela nos céus", mas lembrou-o que ele privara outras cidades de suas águas. Além disso, ao coroar a si mesmo na Babilônia, "acendendo luzes em seu sagrado recinto", ele irritara os outros deuses, pois "cobrira a morada de Anu com a escuridão". Portanto, concluiu, Marduk não conseguiria continuar agindo contra a vontade dos outros Anunnaki e principalmente contra a vontade de Anu.

Marduk explicou por que tivera de tomar tais providências:

**Depois do Dilúvio, os decretos do Céu e da Terra se perderam.
As cidades dos deuses sobre a ampla Terra mudaram de posição.**

Elas não voltaram às suas localizações originais...

Quando as visito, fico revoltado com o mal que foi cometido.

**Sem a volta delas para suas antigas localizações, a existência da
humanidade é diminuída...**

**Devo reconstruir minha residência, que foi varrida pelo Dilúvio; seu
nome devo chamar novamente.**

Entre as desordens pós-diluvianas que perturbavam Marduk estavam algumas filhas do próprio Erra no trato de certos artefatos divinos - "O instrumento de dar ordens, o Oráculo dos Deuses; o sinal da realeza, o Cetro Sagrado que contribui para o brilho da Monarquia... Onde está a sagrada Pedra de Radiação que tudo desintegra"? E Marduk continuou: "Se eu for obrigado a sair, no dia em que deixar minha sede de governo seu sistema de poços deixará de funcionar... as águas não subirão... o dia claro se transformará em trevas... a confusão se levantará... os ventos da seca surgirão... a doença se espalhará".

Depois de algumas argumentações, Erra propôs devolver ao irmão "os artefatos do Céu e da Terra" se Marduk fosse pessoalmente ao Mundo Inferior para buscá-los. E quanto às "obras" na Babilônia, garantiu que não havia motivo para preocupação, pois ele só entraria na Casa de Marduk para "erigir os Touros e Anu e Enlil em seu portão" - as estátuas dos touros alados que realmente foram encontradas nas escavações do templo - e não faria nada para prejudicar o sistema de água.

Marduk ouviu.

Ouviu a promessa, feita por Erra, e viu suas vantagens.

Assim, desceu de seu trono e acertou sua direção para a Terra das Minas, morada dos Anunnaki.

Marduk concordou em deixar a Babilônia. Porém, nem bem havia assumido tal compromisso; Nergal quebrou sua palavra. Incapaz de resistir à curiosidade, ele entrou na Gigunu, a misteriosa câmara subterrânea na qual Marduk o proibira de entrar. Erra retirou de lá o "Brilho" ("fonte de irradiação de energia"), e, como Marduk avisara, o dia escureceu, o sistema de água deixou de funcionar e logo as terras estavam secas e o povo fadado a morrer. Toda a Mesopotâmia foi afetada, e Ea/Enki, Sin e Shamash, em suas respectivas cidades, ficaram alarmados, "enchendo-se de raiva contra Erra". O povo fazia sacrifícios a Anu e Ishtar, mas era tudo em vão. Ea/Enki, o pai de Erra, censurou a atitude do filho: "Agora que o príncipe Marduk deixou o trono, o que fizeste"? Então ordenou que a estátua de Erra, que já fora esculpida, não fosse colocada no Esagil. "Vá embora!", vociferou. "Parta para onde nenhum deus jamais vai"!

De início, "Erra perdeu a voz", mas logo depois começou a ser insolente. Furioso, arrebentou a morada de Marduk, ateou fogo em seus portões. Desafiador, "fez um sinal" enquanto dava as costas para partir, anunciando que seus seguidores iriam continuar ali.

"Quanto aos meus guerreiros, eles não voltarão". E foi assim que, quando Erra retornou a Kutha, os homens que tinham ido com ele permaneceram, marcando a presença de Nergal nas terras de Shem. Eles receberam ordens para se instalar numa colônia não muito distante da Babilônia, montando uma guarnição permanente. Na época bíblica, havia na Samaria "kutheanos adoradores de Nergal", e existia também em Elam um culto oficial a ele - o

que ficou provado por uma incomum escultura encontrada ali, retratando uma cerimônia realizada por adoradores com inconfundíveis traços africanos.

A partida de Marduk da Babilônia trouxe o fim dos conflitos com Ishtar. A rixa entre os dois irmãos e o fato de Nergal ter retido parte do território asiático criaram, talvez não intencionalmente, uma aliança entre este e Ishtar. A série de eventos trágicos que ninguém poderia ter previsto, e que possivelmente ninguém desejava, foi dessa forma determinada pelo acaso e empurrou os Anunnaki e a humanidade para mais perto ainda do desastre final...

Com sua autoridade restaurada, Inanna renovou a monarquia em Acad e colocou no trono um neto de Sargão, Naram-Sin ("O Favorito de Sin"). Vendo nele, finalmente, um digno sucessor do avô, incentivou-o a procurar a grandeza. Depois de um breve período de paz e prosperidade, ela incitou o rei a expandir seu império. Logo Inanna estava se apoderando de territórios pertencentes a outros deuses, mas eles não quiseram (ou não puderam) lutar contra ela. "Os grandes deuses Anunnaki fugiam dela como morcegos desorientados", afirma um hino dedicado à deusa. "Eles não conseguiam manter-se diante de seu rosto assustador... não conseguiam aplacar seu coração irado". Diversas gravações em pedra nos territórios anexados retratavam Inanna como a cruel conquistadora em que ela se transformara.

No início das campanhas Inanna ainda era chamada de "Amada de Anu", ou "Aquele que executa as ordens de Anu". No entanto, seu avanço começou a mudar de natureza, deixando de ser apenas uma contenção de rebeliões para se tornar um plano calculado de conquista da supremacia.

Dois conjuntos de textos, um que trata da deusa e outro de seu protegido, Naram-Sin, registram os eventos daquela época. Ambos indicam que o primeiro alvo de Inanna, fora dos que eram permitidos, foi o local de Aterrissagem na Montanha dos Cedros. Sendo uma deusa voadora, ela estava bastante familiarizada com o lugar. Então "queimou os grandes portões" da montanha e, depois de um breve cerco, obteve a rendição das tropas que a guardavam. "Eles se debandaram por vontade própria".

De acordo com o que está registrado nas inscrições de Naram-Sin, Inanna então voltou para o sul, seguindo a costa mediterrânea, subjugando cidade após cidade. A conquista de Jerusalém - Centro de Controle da Missão - não é mencionada especificamente, mas a deusa também deve ter estado lá, pois está registrado que ela continuava em frente para capturar Jericó.

Situada perto do estratégico ponto de travessia do rio Jordão e da fortaleza de Tell Ghassul, Jericó, a cidade dedicada a Sin, também tinha se rebelado. O Antigo Testamento está repleto de admoestações contra o "desvio para deuses estrangeiros". O texto sumério nos transmite a mesma proibição. O povo de Jericó, depois de ter feito a solene promessa de adorar Sin, o pai de Inanna, jurou aliança com outro deus, estrangeiro. A rendição dessa "cidade das tamareiras" a Inanna, que aparece fortemente armada, foi gravada num escudo cilíndrico.

Depois da conquista do sul de Canaã, Inanna estava nos portões da Quarta Região, a área do espaçoporto. Sargão não se atrevera a cruzar a linha proibida, mas Naram-Sin, incentivado por Inanna, atravessou-a...

Uma crônica real da Mesopotâmia atesta que Naram-Sin não apenas entrou na península como também invadiu o país de Magan (Egito):

Naram-Sin, descendente de Sargão, marchou contra a cidade de Apishal e fez uma brecha em suas muralhas, conquistando-a.

Ele pessoalmente capturou Rish-Adad, rei de Apishal, e seu vizir.

Ele então marchou contra o país de Magan e capturou o rei Mannu-Dannu.

A exatidão dessa crônica babilônica tem sido amplamente confirmada no que diz respeito a outros pormenores, portanto não existe motivo para se duvidar desse trecho. Por mais incrível que possa parecer, ele conta que um rei humano, com um exército humano, atravessou a península do Sinai, a Quarta Região, restrita aos deuses. Alguns especialistas afirmam que Naram-Sin poderia ter usado a estrada que acompanhava a costa do Mediterrâneo, posteriormente denominada Via Maris, que mantinha os viajantes bem distantes da planície central da península e do Espaçoporto.

Todavia, certos vasos de alabastro com desenhos egípcios encontrados na Mesopotâmia e Elam identificam como seu proprietário "Naram-Sin, Rei das Quatro Regiões". O fato de Naram-Sin ter começado a se chamar de "Rei das Quatro Regiões" confirma não apenas a conquista do Egito como sugere a inclusão da península do Sinai em sua esfera de influência.

Uma invasão estrangeira ocorrida por volta da época de Naram-Sin está registrada nos documentos egípcios. Esses textos descrevem um período conturbado, caótico. Encontramos num papiro que os egiptólogos conhecem como As Admoestações de Ipuwer as seguintes palavras: "Estranhos vieram

ao Egito... os nobres estão cheios de lamentações". Essa foi a época em que houve a mudança do centro de adoração e da monarquia de Mênfis-Heliópolis para Tebas, no sul. Os estudiosos chamam esse século de desorganização de "Primeiro Período Intermediário", e ele seguiu ao colapso da VI Dinastia.

Como pôde Inanna, com sua aparente imunidade, intrometer-se na península do Sinai e invadir o Egito sem encontrar oposição por parte dos deuses dessa região?

A resposta está num ponto das inscrições de Naram-Sin que tem intrigado os estudiosos: a aparente veneração de um deus egípcio, Nergal, por parte de um rei mesopotâmico. Um longo texto revela que Naram-Sin foi a Kutha, o centro de culto de Nergal na África, e ali mandou erigir uma estela à qual afixou uma plaquinha de marfim gravada com o relato de sua visita ao local para prestar homenagem ao deus.

O reconhecimento do poder e da influência de Nergal bem além dos limites da África está comprovado pelo fato de que, nos tratados feitos entre Naram-Sin e governantes provinciais em Elam, seu nome é citado entre os de outros deuses para servirem de testemunhas. E, numa inscrição que trata da marcha de Naram-Sin para a Montanha de Cedro no Líbano, o rei atribui a Nergal (e não a Ishkur/Adad, como seria de esperar) o sucesso na conquista:

Embora desde a era do governo do homem nenhum dos reis jamais tenha destruído Arman e Ebla,

Adora o deus Nergal abriu o caminho para o poderoso Naram-Sin.

Ele deu-lhe Arman e Ebla, presenteou-o com Amanus e com a Montanha dos Cedros e o Mar Superior.

Esse intrigante aparecimento de Nergal como uma influente deidade asiática e a audaciosa marcha do protegido de Inanna até o Egito - violação do *status quo* das Quatro Regiões estabelecidas depois das Guerras da Pirâmide - têm uma única explicação: enquanto Marduk voltava suas atenções para a Babilônia, Nergal assumira um papel preeminente no Egito. Com o retorno de Marduk (embora tenha sido convencido por Nergal, a pedido dos deuses) surgira uma amarga inimizade entre os dois irmãos.

Isso levou a uma aliança entre Nergal e Inanna. Ambos, porém, logo se viram diante da oposição dos outros deuses. Foi feita uma assembléia em Nippur para tratar das consequências danosas das incursões de Inanna. Até mesmo

Enki concordou que ela fora longe demais. Então Enlil emitiu uma ordem de prisão e pediu o julgamento da deusa.

Ficamos sabendo desses eventos a partir de uma crônica que os estudiosos intitularam A Maldição de Agade. Decidindo que Inanna realmente saíra dos limites, foi lançada contra ela a "palavra do Ekur" (o recinto sagrado de Enlil em Nippur). Mas Inanna não esperou para ser capturada e fugiu de Agade.

**A "palavra do Ekur" estava sobre Agade como uma sentença de morte;
Agade tremia, seu templo Ulmash estremecia de pavor.**

Ela, que lá morava, deixou a cidade.

**A donzela abandonou sua câmara; a santa Inanna abandonou seu
santuário em Agade.**

Quando uma delegação dos grandes deuses chegou a Acad, encontrou apenas um templo vazio e só lhe restou retirar do local seus atributos de poder:

**Em dias, não cinco, em dias, não dez, o toucado da governança, a tiara da
realeza, o trono dado para o governante, Ninurta levou para seu templo;**

Utu carregou a Eloqüência da cidade;

Enki retirou sua Sabedoria.

**A Coisa Impressionante que podia atingir o Céu,
Anu levou para os Céus.**

"O rei de Acad ficou prostrado, seu futuro foi extremamente infeliz". Então, Naram-Sin "teve uma visão", uma comunicação de sua deusa Inanna. "Ele guardou-a para si, não a colocou em palavras, não contou nada a ninguém... por sete anos Naram-Sin manteve-se à espera".

Teria Inanna ido procurar Nergal durante seu desaparecimento de sete anos? O texto não responde, mas acreditamos que só lá ela encontraria santuário para fugir da cólera de Enlil. Os eventos subseqüentes sugerem que a deusa, ainda mais audaciosa que antes, mais ambiciosa que nunca, deve ter obtido o apoio de pelo menos um deus de maior importância, e esse deus só poderia ser Nergal. Portanto, parece-nos uma hipótese bem plausível que Inanna tenha se escondido nos domínios africanos de Nergal.

Tudo indica que os dois, analisando a situação, revendo os eventos passados, terminaram formando uma nova aliança que daria um novo arranjo aos domínios divinos. Uma Nova Ordem seria viável, pois Inanna desestruturara a

antiga. Um texto cujo antigo título era Rainha de Todos os ME reconhece que Inanna derrubara suas regras e regulamentos e declarara-se a deidade suprema, uma "Grande Rainha das Rainhas". Anunciando que ela se tornara "maior que a mãe que a parira... até mesmo maior do que Anu", Inanna seguiu suas declarações com feitos e capturou o E-Anna ("Casa de Anu") em Erech, visando dismantelar esse símbolo da autoridade do deus supremo.

A monarquia celeste foi capturada por uma mulher...

Ela modificou completamente as regras do Santo Anu, não temeu o grande Anu.

Ela roubou o E-Anna de Anu...

Aquela Casa de irresistível encanto, duradoura atração...

Àquela Casa ela trouxe destruição; atacou seu povo, fazendo-o cativo.

O golpe de Estado contra Anu foi acompanhado de um ataque contra a sede e os símbolos de autoridade de Enlil. Inanna encarregou Naram-Sin de executar essa tarefa. O ataque contra o Ekur em Nippur e a resultante queda da cidade de Acad estão detalhadas no texto A Maldição de Agade. A partir dele entendemos que, depois da espera de sete anos, Naram-Sin recebeu outros oráculos, e daí em diante "mudou sua linha de ação". Ao receber novas ordens:

Ele desafiou a palavra de Enlil, esmagou os que tinham servido a Enlil, mobilizou suas tropas e, como um herói acostumado ao arbítrio, colocou uma mão castradora sobre o Ekur.

Capturando a cidade aparentemente indefesa, Naram-Sin, "como um bandido, a saqueou". Depois ele aproximou-se do Ekur no recinto sagrado, "erigindo grandes escadas contra a Casa". Assim, o rei invadiu o Santo dos Santos de Enlil. "O povo agora via sua cela sagrada, uma câmara que não conhecia a luz; os acadianos puderam ver os vasos sagrados do deus". Naram-Sin atirou-os ao fogo. Ele "atracou grandes barcos no cais próximo à Casa de Enlil e levou embora as posses da cidade". O horrível sacrilégio estava completo. Enlil (não se conhece seu paradeiro, mas sabe-se que certamente estava longe de Nippur) "ergueu os olhos" e viu a destruição de Nippur e a profanação de seu templo. Então ordenou que as hostes de Gutium - uma terra montanhosa a nordeste da Mesopotâmia atacassem Acad, destruindo-a por completo. As

hordas desceram sobre a região acadiana "em vastos números, como gafanhotos... Nada escapou de suas mãos". "O que dormia no telhado morreu no telhado; o que dormia no interior da casa não foi levado para ser enterrado... cabeças foram esmagadas, bocas foram arrebitadas... o sangue dos traidores correu sobre o sangue dos fiéis".

Mais uma vez os outros deuses intercederam diante de Enlil: "Lance uma maldição terrível sobre Acad, mas deixe as outras cidades e suas terras cultivadas sobreviverem"! Quando Enlil finalmente concordou, oito grandes deuses se reuniram para amaldiçoar Acad, "a cidade que ousou atacar o Ekur". E termina o antigo escriba: "Eis como Agade foi destruída"! Os deuses decretaram que ela deveria ser varrida da Terra e, ao contrário de outras cidades, que depois de arrasadas foram reconstruídas e repovoadas, Acad permaneceu para sempre um sítio desolado.

Quanto a Inanna, por fim seus pais conseguiram "apacar seu coração". Os textos não explicam exatamente o que aconteceu, mas nos contam que o pai da deusa, Nannar/Sin, chegou para levá-la de volta à Suméria, "enquanto a mãe, Ningal, rezava por ela e foi recebê-la à porta do templo". Os deuses e o povo suplicaram a Inanna: "Chega, chega de inovações, ó, grande Rainha"! "E a principal Rainha, em sua assembléia aceitou a súplica".

A Era de Ishtar estava terminada.

Todas as evidências escritas sugerem que Enlil e Ninurta estavam longe da Mesopotâmia quando Naram-Sin atacou Nippur, mas as hordas que desceram da montanha para arrasar Acad eram "as hostes de Enlil", provavelmente lideradas por Ninurta.

As Listas de Reis sumérias chamam a terra de onde saíram esses vingadores de Gutium. Na lenda de Naram-Sin eles são chamados de Umman-Manda (possivelmente "Hordas dos Irmãos Fortes e Distantes"), que saíram de "acampamentos na habitação de Enlil", situada "na terra montanhosa cuja cidade os deuses tinham construído". Alguns versos dos textos sugerem que esses homens eram os descendentes dos soldados que tinham acompanhado Enmerkar em suas distantes viagens, que "havam assassinado seu anfitrião" e foram punidos por Utu/Shamash com o exílio. Tendo se tornado uma tribo numerosa, comandada por sete chefes irmãos entre si, eles receberam ordens de Enlil para arrasar a Mesopotâmia e "se atirar contra o povo que matara em Nippur".

Por algum tempo os débeis sucessores de Naram-Sin tentaram manter um poder central, enquanto as hordas capturavam cidade após cidade. A situação confusa está descrita nas Listas de Reis sumérias com as perguntas: "Quem era rei? Quem não era rei? Irgigi era rei? Nanum era rei? Imi era rei? Elulu era rei"? No final, os gutianos assumiram o controle de toda a região da Suméria e Acad: "A monarquia ficou nas mãos das hordas de Gutium".

Durante 91 anos e 40 dias os gutianos dominaram a Mesopotâmia. Nenhuma capital recebeu um nome referente a eles, mas parece que Lagash - a única cidade suméria que escapou ao saque dos invasores - era seu quartel-general. E foi de sua sede em Lagash que Ninurta começou o demorado processo de restaurar a agricultura do país e, principalmente, o sistema de irrigação que fora destruído no incidente Erra-Marduk. Esse capítulo da história da Suméria pode ser chamado de Era de Ninurta.

O ponto central dessa era foi Lagash, uma cidade que começou como um "recinto sagrado" - o Girsu - para Ninurta e seu Divino Pássaro Preto. Todavia, com o crescimento do tumulto causado por ambições humanas e divinas, o deus resolveu converter Lagash num importante centro, fazendo dela sua principal residência, que ele compartilharia com sua consorte, Bau/Gula, e onde suas idéias de lei e ordem, seus ideais de moral e justiça poderiam ser colocados em prática. Ninurta designou vice-reis humanos para ajudá-lo na tarefa e encarregou-os da administração e defesa da Cidade-Estado.

A história de Lagash (lugar que atualmente tem o nome de Tello) registra uma dinastia cujo reinado - ininterrupto por meio milênio - começou três séculos antes da ascensão de Sargão. Além de ser uma ilha de estabilidade armada num ambiente de crescente violência, Lagash era um grande centro da cultura suméria. Enquanto os feriados religiosos vieram de Nippur, em Lagash tiveram origem as tradições de festivais ligados a um calendário agrícola, como o Festival dos Primeiros Frutos. Seus intelectuais e escribas aperfeiçoaram a língua suméria, e seus governantes, a quem Ninurta atribuía o título de "Governador Virtuoso", tinham de jurar fidelidade a um código de justiça e moralidade.

Entre os primeiros governantes da longa dinastia de Lagash, destacou-se Ur-Nanshe (cerca de 2600 a.C.) Mais de cinquenta de suas inscrições foram encontradas nas ruínas da cidade, e elas registram a chegada de material de construção para o Girsu, inclusive madeiras especiais importadas de Tilmun. Elas também descrevem grandes obras de irrigação, escavação de canais e

construção de diques. Numa das plaquinhas, Ur-Nanshe é mostrado chefiando uma equipe de construtores, e pode-se ver que ele não se recusava a fazer pessoalmente algum trabalho braçal. Os quarenta vice-reis conhecidos que o sucederam deixaram registros escritos sobre realizações na agricultura, construção, legislação social e reformas éticas - feitos morais e materiais que orgulhariam qualquer governo.

Lagash tinha escapado das devastações ocorridas durante os turbulentos anos de Sargão e Naram-Sin não apenas por ser "centro de culto" de Ninurta, mas também (e especialmente) devido às façanhas militares de seu povo. Na posição de "principal guerreiro de Enlil", Ninurta escolhia para governar Lagash homens com talento para as artes da guerra. Um deles, chamado Eannatum, cujas inscrições foram descobertas por arqueólogos, era um mestre em táticas e general vitorioso. As estelas o mostram conduzindo um carro de guerra - um veículo militar cuja introdução antes era considerada como tendo ocorrido muitos séculos mais tarde; as gravações também mostram suas tropas usando capacete e mantendo uma formação cerrada.

Comentando essas descobertas, Maurice Lambert (La Période Pré-Sargonique) escreveu que "essa infantaria de lanceiros, protegida por homens que carregavam escudos, dava ao exército de Lagash uma defesa extremamente sólida e capacidade de ataque rápida e versátil". As vitórias de Eannatum impressionaram até mesmo Inanna, a ponto de ela se apaixonar por ele. E "porque ela amava Eannatum, deu-lhe a sabedoria sobre Krish, além da governança de Lagash, que já era dele". Dessa forma, Eannatum tornou-se LU.GAL ("Potentado") da Suméria e, mantendo as rédeas com um firme punho militar, fez prevalecer a lei e a ordem.

Ironicamente, o período caótico que precedeu Sargão de Acad encontrou em Lagash não um forte líder militar, mas um reformador social chamado Urukagina. Ele dedicou seus esforços a um reavivamento moral e à introdução de leis baseadas na justiça e não num conceito crime/castigo. Sob seu governo, Lagash mostrou-se fraca demais para manter a lei e a ordem. A debilidade de Urukagina permitiu a Inanna trazer o ambicioso Lugal-zagesi de Umma para a cidade de Erech, numa tentativa de restaurar seu domínio por toda a região. Todavia, as falhas de Lugal-zagesi (como já vimos anteriormente) levaram a sua queda e à escolha de um novo protegido de Inanna, Sargão.

Durante o período de supremacia de Acad, a dinastia de Lagash prosseguiu sem interrupções. Até mesmo o grande Sargão passou ao largo da cidade,

deixando-a intacta. Ela escapou da ocupação e da destruição durante os levantes de Naram-Sin principalmente por ser uma formidável fortaleza, fortificada e refortificada para enfrentar todos os tipos de ataque. Ficamos sabendo a partir de uma inscrição de Ur-Bau, o vice-rei de Lagash por ocasião dos levantes de Naram-Sin, que ele fora instruído por Ninurta a reforçar as paredes de Girsu e a fortalecer o recinto que abrigava a aeronave Imdugud. Ur-Bau "compactou o solo até torná-lo como pedra... queimou a argila até torná-la como metal" e, na plataforma do Imdugud, "trocou o velho solo por novas fundações" e fortaleceu-o com enormes vigas de madeira e pedras importadas de lugares distantes.

Quando os gutianos deixaram a Mesopotâmia - por volta de 2160 a.C. -, Lagash conheceu um novo período de florescimento e produziu alguns dos mais iluminados e conhecidos governantes sumérios. Um deles, Gudea, que reinou durante o século 22 a.C. é famoso por suas inúmeras inscrições e estátuas descobertas pelos arqueólogos. Seu governo foi uma época de paz e prosperidade, seus registros não falam de exércitos e guerras, mas de êxtase no comércio e na reconstrução. Ele coroou suas atividades com a construção de um novo e magnífico templo no Girsu, que mandou ampliar. Segundo as inscrições de Gudea, "o Senhor do Girsu" apareceu-lhe numa visão, parado ao lado de seu Divino Pássaro Preto. O deus expressou o desejo de ter um novo E.NINNU ("Casa do Cinquenta" - a posição numérica de Ninurta na hierarquia dos deuses) e deu a Gudea dois conjuntos de instruções divinas: um vindo de uma deusa que numa das mãos "segurava a tábua da estrela favorável" e, na outra, "segurava um estilete sagrado", com o qual indicou o "planeta favorável", em cuja direção deveria ficar orientado o novo templo; o outro conjunto de instruções veio de um deus que Gudea não reconheceu, mas que depois veio a saber que era Ningishzida, que entregou-lhe uma tábua feita de pedra preciosa "contendo a planta do templo". Uma das estátuas de Gudea o mostra sentado com essa tábua no colo e com o estilete sagrado ao lado dela.

Na inscrição, Gudea admite que precisou do auxílio de adivinhos e "buscadores de segredos" para entender o projeto do templo. Ele era, como demonstraram pesquisadores modernos, uma engenhosa planta arquitetônica para a construção de um zigurate sob a forma de uma pirâmide de sete andares. A estrutura continha uma plataforma altamente reforçada para suportar a aterrissagem da aeronave de Ninurta.

A participação de Ningishzida no planejamento do E-Ninnu tem um significado que vai muito além da mera assistência arquitetural, e sua importância é evidenciada pelo fato de Gudea ter incluído no templo um santuário especial para esse deus. Segundo várias inscrições sumérias, Ningishzida, filho de Enki, associado à cura e a poderes mágicos, sabia como tornar seguras as fundações dos templos. Ele era "o grande deus que guardava as plantas". Como já sugerimos anteriormente, Ningishzida não era outro senão Thot, o deus egípcio dos poderes mágicos, que foi designado como guardião das plantas de arquitetura e construção das pirâmides de Gizé.

Ninurta, deve-se lembrar, tinha levado com ele algumas das "pedras" que ficavam no interior da Grande Pirâmide por ocasião do final das Guerras da Pirâmide. Agora, devido aos esforços de Inanna e Marduk de obterem a supremacia, Ninurta desejava reafirmar sua "posição de cinquenta" através da construção de uma Pirâmide de sete andares para ele mesmo em Lagash. Foi por isso, acreditamos, que convidou Ningishzida/Thot para ir à Mesopotâmia, de modo a projetar para ele uma estrutura alta e imponente que, por falta das pedras que eram abundantes no Egito, teria de ser construída com os humildes tijolos de barro daquela região.

A estada de Ningishzida na Suméria e sua colaboração com Ninurta foram comemoradas não apenas nos santuários do deus visitante mas também em inúmeras representações artísticas, algumas das quais foram descobertas durante os sessenta anos de escavações arqueológicas no sítio de Tello. Uma delas combina o emblema do Divino Pássaro de Ninurta com as serpentes de Ningishzida. Outra mostra Ninurta com uma esfinge egípcia.

A época de Gudea e da colaboração Ninurta-Ningishzida coincide com o Primeiro Período Intermediário do Egito, quando os reis da IX e X Dinastias abandonaram a adoração de Osíris e Hórus e mudaram a capital de Mênfis para uma cidade que posteriormente os gregos vieram a chamar de Heracleópolis. A partida de Thot do Egito pode ter sido consequência dos tumultos ocorridos naquela região, e algo semelhante explicaria seu subsequente desaparecimento da Suméria. Segundo E. D. van Buren em *The God Ningizzida*, esse deus foi "tirado da obscuridade na época de Gudea", só para se tornar um "deus fantasma" e uma simples memória em épocas posteriores (assírias e babilônicas).

A Era de Ninurta na Suméria, que atravessou incólume a invasão gutiana e continuou durante o período de reconstrução, foi só um interlúdio. Um habitante das montanhas em seu coração, Ninurta logo começou a voar pelos

céus em seu Divino Pássaro Preto, visitando seus domínios mais atrasados ao nordeste e até mesmo mais distantes. Aperfeiçoando constantemente as artes marciais das tribos montanhasas, ele deu-lhes grande mobilidade através da introdução da cavalaria, o que ampliou em centenas e até milhares de quilômetros seu poder de ataque.

Ele retomara à Mesopotâmia, a chamado de Enlil, com o objetivo de pôr fim ao sacrilégio cometido por Naram-Sin e às confusões causadas por Inanna. Com a volta da paz e da prosperidade, ele partiu novamente da Suméria, e Inanna, que nunca desistia, aproveitou-se de sua ausência para retomar a sede da monarquia para Erech.

A tentativa durou apenas alguns anos, pois Anu e Enlil não aceitaram as intenções da deusa. No entanto, a história desse evento (contida num enigmático texto catalogado como Ashur-13955) é fascinante. Ela nos faz lembrar a lenda de Excalibur, a espada mágica do rei Artur que foi encravada numa pedra e só poderia ser retirada pelo homem destinado a ser rei, e lança luz sobre os acontecimentos precedentes, inclusive o incidente com o qual Sargão ofendeu Marduk.

Sabe-se que quando "a realeza foi descida do céu", para se iniciar em Kish, Anu e Enlil lá estabeleceram um "Pavilhão do Céu". "Em seu solo de fundação, para todo o sempre" eles implantaram o SHU.HA.DA.KU, um artefato feito de uma liga de metal cujo nome em tradução literal significa: "Suprema Arma Forte e Brilhante". Esse objeto divino foi transportado para Erech quando a sede da monarquia se transferiu para lá e continuou a ser levado de um lado para outro enquanto a realeza mudava de cidade. Todavia, isso só ocorria quando a mudança era autorizada pelos Grandes Deuses.

Seguindo esse costume, Sargão levou o objeto para Acad, mas Marduk protestou porque aquela cidade era nova e não uma das escolhidas pelos "grandes deuses do Céu e da Terra" para serem capitais reais. Os deuses escolheram Acad - Inanna e seus seguidores eram, na opinião de Marduk, "rebeldes, deuses que usam roupas sujas".

Foi para sanar o defeito de Acad que Sargão foi à Babilônia, ao local onde ficava seu "solo sagrado". A idéia era remover parte dessa terra e levá-la para "um lugar diante de Acad", onde seria implantada a Arma Divina, assim legitimando a nova capital. Foi como castigo para esse ato, diz o texto, que Marduk instigou rebeliões contra Sargão e também lançou sobre ele uma "inquietação" (alguns estudiosos acham que o termo significaria "insônia") que o levou à morte.

O texto continua contando que, durante a ocupação dos gutianos que se seguiu ao reino de Naram-Sin, o objeto divino permaneceu intocado "ao lado das obras de represamento das águas", porque "não se sabia como executar as regras relacionadas com o artefato divino". Marduk recomendara que aquele objeto tinha de ficar no seu lugar determinado, "sem ser aberto", e não poderia "ser oferecido a nenhum deus" até que os "deuses que trouxeram a destruição fizessem a restituição". Todavia, quando Inanna aproveitou a oportunidade para fazer de Erech a sede da monarquia, o rei escolhido por ela, Utu-Hegal, "tirou o Shuhadaku de seu lugar de repouso; pegou-o na mão", embora ainda não tivesse chegado a hora da restituição. Sem autorização Utu-Hegal "levantou a arma contra a cidade que estava sitiando", mas assim que fez isso tombou morto. "O rio levou seu corpo afundado."

As ausências de Ninurta da Suméria e a tentativa fracassada de Inanna em recapturar a sede da monarquia para Erech indicaram a Enlil que a questão da divina governança da Suméria precisava ser definitivamente resolvida. O candidato que lhe apareceu mais adequado para a tarefa foi Nannar/Sin.

Durante todos aqueles anos de tumulto, Nannar fora obscurecido por aspirantes mais agressivos à supremacia, inclusive por sua própria filha, Inanna. Agora ele estava finalmente recebendo a oportunidade de assumir um cargo digno de sua posição de primeiro filho de Enlil nascido na Terra. A era que se seguiu - que chamaremos de Era de Nannar - foi uma das mais esplendorosas nos anais sumérios e também o último grito de glória da Suméria.

O primeiro passo de Nannar foi fazer de sua cidade, Ur, uma grande metrópole e capital de um vasto império. Indicando uma nova linha de governantes, chamada pelos especialistas de Terceira Dinastia de Ur, ele conseguiu para a civilização suméria picos de avanço material e cultural sem precedentes. Nannar e sua consorte, Ningal, tomavam parte ativa nos assuntos de Estado. Eles residiam no imenso zigurate que dominava a cidade fortificada - um zigurate cujas ruínas, depois de 4000 anos, ainda é uma visão impressionante na planície mesopotâmica. Nannar e o rei, liderando uma hierarquia de sacerdotes e funcionários, orientaram a agricultura da cidade de modo a torná-la o celeiro da Suméria; dirigiram sua criação de ovinos de tal forma que Ur tornou-se o centro da produção de lã e roupas de todo o Oriente Médio da Antiguidade; desenvolveram um comércio exterior por terra e mar que fez os mercadores de Ur serem lembrados por milênios depois dessa era.

Para facilitar esse comércio e ao mesmo tempo melhorar as defesas da cidade, foi construído um canal navegável em torno da muralha externa, com dois portos, um ao norte e um ao sul, mais um canal unindo esses portos e ao mesmo tempo separando o recinto sagrado, o palácio e o bairro administrativo das áreas residencial e comercial da cidade. As casas brancas de Ur, muitas delas de vários andares, brilhavam como pérolas a distância. As ruas eram retas e largas, com santuário na maioria das esquinas. O povo era trabalhador, e a administração funcionava tranqüilamente. Os habitantes eram religiosos, jamais deixando de rezar às suas benevolentes deidades.

O primeiro governante da Terceira Dinastia, Ur-Nammu ("A Alegria de Ur"), era filho da deusa Ninsun com um humano e, portanto, um semi-deus. Os extensos registros sobre ele contam que logo que "Anu e Enlil entregaram a monarquia a Nannar em Ur", e Ur-Nammu foi escolhido para ser o "Virtuoso Pastor" do povo, os deuses ordenaram ao rei que instituísse uma renovação moral. Os quase três séculos que tinham se passado depois da obra semelhante de Urukagina, em Lagash, tinham assistido à ascensão e queda de Acad, o desafio contra a autoridade de Anu e a profanação do Ekur de Enlil. A injustiça, a opressão e a imoralidade grassavam. Em Ur, sob o governo de Ur-Nammu, Enlil mais uma vez tentou afastar a humanidade do mal, levando-a para o "caminho certo". Proclamando um novo código de justiça e comportamento social, o rei "estabeleceu a equidade na terra, baniu a maledicência e pôs fim às disputas e à violência".

Mostrando que esperava muito desse começo, Enlil - pela primeira vez - confiou a guarda de Nippur a outro deus, Nannar, e deu a Ur-Nammu as instruções necessárias para a reforma do Ekur (que fora danificado por Naram-Sin). O rei marcou a ocasião mandando erigir uma estela que o mostra carregando as ferramentas e a cesta de pedreiro. Terminada a obra, Enlil e Ninlil voltaram a sua residência em Nippur e "foram felizes lá", como conta uma inscrição suméria.

A volta aos "costumes certos" envolveu não apenas a justiça social entre o povo, mas também a adoração adequada dos deuses. Para isso, Ur-Nammu, além das grandes obras que realizou em sua cidade, também restaurou e ampliou os edifícios dedicados a Anu e Inanna em Erech; o de Ninsun, sua mãe, em Ur; o de Utu, em Larsa; o de Ninharsag, em Adab. Ele também fez algumas reformas em Eridu, a cidade de Enki. Chamam atenção pela ausência nessa lista a Lagash de Ninurta e a Babilônia de Marduk.

As reformas sociais de Ur-Nammu e as realizações de Ur no comércio e indústria levaram os estudiosos a considerar a época da Terceira Dinastia um período não apenas de prosperidade, mas também de paz. Por isso eles ficaram intrigados ao encontrar nas ruínas da Cidade-Estado dois painéis retratando as atividades de seus cidadãos - um deles um Painel de Paz, e o outro, surpreendentemente, um Painel de Guerra. A imagem do povo de Ur como guerreiros alertas e treinados parecia totalmente fora de lugar.

No entanto, os fatos, segundo evidências arqueológicas como armamento, uniformes militares e carros de guerra, bem como numerosas inscrições, desmentem essa imagem de pacifismo. De fato, um dos primeiros atos de Ur-Nammu foi subjugar Lagash e assassinar seu governador, ao que se seguiu a ocupação de sete outras cidades.

A necessidade de medidas militares não ficou limitada às fases iniciais da subida ao poder de Nannar em Ur. Sabemos a partir de várias inscrições que, depois que Ur e Suméria como um todo "gozaram de dias de prosperidade e rejubilaram-se grandemente com Ur-Nammu" e o rei reconstruiu o Ekur, Enlil considerou-o digno de possuir a Arma Divina, com a qual ele deveria subjugar "cidades más" em "terras estrangeiras".

A Arma Divina, que nas terras hostis amontoa os rebeldes em pilhas, a Ur-Nammu, o pastor, Ele, o Senhor Enlil, concedeu.

Como um touro para esmagar a terra estrangeira, como um leão para caçá-la; para destruir as cidades más, limpá-las da oposição contra o Altíssimo.

Essas palavras nos fazem lembrar as profecias bíblicas sobre a ira divina, que por meio de reis mortais caia sobre "cidades más" e "povos pecadores". Elas revelam que sob a capa da prosperidade e da paz estava se criando uma nova guerra entre os deuses - uma luta pela aliança das massas da humanidade.

O triste fato é que o próprio Ur-Nammu, tornando-se um poderoso guerreiro, "O Poder de Nannar", encontrou uma morte trágica num campo de batalha. Numa terra distante onde o povo se rebelou, o carro do rei atolou na lama e ele caiu. Porém, em seguida, os cavalos avançaram, o carro se movimentou bruscamente e atropelou Ur-Nammu, "que ficou ali, abandonado como um jarro esmagado". A tragédia tornou-se ainda maior quando o barco que trazia de volta seu corpo à Suméria "afundou num lugar estranho; as ondas o arrastaram, levando Ur-Nammu dentro dele".

Quando a notícia chegou a Ur, houve grandes lamentações. O povo simplesmente não conseguia entender como, um Pastor Virtuoso, um rei que fora tão justo com seus súditos e fiel aos deuses podia ter sofrido um fim tão indigno. Ele não entendia por que "o Senhor Nannar não o pegara pela mão, por que Inanna, Senhora do Céu, não colocara seu nobre braço em torno de sua cabeça, por que o valente Ur não o ajudara". Por que esses deuses tinham se afastado? Ur-Nammu, sem dúvida, fora traído pelos grandes deuses.

**Como a sorte do herói mudou!
Anu falou à sua palavra sagrada...
Enlil finalmente modificou seu decreto do destino...**

O modo como Ur-Nammu morreu (2096 a.C.) talvez explique o comportamento do seu sucessor, sobre o qual pode-se usar o conceito bíblico para um rei que "se prostituiu" e "fez o que havia de errado diante do Senhor". Esse governante, chamado Shulgi, nasceu sob divinos auspícios, pois foi o próprio Nannar que tomou providências para a criança ser concebida no santuário de Enlil em Nippur através da união entre Ur-Nammu e a suma sacerdotisa, de modo que pudesse ser considerado "um pequeno Enlil... uma criança adequada para realeza e para o trono"...

O novo rei começou seu longo reinado escolhendo manter seu império por meios pacíficos e pela reconciliação divina. Assim que subiu ao trono iniciou a construção (ou reconstrução) de um templo dedicado a Ninurta em Nippur, o que o permitiu declarar Ur e Nippur "cidades-irmãs". Em seguida ele mandou construir um navio - que chamou "Ninlil" - e partiu para a "Terra do Voar para a Vida". Seus poemas indicam que Shulgi imaginava-se um segundo Gilgamesh e desejava seguir os passos de seu predecessor até a "Terra dos Vivos" - a península do Sinai.

Atracando no "Lugar da Rampa" (ou "Lugar do Aterro"), ele construiu ali um altar para Nannar. Continuando a viagem por terra, Shulgi chegou a Harsag - a montanha de Ninharsag ao sul da península -, e lá também mandou construir um altar. Continuando o avanço pela região do Sinai, ele atingiu o lugar chamado BAD.GAL.DINGIR (Dur-Mah-Ilu em acadiano), "O Grandioso Lugar Fortificado dos Deuses". Agora Shulgi estava realmente imitando Gilgamesh, pois este, ao chegar pela região do mar Morto, também parara para orar e fazer oferendas no lugar onde ficava o portão dos deuses, situado

entre o Neguev e a península do Sinai propriamente dita. Lá Shulgi erigiu um altar para "O Deus que Julga".

Foi no oitavo ano do reinado de Shulgi que ele iniciou a viagem de volta à Suméria. A rota, passando pelo Crescente Fértil, começava em Canaã e no Líbano, locais onde ele construiu altares no "Lugar dos Oráculos Luminosos" e no "Lugar Coberto de Neve". Foi uma jornada propositadamente longa, feita com a intenção de fortalecer os laços imperiais com as províncias distantes. Em resultado dela, Shulgi construiu uma rede de estradas que manteve o império unido em termos políticos e militares e também estimulou o comércio e, portanto, a prosperidade. Ao conhecer pessoalmente os chefes locais, ele aumentou ainda mais os vínculos com estes arranjando casamento adequado para suas filhas.

Shulgi voltou à Suméria vangloriando-se de que aprendera quatro línguas estrangeiras. Seu prestígio estava no auge. Num ato de gratidão, ele construiu um santuário para Nannar/Sin no recinto sagrado de Nippur e, em troca disso, recebeu os títulos de "Sumo Sacerdote de Anu" e "Sacerdote de Nannar" em cerimônias que ele registrou em seus escudos cilíndricos.

No entanto, com o passar dos anos, Shulgi começou a preferir os luxos de Ur em vez dos rigores das províncias e pouco a pouco foi deixando seu governo a cargo de delegados. Ele passava o tempo compondo hinos auto-laudatórios, imaginando-se um semi-deus. Suas ilusões despertaram a atenção da maior sedutora de todas elas - Inanna. Percebendo uma nova oportunidade, a deusa convidou o rei a visitar Erech, fazendo dele "um homem escolhido para a vulva de Inanna". Vejamos as palavras do próprio Shulgi:

Com o valente Utu, um amigo que é como irmão, bebi vinho forte no templo fechado por Anu.

Mais menestrelas cantaram para mim as sete canções do amor.

Inanna, a rainha, a vulva do céu e da terra, estava a meu lado, banquetecendo-se no templo.

À medida que foi crescendo a inevitável inquietação tanto na metrópole como nas províncias, Shulgi procurou apoio militar na província de Elam, a sudeste. Fazendo sua filha casar-se com o vice-rei, deu-lhe como dote a cidade de Larsa. Em troca o noivo mandou tropas para a Suméria, que serviriam como uma Legião Estrangeira para Shulgi. Todavia, em vez de paz, os elamitas causaram mais guerras, e os relatórios anuais sobre o reinado de Shulgi falam

de repetidas destruições nas províncias setentrionais. O rei tentou manter seu poder nas províncias ocidentais por meios pacíficos, e o 37º. ano de seu reinado registra um tratado com um rei local chamado Puzur-Ish-Dagan - nome com claras conotações cananitas e filistéias. O tratado permitiu a Shulgi voltar a usar o título de "Rei das Quatro Regiões". A paz na região ocidental, contudo, não durou muito. Ao completar 41 anos (2055 a.C.), Shulgi recebeu certas profecias de Nannar/Sin e logo em seguida foi enviada uma expedição militar contra as províncias cananéias. Dois anos depois ele podia novamente afirmar que era "Herói, Rei de Ur, Governante das Quatro Regiões".

Os indícios sugerem que as tropas elamitas foram utilizadas nessa campanha e que esses estrangeiros chegaram a atingir os portões de entrada da península do Sinai. Seu comandante chamava-se a si mesmo de "favorito do Deus que Julga, amado de Inanna, aquele que ocupou Dur-Ilu". Porém, nem bem as tropas de ocupação retiraram-se, começaram novamente as rebeliões. Então, no ano de 2049 a.C. Shulgi ordenou a construção de uma "Muralha Ocidental" para proteger a Mesopotâmia.

Shulgi ainda continuou no trono por mais um ano, que foi repleto de inquietações. Embora até o final ele tenha insistido em se proclamar "querido de Anu", não era mais um "escolhido" de Anu e Enlil. Segundo o ponto de vista dos deuses, que está registrado em textos sumérios, "os divinos regulamentos ele não seguiu, sua honestidade ele sujou". Por isso, foi decretada a "morte de um pecador" no ano de 2048 a.C.

Quem sucedeu Shulgi no trono foi seu filho, Amar-Sin. Apesar de os primeiros dois anos de seu governo serem lembrados por suas guerras, seguiram-se três anos de paz. Todavia, no sexto ano houve um levante no distrito setentrional, Assur, e no sétimo - 2041 a.C. foi necessária uma importante campanha militar para reprimir quatro localidades ocidentais e "suas terras".

Parece que essa campanha não foi muito bem-sucedida, pois a ela não se seguiu a costumeira concessão por Nannar de títulos ao rei. Em vez disso descobrimos que Amar-Sin, rei de Ur, voltou sua atenção para Eridu - a cidade de Enki! -, estabelecendo lá uma residência real e assumindo as funções sacerdotais. Essa mudança na filiação religiosa pode ter sido causada pelo desejo prático de assumir o controle das docas de Eridu, pois no ano seguinte, o nono de seu reinado, Amar-Sin zarpou para o mesmo "Lugar da Rampa" visitado por seu pai. Todavia, ao chegar à "Terra de Voar para a Vida", ele foi picado por uma serpente, ou um escorpião, e morreu.

Amar-Sin foi substituído no trono por seu irmão Shu-Sin. Apesar de existirem registros de duas incursões militares contra as cidades do norte em seus nove anos de reinado (2038/30 a.C.), eles se destacaram mais pelas medidas de defesa que foram tomadas, como o fortalecimento da Muralha Ocidental contra os amoritas e a construção de duas grandes embarcações: "O Grande Navio" e o "Navio do Abzu". Tudo indica que Shu-Sin estava se preparando para fugir por mar...

Quando o novo (e último) rei de Ur, Ibbi-Sin, subiu ao trono, invasores vindos do ocidente já estavam entrando em choque com os mercenários elamitas na própria Mesopotâmia. Logo o coração da Suméria estava sendo sitiado; o povo de Ur e Nippur escondia-se atrás de muralhas protetoras, e a influência de Nannar restringiram-se a um pequeno enclave.

Como acontecera antes, Marduk esperava nas sombras. Acreditando que sua vez de conquistar a supremacia finalmente chegara, ele deixou o exílio e conduziu seus seguidores de volta à Babilônia.

Então foram usadas as Armas Aterradoras, e o desastre, só igualado pelo Dilúvio, caiu sobre a humanidade.

13

ABRAÃO: OS ANOS FATÍDICOS

No tempo de Amrafel, rei de Senaar, de Arioc, rei de Elasar, de Codorlaomor, rei de Elam, e de Tadal, rei dos goim, estes fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, Bersa, rei de Gomorra, Senaab, rei de Adama, Semeber, rei de Seboim e contra o rei de Bela (esta é Segor).

Assim começa o capítulo 14 do Livro do Gênesis, contando sobre uma antiga guerra em que quatro reinos orientais formaram uma aliança contra cinco reis da região de Canaã. Essa história bíblica sempre foi alvo de análise dos estudiosos, pois vincula Abraão, o primeiro patriarca, com um evento específico não-judeu, o que poderia estabelecer com exatidão a época do nascimento da nação judaica.

Os críticos da Bíblia só aceitam suas afirmações quando elas podem ser historicamente comprovadas a partir de fontes independentes. Nesse caso, afirmavam eles, como acreditar no resto da história de Abraão se não existe menção aos nomes de Codorlaomor, Amrafel, Arioc e Tadal nas inscrições

sumérias? A identificação de Senaar como a Suméria e Elam não era suficiente para comprovar o relato bíblico.

Por muitas décadas a opinião dos críticos pareceu prevalecer, mas, quando o século dezenove estava chegando ao seu final, tanto o mundo religioso como o intelectual foram surpreendidos com a descoberta de tábuas de argila babilônicas mencionando os nomes de Codorlaomor, Arioc e Tadal ao contarem uma história bem semelhante à encontrada na Bíblia.

A descoberta foi anunciada numa palestra proferida por Theophilus Pinches, em 1897. Examinando várias tábuas de argila do Museu Britânico, ele verificou que elas descreviam uma guerra de grande magnitude, em que um rei de Elam, chamado Kudur-Laghamar, liderara uma aliança de governantes entre os quais se incluíam um Eri-aku e um Tudghula, nomes que em hebraico poderiam ter sido facilmente transformados em Codorlaomor, Arioc e Tadal. Pinches, que apresentou uma transcrição cuidadosa da escrita cuneiforme e sua tradução, pôde afirmar com confiança que o relato bíblico estava sendo confirmado por uma fonte independente; no caso, mesopotâmica.

Com justificado entusiasmo, os assiriólogos da época concordaram com a leitura que Pinches fizera dos nomes. As tabuinhas de fato falavam num certo "Kudur-Laghamar, rei de Elam", muito parecido com Codorlaomor, e todos concordavam que era um perfeito nome real elamita, pois o prefixo Kudur ("Servo") era um componente bastante encontrado nesses casos, e Laghamar era o nome/epíteto elamita de uma certa deidade. Os estudiosos também concordaram que o nome do segundo rei, soletrado Eri-e-a-ku na escrita cuneiforme babilônica, seria o sumério original ERI.AKU, que significa "Servo do deus Aku", sendo Aku uma variante de Nannar/Sin. Sabe-se a partir de uma série de inscrições que os governantes elamitas de Larsa eram chamados de "Servos de Sin", e assim era fácil concordar que a Elasar da Bíblia, a cidade real de Arioc, seria de fato Larsa. Houve também concordância unânime em aceitar que Tud-ghula do texto babilônico era o equivalente ao bíblico "Tadal, rei dos goim", e que por "goim" o Gênesis referia-se às "hordas-nações" que as tabuinhas com escrita cuneiforme listavam como aliadas de Kudur-Laghamar.

Então estava ali a prova que faltava, e agora ficava comprovada não apenas a veracidade da Bíblia como a existência de Abraão e de um evento internacional em que ele estivera envolvido!

No entanto, esse entusiasmo não durou muito. Uma outra descoberta feita na mesma época colocou em descrédito as afirmações de Pinches. Ela foi

anunciada pelo padre Vincent Scheil, que relatou ter encontrado entre as tabuinhas guardadas no Museu Otomano de Constantinopla uma carta do famoso rei Hamurabi da Babilônia, mencionando o nome de Kudur-Laghamar. E, como a missiva estivesse endereçada a um rei de Larsa, o padre Scheil concluiu que os três tinham sido contemporâneos; portanto, seriam três dos quatro reis orientais citados no Gênesis. Hamurabi seria "Amrafel, rei de Senaar".

Por algum tempo, o quebra-cabeças pareceu estar completo. Até hoje é possível encontrar livros de história e comentários bíblicos que afirmam que Amrafel é Hamurabi. A conclusão resultante é que Abraão foi contemporâneo desse governante, algo bastante plausível, pois acreditava-se na época que Hamurabi houvesse reinado de 2067 a 2025 a.C, colocando o patriarca, a guerra dos reis e a subsequente destruição de Sodoma e Gomorra no final do terceiro milênio antes de Cristo.

No entanto, quando pesquisas posteriores convenceram a maioria dos estudiosos de que Hamurabi havia reinado muito mais tarde (de 1792 a 1750 a.C.), a sincronização aparentemente conseguida por Scheil caiu por terra, e todas as inscrições, até mesmo as descobertas por Pinches na coleção Spartoli do Museu Britânico, tornaram-se alvo de dúvidas. De nada adiantaram as súplicas de Pinches para que suas traduções fossem examinadas com mais vagar; mesmo que os três reis identificados não fossem contemporâneos de Hamurabi, segundo ele o relato continuava sendo "uma notável coincidência histórica", que merecia reconhecimento como tal. Em 1917 Alfred Jeremias tentou reviver o interesse pelo assunto, mas a comunidade acadêmica preferiu tratar as tabuinhas Spartoli com indiferença.

Elas permaneceram ignoradas nos porões do Museu Britânico por meio século, até que M. C. Astour voltou ao tema num estudo para a Universidade Brandeis (*Political and Cosmic Symbolism in Gênesis 14*). Demonstrando que os quatro reis do oriente podiam ser identificados com governantes de épocas muito diferentes entre si, ele concluiu que o texto bíblico não era histórico, mas uma obra de filosofia religiosa, em que o autor usara quatro incidentes históricos diferentes para ilustrar uma única moral; o destino dos reis malvados.

Como logo surgiram trabalhos salientando as improbabilidades na sugestão de Astour, o interesse nos Textos Codorlaomor acabou novamente desaparecendo.

No entanto, o consenso acadêmico de que a história bíblica e os textos babilônicos derivaram de uma fonte comum, muito anterior, nos impele a reviver a súplica de Pinches e seu argumento básico: como é que textos cuneiformes, que confirmam o pano de fundo sobre uma guerra importante e dão o nome de três reis encontrados no Gênesis podem ser ignorados? Esses indícios - cruciais, como veremos, para se entender aqueles anos fatídicos - devem ser descartados simplesmente porque Amrafel não era Hamurabi?

A resposta é que a carta de Hamurabi encontrada por Scheil não deveria ter prejudicado a descoberta de Pinches, porque Scheil leu-a de modo errado. Segundo sua versão, Hamurabi prometia uma recompensa a Sin-Idinna, rei de Larsa, pelo seu "heroísmo nos tempos de Codorlaomor". Isso implicava que os dois tinham sido aliados numa guerra contra Codorlaomor e, assim, contemporâneos do rei de Elam. Devido a essa afirmação, a descoberta de Scheil foi desacreditada, pois ela contradizia tanto a afirmação bíblica de que eram três reis aliados como fatos históricos bem conhecidos: Hamurabi não tratava Larsa como aliado, mas sim como inimigo, vangloriando-se de que derrotara aquele país em batalha e atacara seu recinto sagrado "com a arma poderosa que os deuses lhe tinham dado".

Um exame mais minucioso da carta de Hamurabi revela que o padre Scheil, em sua ansiedade de provar a identificação desse rei como Amrafel, trocou o significado da missiva: Hamurabi não estava oferecendo uma recompensa através da devolução de certas deusas ao recinto sagrado de Larsa, mas sim exigindo sua devolução à Babilônia.

A Sin-Idinna assim fala Hamurabi sobre as deusas que no Emutbal [o recinto sagrado] ficaram atrás de portas, desde os tempos de Kudur-Laghamar, amarradas em panos de saco.

**Quando eles as pedirem de volta, aos meus homens entregue-as.
Os homens pegarão as mãos das deusas; a sua morada as trarão.**

Pelo texto, vê-se que o seqüestro das deusas tinha acontecido em épocas anteriores, pois elas eram mantidas cativas no Emutbal "desde os tempos de Kudur-Laghamar". Isso, portanto, significa que Codorlaomor e Hamurabi não eram contemporâneos.

Essa leitura da carta descoberta pelo padre Scheil é corroborada pelo fato de que Hamurabi repetiu a exigência em outra mensagem a Sin-Idinna, dessa vez mandando-a entregar pelas mãos de altos oficiais militares. Essa segunda

carta está no Museu Britânico (no. 23.131) e seu texto foi publicado por L. W. King em The Letters and Inscriptions of Hamarabi.

**Para Sin-Idinna assim diz Hamurabi:
Agora estou enviando Zikir-ilishu, o Oficial de Transportes, e Hamurabi-Bani, o Oficial de Vanguarda, para que eles possam trazer as deusas que estão no Emutbal.**

As instruções a seguir deixam claro que as deusas deveriam ser devolvidas de Larsa para a Babilônia:

Farás as deusas viajarem num barco de procissão, arrumado como um santuário, para que elas possam vir à Babilônia.

As mulheres do templo as acompanharão.

Encherás o barco com creme puro e cereais para alimento das deusas; carneiros e provisões colocarás no barco para sustento das mulheres do templo, o bastante para a viagem até a Babilônia.

E indicarás homens para remar o barco e soldados escolhidos para trazer as deusas em segurança à Babilônia.

Não as retardes; que elas cheguem rapidamente à Babilônia.

Fica claro, portanto, que Hamurabi - inimigo, não aliado de Larsa - estava querendo sanar males ocorridos muito antes de seu tempo, na época de Kudur-Laghamar. Assim, as cartas confirmam a existência de Codorlaomor e o reino elamita de Elasar (Larsa), elementos-chave no relato bíblico.

Em que período se encaixam esses elementos?

Como os registros históricos deixaram bem esclarecido, foi Shulgi que, em 2068 a.C. 28º. ano de seu reinado, deu sua filha em casamento a um chefe elamita e concedeu-lhe como dote a cidade de Larsa. Em troca, os elamitas colocaram uma "legião estrangeira" à disposição do rei. Essas tropas foram empregadas para subjugar as províncias ocidentais, inclusive Canaã. É então no final do reinado de Shulgi, e quando Ur ainda era uma capital imperial sob seu sucessor imediato, Amar-Sin, que encontramos a brecha no tempo histórico em que todos os registros bíblicos e mesopotâmicos parecem se encaixar com perfeição.

Creio então que é nessa época que deve ser centrada a busca pelo Abraão histórico, pois, como mostraremos adiante, a lenda de Abraão está entrelaçada com a lenda da queda de Ur, e seus tempos foram os últimos dias da Suméria. Com o descrédito da teoria Amrafel-Hamurabi, a verificação da Era de Abraão tornou-se uma verdadeira bagunça. Alguns chegaram a sugerir datas que faziam do primeiro patriarca um descendente dos reis de Israel... Todavia, as datas exatas de sua época e os eventos nela ocorridos não precisam ser adivinhados, pois as informações nos são fornecidas pela própria Bíblia. Tudo o que temos de fazer é aceitar sua veracidade.

Os cálculos cronológicos são surpreendentemente simples. Nosso ponto de partida é 963 a.C. ano em que Salomão subiu ao trono de Israel. O Livro dos Reis afirma inequivocamente que Salomão começou a reconstrução do templo de Iahweh em Jerusalém no quarto ano de seu reinado, terminando-o no 11º. ano. I Reis também diz que: "No ano quatrocentos e oitenta após a saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão sobre Israel... ele construiu o templo de Iahweh". Essa afirmação é apoiada (com uma ligeira diferença) pela tradição sacerdotal que diz que houve doze gerações de sacerdotes, cada uma de quarenta anos, desde o Êxodo até a época em que Azarias "exerceu o sacerdócio no templo construído por Salomão em Jerusalém" (Crônicas, 15:36).

Ambas as fontes concordam sobre a passagem de 480 anos, com uma diferença: uma conta a partir do início da construção do templo (960 a.C.), e a outra a partir de seu término (953 a.C.), quando puderam começar as funções de sacerdócio. Isso coloca o êxodo israelita do Egito em 1440 ou 1443 a.C. Essa última data é a que está mais de acordo com outros acontecimentos.

Com base no conhecimento reunido até o início deste século, os egiptólogos da Bíblia tinham chegado à conclusão de que o êxodo devia ter realmente acontecido em meados do século 15 a.C. No entanto, a maioria dos acadêmicos determinou uma data no século 13 porque ela parecia se encaixar melhor com a datação arqueológica de vários sítios cananeus, ajustando-se com os registros bíblicos sobre a conquista de Canã pelos israelitas.

Apesar de quase oficial, essa nova data não foi unanimemente aceita. K. M. Kenyon, um dos maiores especialistas sobre Jericó, a cidade mais importante conquistada pelos israelitas, concluiu que sua destruição nessa ocasião ocorreu por volta de 1560 a.C. - bem antes do século 13 a.C. Por outro lado, a pessoa que mais escavou Jericó, J. Garstang, afirmava que as evidências arqueológicas davam sua conquista pelos israelitas como tendo acontecido

entre 1400 e 1385 a.C. Acrescentando a esse número os quarenta anos de peregrinação israelita pelo deserto, ele e outros estudiosos encontraram apoio arqueológico para dar como data do êxodo um ano entre 1440 a 1425 a.C. - data que concorda com nossa sugestão de 1433 a.C.

Durante mais de um século os estudiosos também vasculharam os registros em busca de uma pista para determinar a data em que ocorreu o êxodo. As únicas referências aparentes são encontradas na obra de Manetho. Como citado por Flávio Josefo em Contra Apião, o historiador egípcio afirmou que, "depois que as explosões do desagrado de Deus caíram sobre o Egito", um faraó chamado Tutmosis negociou com o Povo Pastor, "O povo do leste, para eles evacuarem o Egito e irem para onde quisessem sem ser molestados". Então esse povo partiu, atravessou o deserto "e construiu uma cidade num país atualmente chamado Judéia, à qual deram o nome de Jerusalém".

Teria Josefo ajustado os escritos de Manetho para adequá-los aos relatos bíblicos ou de fato os eventos relacionados com a escravidão dos israelitas ocorreram mesmo na época do bem conhecido faraó Tutmés?

Manetho referiu-se "ao rei que expulsou o povo pastor do Egito" numa seção de sua obra dedicada aos faraós da XVIII Dinastia. Os egiptólogos agora aceitam como fato histórico a expulsão dos hicsos (os "reis pastores" asiáticos) em 1567 a.C. pelo fundador da XVIII Dinastia, o faraó Amósis. Essa nova dinastia, que estabeleceu o Novo Império no Egito, pode bem ser a nova dinastia de faraós "que não conhecia José", da qual fala a Bíblia (Êxodo 1:8).

Teófilo, bispo de Antióquia, escrevendo no século 2, também referiu-se a Manetho em suas obras e afirmou que os hebreus tinham sido escravizados pelo rei Tethmosis, para quem "construíram cidades fortificadas como Peitho, Rameses e On, que é Heliópolis, e depois partiram sob um faraó cujo nome era Amasis" .

Por tudo isso, parece que os problemas dos israelitas começaram sob um faraó chamado Tutmés e culminaram com sua partida sob um sucessor chamado Amasis. Analisemos agora os fatos históricos que já estão bem estabelecidos. Depois que Amósis expulsou os hicsos, seus sucessores no trono do Egito - vários dos quais eram chamados Tutmés, segundo os historiadores antigos - envolveram-se em campanhas militares na Grande Canaã usando a Estrada do Mar como rota de invasão. Tutmés I (1525/1512 a.C.), um soldado profissional, colocou o Egito em pé de guerra e enviou expedições militares para o interior da Ásia, atingindo até o rio Eufrates. Acreditamos que era ele

que temia pela lealdade dos israelitas e por isso ordenou a matança de todos os bebês primogênitos (Êxodo, 1:9-16). Pelos nossos cálculos, Moisés nasceu em 1513 a.C. um ano antes da morte de Tutmés I.

Já no início deste século, vários autores se perguntavam se a "filha do faraó" que retirou Moisés das águas e o criou no palácio real não seria Hatshepsut, a filha mais velha de Tutmés I com sua consorte oficial, sendo assim a única princesa que poderia ostentar o importante título de "Filha do Rei". Pensamos que fosse mesmo ela e que Moisés continuou a receber o tratamento de filho adotivo porque, depois de Hatshepsut ter se casado com o faraó seguinte, seu meio-irmão Tutmés II, ela foi incapaz de gerar descendentes.

Tutmés II morreu logo e teve um curto reinado. Tutmés III, filho de uma mulher de harém, foi o maior rei guerreiro do Egito e, no entender de alguns egiptólogos, um verdadeiro Napoleão da Antiguidade. De suas dezessete campanhas contra países estrangeiros com o intuito de obter tributos ou cativos para suas importantes obras de construção, a maioria foi realizada em Canaã, no Líbano e na margem do Eufrates. Cremos que, como T. E. Peet (Egypt and the Old Testament) e outros afirmaram antes, foi Tutmés III que escravizou os israelitas, pois em suas campanhas militares ele penetrou até Naharim, ao norte. Esse é o nome egípcio para a área no alto do rio Eufrates que a Bíblia chama de Aram-Naharim, onde tinham permanecido os parentes dos patriarcas hebreus. Isso então explicaria o temor do faraó (Êxodo 1:10) de que, "em caso de guerra... eles combaterão contra nós". Pensamos também que Moisés fugisse de uma sentença decretada por Tutmés III quando se lançou ao deserto depois de saber de suas origens hebréias e tomar o partido de seu povo.

Tutmés III morreu em 1450 a.C. e foi sucedido por Amenófis II - o Amasis de Teófilo. E, de fato, só "muito tempo depois da morte do rei do Egito", como é dito em Êxodo 2:23, Moisés atreveu-se a voltar àquele país para exigir do novo faraó (Amenófis II, em nossa opinião) que libertasse seu povo. O reinado de Amenófis II durou de 1450 a 1425 a.C., e concluímos que o êxodo aconteceu em 1433 a.C. quando Moisés estava com oitenta anos (Êxodo, 7:7). Continuando com nossos cálculos retroativos, agora tentaremos estabelecer a data em que os israelitas chegaram ao Egito. As tradições judaicas falam numa estada de quatrocentos anos, mas o livro do Êxodo diz que "a estada dos filhos de Israel no Egito durou quatrocentos e trinta anos" (12:40-41). Essa diferença pode ser atribuída ao fato de José estar com trinta anos ao ser feito chefe do Egito, época em que seus irmãos foram se juntar a ele. Isso deixa

intacto o número 400 como os anos de estada dos israelitas (não dos josefitas) no Egito e, portanto, coloca a chegada destes àquele país em 1833 a.C. (1433 + 400).

A pista seguinte é encontrada no Gênesis 47:8-9: “Então José introduziu seu pai, Jacó, e apresentou-o a Faraó... Faraó perguntou a Jacó: 'Quantos são teus anos de vida', e Jacó respondeu a Faraó: ‘Os anos de minha peregrinação sobre a terra foram cento e trinta’”. Portanto, Jacó nasceu em 1963 a.C.

Ora, Isaac estava com sessenta anos quando teve Jacó (Gênesis 25:26). Isaac nasceu de seu pai, Abraão, quando este tinha cem anos (Gênesis 21:5). Portanto, Abraão, que viveu até os 175 anos, estava com 160 quando nasceu seu neto Jacó. Isso coloca a data de nascimento de Abraão em 2123 a.C.

O século de Abraão, a centenas de anos que decorreu desde seu nascimento até o nascimento de seu filho e sucessor, Isaac, foi o século que assistiu à ascensão e queda da Terceira Dinastia de Ur. Nossa leitura da cronologia bíblica coloca Abraão bem no meio dos eventos daquela época. E não apenas como um mero observador, mas como um participante ativo.

Ao contrário do que dizem os críticos da Bíblia, que afirmam que a partir da história da Abraão ela perde o interesse na história do Oriente Médio e da Humanidade como um todo, passando a focalizar apenas a “história tribal” de uma nação específica, ela na verdade continua a relatar acontecimentos de grande importância para a espécie humana e sua civilização - em especial uma guerra com aspectos sem precedentes e um desastre de natureza única, eventos nos quais o patriarca hebreu desempenhou um importante papel. E essa é a história de como o legado da Suméria foi preservado quando a Suméria em si deixou de existir.

Apesar dos inúmeros estudos que já foram feitos sobre Abraão, o fato é que tudo o que conhecemos sobre ele é o que está na Bíblia. Descendente direto de Sem (Shem), Abraão - de início chamado Abrão -, era filho de Terah e tinha como irmãos Harã e Nahor. Quando Harã morreu, ainda bastante jovem, a família vivia em “Ur dos caldeus”. Lá Abrão casou-se com Sarai, que posteriormente veio a ser chamada de Sarah.

Então “Terah tomou seu filho Abrão e seu neto Ló, filho de Harã, e sua nora Sarai, mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para ir ao país de Canaã; mas chegando a Haran, ali se estabeleceram”.

Os arqueólogos conseguiram descobrir Haran ("O Centro das Cavernas"). Ela ficava a noroeste da Mesopotâmia, nos contrafortes das montanhas Taurus, e era uma importante encruzilhada da Antiguidade. A cidade controlava a

estrada da rota norte que cortava as terras do leste da Ásia. Na época da Dinastia de Ur, Haran marcava o ponto onde se limitavam os domínios de Nannar e Adad na Ásia Menor. Os arqueólogos descobriram que ela era um centro florescente, que copiava Ur tanto na disposição de ruas e edificações como na devoção a Nannar/Sin.

A Bíblia não esclarece o motivo da partida da família de Abraão de Ur e também não especifica em que época aconteceu. Todavia, podemos adivinhar as respostas quando relacionamos esse evento com acontecimentos ocorridos na Mesopotâmia como um todo e em Ur em particular.

A Bíblia nos informa que Abraão estava com 75 anos quando saiu de Haran para ir a Canaã. Toda a tônica da narrativa subsequente sugere uma longa estada da família em Haran. Ora, se Abraão nasceu em 2123 a.C. como concluimos anteriormente, ele era um menino de dez anos quando Ur-Nammu subiu ao trono de Ur, mesma época em que Nannar ganhou a custódia de Nippur. Portanto, Abraão era um jovem de 27 anos quando Ur-Nammu inexplicavelmente perdeu a proteção de Anu e Enlil e tombou morto num distante campo de batalha. Já descrevemos o efeito traumático do incidente sobre o povo da Mesopotâmia, o impacto que isso causou na fé em relação à onipotência de Nannar e à palavra de Enlil.

Ur-Nammu morreu em 2096 a.C. e talvez tenha sido nessa época que - sob o impacto do triste acontecimento ou em consequência dele - Terah e sua família deixaram Ur, dirigindo-se para uma terra distante, mas parando no início em Haran, uma cidade igual a Ur, que tão bem conheciam.

Durante os anos do declínio de Ur, a família permaneceu em Haran. Então, subitamente, o Senhor agiu de novo:

Iahweh disse a Abrão:

"Deixa teu país, teu local de nascimento e a casa de teu pai para o país que te mostrarei"...

Abrão partiu, como lhe disse Iahweh, e Ló partiu com ele.

Abrão tinha setenta e cinco anos quando deixou Haran.

Novamente não existe explicação para essa mudança tão radical, mas a pista cronológica é muito reveladora. O ano de 2048 a.C. quando Abraão estava com 75 anos, foi o ano da queda de Shulgi!

Como a família de Abraão era descendente direta de Sem (Gênesis 11), ele sempre foi considerado um semita, portanto diferente (na mente dos

especialistas) dos sumérios não-semitas e indo-europeus posteriores. Mas, no sentido bíblico original, todas as pessoas da Grande Mesopotâmia eram descendentes de Sem, não havendo diferença entre "semitas" e "sumérios" nesse particular. Não existe nada na Bíblia que sugira - como querem alguns estudiosos - que Abraão e sua família eram amoritas (isto é, semitas ocidentais), que tinham ido à Suméria como migrantes para depois voltarem à terra natal. Pelo contrário, todos os registros apontam para a imagem de uma família com raízes na Suméria desde seus primórdios, que de uma hora para outra recebeu ordens de abandonar sua terra natal e ir para um país desconhecido.

A correspondência dos dois eventos bíblicos que vimos acima com as datas de dois importantes eventos históricos - e outros mais que virão - deve servir para indicar uma Ligação direta entre todos eles. Abraão emerge desse quadro não como um filho de imigrantes estrangeiros, mas como herdeiro de uma família diretamente envolvida nos assuntos de Estado sumérios!

Na tentativa de descobrir quem era Abraão, os estudiosos agarraram-se à semelhança entre sua designação como hebreu (Ibri) e o termo Hapiru (que no Oriente Médio podia se transformar em Habiru), pelo qual os assírios e babilônios dos séculos 18 e 17 a.C. denominavam os semitas ocidentais salteadores. No final do século 15 a.C. o comandante de uma guarnição egípcia pediu a seu rei que lhe enviasse reforços para combater os habiru que se aproximavam do forte. Foi com base nesses indícios que alguns estudiosos entenderam que Abraão era um semita ocidental.

Muitos especialistas, contudo, duvidam que o termo habiru denote um grupo ético e imaginam se não seria um simples substantivo significando "salteadores" ou "invasores". A sugestão de que ibri (claramente derivado do verbo "atravessar, cruzar") e habiru são uma coisa só, cria substanciais problemas filológicos e etimológicos. Existem também grandes inconsistências genealógicas que deram origem a graves objeções a essa teoria sobre a identidade de Abraão, especialmente quando os dados bíblicos são comparados com a conotação "bandido" do termo habiru. A Bíblia conta incidentes relacionados com o poço de água e neles fica claro que Abraão tomava cuidado para não se envolver em conflitos com os residentes locais enquanto viajava através de Canaã. Quando ele se envolveu na Guerra dos Reis, recusou-se a tomar parte no saque. Esse não é o comportamento que se poderia esperar de um bárbaro nômade e indica o caráter de uma pessoa com altos padrões de conduta. Ao chegarem ao Egito, Abraão e Sarah foram

levados à corte do faraó. Em Canaã, Abraão fez acordos com os governantes locais. Nada disso evoca a imagem de um salteador. Muito pelo contrário, o que vem a nossa mente é um personagem de alto nível, com prática em negociação e diplomacia.

Foi devido a essas considerações que Alfred Jeremias, na época um importante assiriólogo e professor de História da Religião na Universidade de Leipzig, anunciou em sua obra *Das alte Testament im Lichte des Alten Orients*, publicada em 1930, que "Abraão era um sumério em sua formação intelectual". Ele ampliou essa conclusão em *Der Kosmos von Sumer*, um estudo publicado em 1932, em que disse: "Abraão não era um babilônio semita, mas um sumério". Em sua opinião, o patriarca teria sido o patrono de uma reforma que visava elevar a sociedade suméria a níveis religiosos mais altos.

Idéias como essas eram audaciosas demais para uma Alemanha que assistia à ascensão do nazismo e suas loucas teorias raciais. Logo depois que Hitler subiu ao poder, as sugestões heréticas de Jeremias foram violentamente combatidas por Nikolaus Schneider num estudo intitulado *War Abraham Sumerer?* Em que ele concluiu que Abraão não era nem sumério nem hebreu de ascendência pura: "Desde o reinado de Sargão em Ur, a cidade natal de Abraão, nunca houve lá uma população suméria pura, sem mestiçagem, nem uma cultura suméria homogênea".

Os acontecimentos subseqüentes, que culminaram na Segunda Guerra Mundial, puseram fim aos debates sobre o assunto. Infelizmente o fio lançado por Alfred Jeremias não foi retomado. Mesmo assim, todas as evidências bíblicas e mesopotâmicas nos dizem que Abraão era mesmo um sumério.

De fato, o Antigo Testamento (Gênesis 17:1-16) nos explica bem claramente como Abraão, através de uma aliança com seu Deus, transformou-se de um nobre sumério num potentado semita ocidental. Durante o ritual de circuncisão, ele teve o nome mudado do sumério AB.RAM ("Amado de seu Pai") para o semita/acadiano Abraão ("Pai de uma Multidão de Nações"), e o nome de sua mulher, SARAI ("Princesa") foi adaptado para Sarah, semita.

Portanto, foi somente aos 99 anos que Abraão tornou-se um "semita".

Para decifarmos o enigma milenar da verdadeira identidade de Abraão e da natureza de sua missão em Canaã, precisamos procurar respostas na história, nos costumes e na língua dos sumérios.

Seria muito ingênuo acreditar que o Senhor escolheria para chefiar uma importante missão em Canaã, da qual resultaria o nascimento de uma nação e

o governo de todas as terras desde a fronteira do Egito até a da Mesopotâmia, uma pessoa ao acaso, alguém que estivesse caminhando pelas ruas de Ur. Vamos começar a procurar mais informações sobre a família de Abraão nos nomes de seus membros. A jovem com quem ele se casou tinha o nome/epíteto de "Princesa". Ora, como ela era meia-irmã de Abraão ("Ela é realmente minha irmã, filha de meu pai, mas não de minha mãe", Gênesis 20:12), podemos assumir como certo que ou o pai de Abraão ou a mãe de Sarah era de ascendência real. Como a filha de Harã, irmão de Abraão, tinha também um nome real - Melca (Milkha), que significa "Com as Atitudes de uma Rainha" -, fica claro que o pai de Abraão, Terah, era quem descendia da realeza. Dessa forma, quando falamos na família de Abraão, estamos nos referindo a uma família pertencente aos mais altos níveis da aristocracia, sem dúvida pessoas com atitudes nobres, elegantemente vestidas, como as que encontramos retratadas em tantas estátuas sumérias.

Essa família aristocrática não apenas afirmava que descendia diretamente de Sem como mantinha registros de sua genealogia, guardando os nomes de seus primogênitos por não menos que três séculos, pois estão citados na Bíblia: Arfaxad, Salé e Héber; Faleg, Reu e Serug; Nahor, Terah e Abraão.

E o que significam esses nomes/epítetos? Se Salé ("Espada") nasceu, como diz o Gênesis, 258 anos antes de Abraão, ele veio ao mundo em 2381 a.C. época das lutas que levaram Sargão ao trono da nova capital, Acad. Após 64 anos, a família deu ao primogênito o nome de Faleg ("Divisão"). De fato, foi essa a época em que a Suméria e Acad se separaram, depois da tentativa de Sargão em remover o solo sagrado da Babilônia.

Mas até hoje o nome que mais despertou interesse é o do primogênito Héber, nascido em 2351 a.C., pois foi dele que realmente derivou o termo bíblico Ibri ("hebreu"), denominação que Abraão aplicava a si e a sua família. Esse termo tem claramente origem na raiz, que significa "atravessar, cruzar", e tudo o que os estudiosos encontraram como explicação para esse qualificativo foi a conexão habiru/hapiru, que já analisamos e descartamos. Essa interpretação errônea originou-se da busca pelo significado do nome/epíteto na Ásia Ocidental.

Um estudo mais atento mostra que o termo Ibri deriva de Eber (Héber), o pai de Faleg, e da raiz "atravessar, cruzar"; em vez de ficarmos procurando o significado do nome/epíteto em idéias relacionadas com os hapiru salteadores, devemos buscar a resposta na língua e origem sumérias de Abraão e seus ancestrais. É então que a solução surge com chocante simplicidade.

O sufixo bíblico "i", quando aplicado a uma pessoa, designa "nativo de". Um gileadi, por exemplo, era alguém nascido em Gilead. Portanto, Ibri significava nativo de um lugar chamado "Travessia" ou "Cruzamento", e esse, exatamente, era o nome sumério para Nippur: NI.IB.RU - O "Local do Cruzamento", ponto onde as linhas da Malha de Orientação pré-diluviana se cruzavam, o original Umbigo da Terra, o velho Centro de Controle da Missão. A perda da letra *n* nas transposições do sumério para o acadiano/hebraico era uma ocorrência freqüente. Ao afirmar que Abraão era um Ibri, a Bíblia estava simplesmente explicando que o patriarca era um Ni-ib-ri, ou seja, um homem de origem nippuriana!

O fato de a família de Abraão ter migrado de Ur para Haran fez com que os estudiosos concluíssem que Ur era a cidade natal do patriarca, mas na Bíblia não há nada que comprove isso. Pelo contrário, a ordem que Abraão recebeu para prosseguir até Canaã, deixando seu passado para trás, especifica três domicílios separados: o país (a Cidade-Estado de Ur), a casa do pai (na época de Haran) e o local de nascimento (não identificado). Portanto, nossa teoria de que Ibri significa "nativo de Nippur" resolve o problema do verdadeiro local de nascimento do patriarca.

Como o nome Héber indica, foi em sua época - meados do século 24 a.C. - que começou a associação da família com Nippur. Esta jamais foi uma capital real, sendo uma cidade consagrada, o "centro religioso" da Suméria no entender dos estudiosos do assunto. Lá também era o lugar onde o conhecimento da astronomia era confiado aos sumos sacerdotes e, portanto, o local onde era feito o calendário, ou seja, a lista de relações entre o Sol e a Terra e a Lua em suas órbitas.

Há muito é reconhecido que nossos calendários atuais derivam do calendário nippuriano original. Todos os indícios mostram que o calendário nippuriano começou por volta de 4000 a.C. na Era de Touro. É aí que encontramos uma outra confirmação sobre o cordão umbilical que liga os hebreus a Nippur. O calendário judaico continua contando os anos a partir de um enigmático início em 3760 a.C. (de modo que em 1990 o ano judeu era 5750). A tradição diz que essa seria uma contagem "a partir do início do mundo", mas a verdadeira afirmação que os sábios judeus fizeram é que esse é o número de anos que se passaram "desde que começou a contagem dos anos". Em nossa opinião isso significa: desde a introdução do calendário em Nippur.

Portanto, entre os ancestrais de Abraão encontramos uma família sacerdotal, de sangue real, chefiada por um alto sacerdote nippuriano; eles eram os únicos

que tinham permissão para entrar na câmara mais interna do templo, onde recebiam a palavra da deidade para transmiti-la ao rei e ao povo.

O nome do pai de Abraão, Terah, também é de grande interesse. Procurando pistas para identificá-lo somente no ambiente semita, os estudiosos da Bíblia o encaram, assim como a Héber e Nahor, como meros topônimos (nome que designam lugares), afirmando que havia cidades com essas denominações no norte e no centro da Mesopotâmia. Já os assiriólogos que procuraram o significado do nome na terminologia do acadiano (a primeira língua semita), só conseguiram encontrar o substantivo Tirhu, que significava "um artefato ou vaso para propósitos mágicos". Mas, voltando até a língua suméria, descobrimos que o sinal cuneiforme para escrever Tirhu derivava diretamente do usado para escrever o nome de um objeto chamado DUG.NAMTAR - numa tradução literal, "O que Fala a Sorte" -, ou seja, um pronunciador de oráculos!

Então, isso indica que Terah era um sacerdote do oráculo, designado para se aproximar da "Pedra que Sussurra" para ouvir as palavras da deidade e em seguida comunicá-las (com ou sem interpretação) à alta hierarquia leiga. Essa mesma função foi a posteriormente assumida pelo alto sacerdote israelita, que era o único a ter permissão para entrar no Santo dos Santos, aproximar-se do Dvir ("Falador") e "ouvir a voz de Deus vinda da cobertura que fica sobre a Arca da Aliança, entre dois querubins". No monte Sinai, durante o êxodo israelita, o Senhor proclamou que sua aliança com os descendentes de Abraão significava que eles seriam para ele "um reino de sacerdotes". Essa foi uma declaração que refletiu bem a posição da linhagem de Abraão: um sacerdócio real.

Por mais incríveis que essas conclusões possam parecer, elas estão de pleno acordo com as práticas sumérias que os reis tinham de indicar suas filhas e filhos, e muitas vezes a si mesmos, para cargos de alto sacerdócio, o que resultava num entrelaçamento entre as linhagens real e sacerdotal. Incrições votivas encontradas em Nippur confirmam que os reis de Ur apreciavam muito o título de "Devoto Pastor de Nippur" e que quando iam lá desempenhavam as funções sacerdotais. O governador de Nippur - PA.TE.SI.NI.IB.RU - era também UR.ENLIL ("O Principal Servo de Enlil"). Um exemplo é AB.BA.MU, um governador de Nippur durante o reinado de Shulgi.

O fato de uma família de pessoas tão intimamente associadas a Nippur - a ponto de chamarem-se a si próprios de "nippurianos" (ou seja, "hebreus") -

estar ocupando altos cargos em Ur é uma possibilidade que condiz com as circunstâncias que prevaleciam na Suméria na época em questão. Lembremos de que foi nessa ocasião que, pela primeira vez, Nannar e o rei de Ur obtiveram a custódia de Nippur, juntando as funções seculares e religiosas. Então é bem possível que, quando Ur-Nammu subiu ao trono de Ur, Terah tenha se mudado com a família para a capital talvez para servir de ligação entre o templo de Nippur e o palácio real. A estada da família na capital deve ter durado o mesmo tempo que o reinado de Ur-Nammu, pois foi no ano de sua morte, como já vimos, que ela se mudou para Haran.

A Bíblia não especifica o que a família fez em Haran, mas, considerando-se sua linhagem real e a sua posição religiosa, ela devia pertencer à alta aristocracia da cidade. A facilidade com que Abraão posteriormente lidou com vários reis sugere que ele estava envolvido nos assuntos de relações exteriores de Haran. Sua especial amizade com os hititas residentes em Canaã, conhecidos por sua experiência militar, pode lançar alguma luz sobre onde o patriarca adquiriu os conhecimentos militares que empregou com tanto êxito na Guerra dos Reis.

As tradições da Antiguidade costumam apresentar Abraão, como um personagem muito versado em astronomia, um conhecimento extremamente valioso nas longas viagens, em que a orientação era feita pelas estrelas. Segundo Flávio Josefo, Berosso referia-se a Abraão, sem denominá-lo especificamente, quando escreveu sobre a ascensão entre os caldeus "de um certo grande e virtuoso homem que era afamado como astrônomo". (Se Berosso realmente estava se referindo a Abraão, o significado da inclusão do patriarca hebreu nas crônicas babilônicas excede de longe uma mera citação de alguém com bons conhecimentos de astronomia.)

Durante todos os ignominiosos anos do reinado de Shulgi, a família de Terah permaneceu em Haran. Foi então que, depois do falecimento do rei, chegou a ordem divina para que eles prosseguissem a viagem para Canaã. Terah era então bastante idoso, e Nahor deveria ficar com ele em Haran. O escolhido para cumprir a missão foi Abraão, embora ele mesmo já fosse idoso, pois estava com 75 anos. Era o ano 2048 a.C. e ele marcou o início de 24 anos fatídicos - dezoito deles abrangendo os reinados cheios de guerras dos sucessores imediatos de Shulgi (Amar-Sin e Shu-Sin) e seis abrangendo o reinado de Ibbi-Sin, o último soberano de Ur.

Sem dúvida, é mais do que mera coincidência a morte de Shulgi ter servido de sinal não somente para a mudança de Abraão como também para um

realinhamento entre os deuses do Oriente Médio. Por mais incrível que pareça, foi exatamente quando Abraão (acompanhado de tropas de elite, como veremos adiante) deixou Haran - o portal para as terras hititas - que o exilado Marduk surgiu no "País dos Hatti". Uma outra notável coincidência é que Marduk permaneceu ali durante os 24 anos fatídicos que culminaram com o grande desastre.

A prova dos movimentos de Marduk é uma tabuinha encontrada na biblioteca de Assurbanipal, em que o deus, já idoso, conta sobre suas perambulações e seu retorno à Babilônia:

**Ó grandes deuses, saibam de meus segredos.
Enquanto prendo meu cinturão, as lembranças voltam a minha mente.
Sou o divino Marduk, um grande deus.
Por causa de meus pecados fui expulso e para as montanhas me dirigi.
Por muitas terras vaguei.
Fui desde onde o sol se levanta até onde ele se põe.
No País dos Hatti perguntei a um oráculo sobre meu trono e minha
soberania.
Enquanto ele falava, perguntei: "Até quando?".
E, por 24 anos, no meio deles me aninhei.**

O aparecimento de Marduk na Ásia Menor - insinuando uma inesperada aliança com Adad - era assim o outro lado da moeda da missão de Abraão em Canaã. De acordo com o restante do texto, Marduk enviou de seu novo local de exílio, passando por Haran, emissários e suprimentos para seus seguidores na Babilônia. Ele também mandou agentes comerciais a Mari, dessa forma fazendo investidas nos dois pontos de passagem - o pertencente a Nannar/Sin e o de Inanna/Ishtar.

Como se só estivesse esperando por um sinal - que foi a morte de Shulgi -, todo o mundo antigo começou a se mexer. A Casa de Nannar caíra em descrédito, e a Casa de Marduk via se apresentar uma oportunidade. Embora Marduk continuasse proibido de entrar na Mesopotâmia, seu primogênito, Nabu, esforçava-se para obter adesões à causa de seu pai. Sua base de operações era Borsippa, seu próprio "centro de culto", mas sua área de ação estendia-se muito além dele, indo até mesmo à Grande Canaã.

Foi dentro desse quadro de rápidas mudanças que Abraão recebeu a ordem de partir para Canaã. Acompanhado da mulher, do sobrinho Ló e de seu séquito,

o patriarca tomou o rumo sul. Houve uma parada em Sequém, onde ele ouviu a palavra do Senhor. "Dali ele passou à montanha, a orientação de Betel", e armou sua tenda, tendo Betel a oeste e Hai a leste. Construiu ali um altar a Iahweh e invocou seu nome. "Betel, que significava "Casa de Deus" - lugar ao qual Abraão continuou a voltar -, ficava nos arredores de Jerusalém e seu monte sagrado, o Moriá ("Monte de Dirigir"). Foi na Rocha Sagrada desse monte que a Arca da Aliança foi colocada quando Salomão construiu o templo de Iahweh em Jerusalém.

Desse lugar, "de acampamento em acampamento, ele foi para o Neguev". O Neguev, a região desértica onde se mesclavam Canaã e a península do Sinai, era claramente o destino final de Abraão. Vários pronunciamentos divinos designaram o Riacho do Egito (atualmente chamado de Wadi El-Arish) como a fronteira sul dos domínios do patriarca e o oásis de Cades-Barn como seu posto setentrional mais avançado. O que Abraão faria no Neguev, cujo próprio nome ("A Secura") alardeia sua aridez? O que existia ali para justificar uma longa e apressada viagem desde Haran, enfrentando quilômetros e quilômetros de terreno árido?

O primeiro ponto de interesse de Abraão em sua longa jornada foi o monte Moriá. Naqueles tempos o monte servia juntamente com seus vizinhos, o monte Zofim ("Monte dos Observadores") e o monte Sião ("Monte do Sinal"), como local do Centro de Controle da Missão dos Anunnaki. Quanto ao Neguev, sua única importância estava ligada ao fato de ele ser o portal para o Espaçoporto na península do Sinai.

A narrativa subsequente nos informa que Abraão tinha aliados militares na região e que em seu séquito havia um corpo de elite composto de várias centenas de guerreiros. O termo bíblico para eles, Naar, tem sido traduzido de várias maneiras, em especial como "partidários" ou simplesmente "jovens". No entanto, estudos mais profundos mostram que em hurrita a palavra designava "cavaleiros" ou "cavalaria". De fato, estudos recentes de textos mesopotâmicos que tratam de movimentações militares colocam entre os soldados da cavalaria e condutores de carros de guerra os LU.NAR ("Homens-Nar"), um grupo de cavaleiros mais rápidos. Encontramos em termo idêntico na Bíblia (Samuel, 1:30-17): depois que o rei Davi atacou o acampamento amalecita, os únicos a escapar foram "quatrocentos Ish-Naar [aqui traduzido por 'jovens', mas que numa tradução literal seria 'Homens-Nar' ou LU.NAR], que fugiram em camelos" .

As descrever os guerreiros de Abraão como Homens-Naar, o Antigo Testamento está nos informando que o patriarca levava com ele uma tropa de cavalaria que possivelmente usava camelos em vez de cavalos. Abraão pode ter emprestado a idéia de construir uma tal força de ataque rápido dos hititas, que habitavam a região fronteira de Haran. No entanto, para as regiões áridas do Neguev e da península do Sinai, a montaria mais indicada seria o camelo.

A imagem de Abraão que está emergindo desse quadro, não um pastor nômade, mas um comandante militar inovador, talvez não se ajuste à idéia habitual que se faz do patriarca, mas está de acordo com as antigas lendas sobre ele. Dessa forma, ao citar fontes mais antigas, Flávio Josefo (século 1 d.C.) escreveu: "Abraão reinou em Damasco, onde era um estrangeiro, tendo vindo das terras acima da Babilônia à frente de um exército", de onde, "depois de um longo tempo, Deus o fez sair junto com seus homens e ele foi para a região que na época era chamada de Terra de Canaã, mas que atualmente é a Judéia".

A missão de Abraão, portanto, era de cunho militar. Ele deveria proteger as instalações espaciais dos Anunnaki - o Centro de Controle da Missão e o Espaçoporto!

Depois de uma curta estada no Neguev, Abraão atravessou a península do Sinai e entrou no Egito. Não sendo nômades comuns, ele e Sarah foram recebidos no palácio real. Pelos meus cálculos isso aconteceu por volta de 2047 a.C. quando os faraós que governavam o Baixo Egito (região norte do país), por não serem seguidores de Amen ("O Deus Escondido", isto é, Ra/Marduk), estavam enfrentando as pressões dos príncipes de Tebas (região sul), onde Amen era considerado a divindade suprema. Só poderemos adivinhar que assuntos de Estado - alianças, defesas conjuntas, ordens divinas - foram discutidos entre o faraó acossado e o Ibri, o general nippuriano. A Bíblia silencia sobre isso e também sobre a duração da estada do patriarca no Egito (que o Livro dos Jubileus afirma ter sido de cinco anos). Quando chegou a hora de Abraão voltar ao Neguev, ele estava acompanhado de uma grande comitiva de homens do faraó.

"Do Egito, Abraão com sua mulher, e tudo o que possuía, e Ló com ele, subiram ao Neguev". Ainda segundo a Bíblia, o patriarca estava "rico em rebanhos" de carneiros e gado para fornecer alimentos e roupas, e de jumentos e camelos de montaria. Novamente Abraão foi para Betel com a intenção de "invocar os nome de Iahweh", procurando instruções. Seguiu-se uma

separação de Ló, pois o sobrinho optou por residir na Planície do Jordão, "que era toda irrigada - antes que Iahweh destruísse Sodoma e Gomorra como o jardim de Iahweh, como a terra do Egito, até Segor". O patriarca prosseguiu viagem para a região montanhosa, estabelecendo-se no pico mais alto próximo de Hebron, do qual podia ver em todas as direções. O Senhor lhe disse: "Anda! Percorre esta terra no seu cumprimento e na sua largura porque eu ta darei".

E foi logo depois disso que, "no tempo de Amrafel, rei de Senaar", formou-se a expedição militar da aliança oriental.

"Por doze anos [os reis cananeus] ficaram sujeitos a Codorlaomor, mas no décimo terceiro ano eles se revoltaram". (Gênesis,14:4-5).

Há muito os estudiosos buscam nos registros arqueológicos indícios que possam esclarecer os eventos relatados na Bíblia. Seus esforços, contudo, têm sido infundados porque eles insistem em procurar Abraão na era errada. Mas, se estamos mesmo certos em nossa cronologia, fica simples encontrar solução para o problema "Amrafel". É uma solução nova, mas que se apóia em sugestões feitas (e ignoradas) mais de século atrás.

Em 1875, comparando a leitura tradicional do nome - Amrafel com sua grafia nas traduções primitivas da Bíblia, F. Lenormant sugeriu que a leitura correta deveria ser "Amar-pai". Dois anos depois o especialista D. H. Haigh também adotou essa versão, salientando que o segundo elemento "é o nome de um deus Lua [Sin]", e declarou: "Há muito estou convencido de que Amar-pal é um dos reis de Ur".

Em 1916 Franz M. Bohl, em sua obra sobre os reis dos Gênesis, sugeriu de novo - e sem sucesso - que a leitura correta de "Amrafel" deveria mesmo ser "Amar-pal", explicando que significava "Visto pelo Filho", uma denominação bem de acordo com outros nomes reais do Oriente Médio, como, por exemplo, o do egípcio Thot-més ("Visto por Thot").

Pal, que significa "filho", era realmente um sufixo comum nos nomes reais mesopotâmicos e costumava ser usado para denominar a deidade considerada o filho de um determinado deus. Como em Ur, Nannar/Sin era considerado o filho predileto de Enlil. Nossa teoria é de que Amar-pal e Amar-Sin fossem um único nome.

Minha identificação do "Amrafel" do Gênesis 14 como sendo Amar-Sin, o terceiro rei da III Dinastia de Ur, ajusta-se perfeitamente à cronologia bíblica e à suméria. O relato bíblico sobre a Guerra dos Reis coloca a campanha

numa data logo após a volta de Abraão do Egito para o Neguev, mas antes do décimo aniversário de sua chegada a Canaã, ou seja, entre 2042 e 2039 a.C. Amar-Sin/Amar-pal reinou de 2047 a 2039 a.C. Portanto, a Guerra dos Reis aconteceu no final de seu reinado.

Os cálculos relacionados com o reinado de Amar-Sin apontam seu sétimo ano - 2041 a.C. - como aquele em que houve a importante expedição militar às províncias ocidentais. Os dados bíblicos (Gênesis 14:4-5) dizem que a guerra estourou catorze anos depois que os elamitas a serviço de Codorlaomor subjugaram os reis cananeus. E, de fato, catorze anos antes de 2041 - 2055 a.C. - foi a data em que Shulgi, depois de ouvir os oráculos de Nannar, enviou os elamitas para Canaã.

Nossa sincronização entre os eventos bíblicos e sumérios e suas respectivas datas resulta na seguinte seqüência, que é sustentada por todos os fatores de tempo relacionados na Bíblia:

2123 a.C. Abraão nasce em Nippur

2113 a.C. Ur-Nammu sobe ao trono de Ur e recebe a custódia de Nippur.
Terah e sua família mudam para Ur.

2095 a.C. Shulgi sobe ao trono depois da morte trágica de Ur-Nammu.
Terah e sua família partem para Haran.

2055 a.C. Shulgi recebe os oráculos de Nannar e envia tropas elamitas a Canaã.

2048 a.C. Anu e enlil ordenam a morte de shulgi.
Abraão, aos 75 anos, recebe a ordem de sair de Haran.

2047 a.C. Amar-Sin ("Amrafel") ascende ao trono de Dr.
Abraão sai do Neguev para o Egito.

2042 a.C. Os reis cananeus prestam fidelidade a "outros deuses".
Abraão volta do Egito com tropas de elite.

2041 a.C. Amar-Sin inicia a Guerra dos Deuses.

Quem seriam os "outros deuses" que estavam ganhando a lealdade das cidades cananéias? A resposta é: Marduk, que tramava de seu novo local de exílio, mais próximo da arena dos acontecimentos, e Nabu, seu filho, que percorria o leste de Canaã procurando adesões à causa de seu pai. Como indicam os nomes dos lugares citados na Bíblia, toda a terra de Moab caíra sob a influência de Nabu. A região também era conhecida por Terra de Nabu, e muitos dos acidentes geográficos da área tinham nomes dados em honra desse deus. O pico mais alto da região manteve seu nome através dos milênios e chegou até nós. É o monte Nebo.

Então esse é o quadro histórico dentro do qual o Antigo Testamento colocou a invasão vinda do oriente. Mas, mesmo encarada do ponto de vista da Bíblia, que comprimiu as lendas mesopotâmicas dos deuses num molde monoteísta, essa guerra foi realmente incomum. O propósito declarado - o abafamento de uma rebelião - foi na verdade apenas uma faceta secundária. O verdadeiro alvo uma encruzilhada no deserto - nunca foi atingido.

Seguindo a rota sul, que ia da Mesopotâmia a Canaã, os invasores desceram para a região da atual Transjordânia, tomando a Estrada do Rei e atacando os mais importantes postos avançados que guardavam os pontos de travessia do rio Jordão: Astarot-Carnaim, ao norte; Ham, no centro; e Cariataim no sul.

Segundo a história bíblica, o verdadeiro alvo dos invasores era El-Farã (El-Parã), mas ele jamais chegou a ser alcançado. Continuando o avanço pela Estrada do Rei, eles em seguida deram a volta em torno do mar Morto, passaram pelo monte Seir e tomaram a direção de El-Farã "na margem do deserto". No entanto, foram forçados a dar meia-volta na altura de "Ein-Nushpat (a Fonte do Julgamento) que é Cades". Portanto, El-Farã ("lugar Glorioso de Deus"?) não foi atingido. De alguma forma os invasores foram derrotados nas cercanias de Cades.

Foi na volta do avanço frustrado a El-Farã que os invasores se defrontaram com os reis cananeus. "O rei de Sodoma, o rei de Gomorra, o rei de Adama e o rei de Seboim e o rei de Bela (este é Segor) fizeram uma expedição e ergueram batalha contra eles no vale de Sidim"...

Portanto, a batalha com os reis cananeus foi uma fase posterior da guerra e não o primeiro objetivo. Há um século, num minucioso estudo intitulado Kadesh-Barnea, H. C. Trumbull concluiu que o verdadeiro objetivo dos reis invasores era El-Farã, que ele identificou corretamente como o oásis fortificado chamado Nakhel, situado na planície central da península do Sinai. Porém, nem ele nem outros estudiosos chegaram a explicar por que uma

grande coalizão de reis enviaria um exército para um alvo tão distante, situado a milhares de quilômetros de seus domínios, enfrentando deuses e homens, com o único objetivo de capturar um oásis isolado no meio de uma vasta planície desértica.

Então, por que eles foram até lá e quem bloqueou seu avanço em Cades-Barne, forçando-os a voltar?

Ninguém até agora deu uma resposta a essa pergunta. E nenhuma outra faria sentido senão a que oferecemos: o alvo do exército invasor era o Espaçoporto, e quem bloqueou seu avanço em Cades-Barne foi Abraão.

Desde épocas muito primitivas Cades-Barne era o local mais próximo das instalações espaciais dos Anunnaki no qual os homens podiam entrar sem ter permissão especial. Shulgi esteve lá para orar e fazer oferendas ao "Deus que Julga". Quase mil anos antes dele o rei sumério Gilgamesh parou lá para tentar conseguir a permissão especial. Ali era o lugar que os sumérios chamavam de BAD.GAL.DINGIR e Sargão de Acad de Dur-Mah-Ilani, e que as inscrições colocam-no inequivocamente em Tilmun (a península do Sinai). Nossa teoria é de que esse era o lugar que a Bíblia chama de Cades-Barne e foi lá que Abraão, com suas tropas de elite, bloqueou o avanço dos invasores sobre o Espaçoporto propriamente dito.

As insinuações do Antigo Testamento tornam-se um relato detalhado nos Textos de Codorlaomor, descobertos na Mesopotâmia, que esclarecem que o objetivo da guerra foi enviar a volta de Marduk e tentar frustrar seus esforços para conseguir acesso ao Espaçoporto. Esses textos não somente dão os nomes dos mesmos reis citados na Bíblia como repetem até o pormenor do Antigo Testamento sobre a mudança da lealdade no "décimo terceiro ano".

Quando analisamos os Textos de Codorlaomor a fim de esclarecer a narrativa bíblica, devemos ter em mente que eles foram escritos por um historiador babilônico favorável às ambições de Marduk em transformar a Babilônia no "umbigo das quatro regiões voltado para o céu". Foi com o objetivo de frustrar essas ambições que os deuses contrários a Marduk ordenaram que Codorlaomor capturasse e profanasse a Babilônia:

Os deuses...

Para Kudur-Laffimar, rei da terra de Elam, eles decretaram: "Desça lá!".

O que era mau para a cidade ele fez.

**Na Babilônia, a preciosa cidade de Marduk, ele apoderou-se da
soberania; na Babilônia, a cidade do rei dos deuses,
Marduk, a monarquia derrubou; fez do templo um covil para os bandos
de cães; corvos em vôo, aos gritos, seu esterco depositaram lá.**

A humilhação da Babilônia foi só o começo. Depois das “más ações” cometidas lá, Utu/Shamash agiu contra Nabu, a quem acusava de ter subvertido a lealdade de um certo rei para com seu pai, Nannar/Sin. E isso aconteceu, afirmam os Textos de Codorlaomor, no décimo terceiro ano (exatamente como diz o Gênesis 14).

**O filho de seu pai veio diante dos deuses; naquele dia, Shamash, o
Brilhante, contra o senhor dos senhores,
Marduk falou:
"A fidelidade de seu coração o rei traiu: na época do décimo terceiro
ano ele entrou em desacordo com meu pai".
"O rei deixou de cumprir suas funções ligadas à fé; tudo por culpa de
Nabu".**

Os deuses em assembléia, assim alertados para o papel desempenhado por Nabu na disseminação das rebeliões, formaram uma coalizão de reis leais e indicaram o elamita Kudur-Laghamar como seu comandante militar. A primeira ordem foi: "Que Borsippa, a fortaleza de Nabu, com armas seja aniquilada". Executando a ordem, "Kudur-Laghamar, abrigando malvados pensamentos contra Marduk, destruiu o santuário de Borsippa com fogo e matou seus filhos à espada". Em seguida veio a ordem para a formação de uma expedição contra os reis rebeldes. O texto babilônico dá a lista dos alvos a ser atacados e os nomes de quem deveria chefiar a investida. Entre eles reconhecemos alguns nomes hebreus. Eriaku (Arioc) deveria atacar Shebu (Beersheba), e Tud-Ghula (Tadal) estava incumbido de "com a espada aniquilar os filhos de Gaza".

Agindo de acordo com o oráculo de Ishtar, o exército dos reis do oriente chegou à região da atual Transjordânia. O primeiro lugar a ser atacado foi uma fortaleza nas "terras altas", vindo em seguida Rabattim. A rota seguida foi a mesma descrita no capítulo 14 do Gênesis: do território montanhoso ao norte para o distrito de Rabat-Amon no centro, seguindo para o sul e dando a volta no mar Morto. Em seguida Dur-Mah-Ilani deveria ser capturada, e as

idades cananéias (inclusive Gaza e Bersabéia, no Neguev) severamente punidas. Porém, em Dur-Mah-Ilani, segundo o texto babilônico, "o filho do sacerdote, a quem os deuses tinham ungido em conselho", pôs-se no caminho dos invasores e "impediu a humilhação".

O texto babilônico estaria de fato se referindo a Abraão, o filho de Terah, o sacerdote? A possibilidade é reforçada pelo fato de que os textos bíblicos e mesopotâmicos tratam de um mesmo evento, da mesma localidade e com o mesmo resultado.

No entanto, existe mais do que apenas uma possibilidade, pois descobrimos uma pista extremamente intrigante: até agora tinha passado despercebido o fato de que as listas de datas para o reinado de Amar-Sin chamam seu sétimo ano - o crucial 2041 a.C. ano da expedição militar - também de MU NE IB.RU.UM BA.HUL, ou seja, "ano no qual a morada pastoril de IB.RU.UM foi atacada" .

Essa afirmação, dando o ano crucial exato, poderia estar se referindo a outro que não Abraão e o lugar em que ele montara suas tendas?

Existe também uma possível comemoração gravada dessa invasão. É uma cena num escudo cilíndrico sumério, que tem sido considerada uma representação da viagem de Etana, um dos primeiros reis de Kish, ao Portão Alado, onde uma "Águia" o levou tão alto que a Terra desapareceu de vista. Todavia, o escudo mostra o herói coroadado montado num cavalo - costume ainda não existente no tempo de Etana - e parado entre o local onde ficava situado o Portão Alado e dois grupos distintos. Num deles, quatro potentados armados, cujo líder também está a cavalo, avançam para uma área cultivada na península do Sinai (indicada pelo símbolo do crescente de Sin, com o trigo crescendo dentro dele). O outro grupo é constituído por cinco reis que olham para a direção oposta. Portanto, o desenho tem todos os elementos de uma antiga ilustração da Guerra dos Reis e do papel desempenhado pelo "Filho do Sacerdote", não lembrando em nada a viagem de Etana ao Espaçoporto. O herói, a figura central da cena, então seria Abraão.

Depois de cumprir a missão de proteger o Espaçoporto, Abraão voltou a sua base perto de Hebron. Encorajados pelo feito do patriarca, os reis cananeus mandaram suas forças interceptarem o exército oriental que estava em retirada. Este, contudo, levou a melhor, e os guerreiros "tomaram todos os bens de Sodoma e Gomorra", bem como um refém de primeira qualidade: "eles tomaram também Ló (o sobrinho de Abraão) e se foram; ele morava em Sodoma".

Ao saber do incidente, Abraão convocou seus melhores cavaleiros e partiu em perseguição aos invasores em retirada. Alcançando-os perto de Damasco, conseguiu libertar Ló e recuperar todo o butim. Ao voltar foi saudado como um vitorioso no vale de Salém (Jerusalém):

Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho, pois era sacerdote do Deus Altíssimo.

Ele pronunciou esta bênção:

"Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo que criou o Céu e a Terra; e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus inimigos em tuas mãos".

Logo os reis cananeus também chegaram para agradecer a Abraão e lhe ofereceram todos os bens capturados como recompensa. Mas Abraão, dizendo que seus aliados locais poderiam compartilhar do butim, não aceitou "nem uma correia de sandália" para si mesmo e seus guerreiros. Ele não agira por amizade aos reis cananeus nem por inimizade à Aliança Oriental. Na guerra entre a Casa de Nannar e a Casa de Marduk, Abraão era neutro. Como ele mesmo afirmou, foi por "Iahweh, o Deus Altíssimo, que criou o Céu e a Terra, que levantei minha mão".

A invasão fracassada não conseguiu impedir aquela onda de eventos no mundo antigo. Um ano depois, em 2040 a.C. Mentuhotep II, líder dos príncipes tebanos, derrotou os faraós do norte e ampliou o governo de Tebas (e de seu deus) até os arredores ocidentais da península do Sinai. No ano seguinte, Amar-Sin tentou atingir a península por mar, mas acabou encontrando a morte devido a uma picada venenosa.

Os ataques contra o Espaçoporto tinham sido contidos, mas o perigo que o ameaçava não fora eliminado. Os esforços de Marduk para conseguir a supremacia entre os deuses se intensificaram ainda mais. Quinze anos depois, Sodoma e Gomorra desapareceram em chamas quando Ninurta e Nergal desencadearam a fúria das Armas do Juízo Final.

14

O HOLOCAUSTO NUCLEAR

O Juízo Final veio no 24º. ano, quando Abraão, acampado perto de Hebron, estava com 99 anos.

Iahweh lhe apareceu no bosque de Mambré quando ele estava sentado na entrada da tenda, ao maior calor do dia. Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens em pé, junto dele. Logo que os viu, correu da tenda ao encontro deles e se prostrou por terra.

Subitamente, a partir de uma cena bastante típica do Oriente Médio - um potentado repousando à sombra de sua tenda - o narrador do Gênesis 18 leva Abraão, e também o leitor, a um encontro com seres divinos. Embora o patriarca estivesse na entrada da tenda, não viu os três visitantes se aproximando. De repente estavam "junto dele". E, apesar de serem "homens", Abraão imediatamente reconheceu suas verdadeiras identidades e prostrou-se diante deles, chamando-os de "meus senhores" e pedindo-lhes que não se fossem antes que ele tivesse a oportunidade de mandar preparar para eles uma suntuosa refeição.

Depois que os visitantes comeram e repousaram, o líder perguntou a Abraão sobre o paradeiro de Sarah e então disse: "Voltarei a ti no próximo ano; então tua mulher Sarah terá um filho" .

Mas aquela visita não tinha como propósito apenas prometer a Abraão e Sarah, já muito idosos, o nascimento de um Herdeiro Legítimo. Havia um objetivo mais agourento nela:

Tendo-se, pois levantado dali, aqueles homens voltaram os olhos para Sodoma; e Abraão os conduziu e foi com eles.

Então disse o Senhor:

"Acaso poderei eu ocultar de Abraão o que estou para fazer"?

Recordando-se dos serviços prestados pelo patriarca no passado e do futuro fecundo que lhe prometera, o Senhor resolveu revelar-lhe o propósito daquela viagem: verificar as acusações contra Sodoma e Gomorra. "O grito contra Sodoma e Gomorra é muito grande. Seu pecado é muito grave". Por isso ele decidira ver *in loco* o que estava acontecendo. "Vou descer e ver se eles fizeram ou não tudo o que indica o grito que, contra eles, subi até mim". Se fossem constatados os pecados das cidades, elas seriam aniquiladas.

A subsequente destruição de Sodoma e Gomorra tornou-se um dos episódios bíblicos mais retratados e descritos em sermões. Os ortodoxos e fundamentalistas acreditam piamente que Deus literalmente fez derramar fogo e enxofre dos céus para varrer as cidades pecadoras da face da Terra. Os

eruditos há muito vêm tentando encontrar explicações "naturais" para a história bíblica. Teria sido um terremoto, uma erupção vulcânica, um fenômeno da natureza, que foi interpretado como um ato de Deus, um castigo. Mas, pelo que diz a narrativa bíblica - e até agora ela é a única fonte para todas as interpretações -, o evento *não* foi uma calamidade natural. Ele é descrito como um feito *premeditado*: o Senhor revelou antecipadamente a Abraão o que ia acontecer. Ele era *evitável*, portanto não um desastre causado por forças naturais irreversíveis, pois só aconteceria se o "grito" contra Sodoma e Gomorra fosse confirmado. E, como veremos adiante, ele era *adiável*, ou seja, poderia acontecer mais cedo ou mais tarde, dependendo da vontade do Senhor.

Dando-se conta da possibilidade de evitar a calamidade, Abraão tentou argumentar: "Talvez haja cinqüenta justos na cidade. Destruirás e não perdoarás a cidade pelos cinqüenta justos que estão em seu seio?". E rapidamente acrescentou: "Longe de ti fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador... Longe de ti! Não fará justiça o juiz de toda a Terra?".

Um mortal fazendo um sermão a uma Divindade! E a súplica era para evitar a destruição - premeditada -, se houvesse pelo menos cinqüenta pessoas virtuosas nas cidades. Mas nem bem o Senhor concordou em poupar Sodoma e Gomorra, caso nelas fossem encontradas essas cinqüenta pessoas, Abraão (que talvez tenha escolhido o número 50 ciente de que ele tinha um significado especial para o Senhor) imaginou em voz alta se Iahweh ainda destruiria as cidades se faltassem apenas cinco para completar esse número. Quando o Senhor concordou em desistir da destruição se fossem encontrados 45 justos, Abraão continuou a barganhar, descendo o número para quarenta, trinta, vinte e depois dez. "E o Senhor disse: 'Não destruirei se houver dez'. E Iahweh, tendo acabado de falar a Abraão, foi-se, e Abraão voltou para seu lugar".

Ao anoitecer, os dois companheiros do Senhor - a Bíblia agora passa a chamá-los de *Mal'akhim*, que costuma ser traduzido por "anjos", mas que de fato significa "emissários" - chegaram a Sodoma com a missão de procurar confirmação para as acusações de iniquidade. Ló, que estava sentado à porta da cidade, reconheceu de imediato (exatamente como aconteceu com Abraão) a natureza divina dos dois recém-chegados. Sem dúvida a identidade deles era revelada pela aparência, trajes ou armas que usavam, ou talvez pela maneira (numa aeronave qualquer?) como tinham chegado.

Foi a vez de Ló insistir na hospitalidade, e os dois aceitaram o convite para pernoitar em sua casa. No entanto, não foi uma noite tranqüila, pois a notícia da chegada dos visitantes agitou toda a cidade.

"Eles ainda não tinham deitado quando a casa foi cercada pelos homens da cidade, os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, todo o povo sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: 'Onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Traze-os, para que deles abusemos'". Quando Ló se recusou a atender a ordem, os homens tentaram invadir sua casa, mas os dois *Mal'akhim* "os feriram de cegueira, do menor até o maior, de modo que não conseguiram encontrar a entrada".

Percebendo que de todos os moradores da cidade só Ló era "justo", os dois emissários deram por terminada a investigação. O destino da cidade estava selado. "Os homens disseram a Ló: 'Quem mais tens aqui além de ti? Teus filhos, tuas filhas, todos os teus que estão na cidade, faze-os sair deste lugar porque vamos destruí-lo'".

Ló apressou-se a avisar seus futuros genros, mas só encontrou descrença e gracejos. Assim, ao raiar da aurora, quando os emissários insistiram para que Ló fugisse sem demora, ele partiu levando consigo apenas a mulher e as duas filhas solteiras.

E como Ló hesitasse, os homens o tomaram pela mão, bem como sua mulher e suas duas filhas - pela piedade que Iahweh tinha por ele. Eles o fizeram sair e o deixaram fora da cidade.

Tendo retirado a família por via aérea, os emissários deixaram os quatro longe da cidade e avisaram Ló para que fugisse para as montanhas. "Salva-te pela tua vida! Não olhes para trás de ti nem te detenhas em nenhum lugar da planície; foge para a montanha para não pereceres", explicaram. Mas Ló, temeroso de não conseguir atingir as montanhas a tempo "Sem que me atinja o mal e eu venha a morrer", sugeriu: a destruição de Sodoma não poderia ser adiada até ele chegar à cidade de Segor? Concordando com a idéia, os emissários pediram-lhe que se apressasse: "Depressa, refugia-te lá, porque nada podemos fazer enquanto não tiveres chegado lá".

Portanto, a calamidade não somente era previsível e evitável como também podia ser adiada. E mais: podia afligir uma cidade e não outra, bastante próxima. Nenhuma catástrofe natural se ajusta a esses parâmetros.

No momento em que o sol se erguia sobre a Terra e que Ló entrou em Segor, Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindo de Iahweh e destruiu essas cidades e toda a planície, com todos os habitantes das cidades e a vegetação do solo.

As cidades, as pessoas, a vegetação, tudo foi destruído pela arma dos deuses. Seu fogo e calor calcinaram tudo o que havia à frente. A radiação afetou até mesmo aqueles que estavam a uma certa distância. A mulher de Ló, ignorando a instrução de que não deveria olhar para trás enquanto fugiam, transformou-se num "pilar de vapor". O "mal" que Ló temia a apanhou...

Uma a uma, as cidades que "tinham ofendido o Senhor" foram sendo destruídas, e em cada uma delas Ló recebia instruções para continuar fugindo.

Assim, quando Deus destruiu as cidades na planície, ele se lembrou de Abraão e retirou Ló do meio da catástrofe, na destruição das cidades em que Ló habitava.

Ló, seguindo as instruções recebidas, foi "se estabelecer na montanha... e se instalou numa caverna, ele e suas duas filhas".

Tendo sido testemunhas da destruição pelo fogo e calor de tudo o que era vivo na planície do Jordão e da ação da morte invisível que vaporizara sua mãe, o que as filhas de Ló podiam pensar? Vemos, na seqüência da narrativa, que elas imaginaram que os três fossem os únicos sobreviventes do mundo e que o único modo de preservar a espécie humana seria as duas cometerem incesto para conceber filhos de seu pai...

"A mais velha disse à mais nova: 'Nosso pai é idoso e não há nenhum homem na Terra que venha unir-se a nós segundo o costume de todo o mundo. Vem, façamos nosso pai beber vinho e deitemo-nos com ele, assim suscitaremos uma descendência de nosso pai'". Feito isso, as duas engravidaram e tiveram filhos.

A noite anterior ao holocausto deve ter sido de insônia e ansiedade para Abraão. Sem dúvida ele se preocupava com o destino de Ló e de sua família no caso de não serem encontrados os dez justos em Sodoma. "Levantando-se de madrugada, Abraão foi ao lugar onde estivera na presença de Iahweh e olhou para Sodoma, para Gomorra e para toda a planície, e eis que viu a fumaça subir da terra, como a fumaça de uma fornalha"!

O patriarca estava testemunhando uma "Hiroxima", uma "Nagasaki" - a destruição de uma planície fértil e densamente povoada por armas atômicas. O ano era 2024 a.C.

Onde estão os restos de Sodoma e Gomorra? Os antigos geógrafos gregos e romanos afirmavam que o fértil vale onde antes ficavam as cinco cidades atingidas tinha sido inundado pelo desastre. De fato, os estudiosos modernos acreditam que a catástrofe descrita na Bíblia (qualquer que tenha sido sua causa "natural") provocou uma falha na margem sul do mar Morto, o que fez suas águas derramarem e cobrirem as regiões mais baixas a sua frente. A parte restante da antiga margem passou a ser chamada pelos nativos da região de el-Lissan ("a Língua"), nome que conserva até hoje. O vale onde ficavam as cinco cidades tornou-se uma nova parte do mar Morto, apelidada de "mar de Ló". Além disso, o derrame das águas para o sul fez descer a margem norte do mar Morto.

A possibilidade de ter havido uma explosão nuclear na região vem sendo confirmada por várias pesquisas, que começaram com uma abrangente exploração da área nos anos 20 do século passado por uma missão científica patrocinada pelo Pontifício Instituto Bíblico do Vaticano. Os arqueólogos dessa equipe descobriram que os povoados que ficavam nas montanhas em torno da área foram abruptamente abandonados no século 21 a.C. e permaneceram desocupados por muitos séculos. E mais: até hoje a água das fontes que cercam o mar Morto são contaminadas por radioatividade, que segundo o I. M. Blake, em "A Cura de Josué e o Milagre de Eliseu", artigo publicado em *The Palestine Exploration Quarterly*, "é forte o bastante para provocar a esterilidade e outras enfermidades em homens e animais que a ingeriram por muitos anos seguidos".

A nuvem da morte que se espalhou sobre as cidades da planície assustou não apenas Ló e suas filhas, mas também Abraão. Ele não se sentia seguro nem mesmo nas montanhas de Hebron, a cerca de setenta quilômetros do local da catástrofe. A Bíblia nos conta que ele levantou acampamento e mudou-se para o oeste, indo morar em Gerara.

Abraão também não quis mais se aventurar à península do Sinai. Mesmo muitos anos depois, quando seu filho Isaac mostrou desejo de ir ao Egito por causa da seca e da fome em Canaã. "Iahweh apareceu diante dele e disse: 'Não vás ao Egito; reside na terra que te mostrarei'". Isso sugere que a passagem pela península do Sinai ainda não era segura. E por quê?

Cremos que a destruição das cidades da planície foi só um espetáculo secundário. Nessa mesma ocasião houve a destruição do Espaçoporto na península do Sinai e a explosão deixou uma radiação mortal que permaneceu ali por muitos séculos.

O principal alvo do ataque nuclear foi a península do Sinai. Mas a verdadeira vítima, no final de tudo, foi a Suméria.

Embora o final de Ur tenha sido rápido, ele veio se aproximando, tornando-se cada vez mais tenebroso, a partir da Guerra dos Reis. O ano do Juízo Final - 2024 a.C. - foi o sexto do reinado de Ibbi-Sin, o último rei de Ur. Mas, para encontrarmos o motivo da calamidade, explicações sobre sua natureza e pormenores sobre sua abrangência, temos de estudar os registros dos 24 anos fatídicos que transcorreram desde aquela guerra.

Tendo falhado em sua missão e sido duas vezes humilhados pelas forças de Abraão - uma vez em Cades-Barne, depois perto de Damasco -, os reis que pretendiam invadir Canaã foram prontamente retirados de seus tronos. Em Ur, Amar-Sin foi sucedido por seu irmão, Shu-Sin. A grande coalizão não existia mais, e os antigos aliados agora estavam começando a se apoderar de partes do antigo império de Amar-Sin.

Embora Nannar/Sin e Inanna também tivessem ficado desacreditados com o fracasso da investida dos reis, eles foram os primeiros deuses a receber a lealdade de Shu-Sin. Segundo as inscrições desse rei, foi Nannar que "chamou seu nome" para torná-lo soberano de Ur. Shu-Sin também chamava a si mesmo de "amado de Inanna" e afirmava que a deusa em pessoa o apresentara a Nannar.

Shu-Sin também se vangloriava de que "a santa Inanna", a com extraordinárias qualidades, a "Primeira Filha de Sin", lhe dera armas "com as quais combateria os países inimigos desobedientes". Todavia, tudo isso foi suficiente para manter coeso o império sumério, e Shu-Sin achou prudente solicitar o auxílio de deuses maiores.

A julgar pelos formulários de datas - inscrições anuais com objetivos sociais e comerciais, em que cada ano de um reinado era designado pela principal realização do rei naquele período -, no seu segundo ano Shu-Sin tentou obter a graça de Enlil construindo para ele um barco sem igual, capaz de navegar em mar alto e até atingir o Mundo Inferior. O terceiro ano também foi de preocupação com o alinhamento pró-Enki, pois isso talvez resultasse na pacificação dos seguidores de Marduk e Nabu. Não se sabe no que deram

essas tentativas de troca de fidelidade, mas tudo indica que elas foram em vão, pois o quarto e o quinto anos foram marcados pela construção de uma grande muralha na fronteira ocidental da Mesopotâmia, com o fim específico de conter as incursões dos "ocidentais" seguidores de Marduk.

Com o crescimento das pressões vindas do oeste, Shu-Sin procurou se aproximar dos grandes deuses de Nippur, pedindo perdão e salvação. Os formulários de dados, confirmados pelas escavações mais modernas, revelam que o rei iniciou uma maciça reconstrução do recinto sagrado de Nippur numa escala sem precedentes desde a era de Ur-Nammu. As obras culminaram com a colocação de uma estela em honra de Enlil e Ninlil. O rei desejava desesperadamente ser aceito pelo casal divino, mas só Ninlil, a consorte de Enlil, deu ouvidos à sua súplica. Compadecendo-se de Shu-Sin e desejando "prolongar o bem-estar do rei para ampliar o tempo de sua coroa", deu-lhe uma "arma cujo brilho aniquila... cujo assustador relâmpago atinge o céu".

Um texto de Shu-Sin catalogado como "Coleção B" sugere que, em seus esforços para restabelecer antigos vínculos com Nippur, o rei pode ter tentado uma reconciliação com os nippurianos que tinham deixado Ur (tal como a família de Terah) depois da morte de Ur-Nammu. O texto afirma que, depois de ele ter feito a região onde ficava Haran "tremar de medo diante de suas armas", ele fez um gesto de paz mandando para lá uma de suas filhas para se casar com um chefe local ou seu herdeiro. A moça em seguida voltou à Suméria, e em seu séquito estavam aqueles antigos cidadãos de Nippur. Shu-Sin fez questão de apregoar que era a primeira vez que um rei fundava uma cidade para esse casal de deuses, sem dúvida esperando elogios e apoio. Possivelmente com a ajuda dos nippurianos repatriados, ele reinstalou as funções sacerdotais no templo de Nippur, concedendo a si mesmo o título de sumo sacerdote.

Contudo, isso foi em vão. Em vez de maior segurança, passou a existir maiores perigos no império. Agora a preocupação com a lealdade não estava apenas restrita às províncias distantes. Havia dúvidas dentro da própria Suméria. Segundo as inscrições de Shu-Sin, ele considerava o governo do seu próprio país o seu maior fardo.

Houve um esforço final para tentar convencer Enlil a voltar para a Suméria, o que colocaria o rei sob sua proteção. Parece que, seguindo um conselho de Ninlil, Shu-Sin mandou construir para o casal um "grande barco de passeio, adequado para os maiores rios... Enfeitou-o com pedras preciosas", proveu-o com remos feitos das melhores madeiras, varões e leme artisticamente

entalhados e mobiliou-o com todo o conforto, colocando nele até mesmo uma cama de casal. Depois "ancorou o barco de passeio no lago que ficava diante da Casa de Prazer de Ninlil".

Enlil deve ter ficado tão comovido com o presente que talvez o tenha feito recordar-se da época em que se apaixonara por Ninlil, a jovem enfermeira, ao vê-la banhando-se nua no rio, e apressou-se a ir conhecer o barco.

Quando Enlil soube, apressou-se a cortar o horizonte, de sul a norte viajou; pelos céus, sobre a Terra ele correu para se rejubilar com sua amada rainha, Ninlil.

A viagem sentimental, porém, não passou de um breve interlúdio. Infelizmente, algumas linhas cruciais do final da tabuinha de argila que contém o texto estão faltando e não temos detalhes sobre o que realmente aconteceu. Mas a última linha refere-se a "Ninurta, grande guerreiro de Enlil, que atordoou o Intruso", o que aconteceu, ao que tudo indica, depois que uma "inscrição maldosa" foi descoberta numa efígie no interior do barco, talvez com a intenção de amaldiçoar o casal divino.

Até agora não se encontrou registros sobre a reação de Enlil, mas todas as outras evidências sugerem que ele partiu definitivamente de Nippur, dessa vez levando consigo a esposa.

Logo depois - em fevereiro de 2031 a.C. pelo nosso calendário - houve um eclipse total da Lua no Oriente Médio, que durou a noite toda. Os sacerdotes do oráculo nada fizeram para acalmar a ansiedade de Shu-Sin. Numa mensagem escrita, disseram que aquilo era um presságio "ao rei que governa as quatro regiões; sua muralha será destruída. Ur encontrará a desolação".

Rejeitado pelos grandes deuses, Shu-Sin, num ato de desespero ou de desafio, jogou uma cartada final. Mandou construir dentro do recinto sagrado de Nippur um santuário para um jovem deus chamado Shara. Na inscrição dedicatória, afirmou que era o pai do rapaz. "Ao divino Shara, herói celestial, filho amado de Inanna: seu pai Shu-Sin, o rei poderoso, rei de Ur, rei das quatro regiões, construiu para ele o templo Shagipada, seu querido santuário; que viva o rei". Isso aconteceu no nono e último ano do reinado de Shu-Sin.

O novo ocupante do trono de Ur, Ibbi-Sin, não conseguiu impedir a decadência. Coube a ele apressar a construção de muralhas e fortificações no coração da Suméria, isto é, em torno de Ur e Nippur. O resto do país foi deixado sem proteção. Seus próprios formulários de dados (os encontrados até

agora só cobrem parte de seu reinado) contam muito pouco sobre as circunstâncias da época. Conseguimos muito mais informações a respeito dela a partir da ausência das habituais mensagens de lealdade de outras cidades e dos comprovantes de trocas comerciais. Assim, as primeiras mensagens de lealdade que anualmente deveriam ser enviadas a Ur e pararam de chegar foram as das capitais dos distritos ocidentais. No terceiro ano não chegaram as das províncias orientais. Também naquele terceiro ano, o comércio internacional "parou de uma hora para outra, de maneira significativa", como disse C. J. Gadd em *History and Manuments of Ur*. Em Drehem, perto de Nippur, onde ficava o posto de coleta de impostos sobre bens e gado que eram comercializados e onde, durante toda a Dinastia, foi mantida uma minuciosa contabilidade, os arqueólogos encontraram milhares de plaquinhas de argila intactas contendo essas cifras, mostrando que a contabilidade parou no terceiro ano do reinado de Ibbi-Sin.

Ignorando Nippur depois da partida de seus grandes deuses, Ibbi-Sin colocou sua confiança em Nannar/Sin e Inanna e, no segundo ano de seu reinado, instalou-se como sumo sacerdote do templo da deusa em Erech (Uruk). Repetidamente ele pediu auxílio e orientação, mas só ouvia presságios de destruição. No quarto ano de seu reinado foi informado: "O Filho se erguerá no oeste... é um presságio para Ibbi-Sin. Ur será julgada".

No quinto ano Ibbi-Sin tentou conseguir mais força, tornando-se sumo sacerdote de Inanna no santuário da deusa em Ur, mas isso também de nada adiantou. Naquele ano outras cidades da Suméria deixaram de enviar mensagens de lealdade e também foi o último em que essas cidades mandaram os animais sacrificiais para o templo de Inanna em Ur. Portanto, a autoridade central de Ur, seus deuses e seu zigurate-templo já não eram reconhecidos.

No início do sexto ano os presságios sobre a destruição foram se tomando mais urgentes e específicos. "Quando vier o sexto ano, os habitantes de Ur ficarão presos numa armadilha", dizia um deles. A calamidade profetizada viria, afirmava um outro, "quando, pela segunda vez, aquele que chama a si mesmo de Supremo, como alguém cujo peito tenha sido ungido, virá do ocidente". Naquele mesmo ano, como revelam as mensagens vindas da fronteira, "ocidentais hostis entraram na planície da Mesopotâmia". Sem encontrar resistência, eles rapidamente penetraram no interior, capturando as fortalezas uma após a outra.

A Ibbsi-Sin só restava o enclave constituído por Ur e Nippur, mas antes do final do fatídico sexto ano pararam de chegar abruptamente também as inscrições nippurianas honrando o rei de Ur. O inimigo da cidade e de seus deuses, "aquele que chama a si mesmo de Supremo", atingira o coração da Suméria.

Marduk, como fora pressagiado, voltara à Babilônia pela segunda vez.

Os 24 anos fatídicos - compreendendo a partida de Abraão de Haran, a substituição de Shulgi no trono e o exílio de Marduk entre os hititas - resultaram naquele ano do Juízo Final, 2024 a.C. E agora, depois de termos examinado as histórias separadas, porém interligadas, de Abraão e dos infortúnios de Ur e seus últimos três reis, seguiremos os passos de Marduk.

A tabuinha de argila que conta a autobiografia de Marduk (da qual já foi citada um trecho anteriormente) prossegue contando sobre a volta do deus à Babilônia depois de 24 anos de estada no País dos Hatti.

No País dos Hatti perguntei a um oráculo sobre meu trono e minha soberania; entre eles perguntei:

"Até quando ficarei"?

Por 24 anos, entre eles, me aninhei.

No 24º. ano, Marduk recebeu um presságio favorável e foi para a Babilônia. A tabuinha está muito danificada nessa parte, mas é possível entender o texto:

Meus dias de exílio estavam terminados; para minha cidade me dirigi.

Para meu templo, Esagila, que é como um monte, reconstituir, minha eterna morada estabelecer.

Ergui os calcanhares para ir à Babilônia.

Através de...

Terras voltei à minha cidade, para seu futuro, bem-estar estabelecer, para um rei na Babilônia colocar na casa de minha aliança...

No Esagila que é como um monte...

Por Anu criado...

Dentro do Esagila...

Uma plataforma erguer...

Em minha cidade...

Alegria...

Em seguida o texto dá uma lista das cidades pelas quais Marduk passou a caminho da Babilônia. Essa parte da tabuinha também está bastante quebrada, mas os poucos nomes legíveis indicam que a rota da Ásia Menor até a Mesopotâmia o levou, primeiro, a passar por Hama (Hamat na Bíblia) e depois por Mari. Então ele de fato chegou à Mesopotâmia vindo do Ocidente, como tinham predito os oráculos. E ele estava acompanhado de partidários amoritas (os "ocidentais").

Conta Marduk em sua autobiografia que seu desejo era trazer a paz e a prosperidade, "expulsar o mal e o azar... trazer amor maternal à humanidade". Porém, nada disso aconteceu. Um adversário "despejou sua ira" contra a Babilônia. O nome desse deus inimigo aparece logo depois no início de uma nova coluna do texto, mas dele só resta a primeira sílaba: "Divino NIN...". Só pode ser Ninurta.

Esse texto pouco nos esclarece sobre as ações desse adversário, pois todos os versos seguintes estão numa parte muito quebrada da tabuinha, impossibilitando a compreensão da inscrição. No entanto, podemos captar mais alguma coisa lendo a terceira plaquinha dos Textos de Codorlaamor. Apesar de ser um tanto enigmática, essa inscrição pinta um quadro de tumulto total, com deuses inimigos marchando uns contra os outros à frente de suas tropas humanas. Os amoritas de Marduk caíram sobre o vale do Eufrates, ameaçando Nippur, e Ninurta organizou as forças dos elamitas para enfrentá-los.

À medida que lemos e relemos os registros dessas épocas difíceis, vamos descobrindo que acusar falsamente um inimigo de cometer atrocidades não é algo típico do mundo moderno. O texto babilônico - e temos de ter sempre em mente que ele foi escrito por um adorador de Marduk - atribuiu às tropas elamitas a profanação de templos, inclusive dos santuários de Ishtar e Shamash, e acusa Ninurta de culpar mentirosamente os seguidores de Marduk pela profanação do Santo dos Santos de Enlil em Nippur com o objetivo de instigar Enlil a se posicionar contra Marduk e seu filho Nabu.

Segundo o texto, o saque de Nippur e a profanação do Ekur aconteceram quando os dois exércitos se enfrentaram naquela cidade. Ninurta acusou os seguidores de Marduk pelo sacrilégio, mas o verdadeiro autor do feito foi Nergal!

A crônica babilônica não oferece maiores explicações para o aparecimento de Nergal/Erra, um irmão de Marduk, como aliado de Ninurta. Mas nos Textos de Codorlaamor ele é especificamente acusado de profanar o Ekur:

**Erra, o impiedoso, entrou no recinto sagrado.
Parou diante dele e contemplou o Ekur.
Abrindo a boca, disse aos jovens guerreiros:
"Levem os despojos do Ekur, tirem daqui seus valores, destruam suas
fundações, derrubem o muro do santuário"!**

Quando Enlil soube que seu templo fora destruído, que "no Santo dos Santos o véu fora rasgado", apressou-se a ir a Nippur. "Ele emitia um brilho como se fossem raios" ao descer do céu, tendo a sua frente "deuses vestidos de esplendor", e "fez o lugar sagrado se sacudir" ao se aproximar dele. O grande deus dirigiu-se a seu filho, "o príncipe Ninurta", querendo saber quem fora o autor da profanação. Este, falsamente, apontou um dedo acusador para Marduk e seus seguidores.

Descrevendo a cena, o texto babilônico garante que Ninurta agiu sem o devido respeito para com seu pai: "Sem temer pela vida, ele não removeu sua tiara". Ele "contou mentiras a Enlil... não houve justiça; a destruição foi concebida". Segundo o cronista, agindo dessa forma Ninurta fez com que Enlil "causasse mal à babilônia".

Além dos "males" contra Marduk e sua cidade, foi também planejado um ataque contra Nabu, o filho de Marduk, e seu templo, o Ezida, situado em Borsippa. Mas Nabu conseguiu fugir para o oeste, onde procurou abrigo nas cidades perto do Mediterrâneo que lhe eram fiéis.

Do Ezida...

Nabu, querendo liderar todas as suas cidades, voltou seus passos para o grande mar.

Os versos do texto babilônico que vêm em seguida fazem um paralelo exato com a história bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra:

Mas quando o filho de Marduk estava na terra do litoral, aquele Malvado Vento Erra com calor a planície calcinou.

Esses versos e a descrição bíblica da destruição com "fogo e enxofre" têm uma fonte comum.

Segundo a Bíblia (por exemplo, Deuteronômio 29:22-27), a "iniquidade" das cidades da planície do Jordão foi elas terem "abandonado a aliança com

Iahweh", terem ido "servir a outros deuses". Pelo texto babilônico ficamos sabendo que o "grito" contra elas era a acusação de terem tomado o partido de Marduk e Nabu. Mas, enquanto a narrativa bíblica pára por aí, o texto babilônico nos oferece importantes detalhes: as cidades cananéias foram atacadas não somente para eliminar Nabu, que nelas procuraram abrigo. Todavia, essa segunda meta não foi atingida, porque Nabu conseguiu fugir para uma ilha no Mediterrâneo, cujos habitantes o aceitaram prontamente, apesar de ele não ser um deus:

**Ele no grande mar entrou, sentou-se num trono que não era seu,
Porque o Ezida, sua legítima morada, fora arrasado.**

O quadro pintado a partir dos textos bíblicos e babilônicos fica mais claro com a leitura do *Épico de Erra*. Composto a partir de fragmentos encontrados na biblioteca de Assurbanipal, esse texto assírio foi tomando forma e sendo mais bem compreendido à medida que outras versões fragmentadas iam sendo descobertas em diferentes sítios arqueológicos. Hoje sabe-se que ele foi escrito em cinco tabuinhas de argila, e do texto total só faltam algumas poucas linhas. Existem duas traduções completas e minuciosas desse épico: *Das Era-Epos*, de P. F. Gössmann, e *L'Épopée de Erra*, de L. Cagni.

O *Épico de Erra* não apenas explica a natureza e as causas do conflito que redundou no uso da Arma Máxima contra cidades habitadas (com a intenção de aniquilar um deus que nelas se escondia), como também deixa claro que essa medida extrema não foi tomada de maneira apressada e irresponsável.

Sabemos a partir de vários outros textos que naquele momento de grave crise os grandes deuses permaneciam reunidos num contínuo Conselho de Guerra, mantendo um constante contato com Anu. "Anu para a Terra falava as palavras, a Terra para Anu as palavras pronunciava." O *Épico de Erra* acrescenta a informação de que, antes de serem usadas as terríveis armas, houve um confronto entre Nergal/Erra e Marduk, em que o primeiro usou de ameaças para persuadir o irmão a deixar a Babilônia e desistir de sua ambição de conquistar a supremacia.

Dessa vez a tentativa de persuasão falhou. Ao voltar diante do Conselho dos Deuses, Nergal recomendou o uso da força contra Marduk. O texto conta que as discussões foram acaloradas e amargas: "por um dia e uma noite", sem cessar, eles argumentaram. Houve uma discussão violenta entre Enki e seu filho Nergal, em que o primeiro tomou o partido de seu primogênito, Marduk:

"Agora que o príncipe Marduk se ergueu, que o povo pela segunda vez levantou sua imagem, por que Erra continua sua oposição"? Finalmente, perdendo a paciência, Enki gritou para Nergal sair de sua presença. Furioso, Nergal voltou a seus domínios. "Consultando-se consigo mesmo", ele decidiu usar as terríveis armas:

"As terras destruirei, transformando-se num monte de pó; as cidades arrasarei, as transformarei em desolação; os mares agitarei, o que neles pulula eu dizimarei; as pessoas farei sumir, suas almas se transformarão em vapor, ninguém será poupado"...

Por um texto conhecido como CT-xvi-44/46, sabemos que foi Gibil, o irmão cujos domínios africanos faziam fronteira com os de Nergal, quem avisou Marduk sobre a destruição que Nergal estava tramando. Era noite, e os grandes deuses tinham se retirado para repousar. Gibil foi procurar Marduk e contou sobre as "sete armas" que tinham sido criadas por Anu... "A maldade dessas sete está voltada contra ti".

Assustado, Marduk perguntou ao irmão onde eram guardadas essas armas: "ó Gibil, aquelas sete... onde nasceram, onde foram criadas"? Ao que Gibil respondeu:

Aquelas sete na montanha habitam; elas moram numa cavidade dentro da terra.

Desse lugar, com um brilho elas se arremeterão, da Terra para o Céu, vestidas de terror.

Mas onde exatamente ficava esse lugar? Marduk repetiu a pergunta várias vezes, mas tudo o que Gibil pôde informar foi: "Até mesmo para os sábios deuses isto é desconhecido".

Marduk apressou-se em transmitir o assustador relatório a seu pai, que já estava deitado, preparando-se para dormir. "Meu pai, Gibil, assim me falou: ele descobriu a vinda das sete [armas]". Depois de dadas as explicações necessárias, rogou ao pai, aquele que muito sabia: "Apressa-te, procura onde estão"!

Imediatamente Enki convocou o Conselho dos Deuses. Todavia, ficou surpreso ao constatar que nem todos estavam tão chocados como ele diante da possibilidade de se usar aquelas armas terríveis. Então pediu que fossem

tomadas sérias medidas contra Nergal, salientando: "As terras ficarão desoladas, o povo perderá". Nannar e Utu estavam hesitantes, mas Enlil e Ninurta defendiam uma ação decisiva. Por não haver unanimidade, a decisão final foi deixada a cargo de Anu.

Quando Ninurta por fim chegou ao Mundo Inferior para comunicar a decisão de Anu, descobriu que Nergal já ordenara a instalação dos "venenos" (as ogivas nucleares) nas "sete armas assustadoras". Embora o Épico de Erra refira-se constantemente a Ninurta como Ishum ("O Calcinador"), ele explica com grandes detalhes que esse deus deixou bem claro ao seu aliado que as armas só poderiam ser usadas contra alvos especificamente aprovados. Também, antes de elas serem disparadas, os Anunnaki que estavam nos lugares condenados tinham de ser evacuados, e os Igigi que tripulavam a plataforma espacial e os ônibus espaciais precisavam ser avisados. E, por último, mas não menos importante, a humanidade deveria ser poupada, pois, "Anu, o senhor dos deuses, teve piedade da Terra".

De início Nergal foi contra a idéia de dar qualquer tipo de aviso, e o texto demora-se relatando a troca de palavras ásperas entre os dois deuses. No final, contudo, Nergal concordou em alertar os Anunnaki e os Igigi, mas não Marduk, Nabu e seus seguidores humanos. Foi então que Ninurta, tentando dissuadir Nergal de provocar um aniquilamento indeterminado, usou palavras idênticas às que a Bíblia atribui a Abraão quando tentou poupar Sodoma:

**Valoroso Erra, destruirás os justos com os injustos?
Destruirás os que contra ti pecaram junto com os que contra ti não
pecaram?**

Usando de lisonjas, ameaças e lógica, os dois deuses discutiram sobre a extensão da destruição. Nergal, muito mais que Ninurta, estava tomado pelo ódio pessoal: "Aniquilarei o filho e deixarei o pai enterrá-lo; depois matarei o pai, mas não deixarei ninguém enterrá-lo"! Ninurta com muita dificuldade, recorrendo à diplomacia, salientando a injustiça da destruição indiscriminada e os méritos de alvos predeterminados, finalmente conseguiu dobrar Nergal. "Ele ouviu as palavras de Ishum; elas lhe pareceram tão atraentes como o óleo fino". Depois de concordar em não mexer nos mares e deixar a Mesopotâmia fora do ataque, ele formulou um novo plano: a destruição seria seletiva; a meta tática seria destruir as cidades onde Nabu poderia estar escondido; a

meta estratégica seria negar a Marduk seu mais cobiçado prêmio - o Espaçoporto, "o lugar de onde os Grandes ascendem":

**De cidade em cidade enviarei um emissário;
O filho, semente de seu pai, não escapará; sua mãe parará de rir...
Ele não terá acesso ao lugar dos deuses.
O lugar de onde os Grandes ascendem, eu destruirei.**

Quando Nergal terminou de falar, Ninurta estava boquiaberto, chocado com a idéia de destruir o Espaçoporto. Mas, como afirmam outros textos, Enlil aprovou o plano assim que ele lhe foi comunicado. Sem perder tempo, Nergal pediu a Ninurta para eles iniciarem rapidamente a ação:

**Então o herói Erra foi à frente de Ishum, recordando-se de suas palavras;
Ishum também avançou de acordo com a palavra dada, mas com um
aperto no coração.**

O primeiro alvo era o Espaçoporto, cujo complexo de comando ficava escondido no "Mais Supremo dos Montes", enquanto os campos de pouso espalhavam-se pela planície adjacente:

**Ishum dirigiu seu curso para o Mais Supremo dos Montes; as terríveis
sete [armas], sem paralelo, flutuavam atrás dele.
Ao Mais Supremo dos Montes o herói chegou:
Ele ergueu a mão...
O monte foi esmagado;
A planície do Mais Supremo dos Montes ele não obliterou.**

O Espaçoporto foi arrasado com um único golpe nuclear. E esse feito, como atestam todos os registros, foi obra de Ninurta.

Chegou a vez de Erra/Nergal dar vazão a seu voto de vingança. Seguindo para as cidades cananéias orientando-se pela Estrada do Rei, ele destruiu as cidades da planície do Jordão. As palavras usadas no Épico de Erra são quase idênticas às empregadas na história de Sodoma e Gomorra:

**Então, imitando Ishum,
Erra seguiu a Estrada do rei.
Com as cidades acabou, transformando-se em desolação.
Nas montanhas causou fome, pois seus animais matou.**

Os versos que se seguem podem bem estar descrevendo a criação da nova parte sul do mar Morto e o fim de toda a vida marinha que havia nele:

**Ele cavou o mar, sua inteireza dividiu.
Aquilo que mora nele, até os crocodilos, fez definhar.
Como se usasse fogo, queimou os animais, os grãos transformou em
poeira.**

Dessa forma o Épico de Erra abrange todos os três aspectos do evento nuclear: a destruição do Espaçoporto no Sinai; a destruição das cidades da planície do Jordão; e o rompimento da margem do mar Morto, que resultou em sua ampliação para o sul. Um acontecimento único e tão devastador como esse deveria estar registrado em mais do que um único texto. E isso realmente é o que acontece. Existem outras crônicas descrevendo ou recordando a catástrofe nuclear.

E um desses textos (catalogado como K.5001 e publicado na Oxford Editions of Cuneiforms Textes, vol. VI) é de especial valor, pois está escrito em sumério, e cada linha vem acompanhada de uma tradução para o acadiano. Isso mostra que, sem dúvida, ele é uma das primeiras crônicas sobre o assunto e deve ter sido uma das fontes para a narrativa bíblica. Dirigido a um deus cuja identidade não fica clara, devido às falhas na tabuinha, ele diz:

**Senhor, portador do Calcinador, que queimou o adversário, que
obliterou a terra desobediente; que definhou a vida dos seguidores da Má
Palavra; que fez chover pedra e fogo sobre os adversários.**

A fuga dos Anunnaki que guardavam o Espaçoporto, alertados para o perigo iminente, está lembrada num texto babilônico em que um rei fala de eventos acontecidos "no reinado de um monarca anterior".

**Naquela época, no reinado de um monarca anterior, as condições
mudaram.**

**O bem partiu, o sofrimento era habitual.
O Senhor enfureceu-se e concebeu a ira.
Ele deu a ordem.
Os deuses daquele lugar o abandonaram...
Os dois, decididos a cometer o mal, fizeram os guardiões se afastar; os
protetores subiram para a cúpula do céu.**

Os Textos de Codorlaomor, que identificaram Ninurta e Nergal pelos seus epítetos, contam o ocorrido da seguinte maneira:

**Enlil, entronizado em altura, estava consumido de raiva.
Os devastadores novamente sugeriram o mal.
Aquele que calcina com fogo Ishum/Ninurta e aquele do vento mau
[Erra/Nergal], juntos, executaram sua maldade.
Os dois fizeram os deuses fugir, fizeram-nos fugir da calcinação.**

O alvo, o local de onde eles tinham feito os deuses fugir, era o Local de Lançamento:

**Aquilo que estava levantando na direção de Anu para lançar eles fizeram
definhar; seu rosto fizeram desaparecer, do lugar fizeram desolação.**

E foi assim que o Espaçoporto, a causa de tantas guerras anteriores, foi varrido da face da Terra. O monte que abrigava o equipamento foi arrasado; as plataformas de lançamento sumiram; a planície de solo duro, usada como pista, foi liquidada e nela não restou nem mesmo um arbusto.

Essa grande instalação jamais seria vista novamente... Mas a cicatriz que essa destruição deixou na Terra *pode ser vista até hoje!* É uma vasta cicatriz, tão imensa que só pode ser vista por inteiro do espaço. Por isso sua existência só foi revelada ao mundo recentemente, quando os satélites começaram a fotografar a Terra do espaço. Essa é uma marca para a qual nenhum cientista encontra explicação.

Estendendo-se para o norte desse enigmático acidente geográfico está a planície central da península do Sinai, que em outras eras geológicas era o fundo de um lago. O solo duro e plano é ideal para a aterrissagem de veículos espaciais. Foi uma geografia semelhante que fez a Base Aérea Edwards, no

deserto de Mojave, na Califórnia, ser escolhida para pouso dos ônibus espaciais.

Quando estamos em pé na grande planície da península do Sinai, cujo terreno foi palco de combates entre tanques nas guerras modernas, podemos ver a distância as montanhas que o cercam, dando-lhe a forma oval. O calcário de que elas são constituídas fazem com que elas brilhem muito brancas no horizonte. Porém, na borda da imensa cicatriz existe um forte contraste entre o negro do terreno e a brancura que o cerca.

O preto não é uma cor natural da península do Sinai, porque ali predominam a brancura do calcário e os tons avermelhados do arenito, que podem chegar ao marrom-escuro, mas jamais ao preto, pois este só é encontrado na natureza quando existe o basalto, que não ocorre naquela área.

No entanto, ali, na parte norte-noroeste da enigmática cicatriz, o solo é preto. Essa cor é provocada por milhares de pedacinhos de rocha enegrecida, que se espalham pela área como se tivessem sido atiradas por uma mão gigantesca.

Até hoje, desde que a cicatriz foi fotografada por satélites, não há explicação para ela. Até hoje também não existe explicação para os pedacinhos de rocha enegrecida que cobrem essa área. Não existe justificativa, a não ser para quem lê os versos dos antigos textos e aceita nossa conclusão de que, na época de Abraão, Nergal e Ninurta destruíram completamente o Espaçoporto ali situado com armas nucleares. “Aquilo que estava levantado na direção de Anu para lançar, eles fizeram definhhar; seu rosto fizeram desaparecer; do lugar fizeram desolação”.

Bem distante, a leste, na Suméria propriamente dita, as explosões não foram vistas nem sentidas, mas mesmo assim existem registros dos feitos de Ninurta e Nergal porque tiveram um profundo efeito sobre a região e seu povo.

Apesar de todos os esforços de Ninurta em tentar impedir que Nergal ferisse a humanidade, o sofrimento não foi evitado. A explosão nuclear deu origem a uma imensa ventania, que começou como um turbilhão:

Uma tempestade, o Vento Mau, gritou pelos céus.

Então esse remoinho começou a se espalhar para leste, empurrado pelos ventos vindos do Mediterrâneo. Logo depois os presságios que previam o fim da Suméria se realizaram. A Suméria propriamente dita tornou-se a grande vítima da catástrofe atômica.

A calamidade que caiu sobre a região no final do sexto ano do reinado de Ibbi-Sin está descrita em vários textos, as Lamentações, longos poemas que choram a morte da majestosa Ur e de outros centros da civilização suméria. Como esses textos fazem lembrar muito o Livro das Lamentações da Bíblia, que fala da destruição de Jerusalém pelos babilônicos, os primeiros tradutores dos poemas sumérios partiram da hipótese de que a catástrofe mesopotâmica também fora resultado de uma invasão, nesse caso de tropas elamitas e amoritas.

De início, quando os arqueólogos encontraram as primeiras tabuinhas com as Lamentações, os estudiosos imaginavam que somente Ur fora destruída. Mas, à medida que mais textos foram sendo descobertos, foi ficando claro que Ur não havia sido a única cidade afetada nem o ponto central da catástrofe. A descoberta de tabuinhas com um lista das cidades afetadas demonstrou que a destruição pareceu começar a sudoeste, estendendo-se para o nordeste, abrangendo todo o sul da Mesopotâmia, e que uma catástrofe súbita e geral caiu sobre todas as cidades ao mesmo tempo. A destruição não aconteceu numa vagarosa sucessão, como teria ocorrido se tivesse havido uma invasão progressiva. Estudiosos como Th. Jacobsen (The Reign of Ibbi-Sin) concluíram que "invasores bárbaros" não tiveram nada a ver com a "terrível calamidade" que atingira a Mesopotâmia e considerou essa catástrofe algo "muito, muito intrigante".

"Só o tempo dirá se um dia veremos com plena clareza o que aconteceu naquela época", escreveu Jacobsen. "Estou convencido de que a história completa ainda está muito longe de nossa compreensão".

Mas o enigma pode ser resolvido, e a história compreendida, quando relacionamos a catástrofe que se abateu sobre a Mesopotâmia com a explosão nuclear na península do Sinai. As Lamentações, notáveis por sua extensão e, no geral, pelo excelente estado de conservação, começam deplorando a súbita partida dos vários deuses de seus recintos sagrados, deixando os templos "abandonados ao vento". Em seguida começam uma rica descrição da desolação causada pela calamidade. Os versos seguintes são um exemplo:

**Fazendo cidades ficarem desoladas, fazendo casas ficarem
desoladas, fazendo currais ficarem desolados, os redes vazios.
Os bois da Suméria já não ficam em seus estábulos, seus carneiros já não
correm nos redes; em seus rios corre água amarga, nos campos cultivados
só nasce mato.**

Nas estepes só crescem plantas murchas.

Nas cidades e aldeias "a mãe não cuida de seus filhos, o pai não diz: 'Ó minha esposa'... a criança não nasce forte, a ama não canta cantigas de ninar... a realeza foi tirada da terra”...

Antes da Segunda Guerra Mundial, antes de Hiroxima e Nagasaki serem destruídas com bombas atômicas caídas do céu, alguém ainda podia ler a história de Sodoma e Gomorra e aceitar a tradicional chuva de "fogo e enxofre" por falta de melhor explicação. Os primeiros tradutores das Lamentações, que não tinham idéia do que era uma catástrofe nuclear, deram-lhe títulos como "A Destruição de Ur" ou "A Destruição da Suméria". Todavia, não é isso que os textos descrevem. Eles falam em desolação, não em destruição. As cidades continuaram lá, mas sem seus habitantes; os currais continuavam lá, mas não havia gado; os redes continuavam lá, mas não existiam mais carneiros.

Invasão, guerra, morte - todos esses males são bem conhecidos pela humanidade, mas como uma das Lamentações afirma claramente, o mal que atingiu a Suméria foi único e jamais tinha sido experimentado antes:

Sobre a Terra [Suméria] caiu uma calamidade; uma desconhecida para o homem; uma que ninguém jamais vira antes; uma que não pôde ser suportada.

A morte não veio pela mão de um inimigo, foi uma morte invisível "que vaga pelas ruas, que está solta nas estradas. Ela pára ao lado do homem, mas ninguém consegue vê-la; quando entra numa casa, sua aparência é desconhecida". Não havia defesa contra "esse mal que assolou a cidade como um fantasma... pelas muralhas mais altas, pelas muralhas espessas ela passa como se fosse uma inundação; nenhuma porta consegue deixá-la de fora, nenhuma trava a impede; pelas frestas ela desliza como uma serpente; como vento, ela penetra pelo batente". Todos os habitantes foram atingidos e morreram ali mesmo onde estavam. "Tosse e catarro enfraqueceram o peito; a boca ficou cheia de saliva e espuma... torpor e tontura os afligiram, um entorpecimento doentio... uma maldição, uma dor de cabeça... seus espíritos abandonaram seus corpos”. A morte era horrível:

**As pessoas, aterrorizadas, mal conseguiam respirar; o Vento Mau as
agarrrou, não lhes concedendo nem mais um dia...
Bocas estavam encharcadas de sangue, cabeças atoladas em sangue...
O Vento Mau fazia empalidecer o rosto.**

A fonte da morte invisível era uma nuvem que apareceu nos céus da Suméria e "cobriu a terra como uma capa, estendeu-se sobre ela como um lençol". Pardacenta, durante o dia "o sol no horizonte obliterou com sua escuridão". À noite, luminosa nas bordas ("Orlada com terrível brilho ela encheu a ampla Terra"), ela escondeu a Lua. Indo de oeste para o leste, a nuvem mortal foi levada para a Suméria por um vento furioso, "um grande vento que sopra muito alto, um vento mau que derrota a Terra".

Aquilo não foi considerado um fenômeno natural: "Uma grande tempestade dirigida por Anu... viera do coração de Enlil". Era um produto das sete armas assustadoras: "Nasceu numa única cria... como o amargo veneno dos deuses; no oeste foi gerada". O Vento Mau, "trazendo sofrimento de cidade em cidade, carregando densas nuvens que trazem tristeza do céu", era resultado de um "relâmpago de tempestade". "Do meio das montanhas ele desceu sobre a terra, da Planície Sem Piedade ele veio".

Embora a população estivesse confusa, os deuses sabiam muito bem qual era a causa do Vento Mau:

**Um estrondo cruel foi o arauto da chorosa tempestade, um estrondo cruel
foi precursor da chorosa tempestade; poderosos descendentes, valentes
filhos, foram os arautos da pestilência.**

Os dois filhos valentes - Ninurta e Nergal - soltaram "numa única cria" as sete terríveis armas criadas por Anu, "arrancando tudo, destruindo tudo" no local da explosão. As antigas descrições são tão vívidas e exatas como as feitas por testemunhas oculares de explosões atômicas. Logo que as "terríveis armas" foram lançadas dos céus, houve um imenso fulgor. Como conta um texto, "elas espalharam raios assustadores na direção dos quatro cantos da Terra, calcinando tudo como fogo". Um outro descreve a formação do cogumelo atômico: "Uma densa nuvem que traz tristeza" subiu aos céus e foi seguida por "rajadas de vento... uma tempestade que furiosamente queima os céus".

Não um, mas vários textos atestam que o Vento Mau, que carregava a nuvem da morte, foi causado por gigantescas explosões ocorridas num dia que seria para sempre lembrado:

**Naquele dia, quando o céu foi esmagado e a Terra aniquilada, sua face
obliterada pelo remoinho...**

Quando os céus escureceram, cobertos por uma sombra.

As *Lamentações* identificam o local dos assustadores estrondos como sendo "no oeste", perto do "seio do mar" - uma descrição gráfica da curva do litoral do Mediterrâneo na região da península do Sinai -, numa planície "no meio das montanhas", que passou a ser chamada de "Lugar Impiedoso", mas que antes era o local de onde os deuses "ascendiam aos céus". O monte que ficava perto dessa planície, que no Épico de Erra tem o nome de "O Mais Supremo", numa das *Lamentações* é chamado de "Monte dos Túneis Uivantes" - epíteto que nos traz à mente as descrições encontradas nos Textos das Pirâmides, que contam a viagem dos faraós para a Outra Vida quando eles entravam numa montanha cheia de passagens subterrâneas. Essa viagem está amplamente comentada em *A Escada para o Céu*, livro em que também identificamos essa montanha como sendo aquela que Gilgamesh encontrou em sua viagem para a Terra dos Foguetes, na península do Sinai.

Segundo uma *Lamentação*, a nuvem mortal criada pela explosão do monte foi levada pelos ventos na direção leste, "até a fronteira de Anzan", nas montanhas Zagros, afetando toda a Suméria desde Eridu, ao sul, até a Babilônia, mais ao norte. A passagem da "morte invisível" durou 24 horas: "Naquele dia, num único dia; naquela noite, numa única noite... a tempestade, criada no estrondo de um raio, deixou prostrado o povo de Nippur".

O *Lamento de Uruk* descreve com detalhes a confusão entre a população e os próprios deuses. Explicando que Anu e Enlil prevaleceram sobre Enki e sua consorte, Ninkī, ao consentirem no uso das sete armas, deixa claro que nenhum dos deuses antevia o terrível resultado: Os grandes deuses empalideceram diante de sua grandiosidade ao assistir à explosão, cujos "raios gigantescos atingiram o céu e fizeram a Terra estremecer até seu âmago".

À medida que o Vento Mau ia "se espalhando para as montanhas como uma rede", os deuses iam fugindo de suas amadas cidades. O poema *Lamentações sobre a Destruição de Ur* dá uma lista de todos os grandes deuses e grandes templos da Suméria. Um outro, intitulado *Lamentação sobre a Destruição da*

Suméria e Ur, nos conta mais detalhes sobre essa retirada apressada. "Ninharsag chorou lágrimas amargas" enquanto fugia de Isin; Nanshe gritou: "Ó, minha cidade devastada"! Enquanto sua "amada residência era entregue ao infortúnio". Inanna partiu apressadamente de Uruk, zarpando para a África num "navio submergível", queixando-se de que precisava deixar para trás suas jóias e outros bens... Chorando por Uruk, Inanna-Ishtar lamentou a desolação causada em sua cidade e em seu templo pelo Vento Mau que, "num instante, num piscar de olhos, foi criado no meio das montanhas" e contra o qual não havia defesa.

Uma comovente descrição do medo e da confusão que tomaram conta de deuses e homens diante da aproximação do Vento Mau é encontrada no texto Lamento de Uruk, que foi escrito anos depois, durante a restauração da Suméria. Enquanto os "leais cidadãos de Uruk eram tomados de terror", as deidades residentes, as encarregadas da administração e do bem-estar da cidade, deram o alarme. "Acordem"! Gritaram para a população no meio da noite. "Fujam! Escondam-se na estepe"! Em seguida os próprios deuses fugiram, "tomaram caminhos desconhecidos". Tristemente o texto acrescenta:

Assim todos os deuses saíram de Uruk; ficaram longe dela; esconderam-se nas montanhas, fugiram para as planícies distantes.

Em Uruk a população, indefesa e sem liderança, ficou entregue ao caos. "O pânico caiu sobre Uruk... seu bom senso estava distorcido". Desesperado, o povo invadiu os santuários, quebrando tudo o que encontrava lá dentro, perguntando: "Por que os deuses nos esqueceram? Quem causou tanto sofrimento e lamentação"? Mas suas perguntas ficaram sem resposta e, quando o Vento Mau passou, "as pessoas estavam amontoadas em pilhas... o silêncio cobriu Uruk como se fosse uma capa".

Como nos conta o Lamento de Eridu, Ninki fugiu de sua cidade para procurar abrigo na África: "Ninki, sua grande senhora, voando como um pássaro, deixou sua cidade". Enki, porém, só se afastou o suficiente para ficar fora do raio de ação do Vento Mau: "O senhor ficou fora de sua cidade... Pai Enki parou fora da cidade... chorou lágrimas amargas diante do infortúnio de sua cidade ferida". Vários de seus súditos o seguiram, e eles ficaram acampados nos arredores, de onde, por um dia e uma noite, assistiram a tempestade "pôr a mão" sobre Eridu.

Quando a tempestade passou, Enki foi inspecionar Eridu e encontrou uma cidade "afogada em silêncio... os residentes empilhados em montes". Os sobreviventes lamentaram: "Ó Enki, tua cidade foi amaldiçoada, foi transformada em território desconhecido"! Mas embora o Vento Mau tivesse passado, o lugar continuava inseguro, e Enki "ficou fora de sua cidade como se ela fosse uma terra estrangeira". Em seguida, "esquecendo-se da Casa de Eridu", Enki conduziu "os que tinham sido desalojados" para o deserto, na direção de uma "terra inimiga", onde usou seus conhecimentos científicos para tornar comestível a "árvore suja".

Marduk, da Babilônia, enviou uma mensagem urgente a seu pai, Enki, enquanto a nuvem da morte se aproximava de sua cidade. "O que devo fazer?" Enki aconselhou a todos que pudessem para deixar a cidade, mas tomando unicamente a direção norte. Uma das instruções é idêntica à dada a Ló. O povo da Babilônia não deveria "nem virar nem olhar para trás". Além disso, ninguém deveria levar nenhum tipo de comida e bebida, pois poderiam estar "tocadas pelo fantasma". Se a fuga fosse impossível, deveriam procurar um abrigo subterrâneo: "Sigam para uma câmara abaixo da terra, penetrem numa escuridão", até o Vento Mau passar.

O vagaroso avanço da tempestade enganou alguns deuses, que pagaram caro por seu atraso na fuga. Em Lagash, Bau, a consorte de Ninurta, hesitava em fugir de sua amada cidade. "Mãe Bau chorava amargamente por seu templo". A demora quase custou-lhe a vida:

**Naquele dia, a senhora...
A tempestade a apanhou;
Bau, como se fosse mortal...
A tempestade a apanhou...**

Pelas lamentações em relação a Ur, uma das quais composta pela própria deusa Ningal, sabemos que ela e Nannar/Sin recusaram-se a acreditar que o fim da cidade fosse inexorável. Nannar fez um longo e emocionado apelo a seu pai, Enlil, procurando algum meio de evitar a calamidade. Mas Enlil respondeu que o destino não poderia ser mudado:

**A Ur foi concedida a realeza...
Não lhe foi concedido um reino eterno.**

**Desde os dias de antanho, quando a Suméria foi fundada, até o presente,
quando o povo se multiplicou...
Quem já viu uma realeza de um reino eterno?**

Enquanto o apelo era feito, diz o poema de Ningal, “a tempestade avançava, seu rugido cobria tudo”. O Vento Mau chegou a Ur durante o dia. “Embora eu ainda trema por aquele dia, do fedor daquele dia não fugimos”. Ao chegar a noite, “um amargo lamento levantou-se de Ur”, mas ainda assim o deus e a deusa continuaram na cidade: “Do fedor daquela noite não fugimos”. Então a nuvem atingiu o grande zigurate, e Ningal se deu conta de que Nannar “fora apanhada pela tempestade cruel”.

O casal passou uma noite de pesadelo, que Ningal jurou jamais esquecer, escondidos na “casa do cupim” (uma câmara subterrânea) no interior do zigurate. Somente no dia seguinte, “quando a tempestade foi carregada para fora da cidade”, os dois partiram da cidade que tanto amavam.

Enquanto eles saíam, viram morte e desolação: “Amontoados como cacos de cerâmica, os habitantes enchiam as ruas; perto dos grandes portões, onde antes o povo costumava passear, agora só havia cadáveres; nas praças onde se faziam celebrações, eles estavam espalhados; em todas as ruas em que costumavam passear havia cadáveres; nos locais onde antes havia festividades, pessoas jaziam amontoadas”. Os mortos não foram enterrados: “Os cadáveres, como gordura deixada ao sol, derreteram-se por si mesmos”.

Então Nergal levantou a voz no seu grande lamento por Ur, a antes majestosa cidade, o principal centro sumério, a capital de um império:

**Ó casa de Sin em Ur, amarga é tua desolação...
Ó Ningal, cujas terras pereceram, fazendo teu coração virar água.
A cidade tornou-se um lugar estranho, como agora alguém pode existir?
A casa tornou-se uma casa de lágrimas e faz meu coração virar água...
Ur e seus templos foram entregues ao vento.**

Todo o sul da Mesopotâmia estava liquidado. As águas e o solo tinham sido envenenados pelo Vento Mau: “Nas margens do Tigre e do Eufrates só crescem plantas doentias... Nos pântanos nascem caniços doentes que logo apodrecem... Nos pomares e jardins nada brota, tudo murcha rapidamente... Os campos cultivados já não são mais arados, não se planta sementes, não existem mais alegres canções nos campos”. Os animais da área rural foram

dizimados: “Na estepe, todo tipo de gado, grande e pequeno, todas as criaturas vivas pereceram”. Os animais domésticos também morreram: “Os redis foram entregues ao vento... o zumbido da bateadeira já não ecoa no redil... Os estábulos já não fornecem manteiga e queijo... Ninurta levou embora o leite da Suméria”.

“A tempestade arrasou a terra, varreu tudo; rugiu como um grande vento; ninguém dela conseguiu escapar; esvaziando as cidades, esvaziando as casas... Ninguém caminha pelas ruas, ninguém procura as estradas”.

A devastação da Suméria foi completa.

EPÍLOGO

Sete anos depois de o Vento Mau levar a desolação à Suméria, a vida começou a brotar de novo. Mas, em vez de ser a parte mais importante de um império, ela agora era uma terra ocupada, onde um arremedo de ordem era mantido por tropas elamitas ao sul e soldados gutianos ao norte.

Isin, que nunca fora uma capital, passou a ser o centro administrativo temporário. Um antigo governador de Mari foi indicado para cuidar da região. Documentos da época registram queixas contra “alguém que não é semente da Suméria” estar à frente do governo. Como indica seu nome, Ishbi-Erra era o seguidor de Nergal, e sua nomeação pode ter sido parte do acordo entre deus e Ninurta.

Alguns estudiosos chamam as décadas que se seguiram à devastação de Ur de Idade das Trevas da Mesopotâmia. Quase nada se conhece dessa época além dos poucos dados que podem ser captados a partir dos formulários de datas anuais. Depois de melhorar a segurança e fazer uma ou outra restauração, Ishbi-Erra, procurando solidificar sua autoridade secular, despediu a guarnição estrangeira que patrulhava Ur e, estendendo seu domínio até essa cidade, reivindicou o título de sucessor dos reis de Ur. No entanto, poucos centros repovoados aceitaram sua supremacia. Um chefe de Larsa entrou repetidamente em confronto com Ishbi-Erra.

Um ou dois anos depois de assumir o governo de Ur, Ishbi-Erra tentou adicionar uma autoridade religiosa aos seus poderes, assumindo a custódia de Nippur, lá erguendo os emblemas sagrados de Enlil e Ninurta. Porém, só conseguiu o apoio deste último, pois os grandes deuses continuavam frios e distantes. Procurando desesperadamente por mais apoio, Ishbi-Erra indicou sacerdotes e sacerdotisas para restaurarem a adoração de Nannar, Nergal e

Inanna, mas o coração do povo estava com outros deuses. Como sugerem numerosos textos Shurpu (“Purificação”), foram Enki e Marduk – usando seu imenso conhecimento científico, “poderes mágicos” aos olhos da população – que curaram os doentes, que purificaram as águas e que fizeram o solo novamente gerar vegetação comestível.

Nos cinquenta anos seguintes, que abrangeram o reinado de dois sucessores de Ishbi-Erra, a normalidade foi voltando pouco a pouco. A agricultura e a indústria reviveram, o comércio foi restabelecido. Contudo, só depois de setenta anos – o mesmo intervalo de tempo posteriormente aplicado ao templo de Jerusalém depois de sua destruição – o templo de Nippur pôde ser reconstruído. Essa obra coube a Ishme-Dagan, o terceiro sucessor de Ishbi-Erra. Num longo poema dedicado a Nippur, ele contou como o divino casal da cidade atendeu suas súplicas e lhe deu permissão para reformar a cidade e seu grande templo, para que “as tábuas divinas” pudessem “voltar a Nippur”.

Houve grande júbilo quando o templo tornou a ser dedicado a Enlil e Ninlil, o que aconteceu no ano de 1953 a.C. E foi só nessa época que as cidades da Suméria e Acad foram oficialmente declaradas outra vez habitáveis.

Todavia, a volta oficial à normalidade só serviu para acirrar as velhas rivalidades entre os deuses. O sucessor de Ishme-Dagan tinha um nome que indicava sua fidelidade a Ishtar, Ninurta rapidamente acabou com ele e substituiu-o por um de seus seguidores – o último governante a ter um nome sumério. Mas Ninurta não conseguiu manter a supremacia, pois afinal, embora indiretamente, fora ele o culpado da devastação da Suméria. Como sugere o nome do governante seguinte, Nannar tentou impor sua autoridade. No entanto, os dias de supremacia de Ur tinham terminado.

E, assim, Anu e Enlil, com a autoridade de que eram investidos, finalmente aceitaram o direito de Marduk à supremacia na Babilônia. Comemorando essa decisão no preâmbulo de seu código, o rei babilônico Hamurabi escreveu:

O altíssimo Anu, senhor dos deuses que do Céu vieram à Terra, e Enlil, senhor do Céu e da Terra que determina os destinos dos países, determinaram para Marduk, o primogênito de Enki, as funções de Enlil sobre toda a humanidade.

Eles o tornaram grande entre os deuses que guardam e vêem; chamaram a Babilônia pelo nome para exaltá-la, tornaram-na suprema no mundo.

E estabeleceram para Marduk dentro dela um reinado eterno.

A Babilônia atingiu a grandiosidade e em seguida foi a vez da Assíria. A Suméria não se levantou mais. Porém, numa terra distante, o bastão de seu legado passou das mãos de Abraão e Isaac, seu filho, para a mão de Jacó, aquele cujo nome foi mudado para Isra-El.